

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MARCELO DE MARCHI MAZZONI

**ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES: UM ESTUDO DA  
PERSPECTIVA SUÍÇA NO PERÍODO DE 1864-1877**

MARÍLIA  
2019

MARCELO DE MARCHI MAZZONI

**ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES: UM ESTUDO DA  
PERSPECTIVA SUÍÇA NO PERÍODO DE 1864-1877**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Área de Concentração: Ciências Políticas

Orientador: Professor titular Dr. Marcos Tadeu del Roio

MARÍLIA

2019

M478a

Mazzoni, Marcelo de Marchi

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS  
TRABALHADORES : um estudo da perspectiva suíça no  
período de 1864-1877. / Marcelo de Marchi Mazzoni. --  
Marília, 2019

218 p. : il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista  
(Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

Orientador: Marcos Tadeu Del Roio

1. Ciências Sociais e História. 2. Anarquismo e anarquistas.  
3. Suíça. 4. Ciência Política. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da  
Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

MARCELO DE MARCHI MAZZONI

**ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES: UM ESTUDO DA  
PERSPECTIVA SUÍÇA NO PERÍODO DE 1864-1877**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, pela seguinte banca examinadora:

---

Professor titular Dr. Marcos Tadeu del Roio. Orientador - Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais (PPGCS), UNESP, Marília.

---

Prof. Dr. Paulo Ribeiro Rodrigues da Cunha. Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais (PPGCS), UNESP, Marília.

---

Prof. Dr. Diego Marques Pereira dos Anjos. Instituto Federal Goiano, Campus Morrinhos.

Marília, 14 de outubro de 2019

## DEDICATÓRIA

*In memoriam* de Oswaldo de Marchi (1937-2018),  
um homem de ideias curtas e mãos largas,  
mas de amor infinito.  
Querido avô, que deixou tantas saudades.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a todos que levantaram e sustentam a maravilhosa universidade pública, com especial carinho à UNESP de Marília. Com “todos” me refiro as forças progressivas que conseguiram acender uma vela de conhecimento neste mar de barbárie chamado sociedade brasileira, assentada em seu passado colonial-escravagista, ancorado num capitalismo subdesenvolvido. Com carinho me refiro aos homens e mulheres - professores, funcionários e estudantes – que mantêm essa universidade respirando e pulsando, mesmo em tempos tão desfavoráveis.

À minha família, que sempre me apoiou, financeira e emocionalmente. À minha mãe, Marta, que com seu temperamento forte e seu coração enorme, fez com que eu me formasse e, principalmente, me tornasse um homem menos ignorante e questionador. Ao meu irmão, Marcus, pelo exemplo de firmeza moral. Aos meus avós, Irene e Oswaldo, cujo amor é indescritível. Aos meus tios, Mário e Márcio, por sua amizade. À minha mulher, Karlla Aguilar Zarpellão, que, ainda bem, não deve ter olhos muito bons para me achar lindo. No entanto, brincadeiras à parte, saiba que eu te amo muito e sou muito feliz por ter você em minha vida. Aos meus sogros, Carlos e Luzinete, por me aceitarem de peito aberto em sua casa.

Aos amigos, Rafael e Rodrigo dos Santos Alcântara, irmãos que me adotaram fraternalmente. Crescemos juntos enquanto pessoas e entramos juntos na estrada das letras, na qual ainda engatinhamos. Ao Eduardo Facioli, sem palavras; grande parceiro, grande mestre, obrigado por tudo. Entre tantos outros como: Guma, Fabrício Pizelli, Alexandre, o professor Ricardo Monteagudo, Diego dos Anjos, Roderlei, Rafael Domingos, Johnny, meu mais profundo obrigado e abraço.

Ao professor Titular Marcos Del Roio, que compartilhou comigo sua imensa sabedoria e confiou que eu daria conta do trabalho.

Agradecemos a CAPES, pois o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## **EPIGRAFE**

A História de todas as sociedades, até o dia de hoje, é a história da luta de classes.

Karl Marx.

A paixão pela destruição é uma paixão criadora.

Mikhail Bakunin.

A luz e o Sol se levantam: os oprimidos são exaltados e devoram seus opressores.

Bíblia (Est,1:7).

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo realizar um estudo da perspectiva das seções suíças da Associação Internacional dos Trabalhadores (1864-1877). Pelo fato da historiografia, no estudo da Internacional, centrar-se na ação política de Marx e Engels, quando não de Bakunin, realizamos aqui um trabalho que, na terminologia de Walter Benjamin, chama-se de história à contra-pelo, ou seja, realizamos um estudo pormenorizado que dá ênfase aos vários militantes, à dinâmica da organização em sua rotina e do desenvolvimento da luta desta ala internacionalista que ficou conhecida como "autonomista", "bakuninista", "anti-autoritária" e, por fim, "anarquista". Fizemos um estudo sobre a Suíça e sua modernização, seguido de um estudo dos textos dos militantes das seções suíças, das atas dos Congressos Internacionais e dos trabalhos que versaram sobre o tema. Para além disso, buscaremos desenvolver a hipótese de que a Internacional "autonomista" desapareceu devido um erro teórico imanente à sua concepção: o internacionalismo operário, irrigado com uma concepção proudhoniana e materialista dialética leva a uma concepção cosmopolita que não entende a necessidade de um debate sério sobre a questão nacional.

**Palavras-chave:** Associação Internacional dos Trabalhadores, Anarquismo, Suíça



## RESUMÉ

Le present travail a comme objective faire un étudié sur la perspective des Sections suisses de *l'Association Internationale des Travailleurs* (1864-1877) sur l'histoire de ceci même. Par le fait de la historiographie dans l'étudé de *l'Internationale*, en générale, se concentrer sur l'action politique de Marx, Engels et Bakunin, nous faisons ici un travail, dans la définition de Walter Benjamin, de la histoire a l'envers, ainsi, nous faisons un étudié minutieux en soulignant les militants, à la dynamique de la organization de son routine et de le développement de la lutte de cette branche internacionaliste que reste appelé "autonomiste", "bakuniniste", "anti-autoritaire" et "anarchiste". Nous faisons un étudié sur la Suisse et son modernisation, suivi d'un étudié des textes des militants de las Sections suisses, de las memoires de les Congrès Internationaux et des travaux sur le thème. Au dela, nous rechercherons développer l'hypothèse suivant : l'Internationale "autonomiste" disparut pourquoi un erreur théorique immanente à sa conception : l'internationalisme ouvrier, irrigué avec une conception proudhonienne et une conception materialiste et dialetique conduit, dans des Sections du Jura suisse, à une conception cosmopolite qui ne comprend pas la nécessité d'un refletion sérieux sur la question nationale.

**Mot-clé** : Association Internationale des Travailleurs, Anarchisme et anarchistes, Suisse.

## ABSTRACT

The present work aims to make a study on the perspective of the Swiss Sections of the International Association of Workers (1864-1877) on the history of this very same. By the fact of the historiography in the study of the Internationnale, in general, to focus on the political action of Marx, Engels and Bakunin, we are doing here a work, in the definition of Walter Benjamin, from the history to the So, we make a careful study highlighting the militants, at the dynamic of the organization of his rattan and the development of the struggle of this internationalist branch that remains called "autonomist", "bakuninist", "anti-authoritarian" "And" anarchist ". We are doing a study on Switzerland and its modernization, followed by a study of the texts of the activists of the Swiss Sections, the memoirs of the International Congresses and work on the theme. Beyond that, we will seek to develop the following hypothesis: the "autonomist" International disappeared why a theoretical error immanent in its conception: the workers' internationalism, irrigated with a Proudhonian conception and a materialistic and dialectical conception leads, in Sections of the Jura Swiss, to a cosmopolitan conception that does not understand the need for a serious reflection on the national question.

**Key-Work : International Worker's Association, Anarchism, Switzerland.**

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Delegados do congresso de Genebra.....	72
Figura 2- Delegados do Congresso de Lausanne.....	73
Figura 3 - Delegados do Congresso de Bruxelas.....	74
Figura 4 - Delegados do Congresso da Basiléia.....	75
Figura 5 - Delegados do Congresso de Haia.....	77
Figura 6 - Delegados do Congresso de Saint-Imier.....	80
Figura 7 - Delegados do Congresso “autonomista” de Genebra.....	81
Figura 8 - Delegados do Congresso “centralista” de Genebra.....	82
Figura 9 - Delegados do Congresso “autonomista” de Bruxelas.....	83
Figura 10 - Delegados do Congresso “autonomista” de Berna.....	84
Figura 11 - Delegados do Congresso “autonomista” de Verviers.....	85
Figura 12 - Delegados por Congresso: modelo “centralista”.....	86
Figura 13 - Delegados por Congresso: modelo “autonomista”.....	87
Figura 14 - Nacionalidades por Congresso.....	88
Figura 15 - Reprodução de Guillaume das cartas do Conselho Geral para a Aliança da Democracia Socialista.....	158

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Número de membros máximo por país (MUSTO, 2014, p.88).....	90
---	----

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	PROLEGÔMENOS A UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DA SUÍÇA.....	14
	2.1. Um estudo histórico da Suíça.....	14
	2.1.1 Alpes, Fondue e Relógios Cucos: a Suíça enquanto aparência.....	14
	2.1.2 Contradições de classes na República de Genebra.....	22
	2.1.3 Etapa final da revolução burguesa na Suíça.....	33
	2.2 As Origens do Internacionalismo Operário.....	44
	2.2.1 Apontamentos Históricos sobre a Revolução Burguesa.....	44
	2.2.2 A Burguesia e o Conflito Revolucionário.....	45
3	UM ESTUDO GERAL SOBRE A ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES.....	53
	3.1 Internacionalismo e luta de classes no século XIX.....	53
	3.2 Perspectiva Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores.....	70
	3.3 Os Congressos.....	71
4	HISTÓRIA DA INTERNACIONAL A PARTIR DA SUÍÇA ROMÂNICA.....	91
	4.1. Do surgimento até a cisão.....	91
	4.2 Basiléia 1869: A derrota dos mutualistas e a semente da cisão.....	120
	4.2.1 Situação da Internacional à época.....	120
	4.2.2 Congresso Basiléia de 1869.....	125
	4.2.3 Lutas intestinas na AIT da Suíça no final 1869.....	133
	5. AIT das tensões suíças ao declínio final.....	141
	5.1.1 2º Congresso Românico.....	141
	5.1.2 Após o racha, os Congressos dão continuidade à ordem do dia.....	144
	5.1.3 A centralidade do racha, o cosmopolitismo de novo tipo.....	149
	5.1.4 Guerra Franco-Prussiana: tempestade nacionalista nubla o Sol internacionalista.....	149
	5.2 Antessala da Conferência de Londres: os aliados se preparam para um duelo.....	153
	5.3 CONFERÊNCIA DE LONDRES: o tremor suíço repercute em Londres.....	160
	5.4 Congresso de Sonvillier: repercussão da Conferência de Londres.....	167
	5.5 CONGRESSO DE HAIA: um duelo, dois feridos de morte.....	173
	5.6 A Internacional de Saint-Imier: a sobrevivida autonomista da Internacional.....	186
	5.6.1 Juntando os cacos.....	186
	5.6.2 A morte de Bakunin e os últimos anos da AIT.....	200

5.7	A Conclusão de Guillaume frente a reflexão crítica de Rosa Luxemburgo: apontamentos a uma hipótese.....	205
5.7.1	Guillaume e sua tese de um Karl Marx Pangermanista.....	205
5.7.2	A perspectiva de Domenico Losurdo e Rosa Luxemburgo sobre o problema político e nacional.....	208
6	CONCLUSÃO.....	216
7	REFERÊNCIAS.....	218

## 1. INTRODUÇÃO

Apresentamos aqui o texto resultado de nossa pesquisa, realizada no Mestrado no Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais da Unesp de Marília, na forma de uma dissertação. A proposta central é desenvolver um estudo sobre a perspectiva das Seções do Jura suíço da história da Associação Internacional dos Trabalhadores, a Primeira Internacional. A análise tomou como base os textos e a análise dos militantes que compuseram a ala que foi "expulsa" em 1872, tidos como "autonomistas" e, posteriormente, anarquistas.

Defrontamo-nos com a dificuldade de tratar um objeto de estudo que está vinculado a história da Suíça, dificuldade esta que enfrentamos no segundo capítulo de dois modos distintos e complementares. Primeiramente, partimos da visão aparente que alguns intelectuais desenvolveram sobre o país dos Alpes, que, por suas especificidades, figura como um elixir democrático no imaginário intelectual progressista. No desenvolver da primeira parte do segundo capítulo, encontramos a contradição aprofundada na vida e obra de Jean-Jacques Rousseau, o qual entre as leituras de Derrathé e Launay, é tratado tanto como um autor iludido pelas instituições de Genebra, no primeiro, e como um autor vinculado a uma classe social de artesões nascente e em luta, no segundo. Do entendimento dessa contradição, entendemos que a democracia Suíça, sobretudo em Genebra, é permeada pela luta de classes num conflito que depois passa a se confundir com o processo revolucionário da França. Terminado esse primeiro momento do segundo capítulo, vamos ao segundo, numa exposição mais pormenorizada do desenvolvimento da Suíça moderna, estudo mais descritivo, no intuito de dar ao leitor a dimensão do terreno em que se desenrolara o debate das seções suíças da Internacional. Ainda no segundo capítulo, realizamos o debate necessário ao entendimento da Revolução Burguesa, debatendo o modelo clássico da Revolução Francesa de 1789, a partir da perspectiva gramscista de revolução de a longo prazo. Então, nessa dupla produção histórica, revolução burguesa e modo de produção capitalista, temos os dois elementos que produzem a antítese histórica da burguesia, as novíssimas classes subalternas, isto é, o trabalhador livre urbano, vinculado ao desenvolvimento industrial.

No terceiro capítulo, tratamos da dinâmica revolucionária que produz seu antípoda interno, que passa agir como sujeito ativo na luta, produzindo sua própria visão de mundo e sua própria ideologia: o socialismo internacionalista proletário. Produzido na luta constante dos trabalhadores e suas organizações de classe, assim como, na produção de inúmeros intelectuais que se vinculam organicamente com ela. Assim, o capítulo avança da explicação de como surgiu e se difundiu o internacionalismo operário até o momento da fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores em 1864. A partir daí, realizamos um estudo estatístico da Associação, estudando quantitativamente

todos os Congressos da organização, buscando encontrar o pico e o quando e o porque da organização passou a desacelerar, começando a caminhar para seu fim.

No quarto capítulo, entramos de cabeça em nosso objeto de estudo, a saber, a narrativa das seções jurassianas sobre a história da Associação Internacional dos Trabalhadores, guiados pela narrativa e documentação de James Guillaume (1844-1816), um socialista suíço, membro da AIT e amigo e aliado de Mikhail Bakunin (1814-1876). Somado a leitura de textos de outros militantes e estudiosos, refaremos a perspectiva suíça da internacional, sobretudo dos acontecimentos mais centrais como do Congresso de Haia de 1872, em que a ala marxista consegue deliberar a expulsão das seções tidas como "bakunistas". A relação dessas sessões com a Comuna de Paris e o próprio desenvolvimento e luta de Associação como a primeira grande organização internacional do proletariado. Num segundo momento, desenvolveremos uma hipótese dos motivos que levaram ao fim da Internacional de Saint-Imier, surgida pela iniciativa dos "bakunistas" expulsos no referido Congresso de 1872. A hipótese desenvolvida aqui refere-se a incapacidade dessa ala da Internacional em criar um vínculo orgânico com as classes subalternas da Suíça, devido ao problema teórico que essa ala tinha referente a "questão nacional", isto é, o internacionalismo proletário transfigurou-se num cosmopolitismo de tal gênero abstrato que a questão nacional, para ele, deve ser combatido. Posto isso e pautado na obra de Rosa Luxemburgo e Domenico Losurdo defendemos que esse é o motivo do desaparecimento da Internacional de Saint-Imier em 1877.

Partindo de uma visão ideológica sobre Suíça, através das obras de vários intelectuais de renome, chegamos à vida e obra do mais notável intelectual suíço: Jean-Jacques Rousseau. Na apreciação do pensamento do filósofo, percebemos um primeiro momento em que a república genebrina e a Confederação Suíça arcáica são tratadas como exemplos de virtude e igualdade. Contudo, após a publicação do *Contrato Social* e a consecutiva condenação desta em várias cidades, vê-se um redirecionamento crítico do autor frente sua terra natal. Marcado pelo estudo necessário para a composição das Cartas Escritas da Montanha, texto marcado por uma grande diferença com aqueles publicados anteriormente.

A descoberta dessa ruptura leva à reflexão de Derathé que desenvolve a tese, segundo a qual, o filósofo genebrino, por ter partido ainda adolescente de sua cidade, desconhecia Genebra, somar-se-ia a isto o fato dele, aparentemente, nunca ter estudado a sua respectiva constituição. Derathé, através do estudo de cartas e das obras filosóficas, antes e depois das condenações, dá elementos concretos para provar seu ponto. Porém, partindo da negação da aparência, temos a negação da negação, ou seja, um segundo estudo, o de Launay, como resposta ao estudo de Derathé, contra a perspectiva crítica jurídica e normativa daquele Launay traz a perspectiva da luta de classes. Num minucioso levantamento da história social de Genebra, ele demonstra que a família Rousseau participava da vida política,



vinculada à vanguarda artesã, dos principais intelectuais populares que lutavam pela democracia contra os patrícios do Pequeno Conselho. Portanto, o que Launay comprova é a disputa interna pela forma da república, entre democracia e aristocracia, que só seria resolvida após a Revolução Francesa. Então, somos impelidos a entender que uma história de lutas se desenvolve sob a camada aparente da unidade republicana.

Contudo, devemos ressaltar a profundidade do procedimento de Launay, que, em certa medida, lança mão de uma atitude analítica gramscista. Ao analisar a obra de Maquiavel (1469, 1527), Antonio Gramsci, em seus Cadernos do Cárcere, demonstra que a obra *O Príncipe* é cindida num esforço próprio da obra de mobilizar as forças progressivas nacionais com vistas à fundação de um novo Estado e, por outro lado, é um dos momentos da luta dessas mesmas forças progressivas em se fazer em quanto uma nova forma social.

Para tanto, ou seja, para se entender o desenvolvimento de um partido (um programa constituinte de um grupo social), não basta ficar na trilha dos debates das burocracias que constituem a vida formal do partido, o sangue que pulsa em suas veias vem do grupo social do qual são a expressão e a parte mais avançada, ou seja, a história de um partido não poderá deixar de ser a história de um determinado grupo social. Então, podemos concluir que Gramsci leva a sério a significação de partido enquanto “parte”, logo, um estudo da totalidade, do movimento dialético do real, a parte é a parte no todo, o partido, é um partido da classe, na classe. Afinal somente no quadro global do todo o conjunto social e estatal (com interferência internacional) é que resultará na história de um determinado partido.

O nível de complexidade é tamanho que, para escrever a história de um partido significaria nada mais que escrever a história geral de um país a partir de um ponto de vista monográfico. Além do que, a relevância de determinado partido é medida no maior ou menor peso na determinação da história de um país. Isso não foi realizado por Launay, ao se dedicar a origem orgânica do rousseunismo? E se tomarmos o Rousseau por suas consequências internas e externas, como base fundamental do jacobinismo? Não estaríamos, ao estudar a elaboração do *Contrato Social*, a desvelar as bases dos grupos sociais que o permitiram e permitiriam o levantar do jacobinismo e do mundo burguês?

Afinal, há uma cisão social inerente à República de Genebra, com isso, temos o grupo dos artesões historicamente se mobilizando para a recomposição da democracia e da república, contra a forma semi-feudal que tomara o poder. Circunscrito nisso, o *Contrato* aparece como a forma mítica da democracia artesã, tomando como referência seus contemporâneos, o passado republicano romano e um contrato que na verdade não existe na imediaticidade. Em Paris vemos a centralidade da revolução burguesa, que, posteriormente, repercutiria na Suíça, sobretudo, em alguns momentos ondulantes: 1792, 1794, 1798, 1830 e, por fim, 1847. A década de 1790, temos na Suíça o movimento de disputa intensificado, em que Genebra seria a ponta de lança, já a partir de 1792 vê-se o início de insurreições

que se lançam contra os patrícios, num movimento revolucionário que toma a cidade e, em 1794, estabelece um grupo de inspiração jacobina no poder.

Contudo, com a queda de Robespierre, em Paris, o movimento refluí. Somente com o desenvolvimento das guerras francesas e o avanço das tropas revolucionárias, em 1798, devido as relações de forças internacionais e internas, estabelece-se a República Helvética (1798-1803), que instituiu um estado centralizado ao modo da república francesa, porém, o modelo foi substituído pelo reestabelecimento do confederalismo, sob uma forma moderna burguesa e, entre 1803 e 1814, uma Confederação sob ato de mediação de Napoleão rege a Suíça. O hiato estabelecido pela Restauração (1815) é quebrado, com os levantes em França de 1830, que culminaram com a queda de Charles X, que repercutiram na Suíça num movimento de ascenso dos radicais, que culminaria na Revolução de Bradenburgo (1847), que findando o processo revolucionário da burguesia, estabelecendo no poder uma fração radical que universaliza a liberdade política, de associação, de expressão e de crença (vide às páginas 37, 38 e 39).

Do mesmo modo, vemos internamente esse movimento ondulatório na França.

Realmente, as contradições internas da estrutura francesa, que se desenvolvem depois de 1789, só encontram uma relativa composição com a Terceira República, e a França tem sessenta anos de vida política equilibrada depois de oitenta anos de transformações em ondas cada vez mais longas: 1789, 1794, 1799, 1804, 1815, 1830, 1848 e 1870. É exatamente o estudo dessas “ondas” de diferente oscilação que permite reconstruir as relações entre estrutura e superestrutura, por um lado, e, por outro, entre o curso do movimento orgânico e o curso do movimento de conjuntura da estrutura. Assim, pode-se dizer que a mediação dialética entre os dois princípios metodológicos enunciados no início desta nota pode ser encontrada na fórmula política da revolução permanente (GRAMSCI, 2007, p. 39).

Então, o estudo do movimento histórico, tomado como princípios aqueles já apresentados (um sistema não desaparece até estar completamente desenvolvidas suas forças; Um problema é posto na medida em que sua solução está em vias de existir), permite a afirmação que “as contradições internas da estrutura francesa, só encontram uma relativa composição com a Terceira República”. De tal modo, os problemas de destruição do *ancien regime*, foram se constituindo num processo de maturação e apodrecimento das condições de existência desta forma social. O processo de destruição deste modo de produção e sociabilidade, pode ser estudado no estudo dessas “ondas”, nesta ondulação se reconstrói as relações entre a estrutura e superestrutura, por um lado, e entre o curso do movimento orgânico e o curso do movimento de conjuntura da estrutura. Portanto, a relação dialética entre os princípios, pode ser encontrado na forma política da “revolução permanente”. Revolução permanente, processo de desenvolvimento dos problemas e suas respectivas resoluções, além do que, o processo de desenvolvimento do modo de produção até seu apodrecimento.

Portanto, o movimento histórico deve ser percebido nesta chave de princípios, ou seja, a história, em última instância, deve ser percebida em seu movimento dialético. Assim, portanto, vimos a história da Suíça, até aqui, como aparência, crítica da aparência em Derrathé e como exposição concreta das relações de força dos grupos sociais subalternos em Launay. Cabe agora um último movimento, que é o de exposição dos últimos movimentos de fundação do moderno estado Suíço, palco da AIT Suíça.

Outro ponto importante de ser destacado é que, a partir do levantamento bibliográfico, tivemos conhecimento de várias obras sobre a história, influência e estudo da Associação Internacional dos Trabalhadores (1864). Como exemplo, podemos citar os trabalhos de Jacques Freymond- *La Primera Internacional*; Jacques Duclos – *La Première Internationale*; Marcelo Musto – *Trabalhadores, Unidos!*; Benoit Malon – *A Internacional: Sua História e Seus Princípios*; Adhémar Schwitzguébel – *Quelques Écrits*; Louise Michel – *La Commune* e que não podemos deixar de citar James Guillaume – *L’Internationale: documents et souvenirs (1864-1878)*.

Podemos organizá-los do seguinte modo: 1) trabalhos de compilação documental; 2) trabalhos de compilação de textos dos autores no período sobre o tema; 3) compilação documental mais narrativa explicativa e histórica.

Podemos, assim, dispor dos livros segundo a classificação:

1) Trabalhos de compilação documental:

Enquanto compilação dos documentos da AIT, podemos classificar os livros de Freymond e Marcelo Musto. Ambos começam com uma introdução explicativa, contendo suas análises e a historicidade dos fatos ocorridos, as disputas internas da organização, seu desenvolvimento e seu fim. Porém, enquanto Freymond esforçou-se para compilar todas as atas, comunicados, Estatutos, resoluções oficiais dos Congressos Gerais, Marcello Musto realizou a organização a partir de temáticas gerais, organizando os textos produzidos pelos membros da Internacional e os agrupando sobre vários assuntos, expressando as posições internas dissonantes – privilegiando os posicionamentos do que historicamente convencionou-se chamar de “ala marxista”.

2) Trabalho de compilação de textos dos autores no período sobre o tema:

Nessa categoria, podemos enquadrar os livros de Benoît Malon e Adhémar Schwitzguébel. Malon, em seu livro, que na verdade é um escrito que trata sobre vários aspectos da Internacional, porém, pelo seu caráter mais geral e pouco aprofundado, serve como um instrumento de compreensão complementar para um estudo histórico detalhado da Internacional – não tirando o mérito das reflexões muito relevantes do autor. Enquanto o livro de Schwitzguébel é uma coletânea póstuma realizada por James Guillaume, a relevância do escrito, além de um relato histórico, várias posições advindas do debate dentro da AIT, explica também com sua história da AIT, assim como sua definição

de coletivismo, ambos os textos, apesar de terem um caráter também propagandístico e por isso sendo bem sucintos – foram traduzidos e reproduzidos no final desse trabalho.

O trabalho de Louise Michel é também algo nesse sentido, apesar de ter várias diferenciações, o livro dela conta a história a partir da perspectiva parisiense, enfocando os acontecimentos do movimento operário francês, além do que, tem como enfoque a Comuna de Paris. Assim, apesar de ser um trabalho detalhado, a perspectiva que assume não nos serve aqui – infelizmente – como material de referência.

### 3) Compilação documental mais narrativa explicativa e histórica;

Nessa categoria entrariam o livro de Duclos e o livro de Guillaume. O livro de Duclos sendo escrito um século depois, teve acesso a um material mais vasto e foi feito com muitas informações sobre os fatos, por exemplo, as listas que possibilitaram fazer a estatística da AIT. Porém, a perspectiva marxista de Duclos, expressa do título<sup>1</sup> ao desenvolvimento dos fatos o primeiro Capítulo: *La Création de la Première Internationale* conta os feitos de Marx e Engels de sua entrada na Liga dos Justos (Liga dos Comunistas) até seu papel central na fundação da AIT, enquanto o último capítulo termina por detalhar a vitoriosa revolução Bolchevique – como expressão da vitória do marxismo sobre as outras tendências.

Não queremos de modo algum tirar o mérito de Duclos em seu trabalho, porém, a perspectiva que assume não consegue focar os fatos que nos interessam para o estudo de “como surgiu o anarquismo”. Em contrapartida temos a obra de Guillaume.

A obra *L’Internationale – documents et souvenirs* (1864-1878) em 4 tomos é publicada entre 1905 e 1910<sup>2</sup>. Até hoje, nos 150 anos da AIT, não se tem mais que a tradução de um quarto da obra para o português, dando mais importância ao estudo desse material no Brasil. Posto isso, vamos ao nosso objetivo (MAZZONI, 2015). O livro traça a história do início da AIT na Suíça em 1865. Que em seu início apresenta em sua ideologia traços de um mutualismo democrático, que irá ser modificado com o acúmulo de experiência, até que o Congresso de 1868 vota a favor da propriedade coletiva dos

---

1 Como Ferreira (BAKUNIN, 2014) expressou a nomenclatura Primeira Internacional foi criada pelos fundadores da Internacional dos Partidos Socialistas – que denominou a si mesma de Segunda Internacional. O fato da numeração 1ª, 2ª, 3ª, cria uma linearidade histórica que serve como reivindicar a herança de algo anterior para si, assim o passado fica subsumido ao presente, por aqueles que tem interesse nele.

2 O livro é estruturado de modo a articular textos do período (que já eram públicos e que vieram a se tornar públicos), um documento denominado “*Mémoire de la Fédération de l’Internationale des Travailleurs à toutes les Fédérations de l’Internationale*” de 1873, do próprio Guillaume, assim como suas recordações já em 1900. Isso dá uma dinâmica interessante ao texto, pois o autor se expõe quando anexa textos de sua “juventude” (1866), em que defende posições conservadoras em relação às mulheres.

instrumentos de produção, fazendo surgir uma noção nova na Suíça - um “mutualismo coletivista”<sup>3</sup>. Assim sendo é a bibliografia que permite o estudo aprofundado para nosso questionamento.

A entrada de Bakunin em 1868 na AIT e a formação de uma federação das seções internacionalistas da Suíça latina (Federação Românica), em 1869, são alguns dos acontecimentos que determinam a história e o surgimento do coletivismo. Bakunin encontra nesses operários a expressão e um complemento para suas aspirações e para sua teoria. Mesmo a cisão da organização em 1872, vista como uma suposta vitória do Conselho Geral (ou seja, dos aliados de Marx), é apontada, como momento da derrota deste e de seu isolamento em alguns países (ENCKEL, 2011). Pois, o setor que fora “expulso”, conseguiu, através de uma força centrípeta organizacional e propagandística, atrair em seu entorno de si o grosso de toda a organização. Fundando uma nova AIT que deu continuidade às atividades de modo federado, tendo seu centro de atividades a Federação Jurassiana (a Federação Românica mudou de nome durante o processo de cisão) e que durou até 1877, com a dissolução da Federação Jurassiana e o fim da AIT. Sucintamente: o tiro do Conselho Geral saíra pela culatra (MAZZONI, 2015).

O trato dado aos documentos é algo muito relevante na obra, por exemplo, relativo aos Estatutos Gerais, adotados em 1865, Guillaume demonstra, confrontando algumas versões do texto, sobretudo os textos definitivos adotados na versão inglesa e na francesa, como traduções que já expressavam o conflito ideológico interno, dando, por exemplo, um caráter mais hierárquico aos Estatutos em inglês possibilitando poderes ao Conselho Geral, tais como, adicionar mais membros ao próprio Conselho e dar a “direção” da AIT; diferente dos textos em francês que possibilitavam ao Congresso, não ao Conselho, essas funções. Além dos relatos detalhistas dos Congressos, e reprodução dos jornais e dos debates etc., um vasto conjunto de documentos (MAZZONI, 2015).

Antes de começar a sua obra, James Guillaume explica sucintamente o porquê e como surgiu a ideia de fazer uma história da Associação Internacional dos Trabalhadores (1864-1878). No final do século XIX, Guillaume, por vários motivos, muda da Suíça, seu país natal, e vai morar em Paris, na França, onde lá permaneceu até a virada do século.

Nos anos de 1903 e 1904, nosso suíço, foi rever as terras de sua juventude, numa série de viagens que fez ao Jura neuchatelense e bernês. Muito além de ver os lindos Alpes suíços, sentir a solidão das montanhas, seu agradável ar frio. Um James Guillaume, já velho, foi atrás de lembrar seu passado militante e os frutos de toda aquela agitação feita nas décadas de 1860-70 e segundo suas próprias palavras, teve: “que constatar que o verdadeiro caráter do grande movimento socialista, do

---

3 Mutualismo é essencialmente a ideologia da federação das pequenas propriedades de produtores, contrária à propriedade coletiva. O termo mutualismo coletivista, expresso como contraditório, (GUILLAUME, 2009, p. 158).

qual a Internacional foi a expressão, era hoje geralmente desconhecido ou mal conhecido” (GUILLAUME, 2009, p. 39).

Frente a isso, resolveu reimprimir alguns jornais quase inencontráveis naquele momento, com o intuito de reavivar a memória e atrair a atenção, sobretudo, dos jovens desse importante marco da luta dos operários. Porém, fizeram notar a Guillaume, que, os artigos desses jornais seriam soltos, como lindas bolhas soltas no ar, não teriam significação total sem uma explicação um comentário histórico para que lhe dêem algum sentido. A ideia, que se seguiu a isso foi redigir algumas breves notas explicativas sobre os artigos e o contexto histórico.

Porém, mesmo essa ideia ainda não foi satisfatória, segundo Guillaume: “disseram-me que em vez de um comentário consistindo em simples notas impessoais, seria preferível, ampliando o âmbito do livro, escrever um relato continuado, testemunho relativo aos homens e às coisas dessa época” (GUILLAUME, 2009, p. 39). Além disso, solicitaram ao antigo militante, que além de artigos de jornais, deveria incluir documentos de tipo diversos - de estatutos passando por cartas e resoluções. Assim, no diálogo com as novas e velhas gerações de militantes da Suíça francófona, surge a ideia de fazer um livro que ao mesmo tempo seria a coleção de documentos e de recordações. O livro se tornou, portanto, a partir da demanda das próprias classes trabalhadoras, a contribuição de Guillaume à história da AIT.

James Guillaume, frente à empreitada que se colocou, tinha em mente que estaria a expor-se no detalhe mais íntimo de seus atos e o de seus amigos. Assim, tendo também em mente que a memória de um homem é falha, recorreu a antigos camaradas para que ajudassem: “a controlar e completar minhas recordações” (GUILLAUME, 2009, p. 40). Uma das características desse autor é ser ponderado e modesto, pois relativo aqueles que lhe ajudaram com as recordações, ele afirma: “é a eles que se deve, em grande parte, a segurança e a precisão das informações que pude reunir nessas páginas” (Guillaume, 2009, p. 40).

O nome inicial da obra deveria ser “Documentos e recordações, contribuição à história da Internacional”, mas seguindo um conselho do editor o nome fora abreviado, tornando-se: A Internacional – Documentos e Recordações (1864-1878). Obra composta por quatro volumes o primeiro vai de 1864 à 1870. O segundo aborda os acontecimentos ocorridos entre 1870 à 1873 e o terceiro aborda o período de 1873 até 1876 e a quarta de 1876 à 1878.

Posta essas ponderações iniciais, acerca de onde como o autor começou a pensar em contar sua versão da história, podemos agora partir do início dos fatos e ir seguindo a trilha da história a medida que foi acontecendo, assim ver a história se construindo. Quando se segue os percursos daqueles que foram “vencidos”, vemos que a história não é fechada e que ao escutar as vozes dos homens concretos

possibilitamos que ela aponte para movimentos muito distintos dos tidos como inelutáveis (DECCA, 1988).

Quais são as origens da Internacional? Ora, obviamente, não era uma bolha de éter que flutuava no ar, em que o acaso fez com que surgisse em determinado ano de determinado modo. É resultado de um processo longínquo, que remete ao movimento concreto de consolidação do capitalismo, com seu modo de produção específico, seu Estado específico e suas classes em constante combate. Relativos a essas classes, as origens da AIT, remontam a luta das classes subalternas, com a consolidação de suas organizações, além de uma série de posicionamentos da intelligentsia que se posicionara contra o projeto hegemônico, estes seriam conhecidos, a partir da primeira metade do século XIX, como os teóricos do socialismo (classificados como “utópicos” por alguns)<sup>4</sup>.

Feito o parêntese, o autor, já de início, estabelece que o seu recorte de estudo histórico anula um levantamento sobre as origens que antecedem o ano de 1865, só fazendo um brevíssimo comentário sobre o *meeting* de Saint Martin’s Hall, de 28 de setembro de 1864. Em que uma delegação de operários franceses foi a Inglaterra e na ocasião realizaram esse reunião com operários ingleses, em que elegeram um comitê (posteriormente Conselho Geral) que ficou encarregado de organizar uma nova associação. Este ficara incumbido de elaborar os Estatutos Provisórios, além de, na figura de Marx, escrever um manifesto (*Address*) publicado junto do *Provisional Rules*, Londres, no final de 1864. Esse recorte metodológico é justificado pelo autor, da seguinte maneira: “Só falarei, na medida do possível, das coisas sobre as quais posso apresentar um testemunho direto” (Guillaume, 2009, p. 44).

Nesse momento, a narrativa de James Guillaume, é reforçada por um relatório feito pelo próprio trinta anos antes da escrita definitiva do livro, intitulado: “*Mémoire de La Fédération Jurassienne de l’Association Internationale des Travailleurs à toutes les Fédérations de l’Internationale*” que lhe serviu de base durante boa parte do trabalho. “Esse *Mémoire* foi redigido, da primavera de 1872 à primavera de 1873, suprimindo uma decisão do Congresso de Sonvillier” (12 de novembro de 1871 (Guillaume, 2009, p. 44).

Os começos da Internacional na Suíça francesa datam de 1865, Pierre Coullery, um médico jurassiano, residente na cidade de La Chaux-de-Fonds, em que fundou uma das primeiras seções da AIT na Suíça, conhecido desde 1848 por ser tido como o “médico dos pobres”, assim como por sua propaganda democrática e humanitária. Coullery influenciou ainda a criação de outras seções, como, por exemplo: Boncourt, Bienne, Sonvillier (que contou como membro de suas fileiras Adhémar Schwitzguébel), Saint-Imier, Porrentruy, Neuchâtel. A seção do Locle foi fundada em 1865, por

---

4 Como se vê no parágrafo abaixo Guillaume se furta de aborda a história pré-AIT, porém, fizemos o esforço de resumidamente, no segundo capítulo, tentar suprir esse importante aspecto.

Constant Meuron (antigo proscrito da revolução neuchatelense de 1831, em que havia sido um dos chefes da insurreição republicana de Neuchâtel) e por James Guillaume<sup>5</sup>.

Na Suíça Românica, além da região do Jura, foram em 1865 fundadas algumas outras seções, como as de Genebra, Lausanne, Vevey e Montreux. Em Genebra, Becker<sup>6</sup> criou o jornal *Vorbote*, órgão das seções suíças de língua alemã. Nesse momento inaugural, em sua concepção e composição, a AIT, ainda se encontrava mal definida. Os operários escutaram ao chamado de seus irmãos da pátria do trabalho e se associaram uns aos outros. Elementos muito heterogêneos, em ideias e profissões, se congregavam na mesma Seção, muitas vezes, elementos pouco sérios. A relação com os radicais<sup>7</sup> e a

5 “Eu (James Guillaume) tinha na ocasião vinte e dois anos e meio. Depois dos estudos iniciados em Neuchâtel e continuados na Faculdade de Filosofia da Universidade de Zurique, eu havia aceitado, em agosto de 1864, por um ano, o lugar vago do professor de história e de literatura na Escola industrial do Locle, que veio me oferecer, em nome da comissão de educação dessa cidade, o diretor da Escola, Sr. Barbezat; era minha intenção ir a Paris (...) (mas a morte de seu irmão) (...) mudou meu destino (...) resolvi permanecer no Locle; fiz o exame de Estado, e, no final do ano escolar, fui nomeado professor a título definitivo” (Guillaume, 2009, p. 45).

6 Jean-Philippe Becker havia sido um dos chefes da insurreição badense de 1849, e vivia desde então em Genebra. Entrou em Associação Geral dos Operários Alemães, chefiada por Lassalle, mas, em 1865 a abandonou, depois do flerte dessa com Bismarck.

7 Radicalisme: O radicalismo designa, após o início do século XIX, as teorias do movimento políticos que se engajaram por mudanças profundas das condições existentes. O termo foi utilizado pela primeira vez em 1800 na Inglaterra, no quadro das lutas a favor dos direitos políticos, aqueles que eram contrários as reformas trataram seus partidários como radicais e suas reivindicações o “radicalismo”. Na França igualmente, essas noções foram de início conotações negativas: os partidários da monarquia de Juillet utilizaram após 1830 para desqualificar os republicanos. Mas, a partir de 1835 mais e mais, esses designavam a si mesmos como um “partido radical”. A noção de radicalismo tomou uma dimensão positiva. Segundo o *Dictionnaire politique* (Paris, 1842) publicado por seus partidários, o radicalismo é “essa doutrina de inovação que se pauta a base da consciência e da razão”. A diferença dos liberais e dos outros partidários e das reformas moderadas, os radicais se consideravam assim como a “vanguarda” de um movimento que visava a renovação fundamental das instituições políticas.

Na Suíça, a evolução do radicalismo foi intrinsecamente ligada ao liberalismo. O qualificativo de “radical” dura como conotação negativa mais tempos que na França, após 1848, na Suíça alemã, os “liberais radicais” se intitulavam raramente radicais, mas ‘Freisinnige’ (liberais, de frei=livre) ou ‘entschiedene Liberale’ (liberais avançados). As correntes radicais apareceram pela primeira vez nos quadro das lutas em favos da revisão do Pacto Federal, em 1832-1833, quando não somente os conservadores (ver artigo sobre *Conservatisme*), mas assim a maioria dos liberais não desejava a mudança do Pacto Federal de 1815 que por suas vias estritamente legais. Uma minoria de liberais procura uma “reforma racional de ordem antiga” e o reforço da unidade nacional nas considerações jurídicas. Sobre o plano institucional, os radicais ou “nacionais”, como eram chamado, se organizaram de início na sociedade dos estudantes Helvética (artigo) e na *Association nationale suisse* (ver artigo), fundada em 1835. Nem nos seus inícios, nem posteriormente, o radicalismo não dispõe uma teoria política unificada. Mas um objetivo comum unia suas diferentes tendências: a união nacional, no lugar de um Estado centralizado forte. Os radicais legitimaram sua política revolucionário pela “santidade da nação” e o princípio da soberania popular – o povo é o verdadeiro soberano e por ele deve a Constituição, todas as leis e todos os tratados. O radicalismo suíço postula abertamente um “direito popular à revolução”. Mais conseqüentes que os liberais, os radicais ensaiaram ampliar a igualdade dos direitos a todos os afazeres políticos e jurídicos. Reclamavam a introdução do sufrágio universal masculino, os mesmos direitos políticos para os detentores de uma permissão de permanência que para os cidadãos dos cantões, a eleição dos executivos e dos tribunais pelo povo, a participação direta nos afazeres públicos pela introdução do veto, do referendium ou da iniciativa legislativa. Um Estado forte que deveria, entre outras coisas, promover a laicização da sociedade e sua modernização; propunham também a igualdade social pela escola pública aberta para todos. Um Jakob Stampfli esperaria resolver a questão social por meio d uma política social dirigida pelo Estado e por encorajamento dos ramos econômicos. Henri Druet tenta mesmo fazer inscrever o direito ao trabalho na Constituição de Vaudoise.



Internacional, também é algo de se notar, em muitos lugares no início chegavam a serem confundidos. Em La Chaux-de-Fonds os radicais começaram uma campanha de calúnias que pretendia sufocar a recém-fundada Associação, enquanto em Genebra eles se mostravam simpáticos, pois pretendiam se unir aos internacionalistas para se restabelecerem no governo.

Coullery, nesse momento inaugural, agia como um grande propagandista, indo de aldeia em aldeia, pregar a união dos trabalhadores. Quis ter um jornal, para tanto abriu uma tipografia, em La Chaux-de-Fonds e, seu jornal, *La Voix de l'Avenir* teve seu primeiro número datado de 31 de dezembro de 1865. Era um jornal mal redigido, e levando um neocristianismo humanitário como programa que encontrou numerosos leitores.

Nos Estatutos Provisórios da Internacional, mais especificamente, em seu terceiro artigo, anunciava um Congresso que deveria realizar-se na Bélgica no ano de 1865. Porém, por alguns motivos, como problemas com a legislação belga e considerarem ainda muito prematuro, fizeram somente uma Conferência em Londres nos dias 25-26 de setembro de 1865<sup>8</sup>. Decidiu-se na reunião que o Congresso se realizaria na primavera (hemisfério norte) de 1866 e após consulta nas bases foi Genebra que consideraram o melhor lugar, para o dia 03 de setembro de 1866.

---

Dictionnaire historique de la Suisse, link : <http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F27156.php>  
(tradução livre do autor).

8 Composição: Paris foi representada por Tolain, Fribourg, Charles Limousin e Eugène Varlin; Bruxelas por César de Paepe; Genebra pelo francês Dupleix e pelo alemão Becker; ingleses Odger, Cremer, Wheeler, Howell, Weston, etc; estrangeiros residentes em Londres Dupont, Vésinier, Lelubez, Hermann Jung, Karl Marx, Eccarius, Wolff, Bobrzinski etc. (GUILLAUME, 2009, p. 47).

## 2 PROLEGÔMENOS A UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DA SUÍÇA

### 2.1. Um estudo histórico da Suíça

#### 2.1.1 Alpes, Fondue e Relógios Cucos: a Suíça enquanto aparência

No ano de 1864, a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) realizava em Genebra seu primeiro Congresso Geral. As delegações chegavam animadas para conhecer os camaradas de Associação, para participarem dos debates e mesmo para realizar algo com vias a mudar os rumos da história. Todavia, entre tantos delegados e debates, talvez seja a curiosidade de alguns estudantes de Liège a respeito da Suíça e sua especificidade, sentimento que soa estranho aos ouvidos contemporâneos, foi o melhor meio de iniciar nossa abordagem. “Eles só conheciam a Suíça de ouvir dizer”, comenta Guillaume, ao relatar a chegada daqueles, “além disso, a visão de seu sonho realizado, de um povo praticando suas teorias democráticas, enche-os de admiração e entusiasmo”. Naquele momento, pois os franceses, sobretudo os operários, viviam sob o jugo imperial de Luiz Bonaparte, de modo que, “não acreditam em seus olhos, o menor detalhe causa-lhes espanto e alegria”. Mas o que poderia espantar um militante? “Um deles me conta com emoção”, relata-nos Guillaume como reagiram os estudantes franceses ao “que acabara de ler no portão de um jardim público estas palavras: *Este jardim, sendo propriedade pública, está sob salvaguarda de todos os cidadãos*”. Ao lê-las, o estudante expressa sua emoção: “- Como é bonito! - exclama – toda a República está nessa inscrição. Ah! Quando seremos tão felizes quanto vós? (GUILLAUME, 2009, p. 54)”, suspiravam os estudantes.

Nossa contemporaneidade, contudo, assentada no Estado Republicano Liberal (ZIZEK, 2015), distancia-se de nós aquele tipo específico de emoção, pois a luta pelas garantias republicanas tornou-se, aparentemente, algo trivial. Não sentimos, frente uma praça pública, o espanto e a emoção de olharmos para algo que seja um bem comum. Na verdade, poderíamos nos espantar se alguém o fizesse hoje. Esta sensação, o espanto (maravilhamento), para muitos, deu o início à filosofia (CHAUÍ, 2010), por isso, o utilizaremos para iniciar a reflexão e o estudo sobre a AIT, com ênfase no relato suíço, a partir do espanto do espanto, isto é, da estranheza frente a alguém se espantar ao ver que uma praça é pública, num momento em que o *ancien regime* ainda não havia sucumbido.

A Suíça, eis o problema por trás do relato, parece existir como uma forma de elixir para muitos intelectuais do século dezoito e do século dezenove. O país de vales e alpes figura como uma república confederada em meio a monarquias e principados. Um país em que, aparentemente, várias línguas (alemão, francês, italiano e o romande) convivem harmoniosamente, tal como, o catolicismo e o protestantismo. Thomas Paine, Friedrich Schiller, Gioachino Rossini e Pierre-Joseph Proudhon são alguns exemplos de intelectuais que expressaram uma admiração profundamente elogiosa.

Thomas Paine, por exemplo, em seu livro *Senso Comum*, de 1780, expõe que “A causa da América (revolucionária) é, em grande parte, a causa de toda a humanidade (PAINE, 1973, p. 49)” e analisa o papel dos costumes e dos valores de vários países buscando os elementos que justificariam um governo em que o indivíduo encontra um meio de ceder-se ao Governo, visando o mal menor nas perdas de sua liberdade. Em seu estudo, Paine criticou veementemente a Inglaterra, cuja Coroa é o poder que tudo esmaga, caracterizando um governo tirânico que o povo teme e é obrigado a se submeter. Em oposição ao poder monárquico, Paine exalta as repúblicas:

Onde não há distinções, não há superioridade. A perfeita igualdade não desperta a tentação. As repúblicas da Europa estão todas (podemos dizer sempre) em paz. A Holanda e a Suíça desconhecem guerras, tanto exteriores como interiores (civis). Os governos monárquicos, é certo, nunca permanecem por muito tempo em paz, a própria coroa é uma tentação para patifes empreendedores em casa; e a medida de soberba e de insolência que sempre acompanha a autoridade real chega ao rompimento com potências estrangeiras em casos dos quais um governo republicano, formando em princípios naturais, negociaria o desentendimento (PAINE, 1973, p. 70).

Portanto, para o revolucionário inglês, a Suíça seria uma República em que prevalece a igualdade e, devido a isto, não há tentação, tampouco anseios bélicos (exteriores ou interiores). Seria, de certo modo, um exemplo a ser seguido para a nova república americana, sobretudo, o confederalismo. Então, para este teórico revolucionário, em contraposição às monarquias tirânicas, temos as repúblicas igualitárias e pacíficas. Aparentemente o argumento se confirma, pois a Suíça desde a Guerra dos Trinta anos (1618-1648) não se envolvia em guerras diretamente e, de fato, o pequeno País não era uma monarquia.

Outro grande pensador, Schiller, em 1810 prestou homenagens aos rústicos habitantes do Vale dos Três Cantões (Schwyz, Unterwald e Uri), ao que se revoltaram contra o domínio dos Habsburgos. O literato alemão transformou em teatro uma das mais características histórias do País, perpetuada na clássica cena de um pobre camponês que é obrigado a atirar uma flecha numa maçã sobre a cabeça de seu próprio filho. Junto a impactante imagem, temos um chapéu sobre um bastão, em meio a uma praça medieval. O chapéu pertencia ao funcionário (baillage) opressor e sanguinário que aplicara o vil castigo ao pobre camponês. Com estes poucos elementos, sabemos de que se trata a lenda de Guillaume Tell<sup>9</sup>.

---

9 Heróis legendários dos mitos fundadores, dos quais os altos fatos são evocados pela primeira vez no *Livro branco* de Sarnen (conjunto de cópias, aproximadamente 1470) e no *Tellenlied* (1477). Retomada nas crônicas de Melchior Russ, Petermann Etterlin (primeira impressão em 1507) e Heinrich Brennwald, a história de Tell em meio aos eruditos. Aegidius Tschudi dá uma versão que se transmite durante os séculos. Ele a situa em 1307, entre o sermão de Grütli e a destruição dos castelos, o que faria dela um elemento central do mito fundador. Mas o *Chronicon Helveticum* de Tschudi alcança o grande público graças ao trabalho de Josias Simler, *De República Helvetiorum libri duo*, publicado em 1576 e muitas vezes reeditado. (DHS, 2016), acessado em: <http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F17475.php>.

A lenda sintetiza os problemas pelos quais a população dos cantões, passavam sobre o mando dos funcionários em 1921<sup>10</sup>. Extrapolando os limites alpinos da Suíça, Schiller, assim como Rossini, eternizaram através da arte, os anseios e a luta de um povo. Basta ouvir a *Ouverture* de Guillaume Tell para se sentir tragado pela torrente que a lenda os relata.

Na história de Schiller, o retrato de uma série de acontecimentos que figuram no imaginário popular suíço. O funcionário Gessler impõe ao povo de Uri uma série de provações. Tal como a história alegoriza, alguns acontecimentos como o fato de um funcionário ter cegado um velho homem para o punir como castigo pelos feitos do filho deste; mandar derrubar a casa de um senhor, pois o rei, ao qual o funcionário obedecia, estabelecera que nenhum habitante do cantão poderia ter uma casa de pedra; do funcionário exigir a primeira noite da mulher de um camponês e, por fim, a provação contra um hábil arqueiro, esses e outros excessos provocariam uma conjuração.

Três homens, Werner Stauffacher, de Schwyz, aquele cujo funcionário reprovou a casa de pedra; Walter Fürst, do Uri e Arnold An der Halden, de Unterwald, são os filhos do velho cego e os instigadores. Sobre as margens do lago Grütli, reuniram dez homens cada um, para livrar seu país do jugo da servidão. Assim, durante a festa de ano novo, aproveitam para tomar os castelos, derrotando definitivamente os funcionários.

Schiller dá forma a este conjunto de lendas que fazem referência à luta concreta dos Cantões contra os Habsburgos, existindo aquilo que o estudo da história comprova e outros pontos que não tiveram elementos para sustentação.

Alguns problemas históricos permeiam esta trama, pois os estudos mostram que não há sequer um registro sobre os nomes dos revoltosos e que só viria a família Gessler (do cruel funcionário) ter qualquer registro muito depois do indicado (GILLIARD, 1949). Mesmo o relato de Tell é controverso e sem documentação. Contudo, apesar desses equívocos e alguns outros problemas com datas, a lenda consegue sintetizar os elementos essenciais do processo de luta e unidade dos cantões primitivos. Todavia, Schiller como intelectual, vislumbra a possibilidade de uma revolta frente a dominação e a injustiça, para tanto, vale-se do exemplo suíço como um povo livre e honrado (SCHILLER, 1974).

Até mesmo um dos chamados “pais do anarquismo”, Pierre-Joseph Proudhon, em 1860, se debruçou sobre o país confederado, em seu livro *Sobre o Princípio Federativo*, de modo a tecer elogio à notável constituição federalista desse país:

10 O *bailliage* designa, na baixa Idade Média, um território relativamente extenso, submetido a uma específica administração (Senhor Territorial), aplicado notadamente aos países sujeitos de um cantão ou de um aliado da Confederação (os territórios gerados pela maioria dos cantões são chamados de *Bailliages* comuns). Um *bailliage* reunia, para os fazer funcionar mais eficaz, um certo número de direitos senhoriais e dos títulos de propriedade, mas não se poderia comparar essas competências daquelas de uma entidade administrativa contemporânea. Era dirigido por um *Bailli*, denominado em certos casos governador, comissário ou castelão (DHS, 2016). (DHS, 2016), acessado em: <http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F26415.php>.

*L'article 109 de la Constitution fédérale suisse porte : « Les trois principales langues en Suisse, l'allemand, le français et l'italien, sont langues nationales de la Confédération ».*

*Cet article dicté par la nécessité et le simple bon sens, est un des plus remarquables que j'aie rencontrés dans aucune constitution, il répond admirablement à la fantaisie nationaliste de l'époque.*

*Les constituants de l'Helvétie ne pouvaient mieux témoigner qu'à leurs yeux la nationalité n'est pas chose purement physiologique et géographique ; c'est aussi, et bien plus encore, chose juridique et morale.*

*On ne l'entend pas ainsi dans les Etats unitaires : là vous ne trouvez plus ni le même respect des idiomes, ni le même sentiment de la nationalité (PROUDHON, 1997, p. 145)<sup>11</sup>.*

O elogio proudhoniano aparece em meio ao contexto da constituição dos Estados-Nacionais e monarquias autoritárias, os quais Proudhon critica buscando uma concreta forma política que não tenda à centralização e ao esmagamento das minorias e das individualidades. O federalismo de novo tipo, americano e da Suíça (na segunda metade do século XIX), é algo notável, sobretudo o suíço, pautado nas regionalidades, garante as liberdades religiosas, culturais e linguistas (KARMIS, 2002). Contudo, somente o federalismo político não resumiria o projeto proudhoniano, pois também há a necessidade de federalismo econômico, ou seja, um conjunto de organizações e leis que estabelecessem o mutualismo entre as associações de produtores e que, posteriormente, articularam-se numa federação de federações<sup>12</sup>. Apesar disso, Proudhon, “o inimigo dos Estados”, declarou que ao ler essa constituição descobriu um artigo feito sob o bom senso, o mais admirável que havia lido.

Esses autores, apesar de abordarem a estrutura política e da história do país, somente a tangenciaram. De modo que, o ponto de contato comum entre os três, guardadas as diferenças de posicionamento político, crença, tempo histórico e das preocupações teórico-programáticas, a Suíça aparece como uma espécie de modelo a ser elogiado e até a ser seguido. Como se o país histórico se resumisse a imagem de uma Suíça rústica, confederada, democrática e virtuosa, tal como também a descrevia Rousseau ao elogiar Genebra, em seu Prefácio ao Discurso Sobre a Desigualdade entre os Homens.

---

11 “O artigo 109 da Constituição federal suíça diz: “As três principais línguas em Suíça: o alemão, o francês e o italiano, são línguas nacionais da Confederação”. Este artigo escrito pela necessidade e pelo simples bom senso, é uma das mais notáveis que encontrara em alguma constituição. Por responder admiravelmente à fantasia *nacionalista* da época. A constituição helvética não poderia melhor testemunhar que aos seus olhos a nacionalidade não seria algo puramente psicológico e geográfico, seria também, e ainda mais, algo jurídico e moral”.

12 « Ni en Suisse, ni aux États-Unis, nous ne trouvons la mutualité organisée : or, sans une série d'institutions mutualistes, sans droit économique, la forme politique reste impuissante. » (PROUDHON, 1959, p. 207). “Nem na Suíça, nem nos Estados Unidos, nós não encontramos a mutualidade organizada, onde, sem uma séria de instituições mutualistas, sem direito econômico, a forma política é oca”.

Rousseau, um cidadão de Genebra, também teceu longos panegíricos a sua pátria desde o texto que lhe deu notoriedade, o *Discurs sur les sciences et des arts*, escrito em 1750, o qual o filósofo busca provar como o desenvolvimento da ciência e das artes está atrelado ao surgimento do luxo, da vaidade, do ócio e da escravidão na história das sociedades, ou seja, como a imoralidade e a preguiça estão vinculadas às artes. A rusticidade e a virtude, marca de povos primitivos e simples, é devorada pela camada de artistas e cientistas que vivem do trabalho alheio. Um só povo deu provas de manter está virtuosa rusticidade, até o século XVIII: “*Telle enfin s’est montrée jusqu’à nos jours cette nation rustique si vantée pour son courage, que l’adversité n’a pu abattre, et pour sa fidélité que l’exemple n’a pu corrompre*”<sup>13</sup> (ROUSSEAU, 1962, p. 7). Rousseau refere-se à pátria rústica dos suíços, sua terra natal. Lá os costumes são simples, mais naturais, não se proliferou o luxo, nem a vaidade. Concepção reafirmada na resposta feita à crítica ao Rei da Polônia, quando Rousseau foi censurado por sua ideia de virtude:

*On me reproche d’avoir affecté de prendre chez les Anciens mes exemples de vertu. Il y a bien de l’apparence que j’en aurois trouvé encore davantage, si j’avois pu remonter plus [94] haut ; j’ai cité aussi un peuple moderne, & ce l’est pas ma faute, si je n’en ai trouvé qu’un. On me reproche encore dans une maxime générale des parallèles odieux, où. Il entre, dit-on, moins de zèle & d’équité que d’envie contre mes compatriotes & d’humeur. Cependant, personne, peut-être, n’aime autant que moi son pays & ses compatriotes*<sup>14</sup> (ROUSSEAU, 2012, p. 8).

O *Discurs sur les sciences et des arts*, ao ganhar o prêmio da Academia de Jiron, levou o nome e o escrito de Rousseau para toda a Europa, o tornando uma *célebrité*, como admite no Prefácio, todavia, garantiu-lhe uma série de críticas mais ou menos fundadas (ROUSSEAU, 1962), porém, sobre o tema que nos importa nesse estudo, a Suíça, este primeiro texto testemunha um Rousseau amante de sua pátria e esta digna de ser amada. Tanto o amor do autor quanto o elogio são prolongados à exaustão nas obras seguintes. Logo no já citado Segundo Discurso, o *Discurs sur l’inégalité parmi les hommes* (1754), veremos a maior declaração de amor nacional que Rousseau desenvolveria. A declaração é feita por meio de uma Dedicatória que Rousseau colocou antes do Prefácio do texto propriamente dito.

A Dedicatória não é abstrata, Rousseau expõe todas as virtudes de uma República genebrina dos “*Magnifiques, Très Honorés et Souverains Seigneurs*”. Se pudesse escolher o lugar de sua nascença,

---

13 Tal, enfim, se mostra até nossos dias essas nações rústicas se apegados a sua coragem, que a adversidade não pode abater e por sua fidelidade que o exemplo não pôde corromper.

14 Censuraram-me por ter afetado tomar os meus exemplos de virtude aos antigos. É bem possível que eu encontrasse outros mais, se tivesse podido reportar-me ainda mais alto; citei também um povo moderno e não tenho culpa por só ter encontrado um. Censuram-me ainda, numa máxima geral, de paralelos odiosos, nos quais entram, ao que se diz, menos zelo e equidade do que a inveja aos meus compatriotas e animosidade contra meus contemporâneos. Entretanto, ninguém mais do que eu amo sua pátria e seus compatriotas.

diria ele, escolheria Genebra, pois lá existiria uma unidade entre a virtude, reinaria a unidade entre a alegria individual com a coletiva, assim como, um Estado em que o soberano e o povo têm os mesmos interesses e ainda acrescenta que "*j'aurais voulu naître sous un gouvernement démocratique*" (ROUSSEAU, 1962, p. 25). Um governo democrático em que o homem seria livre, ou seja, um governo em que todos estivessem submetidos a mesma lei, sem que ninguém pudesse ter o privilégio de estar acima dela.

Virtude, igualdade e liberdade em uma República de instituições antigas, na qual o governo estivesse completamente adequado ao povo. Genebra ainda se beneficiaria de não ter anseios expansionistas, tampouco receios de seus vizinhos. Uma República que evita a ideia de dispensar os magistrados ou apenas dar-lhes poderes precários, já que, apesar da soberania popular, o povo não poderia monopolizar a administração dos negócios civis e a execução de suas próprias leis. Para cada categoria de genebrinos, uma dedicatória especial: aos cidadãos, que mantenham a felicidade e a obediência aos magistrados; aos pastores, que deem um grande exemplo de amor ao próximo; às mulheres, por fim, que sejam as guardiãs do costume do povo (ROUSSEAU, 1962).

O filósofo genebrino elabora um panegírico completo de sua pátria. Dos menores e simples cidadãos, chegando aos pastores e aos magistrados, passando pelas disposições morais e legais até a relação geopolítica da pequena República sem sofrer ou ansiar a ação bélica.

Genebra, terra de Calvino, surge como uma espécie de ponto de apoio e partida de Rousseau, que a utiliza ainda mais uma vez ao defendê-la na *Lettre à M. D'Alembert* (1758), contra o artigo sobre Genebra no sétimo volume da Enciclopédia de D'Alembert. Este defendia a necessidade da instalação do teatro na cidade, aquele repudiará a ideia, opondo Genebra virtuosa, laboriosa e republicana à França corrompida, luxuosa e ociosa; pois os povos, nos quais domina a desigualdade e o luxo, devem necessariamente submeter-se aos espetáculos. Todavia, povos como o de Genebra, "*ne se soutient qu'a force de travail, et n'a le nécessaire qu'autant qu'il se refuse tout superflu*"<sup>15</sup> (ROUSSEAU, 1962, p. 197-198). Rousseau, portanto, conclui assim sobre o problema de se os espetáculos trariam, para Genebra, mais bens do que males:

*On aurait toujours à chercher qu'ils ne le deviendraient point à l'égard du peuple auquel on le destine. En certains lieux, ils seront utiles pour attirer les étrangers; pour augmenter la circulation des espèces; pour exciter les Artistes; pour varier les modes; pour occuper les gens trop riches ou aspirant à l'être; pour les rendre moins malfaisants; pour distraire le peuple de ses misères; pour lui faire oublier ses chefs en voyant ses baladins [...] En d'autres lieux, ils ne serviraient qu'à détruire l'amour du travail; à décourager l'industrie; à ruiner les particulier; à leur inspirer le goût de l'oisiveté; à leur faire chercher les moyens de subsister sans rien faire; à rendre*

---

15 Mantendo-se somente pela força de trabalho, não necessitando mais do que o necessário, recusa o que é supérfluo.

*un peuple inactif et lâche; à l'empêcher de voir les objets publics et particuliers dont il doit s'occuper* (ROUSSEAU, 1962, p. 174)<sup>16</sup>.

Genebra existiria, para o pensador, como uma cidade a ser defendida contra a corrupção, contra o luxo e contra a influência dos *Philosophes*. Posicionamento confirmado pelo estudo de Launay, de modo que, "*Jean-Jacques s'efforçait de susciter un sentiment d'unité nationale chez ses compatriotes, pour les galvaniser dans une résistance commune contre l'influence pernicieuse des moeurs, du luxe et des arts français*"<sup>17</sup>(LAUNAY, 1974, p. 21)".

Por fim, até em seu opus *magnun*, também confirmaria a leitura do filósofo sobre sua terra natal. No *Du Contrat social* (1762) existem três referências diretas a Suíça, não mais voltadas propriamente a sua cidade natal. Uma no início do primeiro livro, quando estava justificando a proposta geral do livro, isto é, se pode existir uma ordem civil legítima, que tome os homens e as leis como são. No final daquele prefácio descreve sua relação com seu país:

*Né citoyen d'un Etat libre, & membre du souverain, quelque faible influence que puisse avoir ma voix dans les affaires publiques, le droit d'y voter suffit pour m'imposer le droit de m'en instruire. Heureux, toutes les fois que je médite sur les Gouvernemens, de trouver toujours dans mes recherches de nouvelles raisons d'aimer celui de mon pays !* (ROUSSEAU, 1962, p. 235-236)<sup>18</sup>.

Considera seu país um Estado livre, considera ele próprio como membro do soberano e considera que suas reflexões o levam a amar o governo de seu próprio país, como se lá existisse ou uma ordem legítima ou um governo muito próximo a ela. As duas outras referências ao longo do livro são complementares, pois no capítulo sobre o Povo, capítulo oito do livro dois está descrito:

*Se trouve quelquefois dans la durée des Etats des époques violentes où les révolutions font sur les peuples ce que certaines crises font sur les individus, où l'horreur du passé tient lieu d'oubli, & où l'Etat, embrasé par les guerres civiles, renaît pour ainsi dire de sa cendre & reprend la vigueur de la jeunesse en sortant*

16 Procurando demonstrar que eles (os espetáculos) não fariam nada (de prejudicial) aos povos para os quais se destinam. Em certos lugares, (os espetáculos) são úteis para atrair os estrangeiros, para aumentar a circulação de dinheiro, inspirar os artistas, para variar os modos e para ocupar os homens mais ricos, torná-los menos perniciosos, distrair o povo de suas misérias, fazê-lo esquecer seus chefes enquanto assistem aos palhaços (...) Em outros lugares (rústicos), eles viriam a destruir o amor pelo trabalho, desmotivar a indústria, arruinar os particulares, pois os espetáculos, inspirariam o gosto pelo ócio, fazendo surgir a busca por meios de viver sem fazer nada, enfim, transformar todo um povo em inativo e folgado ao impedi-lo de ver os objetos públicos e particulares que o povo deve realmente se ocupar.

17 Jean-Jacques se esforçava para suscitar um sentimento de unidade nacional em seus compatriotas, para os galvanizar numa resistência comum contra a influência perniciosa dos costumes, do luxo e das artes francesas.

18 Tendo nascido cidadão de um Estado livre e membro do soberano, embora fraca seja a influência que minha opinião possa ter nos negócios públicos, o direito de neles votar basta para impor o dever de instruir-me a seu respeito, sentindo-me feliz todas as vezes que medito sobre os governos, por sempre encontrar, em minhas cogitações, motivos para amar o governo do meu país!



*des bras de la mort. Telle fut Sparte au temps de Lycurgue, telle fut Rome après les Tarquins, & telles ont été parmi nous la Hollande & la Suisse après l'expulsion des tyrans* (ROUSSEAU, 1962, p. 264)<sup>19</sup>.

Quem seriam aqueles tiranos que os suíços derrotaram para renascerem como novo povo? A continuação do texto não explica quem seriam, somente no fim do terceiro livro do *Contrato Social*, no capítulo XIII, é que o pensador genebrino esclarece o ponto, ao retomar "*comme jadis les villes grecques résistèrent au grand roi, & comme plus récemment la Hollande & la Suisse ont résisté à la maison d'Autriche*"<sup>20</sup> (ROUSSEAU, 1962, p. 299), esta é a visão do filósofo em 1762.

Entretanto, dois anos depois, em 1764, Rousseau escreveria em tom acusatório uma ideia contrária sobre a até então exaltada pátria dos "*Magnifiques, Très Honorés et Souverains Seigneurs*":

O Pequeno Conselho (de Genebra) é o árbitro supremo das leis e, por meio delas, da sorte de todos os particulares. Quando se considera os direitos dos Cidadãos e Burgueses, reunidos em Conselho geral, nada é mais brilhante. Mas, fora disso, considereis esses mesmos Cidadãos e Burgueses como indivíduos, o que são eles? O que se tornaram? *Escravos de um poder arbitrário, eles foram entregues sem defesa à mercê de vinte e cinco déspotas*: Os atenienses, ao menos, tinham trinta (ROUSSEAU, 2006, p.361-362).

Este trecho da sétima das *Cartas Escritas da Montanha*, no qual acusa os patrícios do Pequeno Conselho de déspotas e alardeia aos cidadãos da condição de escravos que se encontram, é a clara expressão de uma ruptura ocorrida na obra de Rousseau. Por que ocorreu e o que levou a esta mudança tão radical?

### 2.1.2 Contradições de classes na República de Genebra

Derathé demonstra duas coisas: a ignorância de Rousseau em relação a Constituição de Genebra e a verdadeira forma aristocrática temperada de um governo de patrícios do chamado "Pequeno Conselho". Porém, o meio que utiliza na argumentação traz, sutilmente, a expressão das contradições internas da "pequena república", pois todo o debate levantado refere-se, substancialmente, às Representações dos cidadãos de 1734 e à resposta do Pequeno Conselho. A disputa refere-se ao conteúdo da soberania repousar no Conselho Geral e Assembléias gerais periódicas ou no Pequeno

19 Encontram-se, algumas vezes, os Estados em épocas violentas, nas quais as revoluções agem sobre os povos como certas crises sobre os indivíduos, cujo o horror sofrido leva ao esquecimento, onde o Estado, beijado pelas guerras civis, renasce, por assim dizer, das cinzas e retoma o vigor de sua juventude ao sair dos braços da morte. Tal foi Esparta nos tempos de Lycurgo, tal foi Roma após os Tarquinos, e tal se passou, entre nós, com a Holanda e a Suíça após a expulsão dos tiranos.

20 Como já havia dito as vilas gregas resistiram ao grande rei, contemporaneamente, a Suíça e a Holanda resistiram à Casa da Áustria.

Conselho. Uma contradição faz com que exista uma vida política pulsante, uma disputa pela soberania e é nessa chave que Launay vê uma rachadura na tese de Derathé.

O relato de Rousseau sobre sua infância:

*Nous fournissons un des éléments essentiels du rythme et du cadre de vie des enfants genevois au XVIII siècle : le dimanche matin était, pour eux comme pour leurs parents, « un temps de licence ». Les parents allaient au temple pour s’y recueillir ou pour s’y distraire. Les enfants en profitaient : « Au fond du temple, c’est un va-et-vient perpétuel de gamins, qui entret un instant pour échapper à la ronde de police et qui retournent bientôt continuer leur tapage sur la place<sup>21</sup> (LAUNAY, 1974, p. 15).*

Sobre a praça e nas ruas vizinhas, eles jogavam “a guerra”, algo como uma imitação dos relatos sobre as guerras que os pais lhes contavam, além, é claro dos jogos que reencenavam a “guerra civil”.

*Nos pères venaient dit-on, de remporter une victoire! Nous voulûmes les imiter, et nous déclarâmes la guerre à tous les fils de famille attachés au gouvernement, sans oublier les fils d’ecclésiastiques. Dès le dimanche suivant, à l’issue du dernier sermon et par le plus beau temps du monde, les écoliers « du Haut » se rendirent tous sur la Treille, et nous derrière notre petit Mont Sinai [bastion de Saint-léger]. La pente de la Treille avait été choisie pour le lieu du combat, qui devait être en tout semblable au combat du Perron. Nous étions tous armés de longues perches dont la masse était au bout et nous nous mîmes en ordre de bataille. Déjà nous montions la Treille... lorsque nos adversaires la descendirent en courant et se ruèrent sur nous avec tant de fureur qu’ils enfoncèrent jusqu’à la troisième ligne. Deux ou trois de nos blessés furent tirés de la mêlée... nous prâvîmes à repousser nos ennemis... Ils furent poursuivis jusque devant l’hôtel de ville<sup>22</sup> (LAUNAY, 1974, p. 15).*

A batalha de Perron, de 1737, não foi mais do que um dos muitos episódios da luta que teve, em 1704, seu momento de maior violência. Em 1704, o Procurador Geral relata:

*Exhorte la généralité des citoyens et bourgeois à éviter toutes sortes d’émotions et de cabales particulières ou autres comme très dangereuses au bien public et à la*

21 “Nos fornece um dos elementos essenciais do ritmo e da imagem da vida das crianças genebrinas do século XVIIº. Os domingos de manhã eram para eles e seus pais “um tempo de folga”. Os pais iam ao templo... Os garotos, aproveitando, faziam um vai e vem contínuo no fundo do templo, entrando somente para escapar da ronda policial, retornavam sua diversão sobre a praça” - tradução própria.

22 Nossos pais contavam-nos uma vitória! Queríamos o imitar, nós declaramos guerra a todos os filhos das famílias vinculadas ao governo, sem esquecer os filhos dos eclesiásticos. Nos domingos seguintes, após o último sermão, os escolares “do alto” seguiram todos sobre a “treille”, e nós sobre nosso pequeno “Monte Sinai” (bastião de Santo-Léger). A ponte da Treille tinha sido escolhida como o lugar do combate, que seria em tudo semelhante ao combate de Perron. Nós nos armamos de longas varas cuja massa estava ao fundo e nós nos colocamos em posição de ataque. Nós subíamos a Treille, enquanto nossos adversários a desciam correndo e se lançavam sobre nós com tanta força que desmontaram até nossa terceira linha. Dois ou três de nossos feridos foram retirados do conflito, nós fizemos nossos inimigos recuar... os seguimos até o hotel de ville (prefeitura).

*sûreté de l'État, qui ne pouvait subsister qu par une parfaite union de tous les membre qui composent le corps*<sup>23</sup> (LAUNAY, 1974, p. 16).

Os cidadãos e os burgueses<sup>24</sup>, longe de o escutarem, não hesitaram em solicitar o auxílio e apoio de suas mulheres e crianças. Estas tomaram as ruas, gritando Mammelus<sup>25</sup>, traidores, aos artesãos que se venderam aos aristocratas. “*Quelques femmes de Saint-Gervais furent emprisonnées ou bannies pour leur violente activité politique en 1707*<sup>26</sup>”. As forças de manutenção da ordem, encabeçadas pelo magistrado Trembley, célebre por sua dureza e sua vontade de reprimir todas as “emoções populares”, tiveram de abrir caminho frente às hordas de mulheres e crianças, durante os episódios de maio de 1707. Os Registros do Conselho de 28 de maio, relatam que:

*Les enfants les suivirent jusqu'au pois du blé, en criant les mammelus... les enfants étaient venus jusqu'au bas de la Cité en criant de même, mais que là, on les avait chassés à coups de bâtons*<sup>27</sup> (LAUNAY, 1974, p. 16).

Órfão de mãe e abandonado pelo pai, Jean-Jacques Rousseau ficou aos cuidados do tio Bernard, que o mandou para uma pensão em Bossey, nos campos genebrinos, junto de seu primo Abraham. Jean-Jacques Rousseau percebeu que o filho do engenheiro, Bernard, era melhor tratado que o pobre órfão ao qual davam, por caridade, educação e alimento. Mas, ele se vingava no plano intelectual:

*Si, pour la faveur de ceux qui nous gouvernaient, il avait sur moi quelques ascendants sous leurs yeux, quand nous étions seuls, j'en avais un sur lui qui rétablissait l'équilibre. Dans nos études, je lui soufflais sa leçon quand il hésitait ;*

23 Exortando a maioria dos cidadãos e burgueses a evitar toda sorte de emoções perigosas ao bem público e a segurança do estado, pois (o bem público) não poderia subsistir sem uma perfeita união de todos os membros que compunham o corpo.

24 A constituição de Genebra distinguiu cinco estratos sociais: 1º os cidadãos, direito hereditário, privilégios econômicos e políticos; 2º burgueses, direito comprado, privilégios econômicos e políticos com poucas restrições; 3º Habitantes e 4º Nativos, direito de habitação, porém sem nenhum privilégio político; 5º Sujeitos: soldados mercenários, camponeses de territórios sob dominação genebrina. Mas a oposição aos aristocratas fez com que cidadãos, burgueses, nativos e habitantes se unissem numa luta constante contra o domínio dos patrícios (LAUNAY, 1974).

25 Essa palavra, Mamelus, nos remonta à fundação da Genebra de Calvino... vejamos o que é dito, sobre a Genebra do século XVI, a *História de Genebra de Mx. Spon* – a única história sobre seu país que os genebrinos tinham em mãos na década de 1730. “Chamavam de Mamelus, aqueles do partido de Ducal, ou seja, fazendo referência aos escravos do Sudão do Egito, que, mesmo sendo cristão, abjuraram sua religião e renunciaram à liberdade de seu País para se unirem aos Tiranos. Em 1707, “o velho termo Mamelus, tinha sido ressuscitado expressamente para designar a camada popular os cidadãos moderados que temiam e não abandonaram os Magistrados”. Não era preciso crer que os populares eram os únicos a deixar seus filhos os imitarem: precisamente, por isso, ocorreu a formação de um grupo de jovens “voluntários” pelo partido aristocrático, que almejava dar aos jovens aristocratas, entre dez e doze anos, uma instrução pré-militar, foi escrito no testemunho de L.B. sobre a imitação do “combate de Perron” pelos garotos genebrinos. (LAUNAY, 1974, p. 17).

26 Algumas mulheres foram presas ou banidas devida as atividades políticas de 1707.

27 As crianças os seguiam sem parar, gritando mamelus... crianças vinham desde a parte baixa da cidade gritando-lhes, até que foram repelidas a golpes de bastão.

*quand mon thème était fait je lui aidais à faire le sien, et dans nos amusements mon goût plus actif lui servait toujours de guide*<sup>28</sup> (LAUNAY, 1974, p. 18).

Jean-Jacques vivia entre dois mundos e a indiferença de seu primo levava os escolares genebrinos a caçoarem dele, enquanto o jovem Rousseau: “*je me fâchai, je voulus me battre; c’était ce que les petits coquins demandaient. Je battis, je fus battus*<sup>29</sup> (apud LAUNAY, 1974, p. 18)”. O rebaixamento social de Rousseau o levou, durante sua infância, a um tipo específico de educação política. Nas Confissões afirmou que leu, no inverno de 1719, alguns livros que vinham da herança do Ministre Bernard, entre eles: Ovídio, La Bryère, Fontenelle, Molière, além de muitos livros de história universal. Os tendo lido no ateliê de seu pai. A lenda de Pierre Fatio, o aristocrata que se voltou contra sua família em prol do partido popular, em 1707, pairava no ar: “*mais on ne prononçait pas son nom sans un sentiment de terreur, et sans regarder auparavant tout autour de soi*<sup>30</sup>”. Mas o terror não impedia os artesãos de Saint-Gervais de quererem tornar-se cidadãos, deixando de serem simples sujeitados do Magnífico Conselho do Vinte e Cinco. Ao contrário, a elite operária tirou lições dos eventos de 1707:

*Ce Fatio qui avait cristallisé la résistance populaire, au point que la foule criait sur son passage : « Vous êtes notre libérateur, notre prince, vous pouvez disposer entièrement de nous ». Mas com sua execução ficou-se um vácuo. L’élite des artisans de Saint-Gervais décida de ne plus avoir de « meneur », mais de s’organiser clandestinement, de telle sorte que la mort ou l’exil de l’un d’entre eux ne pût remettre en cause le développement de leurs revendications. Ils utilisèrent pour cela l’organisation civique et militaire de la République même: tous les hommes majeurs étaient répartis en « dizaines » et en « compagnies »; il se trouva que les principaux meneurs de l’opposition populaire étaient, grâce à leur intelligence, leur instruction, leur habileté dans leur profession, et donc leur réussite économique et sociale, devenus dizeniens ou sous-officiers, et commandaient en fait toute la vie civile et militaire de leurs quartiers: les « Seigneurs Commis » et les officiers, choisis dans l’aristocratie, ne faisaient que les superviser dans les jours de parades ou les cérémonies officielle... Ne se contentant pas de commodités que l’organisation militaire de la cite leur offrait les « chefs du peuple » développèrent une autre institution parallèle, celle des « cercles ». Des simples lieux de réunion commodes pour se distraire après le travail ou pendant les jours de fêtes, les cercles*

---

28 Se para aqueles que nos governavam meu primo tinha algo de superior, quando estávamos a sós, eu fazia com que o equilíbrio fosse estabelecido. Em nossos estudos, eu lhe explico suas lições quando ele hesitava. Quando terminava minhas coisas, eu o ajudava a fazer a sua e, em nossas tarefas, meu tipo mais ativo lhe servia de guia.

29 Me irritavam, queriam brigar. Era o que eles estavam querendo. Eu bati, me bateram.

30 Mas não se pronunciava seu nome sem certo sentimento de terror e sem olhar em volta com preocupação.

*devinrent des lieux de discussion politique, et remplacèrent les tavernes et cabarets*<sup>31</sup> (LAUNAY, 1974, p. 20).

Na *Carta a d'Alembert*, Rousseau evocava essas “círculos”, essas manifestações militares, como prova da emoção que mobilizaram tantas sensações em sua alma infantil. Aquela parada como prova de uma nação republicana simples e humilde que resistia aos costumes de uma França imperial e luxuosa.

*Je me souviens d'avoir été frappé dans mon enfance d'un spectacle assez simple, et dont pourtant l'impression m'est toujours restée, malgré le temps et la diversité des objets. Le Régiment de Saint-Gervais avait fait l'exercice, et, selon la coutume, on avait souper par compagnies: la plupart de ceux qui les composaient se rassemblèrent après le souper dans la place de Saint-Gervais, et se mirent à danser tous ensemble, officiers et soldats, autour de la fontaine ...Il était tard, les femmes étaient couchées, toutes se relevèrent les maîtresses venaient voir leurs maris, les servantes apportaient du vin; les enfants eux-mêmes éveillés par le bruit accoururent demi-vêtus entre les pères et les mères*<sup>32</sup> (LAUNAY, 1974, p. 20)

Em meio a tudo o que lhe era tão caro, numa alegria partilhada em comum, seu pai lhe disse algo que ficaria marcado em sua mente:

*J-J, me disait-il, aime ton pays. Vois-tu ces bons Genevois ; ils sont tous mais, tous frères ; la joie et la concorde règnent au milieu d'eux. Tu es Genevois ; tu verras un jour d'autres peuples ; mais, quand tu voyageras autant que ton père, tu ne trouveras jamais leur pareil*<sup>33</sup> (LAUNAY, 1974, p. 21).

31 Esse Fatio que havia cristalizado a resistência popular, de modo que a massa gritava durante sua passagem: “Vós sóis nosso libertador, nosso príncipe, vós podeis dispor inteiramente de nós”. A elite de nossos artesãos de Saint-Gervais decide não mais ter um “líder”, mas de se organizar clandestinamente, de tal modo que a morte ou o exílio de um deles não pudesse atrapalhar o desenvolvimento da causa de suas reivindicações. Utilizavam para essa organização cívica e militar da República mesmo: todos os homens maiores eram divididos em “dezenas” e em “companhias”. Devido a isto que os principais dirigentes da oposição popular eram, graças as suas inteligências, instrução, habilidade na profissão, papel econômico e social, tornando suboficiais. Comandavam, de fato, toda a vida civil e militar de seus quarteirões. Os “senhores comissários” e os oficiais escolhidos na aristocracia, não faziam nada mais do que os supervisionar nos dias de festividades oficiais. Não se contentando com as comodidades que a organização militar da cidade oferecia, “os chefes do povo” desenvolviam uma outra instituição paralela, aquela dos “círculos”. Dos simples lugares das reuniões cômodas para se distrair após o trabalho, ou durante os dias de festas, os “círculos” tornaram-se lugares de discussão política e substituíram as tavernas e os cabarés.

32 Eu me lembro de ter assistido, quando criança, um espetáculo muito simples e cuja impressão manteve-se para sempre em mim, não obstante o tempo e a diversidade de acontecimento. O regimento de Saint-Gervais fazia o exercício e, segundo o costume, reunia a companhia. A maior parte deles se reuniram após os movimentos na praça de Saint-Gervais e começaram a dançar todos juntos, oficiais e soldados, ao redor da fonte. Era tarde, as mulheres que já estavam dormindo se levantaram para acompanhar os maridos, trazendo consigo os vinhos. As crianças despertaram devido ao barulho, e, malvestidas, corriam entre seus pais e mães.

33 Jean-Jacques, me dizia ele, ame teu país. Veja os bons genebrinos, são todos irmãos. A concórdia e a alegria reinam entre eles. Você é genebrino, mas, verá um dia, outros povos, quando viajar, tanto quanto seu pai saberá que não há lugar igual.

Rousseau suscitava o sentimento de unidade nacional dos genebrinos, contra influência do luxo e dos *philosophes* franceses. Ele evocava esses soldados e oficiais, dançando juntos, como prova de uma rusticidade virtuosa. Em contrapartida, houve uma resposta de um aristocrata genebrino que se escandalizou por “*Jean-Jacques avait voulu édifier et rassembler les Genevois de toutes classes*”<sup>34</sup>:

*Quand Rousseau n'eût pas ajouté que les égarements d'une folle jeunesse l'empêchèrent de profiter des leçons de son père, on aurait pu conjecturer de quelques goûts qui lui sont restés et de la grossièreté des injures qui lui sont échappées qu'il avait passé sa première jeunesse avec les libertins de la plus vile populace*<sup>35</sup> (JEAN-LOUIS DU PAN in, LAUNAY, 1974, p. 22)

Para os aristocratas, seus homens não eram mais que tropas de soldados, semelhantes a mercenários, que passavam suas noites de folga em prostíbulos. O aristocrata não imaginava, ao escrever estas linhas em 1766, que esses soldados eram simples habitantes e que as mulheres eram suas esposas. Uma expressão da vida popular, criativa e alegre dos bairros simples. Como não podiam atacá-los diretamente, os aristocratas usavam da difamação.

*Quant au reproche d'apologie de l'ivrognerie qui était adressé à J-J, il visait précisément l'éloge des « cercles » développé dans la Lettre à d'Alembert ; n'osant critiquer ouvertement le rôle politique de ces cercles, les aristocrates tentaient de les discréditer... mais J-J avait par avance dénoncé cette manoeuvre hypocrite et justifié l'institution des cercles tant sur le plan moral que sur le plan politique*<sup>36</sup> (LAUNAY, 1974, p. 22).

Rousseau entendia que os “círculos” tinham, além de uma forma festiva, um papel político de mobilização e vivacidade para as classes populares. Uma forma alegórica de retomar o passado, manter vivas algumas tradições igualitárias do início da república calvinista:

*Nos cercles conservent encore parmi nous quelque image de moeurs antiques. Les hommes entr'eux, dispensés de rabaisser leurs idées à la portée des femmes et d'habiller galamment la raison, peuvent se livre à des discours graves et sérieux sans crainte du ridicule*<sup>37</sup> (ROUSSEAU. In LAUNAY, 1974, p. 22).

Jean-Jacques contra-ataca no plano moral, mostrando que os salões dos aristocratas eram mais perniciosos pelos costumes dos genebrinos do que os círculos que eles frequentavam. Discretamente

34 Onde Jean-Jacques gostaria de edificar e reunir os genebrinos de todas as classes.

35 Rousseau não conseguiu entender que sua juventude o impediu de absorver as lições de seu pai, não apreendera, ou não refletiu, que alguns gostos e a grosseira injuriosa que lhe escaparam, afinal, havia passado sua primeira infância junto aos libertinos da pior extirpe.

36 Com relação a reprovação a bebedeira que era enderçada a Jean-Jacques, visava precisamente o elogio dos "círculos" desenvolvido na Carta a D'Alembert, não ousando criticar abertamente o papel político dos círculos, os aristocratas tentavam os desacreditar... Mas J-J se precaveu denunciando essa artimanha hipócrita e justificada a instituição dos círculos, tanto sobre o plano moral, quanto sobre o plano político.

37 Nossos círculos conservavam ainda, entre nós, alguma imagem dos costumes antigos. Os homens entre aqueles, liberados de rebaixarem suas ideias às portas das mulheres e de terem de temperá-las com galanteios, podem lançar mão de discursos graves e sérios, sem medo de caírem no ridículo.

ele desmascara “*l'idée de derrière la tête*” dos aristocratas, a razão profunda de sua hostilidade contra os círculos, era política. As Confissões nos revelam que o pai de Jean-Jacques Rousseau era um *bon vivant*. Não há dúvidas de que o pai estava com o jovem Rousseau assistindo aos desfiles dos círculos de seu quarteirão.

*Si nous essayons de préciser quels cercles il fréquentait, quelles personnes il y rencontrait, c'est alors que nous sommes amenés à retrouver les années 1718-1719, et le numéro 15 de la rue de Coutance – la maison même où Isaac Rousseau s'était installé en 1717*<sup>38</sup> (LAUNAY, 1974, p. 22).

A oposição popular, do quarteirão de *Saint-Gervais*, havia silenciado após 1707. Porém, entre 1716 e 1718 os magistrados viram renascer as manifestações dirigidas contra taxas impostas que os aristocratas instituíram sem solicitar ao Conselho Geral, ou seja, a assembleia dos cidadãos. Em 11 de outubro de 1718, uma carta anônima ataca violentamente o Pequeno Conselho, afirmando: “*C'est un acte de tyrannie que de mettre un denier d'impôt sur le peuple sans son consentement*<sup>39</sup>”. Em 19 de novembro de 1718, uma segunda carta anônima foi difundida, pelos mesmos canais, na vila, e reitera suas acusações contra o Pequeno Conselho, desta vez a aristocracia se alarma (LAUNAY, 1974, p. 22).

É o conteúdo das cartas que inquieta o Pequeno Conselho, elas não eram recheadas de declamações, como dos partidários de Fatio, mas um tom mais moderado. *Il ne s'agit pas de savoir si l'on peut établir parmi nous une forme de gouvernement parfaite, mais si celle que l'on veut établir est la même qu'il y a eu parmi nous jusqu'en 1570*<sup>40</sup>. A estratégia foi retomar a constituição original (LAUNAY, 1974, p. 23).

Três semanas mais tarde, em 7 dezembro de 1718, a vanguarda do povo colocava em prática essa vontade de retornar à raiz da democracia genebrina e ressuscitar a antiga tradição das “representações, ou seja, das delegações dos cidadãos frente aos Síndicos e ao Procurador Geral”. “*Pierre Musard – un cousin de Rousseau – était à la tête d'a première représentation*<sup>41</sup>”. Outra delegação, de artesãos liderados por Dassier, reclamou seus direitos ante os magistrados. Uma terceira, vinda do quarteirão de *Saint-Gervais*, representada por Du Cros: “*ils demandaient la convocation d'un Conseil Général extraordinaire. Le 9 décembre, quatre autres représentations étaient organisées*<sup>42</sup> (LAUNAY, 1974, p. 23)”.

38 Se tentarmos definir quais círculos ele frequentava, quais pessoas ele lá encontrava, somos então levados a retomar os anos 1718-1719, e o número 15 da rua de Coutance – a casa em que Isaac Rousseau se instalou em 1717.

39 Foi um ato de tirania impor um novo imposto ao povo sem seu consentimento.

40 Não era preciso saber se poderia se estabelecer entre nós uma forma de governo perfeito, mas se aquele que quer se estabelecer é a mesma que havia entre nós até 1570.

41 Pierre Musard – um primo de Rousseau – estava na cabeça da primeira representação.

42 Exigiam a convocação de um Conselho Geral extraordinário. Em 9 de dezembro, quatro outras representações foram organizadas.

O Pequeno Conselho declarara as cartas anônimas como subversivas e proibira todas as assembleias. Isto só fez aumentar as manifestações lideradas por François Terroux, Jacques Batard e Frédéric Soret. Devido a reação, o Pequeno Conselho recua e diminui os impostos. São os nomes desses líderes que nos interessam: François Terroux, o chefe do movimento, habitava no nº 15 da rua de Coutance, no segundo andar da casa à qual Isaac Rousseau ocupava o terceiro. Na casa vizinha habitava François Badoollet, um outro líder da agitação de 1707. No número 20 morava David Rousseau, o avô de Jean-Jacques e na casa de Abraham Cassin, um dos chefes das representações. Tais eram os vizinhos e conhecidos da família Rousseau. O que eles pensavam, o que liam?

O trabalho de Launay consegue, através de fontes de inventários, reconstituir as pequenas bibliotecas que dezessete artesãos genebrinos possuíam no século dezoito, mostrando a proximidade desses com a casa de Isaac Rousseau e, quando possível, o parentesco. O autor levanta o nome de dezessete genebrinos de Saint-Gervais, sendo eles líderes dos levantes de 1707, 1718 e 1734 que de algum modo eram muito próximos aos Rousseau. A tese de Launay, então, desvela os vínculos orgânicos entre esta classe que aos poucos vinha se desenvolvendo com o jovem filósofo. De outro lado, *“l’existence d’une littérature politique circulant dans ce milieu très restreint et très uni. Il nous invitent à ne pas nous hâter de penser que J-J<sup>43</sup>”*, ao falar que lia os clássicos no ateliê de seu pai, fazia algo além do que uma homenagem filial. *“La seule affirmation que nous devions récuier est celle qui présente<sup>44</sup>”* Isaac Rousseau ensinado seu filho a ter respeito aos Magníficos e Honrados Senhores: *“nous avons vu qu’au contraire Isaac a donné à son fils l’exemple d’une rébellion un peu brouillonne”*, forte em palavras *“mais peu efficace, puisqu’elle se termina par la fuite<sup>45</sup>”* (LAUNAY, 2009, p. 24).

Portanto, após entendermos estes textos, sobre o emprego que Rousseau faz da palavra “povo”. Há certa confusão, pois às vezes não diferencia povo e populacho. Ele escrevia, por exemplo: *“Né dans une famille que ses moeurs distinguaient du peuple je n’avais reçu que des leçons de sagesse et des exemples d’honneur de tous mes parents<sup>46</sup>”* (LAUNAY, 2009, p. 25)". O grupo social de artesões de Saint-Gervais se distinguia, mas não se separa do povo que guiava na luta contra os aristocratas. Sua visão de sociedade era estruturada e não variava. Genebra e França eram constituídas por três estados que não coincidem exatamente com os “estados do mundo feudal” (clero, nobreza e terceiro estado), já são classe, segundo Launay, entendendo que o termo classe não é anacrônico. Ele era utilizado na Genebra do século XVIII como estado ou estamento, *“ces classes ou états se définissaient par leurs*

---

43 *A existência de uma literatura política circulando nesse meio tão restrito e unido nos convida a não nos apressarmos em pensar que Jean-Jacques.*

44 *A única afirmação que deveríamos declinar é aquela que apresenta...*

45 *Nós vimos que, ao contrário, Isaac dá a seu filho o exemplo de uma rebelião um pouco confusa (...) pouco eficaz, pois termina com a fuga.*

46 *Nascido numa família, cujos costumes distinguiam daqueles do povo, não recebia nada além que lições de sabedoria e exemplos de honra de todos meus parentes.*



*antagonismes, leur conflit, leurs contradictions, em fonction de leur rôle dans la vie éconoiqe et politique du pays*<sup>47</sup> » (LAUNAY, 2009, p. 25).

*La classe du haut ... est celle des « gands » et des « riches » ; elle s'efforce d'accaparer le pouvoir politique et doit pour cela étouffer progressivemnet les traditions démocratiques et républicaines. ... Il y a donc un antagonisme absolu et sur deux plans, selon Jean-Jacques, entre la classe du haut et le peuple : sur le plan économique et social, le luxe des grands et des riches est la cause essentielle de la misère et de l'immoralité du bas peuple ; l'état médiocre, la classe des artisans, a de ses droits et de ses devoirs. La classe du milieu, à Genève, se réduit à celle des Artisans, ... les horlogers.*

*L'état du bas, la populace, la canaille, comprend les ouvriers ou manouvriers, les soldats mercenaires, les paysans pauvres, les valets et laquais, les apprentis et compagnons qui ne sont pas héritiers d'un maître-artisan, enfin ce monde indéfnissable et instable des "gueux", des chômeurs et des mille professions qui ne nourrissent pas leur homme. Il y une connivence secète entre les deux extrêmes, entre la canaille des valets et celle des grands seigneurs : la domination et le luxe de ces derniers à besoin un accord tacite selon lequel les uns et les autres ont le droit de se voler récipoquement, `condition "de ne pas trop exagérer". Politequement nous verrons qu'à Genève même les aristocrates tentèrent constamment d'étendre leur povvor em divisant le peuple em acetant réellement les gens du bas qui acceptaient de se vendre ou qui étaient assez affamés pour s'y résigner : les "Mammelus" n'ont pas d'autre origine. (LAUNAY, 1974, p. 35)<sup>48</sup>.*

Portanto, a obra e a vida de Rousseau, ao serem estudadas com a metodologia correta, desvelam a conflitualidade das classes na aparente harmonia de Genebra. Rousseau, enquanto intelectual orgânico de uma classe, expande a visão desta em sentido universal, na forma da defesa de uma democracia igualitária radical. Contudo, só após a revolução francesa é que o domínio dos aristocratas do Pequeno Conselho tomou seu golpe derradeiro, como veremos ainda neste capítulo.

### 2.1.3 Etapa final da revolução burguesa na Suíça

No século XVIII, a *Diète federal*, o único órgão de união dos estados confederados, funcionava mais como um encontro de embaixadores do que como um órgão legislativo ou executivo. Toda decisão deveria voltar para aprovação dos governos cantonais. Além do não existir nenhuma autoridade para fazer valer as decisões que viessem a ser aprovadas. Também não havia exército

47 Essas classes ou estados se definiam por seus antagonismos, seus conflitos, suas contradições em função de seu papel na vida econômica e política do país.

48 A classe do "alto"... é aquela dos "grandes" e dos "ricos", que se esforça em monopolizar o poder político e deve por isso acabar progressivamente com as tradições democráticas e republicanas... Há, então, um antagonismo absoluto e sobre dois planos, segundo Jean-Kacques, entre a classe do alto e a do povo: sobre o plano econômico e social, o luxo dos grandes e dos ricos é a causa essencial da miséria e da imoralidade dos mais baixos. O estado medíocre, a classe dos artesões, tem seus direitos e seus deveres. A classe do meio, em Genebra, se resumia aquela dos artesões e relojoeiros.

federal e, com exceção de Berna, nem investimentos em arsenais ou pessoal. Caso ameaçados, havia a confiança no antigo pacto confederado, porém, os cantões não tinham como mandar um contingente necessário. Portanto, a confederação não possuía nenhum órgão central de controle.

No século das luzes, a Suíça foi inundada por elas. Uma parte das classes dirigentes aderiu aos ideais de liberdade e igualdade, não apegados mais a seus direitos, mas pouco dispostos a lutar pelo seu fim. Outra parte das oligarquias se fecha em seu conservadorismo, não querendo abrir mão de nenhum de seus privilégios. Formam-se dois partidos nos Conselhos.

Frente a esta contradição, alguns cidadãos apelaram para o patriotismo como meio de manter e fomentar o confederalismo e o vínculo nacional que ultrapassasse as barreiras cantonais e confessionais. Foi fundada a “Sociedade Helvética”, mas a iniciativa não teve muitos frutos, a população mantinha-se apática frente a séculos de vida rústica e preocupações locais.

Às portas da Revolução Francesa, de 1789, a Suíça era um país formado por 13 cantões, que eram (a ordem de relevância e força): Zurique, Berna, Lucerna, Uri, Schwyz, Unterwald, Glaris, Zoug, Basiléia, Friburgo, Soleure, Schaffhouse e Appenzell (dividido em dois semicantões). Contava uma série de países aliados, protetorados e um conjunto de países dominados. Entre os países aliados temos Saint-Gall, as comunidades do Grison, o Valais, Bienne e Mulhouse. Entre os protetorados temos Gersau, Toggenburgo, Neuchâtel e Genebra.

Neuchâtel, apesar de ser propriedade do rei da Prússia, titulado como príncipe de Neuchâtel, possuía um vínculo muito forte com a Confederação, ligada por uma aliança de séculos. Enquanto, Genebra, a cidade de Calvino, tinha uma aliança somente com Zurique e Berna. Os outros cantões, principalmente os católicos, não aceitavam a entrada da “Roma protestante” em sua confederação. No mais as cidades aliadas e os protetorados não possuíam direito a delegação na “*Diète federal*”. Entre os territórios dominados, podemos apontar os territórios do Jura, o País de Vaud e a Argovie.

Temos então uma Confederação muito complicada. A soberania fragmentada, resultado da decomposição do feudalismo, passando por várias mãos, decorrente de muitos acasos, como compras, conquistas. A sobrevivência do direito costumeiro e de uso que todos se submetiam, era também mais um ingrediente desta complexa confederação. Gilliard (1949) se vale de um provérbio latino, para explicar a manutenção da Suíça: “*confusio hominum divinitus servata*”. Tamanha confusão, só a divina providência conseguia manter em pé.

A Revolução Francesa, em 1789, chacoalhou toda Europa e a Suíça não demorou a ouvir sentir seus ecos. Os homens cultos se entusiasmaram por seus princípios de igualdade e abolição dos privilégios. Manifestações marcaram o aniversário, em 1790 e 1791 da queda da Bastilha, principalmente nos países dominados, como o País de Vaud. Para barrar um possível levante, Berna não demorou a deflagrar uma forte repressão.

A imigração, principalmente de padres franceses para a Suíça, jogou um papel relevante para o descrédito dos revolucionários. Relatavam a violência e a perseguição. O avanço dos franceses sobre a Savoie, em 1792, torna o clima geral de apreensão, sendo que a Suíça não declara a guerra por falta de força militar, mas mantém a postura de defender Genebra de uma possível anexação. Os franceses, neste mesmo ano, tomam o convento da Basileia.

Com a repercussão da violência instituída pelo “Terror” e com a guerra civil, as ideias revolucionárias viram-se muito desacreditadas por todos os cantões. Porém, manteve-se a neutralidade da Suíça, sem nenhum incidente bélico.

A situação toma um novo rumo com o Diretório (1795-98), por dentro e por fora, a revolução parece triunfar. Napoleão Bonaparte (1769-1821), toma a *Valtellina*, anexando-a a República Cisalpina do Grison e proclama que nenhum povo deve ser dominado por outro. “*Cette formule frappante ébranlait les bases mêmes du droit public au sein de la Confédération* » (GILLIARD, 1949, 59)<sup>49</sup>.

A França, após o fim da guerra com a Áustria<sup>50</sup>, muda sua diplomacia para com a Suíça. Seria necessário, para os franceses, que a neutralidade Suíça acabasse, pois tornara-se algo prejudicial. Na Suíça, as forças reacionárias, os agentes ingleses e as aristocracias, avançam de modo ativo. A República Cisalpina encontrava-se exposta, era necessário, para Napoleão, abrir um caminho direto entre Paris e Milão.

A França, de modo muito hábil, utilizou as ideias novas como um meio de propaganda e desestabilização dos antigos regimes. Ela defendia que os antigos regimes de vassalagem e servidão deveriam ser abolidos, fundando-se em seu lugar repúblicas. Precisava, então, revolucionar a Suíça. Foi assim que a congregação da propaganda revolucionária com os interesses políticos da França.

Pretextos para a invasão foram muitos, principalmente o fato da presença inglesa. Porém, o Diretório se valeu do “Clube helvético”<sup>51</sup> dos refugiados suíços em Paris, para propagandear a revolução. Jogou um papel importante neste momento o suíço Pierre Ochs (1752, 1821)<sup>52</sup>, homem rico

49 Esta fórmula retumbante lança as bases do direito público no seio da Confederação.

50 O Armistício de Leoben e a Paz de Campo-Formio, ambas em 1797.

51 O Clube revolucionário, Clube helvético de Paris (seu nome completo) é formado por “patriotas suíços”, em sua maioria refugiados friburgenses, vindos após o levante de Chaux (1781). Na França, crítica o regime aristocrático dos cantões, se reunindo próximo a Assembléia Nacional, nas casernas dos regimentos suíços de Paris e entre os jornalistas. Em 20 de maio de 1790, primeira vitória: a Constituinte decreta, contrário ao tratado de aliança franco-suíço em vigor, põe em liberdade dois galerianos friburgenses, condenados a servir na França, após o caso Chaux. O advogado Jean Nicolas André Castella quem redigiu a maior parte dos escritos do clube, ajudado por outros friburgenses, como o advogado François-Joseph Rey, ou o mercador de vinho François Roullier, um dos fundadores. A primeira sessão oficial ocorre em 6 de junho de 1790. Apesar dos prósperos debates, o clube é esvaziado pelas deserções: os suíços de condição modesta por razões financeiras, os soldados para evitarem serem acusados de alta traição. Enfim, as dissensões fazem com que os dirigentes do clube fechem suas portas em 3 de agosto de 1791. (DHS, 2016), Disponível em: <http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F17214.php>.

52 Em 1797, foi chamado a Paris por Bonaparte, sob pretexto de negociar a questão Fricktal. Quando o Diretório exigiu uma reorganização da Suíça. Ele se sente convocado a empreender uma revolução sem o

e importante na Basileia, um grande entusiasta de todo o processo revolucionário. « *Persuadé que l’Ancien Regime était contraire à la raison, il était prêt à tout pour le faire disparaître* » (GILLIARD, 1949, p. 62)<sup>53</sup>. Tinha como propósito renovar as instituições de sua pátria. Outro homem importante, neste processo de difusão ideológica, Frédéric-César de La Harpe (1754, 1838)<sup>54</sup>, do País de Vaud. Advogado de família rica imigra para França para fugir do domínio bernense, Laharpe entra no Clube Helvético de Paris. A França fomentava esses grupos de suíços patriotas alinhados com as ideias da revolução para conseguir avançar o movimento revolucionário na Suíça. O Diretório apoiou uma revolta que se derruba o regime em Basileia, que seria a ponta de lança para derrotar as aristocracias da região.

As tentativas de levante revolucionário, no entanto, não deram certo e Paris apelou para força. Posiciona tropas perto da fronteira, para avançarem ao primeiro chamado dos “patriotas”. Mas, mesmo a independência de Lausanne, em 24 de janeiro de 1798, não consegue estabelecer um pretexto perfeito para invasão, foi feita com pouca ou nenhuma utilização das armas. Mas, por ocasião da morte de dois soldados franceses em Vaud, a invasão é feita pelo general Menard. Outra tropa toma os vales do Jura (protetorado de Berna).

A reação helvética foi nula, a *Diète* não teve nenhuma resolução. Somente Berna se opõe a ocupação. Frente a isto, o exército francês marcha sobre a capital bernense, após uma luta de algumas semanas, em 05 de março de 1798, acaba a antiga Confederação dos XIII cantões.

As resoluções foram as desejadas pelo Diretório, mas muito longe das que almejavam os patriotas suíços. Com a ocupação militar, o Diretório conseguiu tudo o que queria: passagem, recursos e contribuição. Já para os patriotas, a consolidação do “novo regime”, tornou-se mais impopular que o antigo<sup>55</sup>. Os partidários da revolução nunca passaram de uma minoria e a opressão francesa foi imposta com o nome de liberdade, impondo ao País uma constituição unitária e escrita em Paris. De fato, a Suíça tornou-se um país submetido à França.

---

derramamento de sangue, o ocorre somente em Basileia (janeiro de 1798). Contrariamente a Frédéric-César de La Harpe, ele não solicita a França que realize uma invasão, mas somente mobilize tropas na fronteira, para que funcionassem como catalizadoras. Esboça a constituição de uma “República helvética una e indivisível”, a pedido do Diretório. (DHS, 2016), disponível em: <http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F11674.php>

53 Convencido que o antigo regime era contrário a razão, faria de tudo para destruí-lo.

54 Após a morte de seu irmão Amédée (1796), solicitou a Berna a restituição de seus bens. O combate se transforma em reivindicação política La Harpe, exige de Berna a liberdade do País de Vaud. Pública as duas partes de seus “Essai sur la constitution du Pays de Vaud” (1796 e 1797)”. Em dezembro de 1797, envia uma petição ao Diretório, a qual coloca os habitantes do País de Vaud sob a proteção da França, isto marca o prelúdio da invasão francesa. La Harpe, luta pela constituição da República Helvética, em 29 de junho de 1798, é eleito membro do Diretório, posto do qual é cassado pelo golpe de Estado de 7 de janeiro de 1800. (DHS, 2016), Disponível em: <http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F15222.php>.

55 *A República helvética, se livrando dos antigos magistrados hostis ou suspeitos, convoca ao poder homens novos, sem experiência.* (GALLIARD, 1949, p.65).

A revolta eclode por toda Suíça, exceto nos antigos países dominados: Vaud, Argovie, que gozavam agora de independência. Os suíços revoltosos pedem ajuda aos Países anti-franceses e um conflito toma a Suíça, até que as tropas francesas conseguem, com a vitória em setembro de 1798, restabelecer seu domínio. Durante os três anos seguintes o destino dos suíços fica confuso, até que em 1802, Bonaparte intervem e impõe a mediação. As tensões desaparecem momentaneamente.

Sobre o ato de mediação<sup>56</sup>, é feita uma primeira consulta, convocando representantes de todos os cantões e das várias frações da Suíça. Esta consulta, que estabelece várias comissões, em que os representantes discutem com elementos designados por Bonaparte, resulta numa Constituição. Concretiza-se, então, o Ato de Mediação de 19 de fevereiro de 1803. A mediação consegue trazer a paz para um país marcado pela guerra civil.

A Suíça, sem Genebra, Mulhouse, Bienne e Valteline, sai quase intacta desta série de conflitos. Neuchâtel, continua próxima a Confederação. Dos antigos países aliados e sujeitos, surgem seis novos cantões: Saint-Gall, Grison, Argovie, Thurgovie, Tessin e Vaud. Somado aos cantões antigos, a federação helvética é formada, neste momento, por 19 cantões. O ato de mediação revê o elemento unitário e restabelece o federalismo. Cada cantão volta a ter sua própria constituição, seja para restabelecer no poder os antigos patrícios ou para instaurar a democracia direta dos camponeses.

Mesmo com o ato de mediação ter suprimido os antigos privilégios, a restituição no poder dos antigos representantes devolve o poder de mando aos antigos patrícios e determina a supremacia da cidade frente ao campo. Já nos cantões novos, nascidos da revolução, tomaram para si um modelo nela inspirado. Os novos cantões tornaram-se democracias representativas, suas constituições garantiam as liberdades essenciais, a repartição do poder e a igualdade perante a lei.

Esta federação tinha como elemento comum a *Diète federal*. Esta recebia delegados de todos os cantões, tendo os maiores cantões tinham direito a dois delegados. Tinha como único encargo definir os rumos da política externa. Garantindo sua segurança interna. Um elemento diferente é que a cada ano, um cantão tomava o direito de ser “cantão-diretor”. Com a assembleia ocorrendo em seus territórios e com o primeiro magistrado do cantão tomava para si o poder de presidente da seção.

Duas consequências do ato de mediação: 1ª trouxe uma coesão e uma paz interna de 10 anos; 2ª dado a obrigação de fornecer um batalhão de 16 mil homens para o exército de Napoleão, um tensionamento com a França começa. Dado o fato de que as guerras eram várias e os batalhões suíços, sempre ficavam mais expostos que os franceses, de modo que as baixas eram enormes. Sendo muito difícil para a Confederação manter este número, pediram, em meio as guerras, para diminuir a quantia para 12 mil.

---

56 Lei fundamental elaborada pelo “mediador”, Napoleão Bonaparte, e pela consulta que ele havia convocado em Paris. (DICTIONNAIRE HISTORIQUE DE LA SUISSE, 2016). Artigo hospedado em: <http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F9808.php>.

O tensionamento chega ao ápice e os suíços se negaram a mandar mais homens, o que fez Napoleão decidir pela anexação da Confederação ao território francês. Neste momento, o embargo econômico francês sobre os suíços pesou muito, pois tanto a produção agrícola, quanto a industrial entraram em crise. Eram impedidas, dado a política protecionista francesa, de comerciar com qualquer outro País que não fosse a França.

Mesmo com todos estes problemas, o governo helvético permanece fiel a Napoleão até a batalha de Leipzig (1813). Mesmo recebendo o chamado dos adversários da França, para uma aliança contra ela, a Suíça permanece numa neutralidade difícil de ser aceita pela “Santa Aliança”.

Frente a uma possível invasão por parte da Áustria, os suíços levantam seu exército mais como um gesto, um posicionamento, do que como ato de defesa efetivo. O exército helvético não poderia oferecer uma resistência aos 200 mil homens em suas fronteiras. A Suíça cai nos últimos dias de 1813. Terminado o Ato de Mediação os antigos governos retomam o poder sem nenhuma resistência.

Como em toda Europa, a reação triunfa na Suíça. Tudo que lembrasse a Revolução tinha que ser varrido. Assim, os antigos patrícios voltam ao poder nos cantões primitivos, querendo restabelecer o laço de domínio sobre os países sujeitados. Foi necessário, para que isso não ocorresse, uma ação ativa da diplomacia russa do Czar Alexandre. “*Le nouveau régime assura le triomphe du fédéralisme au sein de la Confédération et celui de la réaction au sein de chaque canton*” (GILLIARD, 1949, p,77)<sup>57</sup>. O novo pacto federal é adotado com aspectos arcaicos. Tornasse uma Confederação de Estados soberanos, com a única finalidade de defesa comum. Com exceção da *Diète*, a Suíça não possuía nenhum órgão soberano. O Pacto de 1815, assinado por 22 cantões, tinha pelo menos uma vantagem com relação ao antigo Ato: foi escrito pelos próprios suíços.

Além do que, depois de ter passado por toda tempestade revolucionária, a Suíça não teria como ser a mesma. Com medo dos poderes estrangeiros, os suíços estabelecem o reforço do exército federal. Compunha esta nova federação, Genebra, Basiléia, País de Vaud e a Argovie.

O Congresso de Viena, de 1815, estabelece a neutralidade perpétua da Suíça, necessária para segurança de toda a Europa. O País viveu uma era da prosperidade material. A máquina apareceu na tecelagem, construída por um suíço. Surge a indústria metalúrgica e a relojoaria suíça desenvolve-se na forma de uma indústria doméstica.

O modo de vida ascético dos suíços e os poucos encargos do Estado fizeram a indústria muito próspera. Os governos reacionários não ficaram insensíveis as necessidades e investiram na construção de rotas para o escoamento da produção. Viu-se também o aumento e prosperidade da produção de vinho, seda e grãos. O gado também aumentou. A agricultura cresceu a olhos vistos. Uma “indústria” muito nova no período também prospera: a hotelaria. Lugar muito procurado no inverno pelos nobres

---

57 O novo regime assegura o triunfo do federalismo no seio da Confederação e da reação em cada cantão.

de várias regiões da Europa, a Suíça, até então, era um País pobre, vendo o desenvolvimento econômico desconhecido até aqui.

A Suíça, neste momento, tem uma questão específica referente a tradição de acolhimento de refugiados políticos, revolucionários, de toda a Europa, mas marcadamente com muitos italianos e alemães.

*C'est une époque brillante pour l'Académie, ressuscite la Genève savante du XVIII<sup>e</sup> siècle. Cependant, de par sa tradition cosmopolite, la ville reste ouverte aux idées libérales et à sa réputation de terre d'asile : de nombreux chefs du Risorgimento italien y trouvent alors refuge, comme Giuseppe Mazzini qui organisera à partir de Genève une tentative d'invasion de la Savoie en 1834, laquelle échouera lamentablement et suscitera la colère des gouvernements réactionnaires de l'Europe (FRANCILLON, 1997, 12)<sup>58</sup>.*

A Santa-aliança de sua parte, exercia um tensionamento tão grande quanto no tempo de Napoleão. Os cantões custaram a acatar esta imposição estrangeira à nação. Contudo, o medo de uma ocupação fez com que tivessem que tomar providências contra os refugiados.

Nesse momento, os reacionários, fortes nos cantões de Berna, Soleure, Lucerna e Friburgo não admitiam facilmente que não seria possível reconstruir a Suíça do passado. Eram hostis aos novos cantões, cujo espírito da Revolução de 1789 os animava. A espionagem de um para o outro cantão não era incomum, assim como, a denúncia de qualquer atividade para Viena. Entre Berna e Vaud o clima era de guerra.

As antigas tensões religiosas voltaram a queimar: a intolerância se manifesta novamente. Os cantões católicos haviam declarado o catolicismo como religião de Estado. Nos cantões mistos a animosidade era presente. Para complicar a situação, havia uma completa diferença jurídica em cada cantão, sendo que, cada um tinha sua legislação, sua moeda, seu exército e sua bandeira. O direito de livre-circulação entre os cantões desaparece. Assim como o desaparecimento das liberdades individuais. Mesmo nos cantões protestantes não se tinha liberdade política, de pensamento e de culto.

As camadas intelectualizadas, atentas tanto a perda das liberdades, assim como, com seu patriotismo ferido, observava a fragilidade nacional frente ao problema da autoridade dos estrangeiros. Eram homens pertencentes às novas gerações, pertencentes às épocas da Revolução, e cujo antigo regime não possuía algum charme. Para eles, a liberdade e a unidade nacional, asseguraria a

---

58 É uma época brilhante para a Academia, ressuscita a Genebra sábia do século XVIII. Enquanto isso, segundo sua tradição cosmopolita, a cidade permanece aberta às ideias liberais e a faz jus a sua reputação de terra de asilo: numerosos chefes do *Risorgimento* italiano encontram refúgio ali, tal como Giuseppe Mazzini, o qual organizara, a partir de Genebra, uma tentativa de invasão da Savoia em 1834, que fracassa lamentavelmente e suscita a cólera dos governos reacionários da Europa.

independência do País. A bandeira federal da cruz branca se tornaria seu emblema (FRANCILLON, 1997).

Mesmo com quase todas as liberdades comprometidas, permanecia a liberdade de associação. O processo de organização dos patriotas está vinculado ao aparecimento de várias sociedades. Destacam-se quatro sociedades, sendo que, as mais intelectualizadas eram: a sociedade helvética de ciências naturais, sociedade suíça de utilidades públicas, a sociedade dos estudantes. Estas primeiras são pertencentes primordialmente aos intelectuais. A última, que agregava uma sorte grande de cidadãos é a “sociedade suíça de carabineiros”. O tiro era um esporte nacional praticado por todo cidadão. Foram os concursos de tiro federal as ocasiões em que se valiam para discursar sobre os assuntos relativos à pátria. Deste modo, o tiro teve um papel considerável na formação da nova Suíça.

Uma iniciativa tomada pela Diète era o curso de oficiais que reunia elementos de todos os cantões. Além da coesão militar das tropas, criou-se um vínculo estreito de ação e amizade entre os vários militares – elemento essencial para por fim às frágeis ligações do federalismo de 1815 (FRANCILLON, 1997).

Os ventos sopram favoráveis a esta chama que se produz dentro da Suíça. A queda de Charles X, na França, em 1830, marca a Europa com um novo ascenso revolucionário. Toda a *intelligentisia* suíça convoca a população para a luta. Eles exigiam assembleias constituintes, a partir de voto universal. As constituintes foram realizadas no começo de 1831, tendo que serem aprovadas por voto universal. Estabeleciam por toda Suíça a democracia representativa, sendo eleito um Grande Conselho, que elegeria um poder executivo. O Grande Conselho faria a lei e deliberava os magistrados do executivo e do judiciário (FRANCILLON, 1997). Mas o poder era dividido entre as câmaras. Ficavam garantidas todas as liberdades de imprensa, de petição, comercial e industrial. Instituíam-se o regime liberal, na Suíça.

Nos cantões novos, como haviam mantido muitos elementos do Ato de Mediação, pouco se sentiu nas mudanças liberalizantes. Já nos cantões arcaicos, houve uma profunda modificação. Chamou-se na época o processo de “*Régénération*”. Em que doze cantões foram renovados (FRANCILLON, 1997).

O mais notável desta regeneração é que ela sobreviveu à reação que toma força em toda a Europa em 1831. Somente a Bélgica e a Suíça permaneceram liberais, tornando-se novamente refúgio para os revolucionários derrotados. Dois problemas surgem imediatamente: primeiro, os cantões primitivos, não aceitavam os novos métodos de governo liberal, segundo Neuchâtel, antigo aliado dos cantões, que na teoria compunha a confederação, era propriedade do Rei da Prússia.

Em Neuchâtel, onde elementos semi-feudais de domínio ainda persistiam, produziu-se uma população nova e muito influenciada pelas ideias liberais. Surge um partido republicano de tendências



liberais, que fracassa em dois levantes revolucionários. O governo do principado, frente a isto, aumenta brutalmente a repressão. Estabelece-se uma tensão interna, que dura em torno de 20 anos.

Já na Basiléia, os patrícios da cidade se recusam a aceitar a igualdade com o povo inculto do campo. Se ensaia uma guerra civil cujo resultado foi a separação em dois cantões distintos: cidade de Basiléia e campo de Basiléia, em 1833.

Estes dois problemas, junto ao avanço da reação na Europa, fizeram cindir os liberais em duas perspectivas. Uma ala moderada que respeitava a soberania constitucional dos cantões e a outra que não admitiria qualquer oportunismo e retrocesso, de modo que seu programa reivindicava um maior movimento de regeneração e unificação. Os últimos ficaram conhecidos como “radicais”.

Voltando aos dois problemas da revolução de 1833, o primeiro, dos cantões primitivos, teve como grande ensejo à questão da educação. Dos cantões católicos e reacionários, procuraram os jesuítas para ministrar as aulas e definir os currículos. Um caso típico deste processo foi a luta entre a autoridade civil de Berna contra o clero católico do Jura.

A conjuntura estabelecida fez com que as forças se definissem. Os liberais moderados, por sua postura de não intervenção, não possuíam vínculos concretos com o povo inculto do campo – remontando a antiga aristocracia. Enquanto os radicais, cientes das ânsias do povo, estabeleceram uma política ativa de relação.

*Les radicaux, surent maintenir, au contraire, le contact avec les masses, soit que, autoritaires et égalitaires eux-mêmes par tempérament, ils eussent moins d'enthousiasme pour la liberté que pour le pouvoir; soit qu'ils eussent moins de scrupules à se servir des passions populaires* (GILLIARD, 1949, p.96)<sup>59</sup>.

Os radicais queriam algo objetivo: uma democracia completa, em oposição aos resquícios aristocráticos. Dada sua relação com os refugiados, principalmente com Mazzini e seus aliados, o triunfo dos radicais na Suíça estaria vinculado ao projeto da Nova Europa de Mazzini. A medida em que os radicais avançavam a Igreja Católica tomava mais o lugar de força reacionária. Condenava tudo o que os radicais tinham como verdadeiro, tal como, a democracia, a liberdade de pensamento, a tolerância, a escola pública, o estado laico. Colocava-se a Igreja claramente como “inimiga do mundo moderno”.

Começa, a partir de 1841, o processo que vai desencadear a Guerra Civil de *Sonderbund* (liga separada). No cantão de Argovie, quando o povo adota a constituição, ocorre um levante contra a nova organização. O governo radical acusa os conventos de serem os instigadores e os conspiradores, mandando fechar todos os conventos e mosteiros, levando os católicos a reclamarem o Pacto, que

---

59 Os radicais souberam manter, pelo contrário, o contato com as massas, sejam elas autoritárias e igualitárias, devido a seus temperamentos, (os radicais) possuíam menos entusiasmo pela liberdade do que pelo poder, de modo que não tinham escrúpulos em se servir das paixões populares.

garantia sua existência. Enquanto o governo radical de Argovie defende, também a partir do Pacto, seu direito à soberania, deixando a Diète de mãos atadas. Na Argovie, os radicais restabelecem a existência dos conventos femininos, por falta de provas e ligações. Os católicos permaneceram descontentes e os radicais reprovaram a atitude dúbia da Diète, que, a seus olhos, parecia apoiar a reação.

Em Lucerna, o fervor católico consegue derrubar o governo liberal, revertendo a “regeneração”. Dado isto, os laicos do Grande Conselho (não o clero), deram o direito a administração e ao ensino, das escolas secundárias, aos Jesuítas. Friburgo e Valais, possuíam escolas Jesuítas, também. Como soberanos, poderiam disponibilizar a quem quisessem o ensino das crianças. O problema é que Lucerna era um cantão grande e politicamente relevante: o maior cantão católico. Além do que, era um dos cantões diretores, dois de cada seis anos presidiria a Diète. Os Jesuítas eram a encarnação dos reacionários ultramontanos.

Além do mais, esta repentina tomada de posição, em meio à crise que passava Argovie, parecia muito estranha e proposital aos olhos dos radicais. Nos cantões protestantes, a opinião pública queria a expulsão dos Jesuítas. Mas a Diète continuava de mãos atadas, não possuía meios legais de intervir no problema.

A situação se agrava. Os radicais formam corpos francos de voluntários para derrubar o governo de Lucerna, ação que fracassa miseravelmente. Os católicos têm uma justificativa para se reagruparem, então em 1845 unem-se: Lucerna, Uri, Schwyz, Unterwald, Zoug, Friburgo e Valais. Em vias de defender seu direito e seus territórios, formam uma liga separada (Sonderbund). Não era em absoluto contrária ao Pacto, apesar do artigo que proibia ações e agrupamentos contra a Confederação.

Tentando defender sua integridade, esta liga colocou toda a Confederação com a sensação de guerra civil. O ponto mais grave foi à aliança de Sonderbund com elementos reacionários do estrangeiro como Louis-Philippe, rei da França e Metternich, ministro do Império Austríaco. Estes prometeram apoio diplomático e armas, contra os radicais.

Em meio ao perigo claro de guerra, os liberais demoraram a se posicionar e não quiseram ter responsabilidade. Estavam presos a seus sentimentos. Enquanto a opinião pública tornava-se mais ansiosa frente a possível intervenção estrangeira no país, titubeantes os governos liberais foram substituídos, por voto, por radicais. Em 1847, os radicais, obtiveram a maioria na Diète. Um total de 12 cantões radicais.

A Diète, encabeçada pelos radicais, declara Sonderbund contrária ao Pacto e exige sua dissolução, em julho de 1847. Os cantões católicos se recusam e a guerra civil estoura em 04 de novembro de 1847. A disposição de força era absurdamente desfavorável para os católicos. O exército federal, comandado pelo General Dufour, que não era um radical, na verdade, era um homem fiel a

Confederação. Dufour possuía a sua disposição uma boa quantidade de recursos e homens treinados. Já os cantões católicos, além de separados entre si, tinham tropas insuficientes e dispersas. Apoiavam-se na ideia de uma possível intervenção estrangeira. A estratégia do general Dufour foi perfeita:

*Pour prevenir toute intervention étrangère, Dufour agit avec rapidité ; l'armée fédérale se présent devant Fribourg avec une telle supériorité numérique que toute résistance devenait impossible ; après la capitulation de Fribourg, elle marcha concentriquement sur Lucerne, qui capitula à son tour après un Seul combat (24 novembre). Em trois semaines le Sonderbund avait été vaincu et il déposait les armes (GILLIARD, 1949, p.104)<sup>60</sup>.*

A vitória foi tão rápida que quando os embaixadores da França, Áustria e Inglaterra ofereceram sua mediação, o conflito já havia se encerrado. Foi fácil para os radicais desarticularem as intervenções estrangeiras, pois afinal a guerra civil havia acabado. A operação foi feita de tal modo que nenhum excesso foi feito na guerra, de modo que a reconciliação se tornou possível.

Os homens de estado radicais começaram aí o movimento de revisão do Pacto de 1815, pela necessidade que a minoria se sujeita-se a democracia, que se mostrou uma necessidade prática. Os vencedores exigiam dos vencidos o apoio a está revisão do Pacto Federal (FRANCILLON, 1997).

A ameaça estrangeira ainda persistia por parte de Viena que ensaiava uma intervenção, contra uma suposta “falsa derrota” de *Sonderburd*. Mas, antes que pudessem se preparar, estoura a Primavera dos Povos de 1848. Em Paris em fevereiro de 1848, começa o movimento que vem a tomar toda a Europa. Com os governos reacionários derrubados, a Diète pode trabalhar em paz.

Porém, no momento revolucionário em que muitos países tomavam as bandeiras dos radicais, a Suíça encontrava-se numa posição delicada, porque as novas Repúblicas solicitavam o apoio ativo suíço na luta pela liberdade e a igualdade. Contudo, a delicadeza das relações de forças internas impediu a realização de uma ação externa. Votou-se, na *Diète*, pela manutenção da neutralidade. Mesmo assim, mesmo sem uma tomada de posição oficial do Estado, a opinião pública suíça apoiava ativamente os revolucionários. Tendo até muitos voluntários lutando na Itália, assim, após as derrotas, receberam calorosamente os refugiados.

Uma nova constituição foi elaborada em 1848. O que foi definido como central é que o federalismo seria mantido de outro modo. Os cantões teriam uma soberania partilhada com a federação. Competia ao Estado federal, qualquer tratado com as forças estrangeiras, cunhar a moeda, definir as tarifas aduaneiras e ser soberano com relação ao exército. As constituições cantonais

---

60 Para prevenir qualquer intervenção estrangeira, Dufour age rapidamente: o exército federal se coloca frente a Friburgo com uma tal superioridade numérica que toda resistência se tornou impossível, após a capitulação de Fribourg, o exército marcha imediatamente sobre Lucerna, que capitula após um combate (24 de novembro). Em treze semanas o *Sunderbund*, foi vencido e depõe as armas.

poderiam ser republicanas ou democratas, mas deveriam passar pela aprovação federal. O Estado poderia, portanto, finalmente intervir nas particularidades para promover o bem comum.

Havia um poder soberano executivo, um colegiado composto por sete membros: Conselho Federal. A presidência era alternada entre esses membros, sem poder ser reeleito. Para o poder legislativo adota-se um estilo muito parecido com o americano. O poder legislativo ficava então dividido em duas casas: A primeira, o Conselho nacional, eleito pelo povo (um deputado a cada 20000 habitantes), a outra, o Conselho de Estado, composta por 44 deputados, dois por cantão. As duas câmeras reunidas elegeriam o Conselho Federal e em tempos de guerra o chefe do Exército.

Ficou assegurado aos cantões o domínio sobre a justiça, a educação e os cultos, porém, sendo garantido a todos as liberdades de crença e do cristianismo, entre outras. Era vedada aliança entre cantões, exceto que passassem por crivo federal. A Confederação proibiu a ação dos Jesuítas e entidades a eles afiliados.

Novamente a Suíça passa por uma fase de bonança, agora com a liberdade e a coesão como regra. Com a influência da ciência moderna fundam-se muitas universidades cantonais. Entre elas, temos a Escola Politécnica de Zurique, na qual o jovem James Guillaume viria a estudar no final da década de 1850. A Universidade de Zurique se tornou um pólo de referência, cujos estudantes da Europa inteira atraía.

O problema político de Neuchâtel se resolve em meio ao conflito da Primavera dos Povos, aproveitando-se dos tumultos na Prússia. Com muito tato diplomático da Inglaterra e da França, a questão se resolve sem guerra. Até 1860, a Suíça possuía dois vizinhos fortes: a França e a Áustria. Que mantinham sua influência sobre muitos pequenos estados. Após a virada da década de 1870, viu o surgimento de outros dois grandes estados, que viria a tencionar o equilíbrio da região: Alemanha e Itália.

O movimento operário na Suíça, na década de 1860 toma boa parte da suíça. Vê-se um sucesso significativo das vertentes anarquistas nas montanhas de Neuchâtel, que tinha em James Guillaume (1844, 1916), um de seus líderes.

## **2.2 As origens do internacionalismo operário**

### **2.2.1 Apontamentos Históricos sobre a Revolução Burguesa**

Para falarmos de internacionalismo operário, devemos situar o que é a relação capital-trabalho. Contradição fundamental da sociedade surgida das conflituosidades que tomam o palco do fim do século dezoito. Uma revolução social das bases econômicas, cujo marco histórico é a Revolução

Industrial iniciada em torno de 1780, que teve como “ponta de lança”, a economia inglesa, às superestruturas políticas, de tal modo que a célebre Revolução Francesa de 1789 é o marco histórico (HOBSBAWM, 2007). Realiza-se a unidade dialético-histórica do processo revolucionário burguês na Europa. Posto isso, percebemos que se trata, propriamente de uma revolução econômico-político de caráter internacional e nacional. Ocorrendo em terrenos próprios de um país e outro, repercutindo e se unindo num movimento único que pode ser sintetizado na luta pela derruba do chamado “*ancien regime*”.

Nesse campo de batalha histórico formou-se, a ferro e fogo, a sociedade moderna, ou seja, na medida em que a burguesia foi se consolidando enquanto classe hegemônica, através do modo de produção moderníssimo, que é a sua própria forma sociometabólica. Produziu o desmonte da economia feudal e mercantilista e fez surgir concomitantemente a exploração capitalista e as classes trabalhadoras. O hiato entre luta contra a aristocracia e luta contra os trabalhadores é historicamente irrisório para a burguesia, pois em nossa chave analítica, a revolução burguesa, em seu modelo clássico (o francês) tem seu término no período de esmagamento das classes trabalhadoras – no massacre à Comuna de Paris, no ano de 1871. Um processo de luta contínua de oitenta anos, entre 1789 até 1871 (GRAMSCI, CC13, 2002.). Pode-se dizer que quando se empurra a luta de classes pela porta, ela entra pela janela. Enquanto a nobreza derrotada era submetida por uma nova classe, que ascendeu à posição de classe dominante, esta passava a lutar para a manutenção de sua própria existência contra os carrascos que ela mesma produzira: o proletariado.

### **2.2.2 A Burguesia e o Conflito Revolucionário**

As classes surgem historicamente dentro de um modo de produção específico, sob a dominância de classes no poder e portando uma tarefa histórica intrínseca a sua própria existência. Talvez a maior ode à burguesia esteja sintetizada no Manifesto do Partido Comunista, por mais contraditório que pareça. Marx e Engels trazem à tona, em suas penas, o explosivo parto de uma era.

Vemos, pois, como a burguesia moderna é ela própria o produto de um longo curso de desenvolvimento, de uma série de revolucionamentos no modo de produção e de troca (MARX et ENGELS, 1997, p.31).

De modo que, saindo das garras da dominação direta da monarquia, da nobreza e da igreja, ela “conquistou por fim, desde o estabelecimento da grande indústria e do mercado mundial, a dominação política exclusiva no moderno Estado representativo”. Um Estado de tipo novo, vinculado a burguesia,

fazendo d “O moderno poder de Estado, [...] uma comissão que administra os negócios comunitários de toda a classe” (MARX et ENGELS, 1997, p. 33).

Segue desse comentário inicial, que marca a transição do ancién regime ao moderno Estado capitalista, um elenco de características revolucionárias da ação burguesa:

1ª “lá onde ela chegou à dominação, destruiu todas as relações feudais, patriarcais e idílicas”. Pois, rasgou os laços feudais, subordinação direta do servo ao senhor, estabelecendo somente o cálculo frio como mediação. “Resolveu a dignidade pessoal no valor de troca, e no lugar das inúmeras liberdades bem adquiridas e certificadas pôs a liberdade *única*, sem escrúpulos, de comércio” (MARX et ENGELS, 1997, p.31).

2ª “despiu da sua aparência sagrada todas as actividades até aqui veneráveis”, todos os homens desprovidos de posse tornaram-se “trabalhadores assalariados” (MARX et ENGELS, 1997, p.31).

3ª “arrancou à relação familiar o seu comovente véu sentimental e reduziu-a a uma pura relação de dinheiro” (MARX et ENGELS, 1997, p.31).

4ª “ela quem primeiro demonstrou o que a actividade dos homens pode conseguir. Realizou maravilhas completamente diferentes das pirâmides egípcias, dos aquedutos romanos e das catedrais góticas, levou a cabo expedições completamente diferentes das antigas migrações de povos e das cruzadas” (MARX et ENGELS, 1997, p.31).

5ª Ela “não pode existir sem revolucionar permanentemente os instrumentos de produção, portanto as relações de produção, portanto as relações todas as relações sociais” (MARX et ENGELS, 1997, p.32).

Ao se falar da revolução burguesa, deve-se entender que é inerente à sua própria existência a revolução permanente dos instrumentos de produção e das relações sociais. Pois, o mundo feudal é marcado pelas relações ossificadas, estáveis e ritualísticas. A ascensão da nova classe dominante fez com que “todas as relações fixas e enferrujadas, com seu cortejo de vetustas representações e instituições sejam dissolvidas”, assim como, “todas as recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se” (MARX et ENGELS, 1997, p.32). Por fim, em poucas palavras, tudo que é sólido e duradouro, tudo que é medieval, frente a necessidade da burguesia, desmancha no ar.

Marshal Berman (2010), estabelece como traço característico da modernidade, em seu livro que leva o nome “tudo que é sólido desmancha no ar”, uma sensação de instabilidade estável, ou mesmo, estabilidade instável. Somos ligados ao mundo inteiro pelo mercado mundial, enquanto vezes as antigas tradições serem rasgadas. A burguesia inaugura a modernidade e com ela a própria condição moderna. Mas, cabe aqui refletirmos, como esse movimento historicamente se deu.

Adotamos o ponto de vista metodológico de autores como Del Roio, em seu livro *O Império Universal e seus Antípodas*, entendendo que o processo histórico denominado Revolução Burguesa foi

constituído ao longo dos séculos XVII, XVIII. Este processo, cuja característica central é a consolidação de um bloco histórico, produzindo alguns elementos centrais, como a generalização das relações mercantis capitalistas, a formação de Estados nacionais, com a explicitação jurídica das dimensões pública e privada das relações sociais e a configuração do liberalismo como nova visão coesiva do mundo que se funda na autonomia do econômico na ação individual dentro da “ordem natural” (DEL ROIO, 1998, pp. 66).

Portanto, a burguesia constrói sua concepção de sociedade civil e de Estado ao estabelecer seu domínio, através de dois “planos” superestruturais articulados. A sociedade civil é lugar do conjunto de aparelhos privados de ideologia, enquanto o Estado é o exercício direto da coerção. Devido à necessidade histórica da burguesia em articular um fundamento de coesão interno, não diretamente coercitivo (fora do Estado), com vias a exercer sua hegemonia sobre as classes subalternas, um Significante-Mestre teve de ser desenvolvido para conseguir o “consenso espontâneo das massas” (GRAMSCI, CC12, 2011 p 21). Em meio à queda da tradição feudal, a burguesia fundou o conceito de Povo-Nação, abrindo caminho para o governo em nome do povo. O povo aqui é um constructo abstrato de igualdade jurídica de todos os indivíduos sob um Estado, independente de seu nascimento, em oposição às concepções estratificadas da nobreza. Os homens sob o Estado Burguês, condenados a liberdade e a sorte de suas capacidades de alcançar a propriedade ou de serem apropriados por outros “mais capazes”, justificativa da elite econômica existir enquanto tal devido seu mérito, por meio da disputa das racionalidades econômica. Convence, nesta chave ideológica, os elementos dos grupos sociais subalternos que seu lugar na sociedade decorre de suas incapacidades individuais.

Uma nova classe no poder exige historicamente uma nova forma de Estado, desenvolvendo uma ideologia própria, abriu-se o caminho para a estrutura de dominação: o Estado Liberal. Esse se firmando soberano representante de um povo nação (DEL ROIO, 1998). Sua hegemonia, nesse processo, é feita pela construção da consciência nacional-popular. No século dezenove, em que a burguesia emerge enquanto classe dominante, muitos movimentos nacionalistas eclodem, tais como os da Unificação alemã (1871), o ressurgimento italiano (1870), entre outros.

O Estado-Nação surge devido à necessidade do “vácuo” ocasionado pelo fim da soberania baseado na figura do Rei monarca, cuja qual constituía o elemento de coesão interno do Estado e do território. Assim como um dos elementos ideológicos centrais no que se refere à legitimidade da soberania do Estado, pois o regime tinha como fundamento de seu reinado a ideia de uma “benção de Deus” sobre o monarca<sup>61</sup>. Ao decapitarem o rei, nos processos revolucionários, cortaram junto toda essa legitimidade transcendente. Tal era a profundidade da derrubada dessa legitimidade, que:

---

61 Expressão como “*God Save The Queen*” representa perfeitamente essa ideologia do antigo regime.

Saint-Just disse em novembro de 1792: “todo rei é um rebelde e um usurpador”. Esta frase é a pedra angular da política emancipadora: não há nenhum rei “legítimo” que possa substituir o usurpador, já que *ser rei é por si uma usurpação*, no mesmo sentido que para Proudhon a propriedade é, por si, um roubo. Temos aqui a “negação da negação” hegeliana, o passo da negação direta-simples (“este rei não é legítimo, é um usurpador”), a autonegação intrínseca (um “rei legítimo” é um oxímoro, já que ser rei é uma usurpação) (ZIZEK, 2007, p. 37).

Fica explícito a ruptura revolucionária da fundação de um novo Estado. A própria ideia de um rei era uma usurpação, isto é, a revolução burguesa precisava eliminar os elementos basilares da antiga ordem, pois estes já pertenciam a uma era sem vínculos orgânicos com o mundo que se firmava. “Por isso, para Robespierre, o julgamento de Luis XVI não era um julgamento em absoluto (ZIZEK, 2007, p. 38)”. Robespierre, um dos dirigentes do jacobinismo, entendia a necessidade histórica do Terror, além, de perceber que o movimento histórico era tão abrupto nem fazia sentido levar Luis ao tribunal, como podemos observar em um de seus discursos:

Não existe aqui processo algum a ser iniciado. Luís não é um acusado. Vós não sois juizes. Vós sois, vós não podeis ser outra coisa além de homens de Estado e os representantes da nação. Não tendes uma sentença a proferir a favor ou contra um homem, mas uma medida de salvação pública a implementar, um ato de providência nacional a exercer.

Luís foi rei, e a República está fundada: a famosa questão que vos ocupa decide-se por estas únicas palavras. Luís foi destronado por seus crimes; Luís denunciava o povo francês como rebelde e convocou, para castigar esse povo, as armas dos tiranos seus confrades. A vitória e o povo decidiram que somente ele era rebelde: Luís não pode, portanto, ser julgado; ele já está condenado, ou a República não está absolvida. Propor o julgamento de Luís XVI, de qualquer maneira que seja, é retroceder ao despotismo real e constitucional: é uma idéia [sic] contra-revolucionária, pois significa colocar a própria revolução em litígio. Na verdade, se Luís pode ser ainda objeto de um julgamento, há a possibilidade de ser absolvido; e pode ser inocente ainda. Eu afirmo! Presume-se que seja inocente até que seja julgado. Mas se Luís for absolvido, pode-se presumir que Luís é inocente, o que ocorre com a revolução? (ROBESPIERRE, 2007, p. 112-113).

Os jacobinos levaram a cabo sua tarefa histórica, sem medo que eles próprios perdessem a vida, mas a cabeça do rei caiu, levando com ela, além de sua coroa, as bases ideológicas de uma era (MAZZONI, 2015). A burguesia se ergueu contra o “*ancién regime*”, lutou contra o feudalismo, contra a monarquia absolutista, contra os exércitos dos tiranos, contra as concepções de manutenção desse mundo, impondo um novo modo de produção, um Estado formado à sua imagem e semelhança – com seus próprios elementos ideológicos. Em sua luta contra as nobrezas e as monarquias, a burguesia francesa, conclamou revolucionariamente a “guerra aos palácios, paz às cabanas”, um tipo específico de internacionalismo<sup>62</sup>.

---

62 “War to the Palaces, Peace to the Huts (STEKLOFF, 2018, on-line)”.



Mesmo destruindo as bases sociais do mundo feudal, a burguesia nunca teve um dia de calma, quando conseguiu redefinir o mundo criou sua própria contradição político-econômica. A sociedade construída surge portando o paradoxo fundamental do mundo moderno: o pauperismo que nasce do maquinismo (HALÉVY, 1979), ou, como diria Marx, “As armas com que a burguesia deitou por terra o feudalismo viram-se agora contra a própria burguesia. Mas a burguesia não forjou apenas as armas que lhe trazem a morte; também gerou os homens que manejarão essas armas – os operários modernos, os proletários” (MARX e ENGELS, 2008, p. 35). Neste sentido, com o avanço da revolução industrial, em meio as grandes revoltas operárias, que a expressão ideológica dessa contradição surge, ou seja, o socialismo, por meio tanto da escola de Robert Owen (1771-1858), quanto na escola de Fourier (1772-1837) e de Sant-Simon(1760-1825)<sup>63</sup>, vocalizaram os anseios dos povos que se encontravam sobre o julgo da exploração capitalista – surge aí o socialismo.

Apesar desse passo, ambas as escolas, em sua imediaticidade, não conseguiram fazer mais que uma crítica ao individualismo e dar como saída mundos imaginários organizados perfeitamente, dando-lhes um caráter utópico (ENGELS, 2014). Outro movimento de maior expressão prática e menos ideológica é o cartismo<sup>64</sup> inglês da década de 1830. Este tem grande influência na criação do *trade-unionismo* - o movimento sindicalista inglês - de grande expressão no século XIX e XX (HALÉVY, 1979).

---

63 A palavra *socialismo* surgiu quase simultaneamente na França e na Inglaterra, na década de 30 do século XIX, com um significado pouco preciso, mas, em geral, usada em oposição a individualismo; posteriormente, passou a ser associada ao movimento de formação de cooperativas, só mais tarde adquirindo seu conteúdo atual, para designar um sistema social contraposto ao capitalismo (TEIXEIRA, 2002, p. 27).

64 Em 1832 (na Inglaterra), recomeçaram as manifestações de rua e quando, em 1836, uma das crises econômicas recorrentes sobreveio e lançou ao desemprego milhares de trabalhadores, surgiu a Associação dos Trabalhadores (*Working Men's Association*). Em 8 de maio de 1838, a Associação divulgou a *Carta do Povo*, onde eram apresentadas, em seis artigos, suas reivindicações:

- Representação proporcional da população no parlamento e divisão do país em 200 distritos eleitorais, com igual número de habitantes;
- Renovação anual da Câmara dos Comuns;
- “sufrágio universal” (direito de voto para todos os homens com mais de 21 anos e residentes há mais de 100 meses no distrito eleitoral);
- Abolição do voto censitário; - escrutínio secreto;
- Remuneração para os deputados e sessões regulares do parlamento.

O movimento, que passou a ser conhecido como —cartismo após a apresentação desse documento, é o primeiro (...) exemplo de um movimento operário espontâneo com ideologia de classe. A associação só permitia o ingresso de operários, meio de não fazer aliança com os partidos burgueses, nem mesmo com o Partido Radical. Mesmo assim não constituiu um movimento socialista; achavam que a reforma política seria suficiente para melhorar suas condições materiais.

O cartismo continuou a crescer e a conquistar adeptos, realizando, em, 1840, um Congresso Nacional em Manchester. Em 1842, foi redigida uma petição, subscrita por três milhões de pessoas e encaminhada ao Parlamento, na qual se reivindicava: sufrágio universal, redução da jornada de trabalho, supressão das *poor laws* e fechamento das *working houses* [espécie de asilos destinados aos desempregados, pareciam-se mais com verdadeiras prisões e campos de concentração]. Diante da recusa do Parlamento à petição, foi decretada uma greve geral, que fracassou, levando o movimento a perder força (TEIXEIRA, 2002, pp. 22-23).

Essas concepções hegemonzaram o debate crítico ao capitalismo na Europa até a década de 1840, pois na França apareceram outras perspectivas. Proudhon (1809-1865) denunciaria a sociedade, colocando como seus inimigos: o Capital, o Estado e a Igreja, denunciando qualquer forma de governo como tirana. Ao mesmo tempo em que Blanqui (1793-1881) começa a propagandear a ditadura do proletariado e a necessária tomada de poder por uma minoria em nome das classes proletárias. Proudhon funda, por essa época, o mutualismo<sup>65</sup> e Blanqui, o comunismo.

Não menos importante, Marx, nessa mesma década, se aproxima e rompe com o mutualismo, cujo livro a Miséria da Filosofia, de 1846, é o símbolo do rompimento e a crítica ao mutualismo. Assinando sua adesão, no pensamento comunista, alguns anos mais tarde com sua entrada na Liga dos Comunistas e seu célebre *Manifesto do Partido Comunista*, em que gritava aos quatro ventos: “Trabalhadores de todo o mundo, uni-vos!”. Além do que, a década de 1840, termina com uma grande explosão, chamada: “Primavera dos Povos de 1848”. Chacoalhando toda a Europa e terminando com a repressão e o estabelecimento do bonapartismo na França. A década de 1850 é marcada por um ou outro movimento nacional, e pelo refluxo das lutas operárias e a tentativa de construção de uma ou outra organização como veremos mais a frente. Os anos 1860 são marcados pelo ressurgimento dos movimentos de resistência e greves operárias principalmente na Inglaterra e na França, assim como a Guerra de Secessão Americana e alguns conflitos nacionalistas como o movimento polonês contra o Império Russo, ou seja, é uma década de reviravoltas.

Em meio a todo esse cenário que vai da ascensão da burguesia, ou seja, ascensão do Estado Liberal, do individualismo econômico, do estabelecimento dos “povos-nação” e consecutivamente das origens do nacionalismo, compreende-se a construção do seu negativo interno, o trabalhador, e das ideologias e organizações que permeiam sua existência, entre elas o socialismo, cartismo, mutualismo, comunismo e *trade-unionism*, deve-se compreender o surgimento da Associação Internacional dos Trabalhadores – AIT (STEKLOFF, 2018). Essa foi criada em 1864, na Inglaterra, por operários ingleses, franceses e emigrados de vários países. Por ocasião da ida de uma delegação francesa a Inglaterra para a Exposição Universal.

A AIT foi uma organização de trabalhadores de vários países cuja pretensão de organizar sobre o mesmo espírito todos trabalhadores pelo incentivo e apoio a luta pela melhoria das condições de vida das classes subalternas, assim como pela emancipação dessas classes. Já em seu chamado inicial

---

65 O mutualismo é a concepção economico-política de Pierre-Joseph Proudhon. O mutualismo é a concepção individualista anti-burguesa, pois é pautado no desenvolvimento da liberdade através das relações de apoio mútuo. O Estado, como inimigo da liberdade individual deveria ser destruído, o Capital deveria ser reformado, e deveria imperar um sistema de Federação dos pequenos produtores, chamado por Proudhon, em seu livro Princípio Federativo, de livre federação dos produtores livres, assim como federação agrícola industrial. A atuação deveria ser pautada na construção de cooperativas e de federação dos produtores (PROUDHON, 2001).

anuncia que: “A emancipação dos trabalhadores é tarefa dos próprios trabalhadores”. Agrupava organizações locais e profissionais, sem contar as adesões individuais. Enfim, a associação conseguiu estabelecer seções inglesas, alemãs, francesas, suíças, belgas, italianas, espanholas e americanas. Organizada de modo estatutário, que garantia autonomia às seções, com um Conselho Geral que servia como veículo de articulação, guiado em suas diretrizes por Congressos. Organizou um total de cinco Congressos, até a cisão em 1872, debatendo temáticas das mais variadas.

A AIT representou uma tripla negação ao status quo burguês, pois era 1º) protagonizada por um sujeito-histórico anti-burguês: os trabalhadores e sua solidariedade de classe, não o empreendedor racional e individualista; 2º) propunha uma emancipação da classe “aprisionada” na ordem estabelecida, negando dialeticamente os avanços de 1789 como o estágio final da humanidade, propagando: “não mais direitos sem deveres, não mais deveres sem direitos” e cantando a célebre canção de Lambeautecha “Não me fale em liberdade! A pobreza é a escravidão!”, ou seja, a luta contra o sistema capitalista por meio das concepções contrárias a ele e, por fim, 3º) contra a concepção legitimadora do Estado Burguês: “a nação”, em contraposição, uma associação de homens de todas as nacionalidades. Contra o mundo burguês, o mundo dos trabalhadores. Contra a igualdade civil, a igualdade dos produtores. Contra o nacionalismo, o internacionalismo. Eis a grande importância da AIT (MUSTO, 2014; ENCKELL, 2009).

A crise que redundou em sua cisão, em 1872, é muitas vezes associada ao conflito de duas figuras “titânicas” (Bakunin e Marx) Mas não é isso que defenderemos aqui. Defenderemos que isso vem a ocorrer por (...) “razões sociopolíticas mais profundas<sup>66</sup>” (TRAGTENBERG, 2010, p. 32). Como se sabe, K. Marx foi secretário geral do Conselho Central da AIT; e Mikhail Bakunin revolucionário russo, um dos idealizadores e difusores do anarquismo, fazia parte da ala dita coletivista da AIT. Essa disputa reflete, em grande medida, as frações de duas ideologias que compuseram e disputaram as linhas diretivas da organização (MAZZONI, 2015).

O Internacionalismo, marca inaugural do surgimento da AIT, é, em resumo, a expressão da solidariedade de homens que não dispoem de traços culturais e lingüísticos comuns, estabelecem um ponto de referência comum entre si para poderem se irmanar. O ponto em comum da AIT foi a luta contra a exploração pelo Capital. Muitos dos documentos, em contraposição ao patriotismo do século dezenove, reivindicavam a grande Pátria do Trabalho. Assim, traçavam uma linha horizontal entre vários povos que dividiam os trabalhadores dos exploradores e parasitas. Assim, a classe trabalhadora, se realizou de modo internacional enquanto movimento crítico nesse momento. A compreensão geral

---

66 Apesar do grande enfoque no embate desses dois titãs (vide em obras de partidários de ambos). Alguns pontos centrais podem ser destacados, como: a Guerra Franco-Prussiana de 1870, a repressão brutal aos communards, e aos internacionalistas no pós-Comuna de Paris, o próprio desgaste do processo de cisão, o fracasso da AIT nos EUA, entre outros. (HALÉVY, 1974).

das forças operárias era que o homem explorado tem muitos irmãos de igual situação e sua luta só poderá ter um fim de vez – enquanto fim da exploração – por meio da união dos explorados de todos os povos (STEKLOFF, 2018).

O Internacionalismo, base da organização, está não só afinado com a contradição gerada pela burguesia, com a exploração pelo Capital e o aprisionamento pela pátria. O Internacionalismo foi desenvolvido gradativamente no século dezenove, em vários momentos e por várias organizações e pessoas distintas. Para compreender esse momento, faremos um estudo do texto de *Étude sur la formation de la Première Internationale*, de Jacques Freymond, e do livro *History of the First International*, de Stekloff, além de outros trabalhos correlatos auxiliares.

### 3 UM ESTUDO GERAL SOBRE A ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES

#### 3.1 Internacionalismo e luta de classes no século XIX

Stekloff (2018) alerta-nos que há uma diversificada gama de “internacionalismos”, se o tomarmos um sentido bem amplo. Desde a antiguidade, tendo como exemplo o Império Romano, passando pela constituição do Projeto de Universalidade da Igreja de Roma, somos repletos dessas formas de poderes que se pretendem totais, num viés de dominação imperial. Porém, o século dezoito, com o jacobinismo, nos mostra a possibilidade de uma classe tomando consciência de sua própria existência e redesenhando os rumos do futuro. Na medida em que o conflito se agudizou e uma guerra nacional se transformou numa guerra continental revolucionária, a afirmação da universalidade burguesa anti-feudal surgiu como um “internacionalismo” de novo tipo. Recompondo o mundo, a burguesia enquanto classe dominante, viu e fez surgir um internacionalismo novíssimo e ainda mais radical, o “internacionalismo operário”. Ainda para Stekloff (2018), há quatro elementos essenciais e necessários na constituição dessa nova ideologia, da novíssima classe:

But whereas the internationalism of the bourgeoisie is continually frustrated by the mutual competition of national capitalisms, the internationalism of the proletariat is nourished and perpetually strengthened by the active solidarity of the interests of all the workers, regardless of their dwelling-place or nationality (STEKLOFF, 2018, online)<sup>67</sup>.

Enquanto o que ele chama de “internacionalismo burguês” é contraditório à própria necessidade burguesa de acumulação, ou seja, a burguesia compete vorazmente por mercados, ao mesmo tempo, sua força destruidora e projeto histórico implicam uma destruição dos antigos laços tradicionais, levando a uma igualdade formal. Igualdade burguesa e competição capitalista funcionam como engrenagens que se arranham, pois a igualdade propagada não pode ser levada às últimas consequências, ficando-a reduzida às necessidades próprias da acumulação. O contrário ocorre com o internacionalismo operário, pois a própria condição de exploração os leva agir numa solidariedade expansiva:

the proletariat, standing as a class upon the lowest rung of the social ladder, has a lively sense of all the abuse and wrong inflicted by the ruling class upon the oppressed stratum of the population, and for this reason it reacts against this abuse

---

<sup>67</sup> Mas enquanto o internacionalismo da burguesia é continuamente frustrado pela concorrência mútua dos capitalismo nacionais, o internacionalismo do proletariado é nutrido e perpetuamente fortalecido pela solidariedade ativa dos interesses de todos os trabalhadores, independentemente de sua morada ou nacionalidade (STEKLOFF , 2018, online).

and wrong in lively fashion. To a considerable extent, capitalist society finds it impossible to get along without the international organisation of its forces and without the oppression of the weak nations by the strong. As soon as the proletariat becomes class-conscious, it begins to protest vigorously, and to struggle against national oppression and the inequality of national rights (STEKLOFF, 2018, on-line)<sup>68</sup>.

Um internacionalismo que se expande contra os interesses de sua burguesia interna à medida em que defende os países afetados e destruídos pela expansão capitalista de seu próprio país, este ligado nos primeiros tempos a classe operária inglesa. Assim, o internacionalismo operário, pode agir como “pró-nacional” (em favor de nações oprimidas e exploradas, no jargão contemporâneo, anti-imperialistas), simultaneamente é anti-nacionalista à sua burguesia.

the clashes of war, periodically recurrent in capitalist society, impinge with especial violence upon the working class. The crushing burden of war costs; forcible removal from the family to a life in barracks and in camps; the immense material sacrifices, the unemployment, hunger, and poverty, resulting from war – all these things arouse among proletarians a protest which is barely conscious at first but which grows increasingly conscious, a protest against war, a struggle against militarism, in the name of the international solidarity of the workers(STEKLOFF, 2018, online)<sup>69</sup>.

Nos momentos críticos de guerra, o proletariado, levado à força as campanhas, às carnificinas, à miséria crescente dos trabalhadores para manter os exércitos, ou seja, a condição degradante objetiva das classes subalternas em período de guerra leva a uma postura anti-bélica, a luta contra a guerra é, portanto, um dos momentos desse internacionalismo operário.

the internationalism of the proletariat is intimately connected with its socialist aspirations. In view of the indissoluble economic and political ties uniting the various capitalist countries, the social revolution cannot count upon success unless at the outset it involves, if not all, then at least the leading capitalist lands. For this reason, from the moment when the workers begin to become aware that their complete emancipation is unthinkable without the socialist reconstruction of contemporary bourgeois society, they take as their watchword the union of the workers of the whole world in a common struggle for emancipation. *From that moment the instinctive internationalism of the proletariat is transformed into a conscious internationalism* (STEKLOFF, 2018, online)<sup>70</sup>.

---

68 O proletariado, enquanto classe no degrau mais baixo da escala social, tem uma sensação viva de todos os abusos e injustiças infligidos pela classe dominante sobre o estrato oprimido da população e, por isso, reage contra esse abuso e erro em um vívido costume. Até certo ponto, a sociedade capitalista acha impossível se dar bem sem a organização internacional de suas forças e sem a opressão das nações fracas pelas fortes. Tão logo o proletariado se torna consciente da classe, ele começa a protestar vigorosamente e a lutar contra a opressão nacional e a desigualdade dos direitos nacionais (STEKLOFF, 2018, on-line).

69 Os choques de guerra, periodicamente recorrentes na sociedade capitalista, atingem com violência especial a classe trabalhadora. O peso esmagador dos custos de guerra; remoção forçada da família para uma vida em quartéis e em campos; os imensos sacrifícios materiais, o desemprego, a fome e a pobreza resultantes da guerra - tudo isso desperta entre os proletários um protesto pouco consciente a princípio, mas cada vez mais consciente, um protesto contra a guerra, uma luta contra o militarismo, em nome da solidariedade internacional dos trabalhadores (STEKLOFF, 2018, online).

Por fim, o internacionalismo se confunde com socialismo, na medida em que surge do próprio desenrolar das lutas classes subalternas contra o capitalismo quando começam a tomar consciência de sua tarefa histórica. A luta pela paz, a luta contra sua burguesia interna e a defesa das nações oprimidas são parte do caldo histórico-cultural necessários ao desenvolvimento da classe enquanto classe: uma classe internacionalmente articulada e conscientemente socialista. Isto em termos mais gerais, mas, historicamente, quando a classe se fez internacionalista de fato, quando se opôs aos estados nacionais burgueses, a própria existência de seu antagonismo interno: na fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores, cabe, então, pesquisar qual a origem da AIT? Qual a história desse impulso da solidariedade internacionalista dos trabalhadores? Uma primeira resposta pode ser extraída da Declaração Inicial da Associação Internacional dos Trabalhadores de 1862, escrita por trabalhadores ingleses aos seus camaradas franceses (durante a Exposição Universal<sup>71</sup>):

Basta da oposição entre os homens, da competição pelo trabalho, agora é na união dos trabalhadores entre si que esta sua salvação. “Esperamos”, diz o representante dos trabalhadores ingleses, esperamos que encontremos algum meio internacional de comunicação e que a cada dia se queime uma nova chama de amor. Chama esta que unirá os trabalhadores de todos os países<sup>72</sup> (FREYMOND, 2015, p.01)<sup>73</sup>.

Tais eram os sentimentos dos trabalhadores ingleses, enquanto os seus camaradas franceses, não deixavam por menos, no que se vê pela resposta de Richard (da cidade de Lyon): “Só por nossas línguas serem distintas”, questiona ele, “não poderíamos experimentar a mesma ideia? Que cesse toda raiva entre as nações! Os trabalhadores de todas as nações andarão de mãos dadas e com os corações unidos” (RICHARD, in FEYMOND, 2015, p.02)<sup>74</sup>.

Esta ideia de solidariedade dos trabalhadores de todas as nações é patente e isso é verdade em diversos momentos. A Internacional não é filha do entusiasmo de um dia, nem do acaso de um encontro. Ela é o produto de uma evolução que cobre mais de meio século. Alguns momentos desta história podem ser ligados, numa sorte variada de precursores ou arautos como diria Stekloff. Sem

70 O internacionalismo do proletariado está intimamente ligado às suas aspirações socialistas. Em vista dos laços econômicos e políticos indissolúveis que unem os vários países capitalistas, a revolução social não pode contar com o sucesso, a menos que, no início, ela envolva, se não todas, pelo menos as principais terras capitalistas. Por esta razão, a partir do momento em que os trabalhadores começam a perceber que sua completa emancipação é impensável sem a reconstrução socialista da sociedade burguesa contemporânea, eles tomam como sua palavra de ordem a união dos trabalhadores de todo o mundo numa luta comum pela emancipação. A partir desse momento, o internacionalismo instintivo do proletariado é transformado em um internacionalismo consciente (STEKLOFF, 2018, online).

71 A Exposição Universal foi uma reunião para celebrar os grandes inventos tecnológicos.

72 Procès de l'Association internationale des Travailleurs. Première et Deuxième commissions du Bureau de Paris. Paris 1870, 2<sup>me</sup> ed., pp. 61—62. Presente no texto de Jacques Freymond, (2015, p.01).

73 Tradução do autor.

74 Freymond extrai o excerto de Opinion nationale, 8 août 1862, citado por Albert Thomas: «Le Second Empire» em Histoire socialiste, t. X, p. 208 (tradução do autor).

levar em conta tempos mais remotos, que nos levariam a utopistas do Renascimento ou, até mesmo, aos anabatistas. Porém, para dar mais rigor ao recorte, manteremos a visão ao que possui uma influência direta. A persistência de uma corrente de fraternidade, que não se deixou cair nas grades da nação, nacionalismo e do Estado. Na França, a revolução de 1789 tem efeitos análogos no seu chamado à reconciliação dos povos separados uns dos outros pela tirania, abrindo a possibilidade de uma união de todos os homens, no instante em que foi declarado:

Dizemos à Europa... que todos os combates que o povo realiza por ordem dos déspotas, se assemelha aos golpes que dois amigos, instigados por um traiçoeiro, se lançam no escuro. Se o dia deixasse tudo às claras, eles se livrariam das armas, se abraçariam, e logo após, se uniriam e se revoltariam contra aqueles que os enganaram. Do mesmo modo, se no momento em que os exércitos inimigos, lutando contra o nosso, a luz da filosofia atingisse seus olhos, as pessoas beijar-se-iam em frente do tirano destronado e deixariam a terra consolada e os céus satisfeitos (ISNARD in, FREYMOND, 2015, p.02)<sup>75</sup>.

“Os povos se abraçarão”, o tema aparece, também, freqüentemente na literatura, na música, uma estrondosa mostra disto, temos na grandiosa Nona Sinfonia de Beethoven. Esperança levada por grande parte dos “reformadores sociais”. Saint Simon, seus discípulos, reavivaram a ideia diversas vezes, ao vislumbrarem uma “sociedade europeia”, seu novo cristianismo convocou “a constituir todos os povos num estado de paz permanente”. Seria uma tendência “da espécie humana se constituir em uma associação universal”, pela supressão da exploração do homem pelo homem.

Repete-se em Lamennais, Fourier, Owen, Consideránt, Cabet, todos tinham esta fé na conciliação dos povos pela reorganização da sociedade. Uns e outros, trabalharam cada um à sua maneira, pela aplicação de sua doutrina. Para Fourier, o falanstério seria o meio mais eficaz. Owen tentaria, na experiência de New Harmony, enquanto Cabet propunha sua República de Ícaro. Saint-Simon, em resposta mais precisa, almejava a formação de um governo europeu, seguido por Victor Considérant e Pecquer. Giuseppe Mazzini iria ainda mais longe, com sua “Jovem Europa”, tomada como a prefiguração e instrumento de uma federação européia em que a fundação seria possível, pelo triunfo do republicanismo com alguns traços socialistas (FREYMOND, 2015).

Nas décadas de 30 e 40 vemos o surgimento do que Stekloff denominou de “arautos do internacionalismo”, sobretudo em Alemanha, França e Inglaterra. O cartismo, sobretudo os elementos organizados em torno do jornal *The Northern Star* de 1844, na Alemanha e França a Liga dos Justos, que pós-1847 transforma-se em Liga dos Comunistas, assim como os Democratas Fraternais, organização de refugiados sediada em Londres. Stekloff não trata de uma das figuras que Freymond dá maior relevância: Flora Tristan, ponto de dissonância e complementaridade entre ambos.

---

75 Discurso de Isnard de 29 de novembro de 1791 (tradução do autor).



No ano de 1848, são feitos novamente, alguns chamados pela aproximação dos povos e certos projetos de reorganização da Europa. Os chamados, lançados no início de março de 1848, ecoaram pelos revolucionários franceses, passando pelos democratas alemães, agraciado pela grande voz de Victor Hugo, que presidirá, em agosto de 1849, o Congresso da Paz. Na França, o movimento foi encabeçado por Henri Feugeray e Emile de Girardin que formularam sua visão do problema. Na Itália, Cattaneo retomou o tema mazziniano da União da Europa das nações e republicana. Na Alemanha e na Grã-Bretanha também se via a fraternidade dos povos (FREYMOND, 2015).

Sobretudo no movimento operário inglês a solidariedade teve papel fundante para que se consolida-se o internacionalismo. Os primeiros movimentos dos trabalhadores contra a moderna escravidão associavam-se com os burgueses democráticos. Uma unidade entre trabalhadores e democratas burgueses contra a monarquia, além da luta anticolonial. Na luta, o cartismo acabou desenvolvendo uma postura socialista revolucionária. De qualquer modo, ressalta Stekloff(2018), a posição inglesa, geográfica e de vanguarda industrial, deu a sua classe trabalhadora um caráter/face nacional<sup>76</sup>. Animava, esses operários, reuniões e comemorações de datas marcantes das lutas dos povos, nas quais posicionavam-se contra os interesses da Coroa e da burguesia inglesa:

In the later forties there were increasing signs of the growth of internationalist interests among the Chartists. In London, towards the end of 1847, a meeting was held to commemorate the Polish revolution of 1831, and also the rising at Cracow in 1846(STEKLOFF, 2018, online)<sup>77</sup>.

Deve-se ter em conta que os primeiros projetos eram vagos, porém tiveram suas implicações. Repercutiram por diversas manifestações, o tema da revolução democrática e social. Seria um projeto de aliança europeia ou universal, pela necessidade de libertação dos povos oprimidos. As primeiras sociedades secretas operárias, na França e na Alemanha apresentavam uma feição internacionalista. Na década de 1840, com o fluxo migratório de refugiados políticos alemães, poloneses e russos para a França cria-se um terreno fértil para a fecundação de uma solidariedade entre os povos.

76 During the thirties, at the time of the heroic struggle of the British proletariat for democratic electoral rights. The champions of the People's Charter ... the Chartists, did not merely evoke interested in the struggle revolutionary democrats of all lands but were themselves keenly interested in the struggle for freedom that was going on beyond the boundaries of Great Britain. Founded in 1838, by Juilan Harney the Democrat Association maintained -close relationships with the political refugees living in london (STEKLOFF, 2018, online).

Durante os anos 30, na época da luta heróica do proletariado britânico pelos direitos eleitorais democráticos. Os defensores da Carta do Povo ...os cartistas, não apenas evocaram os interessados na luta democrata-revolucionária de todas as terras, mas também se interessaram profundamente pela luta pela liberdade que transcendia além das fronteiras da Grã-Bretanha. Fundada em 1838, por Juilan Harney, a Associação Democrata manteve relações de proximidade com os refugiados políticos que viviam em Londres (STEKLOFF, 2018, online).

77 No final da década de 1840, havia crescentes sinais do aumento dos interesses internacionalistas entre os cartistas. Em Londres, no final de 1847, realizou-se uma reunião para comemorar a revolução polonesa de 1831, e também a ascensão em Cracóvia em 1846 (STEKLOFF, 2018, on-line).

O conceito de povo, nesse momento histórico - sem nos valermos de um autor propriamente socialista - para aqueles que se postavam enquanto seus representantes, tal como Michelet ou Lamennais, que empunhavam a bandeira da esperança numa reconciliação dos povos e da necessidade da reorganização da sociedade - preparando o terreno para a Internacional. “O povo, para Michelet, é o camponês, é o trabalhador, são os homens que sofrem, pois eles não têm direitos, mas são aqueles capazes de fazer uma devida regeneração” (FREYMOND, 2015, p.04). Enquanto Lamennais, em seu “Livro do Povo”, ao terminar uma apreciação dos vários ofícios, concluiu nesses termos:

Assim, em cada país, todos aqueles que se exaustam e que penam para produzir e realizar a produção. Todos aqueles que subsistem na ação voltada ao lucro da comunidade inteira, as classes mais úteis para a vida, os mais indispensáveis a sua conservação, voilá, o povo. Carregam um pequeno número de privilegiados que gozam o puro gozo, enquanto, o povo é o semblante do gênero humano(LAMENNAIS in, FREYMOND, 2015, p. 04)<sup>78</sup>.

Pelo fato de não ser evidente o vínculo entre a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, com a Associação Internacional dos Trabalhadores de 1864, temos que enfatizar esse processo de construção gradual de longo prazo. Um trabalho que foi sendo realizado pelo próprio desenvolvimento do movimento operário. A própria AIT é uma etapa dessa longa história do movimento operário, sobretudo, apreendido nas ideologias que ela produziu. O espírito que inflamava seus fundadores, fez com que já na ideia inicial seria uma associação de trabalhadores.

Fato que já no primeiro parágrafo de seus estatutos não deixa dúvidas: “Considerando que a emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores”. Posto isso, “então é no interior do movimento dos trabalhadores que devemos procurar suas origens, interrogando os militantes e os seus teóricos” (FREYMOND, 2015, p.05).

Uma das personagens que se destaca no movimento operário europeu da primeira metade do século XIX é, a hoje quase esquecida, Flora Tristan (1803-1844). Descendente de uma família nobre, tendo na França uma existência difícil, veio a contribuir, através de sua escrita, da oratória e projetos organizacionais, com um papel capital para o acúmulo das forças dos trabalhadores. Tinha a pretensão de fundar uma organização denominada de *Union ouvrière*. Essa organização de 1843 possuía como propósito, segundo ela:

1) constituir a unidade compactuada, indissolúvel, da classe dos trabalhadores; 2) possibilitar, por meio de cotização voluntária, de cada trabalhador, tornar a *Union ouvrière* proprietária de um enorme capital; 3) adquirir por meio desse capital um poder real; 4) por meio desse poder, combater a miséria e extirpar sua prolongação,

---

78 Freymond extraíu de F.L. de Lamennais: Livre du Peuple. Edição Suisse chez principaux libraires 1838, p.13. (traduzido pelo autor).

dando as crianças da classe dos trabalhadores uma educação sólida, racional, capaz de fazer homens e mulheres instruídos, racionais, inteligentes e hábeis em suas profissões; 5) recompensar o trabalho, tal como deve ser, de modo farto e digno (TRISTAN, in, FREYMOND, 2015, p.06)<sup>79</sup>.

A ideia de Flora Tristan é que sua organização não ficasse restrita dentro dos territórios nacionais, almejava que suas ações atingissem todos os trabalhadores, de modo que

*A Union ouvrière*, atuando em nome da unidade universal, não faz nenhuma distinção entre os trabalhadores da nação e os trabalhadores de não importa de qual nação da terra. Assim, para todo indivíduo dito estrangeiro os benefícios, da *Union*, serão absolutamente os mesmos que para os franceses (TRISTAN in, FREYMOND, 2015, p. 06).

Não podemos perder de vista que o programa levado por Tristan é vasto e geral, em algumas passagens ela advogava que era uma grande necessidade para a causa dos trabalhadores que acabassem com as guerras entre os povos<sup>80</sup>. Ela vinculava o fato do desenvolvimento da técnica industrial como uma possível abertura a própria vinculação de uma fraternidade e aproximação dos povos, chega a afirmar que a indústria moderna é um agente de união entre os povos<sup>81</sup>. *A Union ouvrière* leva em si um duplo objetivo:

- 1) Agir como um instrumento que procure a melhora na vida dos trabalhadores;
- 2) Pretendia-se ser um agrupamento dos trabalhadores de todos os países<sup>82</sup>, para uma aproximação entre os povos e a busca da paz;

Porém, suas pretensões, assim como seu chamado, resultaram em quase nada. Tristan percorreu um caminho de decepção em decepção. Pois, para tentar realizar seus grandes sonhos buscou auxílio nos homens célebres e vinculados as ideias progressistas e socialistas. Eis como Freymond descreve essa relação:

A equipe de la Ruche a recebeu com frieza. Enfantin a tratou com desdém, Cabet a confrontou. Somente Considérant se mostrou um pouco mais aberto e receptivo. É com pesar que ela partiu a procura da ajuda financeira que precisava para realizar a

79 Freymond extraiu de Flora Tristan: *Morceaux choisis* por Lucien Schoeler. Paris 1947, p. 282. (Traduzido pelo autor).

80 “Agora nossa pátria deve ser o universo... (TRISTAN in, FREYMOND, 2015, p.06)”.

81 As máquinas de ferro. As máquinas de ferro! Eis os agentes da união, da confraternização, contra elas quem poderia se levantar! Que os povos se misturem que troquem suas ideias, que troquem entre si seus talentos, assim como suas coisas e as tensões entre as nações não mais existirão. Isso é o que nos traz tamanha efervescência. Os povos só exigem viver em paz (TRISTAN in, FREYMOND, 2015, p. 06) – tradução do autor.

82 Em um dos chamados de Flora Tristan, expressa: “Para você lanço esta convocação para construção da união universal dos trabalhadores e das trabalhadoras; a constituição da unidade humana, será sua recompensa (TRISTAN in, FREYMOND, 2015, p.06)”.

edição de seu trabalho. Primeiro passo, que encontrou dificuldade na realização, pois seu plano caiu nas garras de um ceticismo geral. (FREYMOND, 2015, p. 06).

Porém, não se deixou abater e através de longas viagens que e pelo interior da França tentou fundar sua *Union Ouvrière* e apesar deste esforço hercúleo, não chegou a tornar-se conhecida fora da França. O destino de Flora Tristan foi ficar isolada e mesmo assim nunca deixou de sonhar com um amanhã em que os trabalhadores de todos os países viessem a se unir. Morreu em 1844, sem conseguir ver seu sonho realizado.

Mas, já na época de Flora Tristan, começava a florescer a mesma ideia na cabeça de outros militantes. Um exemplo disto é a mensagem enviada, em 1836, pela *Working Men's Association* aos trabalhadores belgas<sup>83</sup>. Não hesitava em declarar que sua associação seria a primeira a levantar e realizar a comunicação internacional entre operários de diferentes países.

Esses contatos se estabeleceram por anos, entre vários militantes. Deve-se pontuar que o cartismo, mesmo tendo seu enfoque sobre os problemas condizentes aos britânicos, não era indiferente ao que ocorria no estrangeiro. Mas foi, essencialmente a partir de 1838 que estabelecem um contato com os refugiados políticos (STEKLOF, 2018), George Julian (militante cartista) entra em contato com trabalhadores alemães, italianos, poloneses, refugiados em Londres, que julgaram necessária a união. Fundando, em 1844, a associação *Démocrates fraternels*<sup>84</sup> (FREYMOND, 2015, p. 07) (Democratas Fraternais). Esta associação conseguiu alguma força dentro dos cartistas: entre seus associados “Ernest Jones, Cooper e George e Julian Harney (FREYMOND, 2015, p. 07)”.

---

83 A classe trabalhadora, diz entre outras coisas Lovett, discípulo de Owen e um entusiasta do cartismo, a classe trabalhadora ignora a situação que ela ocupa na sociedade... Nossa emancipação depende da difusão dessas verdades entre os trabalhadores de todos os países (FREYMOND, 2015, p. 07).

84 Os democratas fraternais desenvolviam uma amalgama de democratismo com ideias comunistas. “it is clear that the Fraternal Democrats were animated by democratic and communistic ideas closely resembling those characteristic of other working-class organisations of that date... but a society of propaganda and agitation. It organised meetings and demonstrations to commemorate revolutionary events, both of earlier days a festival (in honour of the French revolution) and of recent date. (organização de propaganda) European democracy, in which the idea was mooted of summoning an international congress of the revolutionary democracy as a counterblast to the international congress of free-traders in Brussels. ... the notion of an international democratic congress of the worker. This congress was actually summoned. It was to have been held in Brussels on October 25, 1848, the anniversary of the Belgian revolution. Frustrate the execution of this bold plan” (STEKLOFF, 2018, online).

“Está claro que os Democratas Fraternais eram animados por ideias democráticas e comunistas que se assemelhavam àquelas características de outras organizações da classe trabalhadora daquela época ...mas uma sociedade de propaganda e agitação acabou organizando reuniões e demonstrações para comemorar eventos revolucionários, ambos em dias anteriores a um festival (em homenagem à Revolução Francesa) e de uma recente data (organização publicitária) da democracia europeia, na qual, foi debatida a ideia de convocação de um congresso internacional da democracia revolucionária como um contra-ataque ao congresso internacional de livre comércio em Bruxelas. ...A noção de um congresso democrático internacional do trabalhador. Este congresso foi realmente convocado. Deveria ter sido celebrado em Bruxelas em 25 de outubro de 1848, o aniversário da revolução belga, foi frustrada a execução deste plano ousado” (STEKLOFF, 2018, online).

Os estatutos estabeleciam que:

...os membros de todas as nacionalidades devem designar um secretário geral e um ou mais secretários correspondentes. O secretário geral e os outros representantes nacionais (um por nação) constituem o executivo da associação que fariam professar o internacionalismo. —Pois estamos convencidos, diz seu programa, que os preconceitos nacionais são sempre utilizados para opressão dos povos para os colocarem uns contra os outros ao invés de trabalharem para o bem comum. Nossa sociedade repudia o termo *Foreigner* (forasteiro) (...) Nossa vontade é de receber nossos camaradas sem consideração de nacionalidade, como membros de uma mesma família, a raça humana, e como cidadão de uma só comunidade: o mundo” (FREYMOND, 2015, p. 08)<sup>85</sup>.

Essa associação possuía, em seu programa, certa influência do cartismo, assim como do socialismo. Estava sem sombras de dúvidas respirando os ares da revolta de seu tempo. No continente, Mazzini defendia sua Jovem Europa, atraindo a atenção para si. Havia algumas outras menos ativas que por seu caráter estritamente socialista também tiveram influência na AIT<sup>86</sup>.

Várias organizações, durante a década de 1840 estavam alinhadas com essas ideias mescladas de socialismo e internacionalismo, uma que se destacou foi a Liga dos Justos, que teve entre suas fileiras um grande militante do movimento operário, o relojoeiro Weitling (envolvido em vários levantes e em projetos organizacionais), organização esta composta por figuras que dispensam apresentação como Karl Marx e Friederich Engels, que, ao aderirem à Liga, fazem com que esta muda de nome para: Liga Comunista. A dupla obteve este êxito em 1847 Marx e Engels entraram na Liga Comunista (STEKLOFF, 2018).

A entrada de Marx e a redefinição política da organização com o movimento comunista é muito bem “demonstrada” no manifesto de 1848: o Manifesto do Partido Comunista, escrito por Marx e Engels (1997). Esboçam sua concepção história e da conjuntura européia daquele momento, traçando as propostas da vertente comunista e o que pretendiam os comunistas, fechando o livro com aquela frase que se tornaria conhecidíssima: Proletários de todo o mundo, uni-vos<sup>87</sup>.

O primeiro Congresso dessa nova organização foi realizado em 1847. Fixa seu Comitê Central em Londres. Estabelecem contatos na Bélgica e em Paris, porém não só com elementos socialistas, mas com vários democratas. Nesse momento, os *Démocrates fraternels*<sup>88</sup> entram em contato com a

85 Tradução do autor.

86 “*Deutscher Bund zur Verteidigung der Presse freiheit*, a *Fédération des Bannis de Venedy* e de *Schuster*, assim como a Liga dos Justos, onde se destacavam Heinrich Bauer, o relojoeiro Joseph Moll e, sobretudo Wilhelm Weitling que filiado a Sociedade *des Saisons de Barbès* de Blanqui, participará da insurreição de 1839. É esta Liga dos Justos que vai transformar-se na Liga Comunista, que após Weitling, acolhera Marx e seu amigo Engels (FREYMOND, 2015, p. 08)” - tradução do autor.

87 Há de se notar outra célebre frase do período, o lema dos cartistas: Todos os homens são irmãos. (FREYMOND, 2015).

88 “The leaders of the Fraternal Democrats were free from bourgeois ideology. They taught that nationality was necessary for the more effective guidance of the class war, but that internationalism would result from

Associação democrata, a qual tem como vice-presidente Marx, e por isso é convidado a participar da reunião de comemoração ao aniversário da Revolução polonesa de 1831<sup>89</sup>.

Nessa reunião, Marx expressa que não é mais uma questão de uma solidariedade que entrelaça o destino dos povos, é a própria necessidade histórica de um futuro não só do socialismo, mas da democracia que está na mão dos trabalhadores. Tal como, expressa em seu manifesto, uma unificação da ação dos proletários (FREYMOND, 2015).

A Primavera dos Povos vem como uma grande tempestade de verão, molhando toda Europa nas águas da esperança. Agitação das massas em vários países, na França terminando com a queda da monarquia. A Primavera dos Povos foi a prova de que a burguesia tornara-se conservadora, pois, passada a euforia de alguns meses, os revolucionários tendo sido vencidos, as burguesias não demoraram por se restabelecerem no poder junto com as antigas classes aristocráticas. Agora a revolução democrática, por liberdade e igualdade, não era mais tarefa da burguesia, tornara-se tarefa dos subalternos; falar em revolução seria falar na revolução das classes trabalhadoras<sup>90</sup>.

---

the triumph of the proletarian movement in all lands. ... the international solidarity of the workers as an essential preliminary to the victory of the proletariat over the bourgeoisie”.

“Os líderes dos Democratas Fraternos estavam livres da ideologia burguesa. Eles ensinaram que a nacionalidade era necessária para a orientação mais eficaz da guerra de classes, mas que o internacionalismo resultaria do triunfo do movimento proletário em todas as terras. ... A solidariedade internacional dos trabalhadores como preliminar essencial à vitória do proletariado sobre a burguesia ”.

Sobre um levante português de 1847, Harney disse:

“the people are beginning to understand that foreign as well as domestic questions do affect them; that a blow struck at Liberty on the Tagus is an injury to the friends of Freedom on the Thames; that the success of republicanism in France would be the doom of Tyranny in every other land; and the triumph of England’s democrat charter would be the salvation of the millions throughout Europe (“the northern star,” june 19, 1847)” (STEKLOFF, 2018, online).

“As pessoas estão começando a entender que questões estrangeiras e domésticas as afetam; que um golpe que atingiu Liberty no Tejo é uma lesão para os amigos da Freedom on the Thames; que o sucesso do republicanismo na França seria a condenação da tirania em todas as outras terras e o triunfo da carta democrática da Inglaterra seria a salvação de milhões em toda a Europa (“a estrela do norte”, 19 de junho de 1847)” (STEKLOFF, 2018, on-line).

89 Engels relata um discurso proferido por Marx na ocasião: “Marx declara que a Inglaterra dará o sinal de liberdade a Polônia. A Polônia, diz ele, só será livre quando as nações civilizadas da Europa ocidental tiverem conquistado sua democracia. E Entre todas as democracias europeias a mais forte, a mais numerosa, era a da Inglaterra, organizada de modo a abranger todo país. É na Inglaterra que o antagonismo do proletariado e da burguesia é o mais desenvolvido, lá que a luta decisiva entre as duas classes da sociedade se tornará mais evidente. É então, na Inglaterra, que começará, segundo toda a probabilidade, o combate que terminará pelo triunfo universal da democracia e que influenciará sobre o problema da Polônia. É na vitória dos cartistas ingleses que depende o sucesso da democracia europeia (ENGELS in,FREYMOND, 2015,p. 09)” - tradução do autor.

90 “As tentativas revolucionárias de 1848 ecoaram de um lado ao outro passando pela Alemanha, Itália, pelo Império Austríaco e pela França. Os socialistas eram pouco numerosos para criar um movimento de massa suficientemente forte. A Europa explodiu antes que os adversários dos regimes tivessem tido tempo de se preparar para as responsabilidades da reconstrução. A consciência de uma solidariedade do proletariado internacional não existia ainda – exceto por alguns pontos isolados. Além do que, os mais dinâmicos socialistas franceses, eram sensíveis ao messianismo revolucionário, herdeiros da grande aventura militar começada em 1792, mostrando-se favoráveis a uma política de intervenção armada, a favor das forças revolucionárias, enquanto os governantes, cientes das complicações, fizeram de tudo para acalmar as paixões

A Primavera dos Povos acabou trazendo pelo menos uma coisa de positivo: sua experiência prática. O que possibilitou forjar, a ferro e fogo, os homens e mulheres que estariam por levar em seus corações a esperança que faria ainda balançar a Europa no final do século de XIX. Trouxe, também, os ensinamentos, que Marx, Bakunin, Proudhon e tantos outros tiveram e fizeram a transmissão de seu conhecimento, através de suas análises e militância, com as quais influenciaram na política e na compreensão de mundo das classes trabalhadoras.

Nos anos que se seguiram, o movimento socialista na Inglaterra, tornou a ficar restrito sobre a forma de pequenos círculos, cujos membros - refugiados de toda a Europa - faziam uma luta muito mais sobre a pequenez de sua influência dentro desses mesmos círculos, do que um combate geral dos trabalhadores<sup>91</sup>. Apesar ocorrer, naquele momento imediato, o problema da disputa de espaços restritos, o ambiente tão heterogêneo, possibilitou a difusão da idéia [sic] de uma associação revolucionária internacional – cujos refugiados consideravam as várias nuances e as possibilidades para sua realização; deveria ser, esta organização, socialista ou democrata? Era umas das várias questões que tiveram que enfrentar. Pois não tinham uma visão clara das características e da concepção que deveria guiá-la. Contudo, um ponto unia todos os homens, deveria “possibilitar a união de todas as forças necessárias para a mudança que esperavam da ordem social (FREYMOND, 2015, p.13)<sup>92</sup>”.

A já comentada associação *Démocrates Fraternalis* surge em meio a esse contexto e como uma possibilidade de resolução desse paradigma, porém, sua ação política foi pouco eficaz. Mesmo assim, sua existência é notável; lançou seu chamado à união universal na “*Democratic Review*”, no ano de 1849. Nesse mesmo ano, realizou várias reuniões e celebrações das datas revolucionárias. Durante a festa do fim do ano de 1849, por exemplo, Harney pronunciou o seguinte discurso:

Nós devemos exigir, escrevera ele, o princípio da fraternidade no lugar onde se encontram todas religiões hoje. Este princípio, nós não devemos levantar unicamente como nossa única bandeira, mas o conservar em nossos corações; nós deveremos, enfim, o impor, como regra de nossa ação. Se nós o fizermos, nenhuma força poderá impedir nossa vitória. A bandeira vermelha percorrerá todo o mundo e arrebatará todas as nações (HARNEY, in FREYMOND, 2015, p. 14).

---

e canalizar o movimento. Quanto ao cartismo, sua influência diminui depois de alguns anos, não manifestando sua presença em 1848 devido a um equívoco, uma tentativa de intimidação cujas conseqüências seriam lamentáveis. (FREYMOND, 2015, p. 11)” - tradução do autor.

91 Nesses círculos, alguns dos membros foram: “Os alemães democratas, os socialistas Prussianos, Renanos, da Bavaria, enquanto Marx e Engels acompanhavam, como observadores frios e pouco interessados, os embates. Os franceses, Ledru-rollin, Louis Blanc, Félix Pyat, Talandier. Em segundo plano, poloneses, húngaros e alguns russos, de vez em quando aparecia em cena Mazzini. Entre os estrangeiros, alguns ingleses, antigos cartistas tais como Ernst Jones e George Julian Harney (FREYMOND, 2015, p.12)” - tradução do autor.

92 Tradução do autor.

A ação do *Démocrates fraternels* continuou durante o ano de 1850. O ano de 1851 é marcado somente pelas várias comemorações, tais como em comemoração as revoluções de 1848 e uma ou outra manifestação. Já em 1852, o golpe de Estado de Luiz Bonaparte, tomou grande parte da agenda da organização; engajando-se contrária ao golpe.

Em novembro de 1853, os *Démocrates fraternels*, se reuniram para protestar contra o destino dos patriotas italianos, e nessa ocasião debateram a possibilidade de levantar um fundo para liberdade na Europa (se aliando aos democratas americanos e australianos). Apesar desse grande passo que tentavam dar, os *Démocrates* viram seu destino atrapalhado por rivalidades pessoais. O embate estabelecido por Harney e Ernest Jones (que tinha entre alguns de seus “aliados” Marx e Engels). Esse embate termina pelo abandono de Harney da associação e de sua saída da Inglaterra: “Cena que marca o fim da organização” (FREYMOND, 2015, p.15).

O fato é que, após o afastamento de Harney, Ernest Jones tornou-se figura central do movimento. Tentando levar uma linha próxima ao cartismo, em 1854, consegue, com ajuda de vários aliados, uma reunião em março (Manchester) do “Parlamento do Trabalho”<sup>93</sup> que traz uma nova perspectiva e um novo programa. Jones organiza também um comitê de recepção a Armand Barbès um republicano, veterano da Primavera dos Povos que estava vindo por ocasião de sua saída da prisão. Um claro movimento acena em prol daqueles vários militantes franceses, que, no momento da perseguição, poderiam contar com uma mão solidária. Este comitê, após realizar a recepção de Barbès, constitui-se enquanto “Comitê de Organização dos cartistas de Londres”, tendo também um braço de comunicação com os refugiados residentes em Londres<sup>94</sup>.

---

93 The idea of the international solidarity of the proletariat did not perish when the Fraternal Democrats ceased to exist.

The Crimean War revived interest in the question of an international policy for the working masses of Europe. ... In 1853, Ernest Jones attempted to resuscitate the Chartist movement. In March, 1854, a Chartist “Labour Parliament” met in Manchester, and elaborated a new program ... for contraposing a proletarian conception of internationalism to the bourgeois conception (STEKLOFF, 2018, online).

A ideia da solidariedade internacional do proletariado não pereceu quando os Democratas Fraternalistas deixaram de existir.

A Guerra da Crimeia reviveu o interesse na questão de uma política internacional para as massas trabalhadoras da Europa. ... Em 1853, Ernest Jones tentou ressuscitar o movimento cartista. Em março de 1854, um “Parlamento Trabalhista” reuniu-se em Manchester e elaborou um novo programa ... para contrapor uma concepção proletária de internacionalismo à concepção burguesa (STEKLOFF, 2018, online).

94 In the autumn of 1854, there was founded upon Jones’ initiative a “committee for the Reception of Barbès in England.” Barbès had just been liberated “from the dungeons of Napoleon.” ... the formation of the Committee was protest against the expected visit of Napoleon III to London.

No outono de 1854, fundou-se por iniciativa de Jones uma “comissão para a recepção de Barbès na Inglaterra”. Barbès acabara de ser libertado “das masmorras de Napoleão” ... A formação do Comitê foi um protesto contra a visita esperada de Napoleão III para Londres.

Publicado no jornal The People’s Paper, em outubro de 1854: Delegates of various foreign societies joined the Committee. ... Welcome and Protest Committee... (STEKLOFF, 2018, online).



O Comitê, por ocasião do aniversário da revolução de 1848 (17 de fevereiro), realizou uma comemoração em Londres, cujo discurso de seu presidente Ernest Jones, publicado na revista *The People*, dizia:

Existe um homem pobre oprimido na Grã-Bretanha? Existe um artesão explorado e arruinado na França? Sendo positiva ambas as respostas, eles pertencem a só uma raça e a um só país, a uma só fé, a um só passado e a um só amanhã... Unam-se! Aqueles que oprimem a humanidade estão muito unidos, mesmo quando fazem a guerra. São unidos sobre um ponto, isto é, a manutenção da miséria dos povos e sua sujeição. Cada democracia não é forte o suficiente para livrar-se de seu próprio jugo, mas elas (as democracias) dispõem de uma força moral, de uma força tal que nada pode resistir. A aliança dos povos é de uma importância vital, porque seu desentendimento, a manutenção das antipatias nacionais, podem somente salvar as monarquias de sua queda. Reis e oligarquias jogam suas últimas cartas, nós podemos ser mais espertos que suas manobras. Cada movimento dos tempos modernos não tem maior importância que essa aliança internacional que deve ser proclamada no grande encontro de *St Martin's Hall* (JONES in, FREYMOND, 2015, p.16).

Nesta reunião, levava-se a ideia da luta contra a monarquia, mas também, já se colocava no horizonte a importância de que a luta não caísse em outro tipo de sujeição dos homens, ou seja, a sujeição ao capital e a burguesia.

Em abril do ano seguinte, 1855, o Comitê Internacional, com apoio da *Commune révolutionnaire*<sup>95</sup>, consegue realizar um encontro com uma delegação de trabalhadores franceses “que propõe a formação de uma liga universal dos trabalhadores<sup>96</sup>, segundo um plano que lembra a linha da

---

Delegados de várias sociedades estrangeiras aderiram ao Comitê. ... Comitê de boas-vindas e protestos... (STEKLOFF, 2018, online).

95 É na *Commune révolutionnaire* que se encontram certo número de blanquistas e de socialistas revolucionários de diversas tendências. O fundador é Félix Pyat que, sendo forçado a deixar a França, ganha a Suíça, pois; após o Golpe de Estado de 02 de dezembro, vai a Londres onde se encontra com alguns franceses exilados, tais como Caussidière, antigo prefeito da polícia de 1848 e o advogado Alfred Talandier. A *Commune révolutionnaire* chama a atenção por diversos manifestos publicados entre 1852 e 1856. (FREYMOND, 2015, p.17) - tradução do autor.

96 During the end of the year 1855, the International committee organised meetings of protest against the persecution of foreign political refugees by the British authorities. ... As a part of this movement, an international soirée was held just before the New Year in honour of the exiles ... on this occasion was the German refugee Ruge, a friend of Marx's youth. A manifesto upon the question of nationalities was adopted. Substantially though not precisely in the terms a similar manifesto would employ to-day, this document emphasise the right of all peoples to self-determinatoin and also affirmed the principle of the nationalisation of land, money and the means of exchange (1855, reunião internacionalista do Comitê Internacional: manifesto sobre direito de auto-determinação dos povos). “Vive la republique democratique et sociale” (STEKLOFF, 2018, online).

Durante o final do ano de 1855, o comitê internacional organizou reuniões de protesto contra a perseguição de refugiados políticos estrangeiros pelas autoridades britânicas. (...) Como parte desse movimento, uma festa internacional foi realizada pouco antes do Ano Novo, em homenagem aos exilados (...) Nessa ocasião, estava o refugiado alemão Ruge, um amigo da juventude de Marx. Um manifesto sobre a questão das nacionalidades foi adotado. Substancialmente, embora não exatamente nos termos que um manifesto semelhante usaria hoje, este documento enfatiza o direito de todos os povos à autodeterminação e também afirma o princípio da nacionalização da terra, do dinheiro e dos meios de troca (1855, reunião internacional de direito autoprodotivo dos povos) “Viva a república democrática e social” (STEKLOFF, 2018, online).

*Union ouvrière* de Flora Tristan” (FREYMOND, 2015, p.17)<sup>97</sup>. Pois a proposta dos trabalhadores franceses não tomava uma linha de “ação política”, mas, sobretudo, uma ação mais voltada à formação de um capital independente, financiado pelos trabalhadores, com clara influência de Proudhon. Este capital, serviria a eles como um meio de realizar sua emancipação (STEKLOFF, 2018). Enquanto isso, o Comitê, tenta levar a cabo a ideia de construir uma organização de ação; num documento de 1856, eles assinalavam:

Não queremos terminar sem expor um plano para realização do que nós consideramos como o essencial e depois o que pretendemos realizar. Este plano consiste em uma ampliação do Comitê internacional, pois este se encontra condenado pela sua impotência devido ao pequeno número de membros e seu atual estado de miséria, [transformando-o] em uma associação internacional aberta aos homens de todos os países, que não deve contar com um só comitê internacional em somente uma das cidades da Europa; devemos ter comitês internacionais no maior número de cidades possível. Nós não podemos, no momento, falar mais amplamente sobre os meios de criar num grande número de países, como centralizar seus recursos e suas empreitadas. Nós dizemos, simplesmente, que se aprovarem esse plano, nós emitiremos cartões de membros, por meio de uma taxa de *6 pence* ao trimestre, o que fará de você um membro do Comitê Internacional com direito a voto nas assembleias internacionais de seu país e nas assembleias internacionais. Assim construiremos uma organização numerosa, rica e poderosa. (COMITÊ INTERNACIONAL, in FREYMOND, 2015, p.18)<sup>98</sup>.

Tentando consolidar seu projeto, o Comitê realiza um chamado geral a construção dessa organização. O chamado era particularmente endereçado a organizações como: a já citada *Commune révolutionnaire*, a Sociedade dos comunistas alemães, os cartistas ingleses, socialistas poloneses, assim como, para os indivíduos que mesmo não pertencendo a nenhuma sociedade, poderiam se interessar pelo projeto de: “entrar numa aliança de maneira a apoiar mutuamente em todas as empreitadas que vislumbrassem o triunfo da república universal, democrática e social” (COMITÊ INTERNACIONAL, in FREYMOND, 2015, p. 18)<sup>99</sup>.

O chamado a ação do Comitê, foi feito nos seguintes termos:

Essas sociedades, seguindo a resolução, se engajando no objetivo de fazer, tudo que estiver ao alcance de suas forças, que os cidadãos de todos os países organizem-se nas sociedades socialistas e revolucionarias nacionais; ligando-os uns aos outros por meio da associação geral (...) Preparando assim, a revolução futura – esse objetivo que as revoluções passadas não puderam atender, por não terem em sua prática a lei de solidariedade sem a qual não há salvação nem para os indivíduos nem para os povos (COMITÊ INTERNACIONAL, in FREYMOND, 2015, p.18)<sup>100</sup>.

---

97 Tradução do autor.

98 Tradução do autor.

99 Tradução do autor.

100 Tradução do autor.

Apesar do esforço, da clareza da justa causa destes trabalhadores e de suas organizações, seu ideal declina. Enfraquecido, o Comitê Internacional, realiza ainda nos anos seguintes um ou outro encontro e alguma comemoração. Porém, entre os anos de 1857 e 1858 vem a perecer. Desaparece e apesar de hoje ser pouquíssimo conhecido, teve importante influência na propagação da ideia de uma união internacional dos povos, fazendo com que a chama da esperança - que vinha sendo cantada por Beethoven, sonhada por Tristan, passando pelos *Démocrates Fraternelles* e muitos outros - continuasse acesa e adiante. Contudo, ocorre um hiato entre o fim do Comitê e a fundação da AIT, preenchido pela luta de tipo “sindical” *avant-lèttre* (STEKLOFF, 2018. online).

A partir de 1860, o movimento dos trabalhadores é renovado por toda uma leva de organizações e de pessoas que fazem com que a relação capital e trabalho não reste silenciosa nem por um só momento. A agitação toma Londres, primeiro pela greve da construção civil de 1859 e continuando nas movimentações dentro das indústrias. A greve da construção civil convoca um comitê de greve, constituído por representantes de diversas profissões. Um dos ganhos da greve, o que mais nos interessa, é o sentimento de solidariedade entre os trabalhadores que saiu reforçado. Concluíram a necessidade da existência de um organismo sindical permanente, que atue nos momentos de urgência: como articulador e para fornecer assistência (FREYMOND, 2015).

Fato é que, em primeiro de julho de 1860, ocorria a primeira reunião do Conselho dos sindicatos de Londres; entre os nomes do pequeno grupo se encontrava: “Allen, representante dos mecânicos; Applegarth, representante dos carpinteiros; Odger, sapateiro; Guile, fundição de ferro; Coulson, maçom” (FREYMOND, 2015, p.20,21). A formação do Conselho deste Comitê representa bem duas coisas: seu caráter misto e a representação de grandes sociedades nacionais. Os objetivos desses trabalhadores sindicalistas era a melhora na vida das classes trabalhadoras, por meio da negociação e por meio da luta por profissão (apesar disso se interessavam pelos vários problemas políticos). Durante o ano de 1862, já organizam-se ramos sindicais em prol do sufrágio universal; atraindo, para si, antigos cartistas (FREYMOND, 2015).

Estando interessados também no que ocorria fora das fronteiras da Grã-Bretanha, os tradeunionistas simpatizaram com os vários movimentos, desde os revoltosos poloneses (luta de libertação nacional frente ao Império Russo), aos insurgentes italianos como Mazzini e Garibaldi, apoio aos soldados americanos da União, contra os Confederados do Sul (em apoio ao fim da escravidão). Em grande medida, o desenvolvimento dos meios de comunicação, com o desenvolvimento dos barcos e dos trens a vapor, as cartas cruzavam longas distâncias de modo muito mais rápido. Invenções como o telégrafo possibilitaram aos trabalhadores comuns terem acesso ao que ocorria com o mundo e, assim, podendo engajarem nas lutas distantes das suas cidades (FREYMOND, 2015).

Aconteceu que, por ocasião da greve da construção civil de Londres, em 1861, os patrões, para derrotarem os grevistas, pretendiam trazer trabalhadores do continente Europeu. A greve não tinha por finalidade o aumento salarial, mas a diminuição da jornada de trabalho para nove horas. Os grevistas, atentos à manobra realizada pelos patrões, conseguiram o apoio dos trabalhadores do continente, conseguiram enviar vários pedidos aos seus contatos, organizações do continente. Estabelecida a solidariedade dos trabalhadores franceses e dos trabalhadores londrinos, esta conseguiu impor a vitória contra a burguesia. Esse gesto os marcou profundamente, possibilitando o começo de uma relação de solidariedade ativa entre as duas partes (FREYMOND, 2015).

Nesse mesmo ano, a Associação geral dos trabalhadores napolitanos, envia ao Conselho das Trade-Unions de Londres um pedido de ajuda em prol da “unidade, da liberdade da Itália e para “organização do trabalho” (FREYMOND, 2015, p.24). O pedido chega em janeiro, é respondido pelo secretário do Conselho, George Howell, da seguinte maneira:

Os trabalhadores ingleses, escreve seu autor, são solidários à luta de seus camaradas italianos pela liberdade e seus anseios pela liberação. Agradecemos os trabalhadores por sua carta e exprimimos a esperança de poder seguir com essa troca de correspondência (FREYMOND, 2015, p.24).

Mas a carta ainda reflete o que é o sindicalismo inglês, preocupado, sobretudo com o problema social, não com as disputas políticas. Diz, certo trecho da carta:

temos grande liberdade civil e religiosa, porém nós somos privados de grande parte dos poderes políticos. Eis o porquê de nos concentrarmos na defesa de nossos direitos sociais e pela melhora da condição do trabalhador (HOWELL in, FREYMOND, 2015, p.24).

Mais tarde, o próprio Howell atribui a essa relação, expressa nesses textos, o início da AIT, fato que Freymond considera um exagero no grau importância, além do que, para Freymond, Howell<sup>101</sup> faz essa apologia de modo a dar a si mesmo um papel muito grande – por ser ele redator.

A relação do “sindicalismo” inglês com os trabalhadores e revolucionários italianos continuava; por ocasião da ida de alguns italianos, a Londres, para visitar a Exposição Universal, fazendo com que ambos os lados procurassem se encontrar para troca de informações sobre os acontecimentos políticos. No final do ano de 1863, os sindicatos londrinos organizam uma grande recepção ao revolucionário italiano Giuseppe Garibaldi. Este conclama a atenção dos sindicalistas, na ocasião dessa festa em sua homenagem, para que fiquem atentos com a Guerra de Secessão americana e sobre os problemas poloneses.

Assim, tanto a classe trabalhadora da Inglaterra, quanto a francesa, que haviam passado por processos distintos, possuíam muitos pontos análogos: Na França, formou-se

Uma elite trabalhadora [que] tenta assumir a direção [do movimento], contudo sofre muita influência das perspectivas burguesas. A crise de 1848 provoca uma ruptura. O Golpe de Estado de dezembro, impossibilita uma reconciliação [das classes]. Mas, Napoleão III, pensa que seria suficiente, para ganhar a simpatia das classes

---

101 On september 28, 1864, writes Rothstein at the close of his interesting pamphlet ... another great meeting was held in St. Martin's Hall at the conclusion of demonstration to commemorate the Polish revolt. The French workers came forward once more with a 'Plan for the Promotion of a Mutual Understanding between the Nations'.

Since, furthermore, through the intermediation of the international Committee, the old international was a reincarnation the Association of Fraternal Democrats, and inasmuch as the Fraternal Democrats had dreamed of founding an international party embracing all lands in its scope, we see that from 1847 to 1864 there existed an unbroken chain of thoughts and efforts which tended ever in the same direction, and which culminated in the foundation of the International Workingmen's Association or First International. ... as in others, that even the greatest of human beings do not create out of the void. Their activities as the demiurges of history are conditioned by the way in which the extant must be taken by them as the foundation laid by previous history upon which they can erect their new buildings. As in all their activities whether in the field of thought or in the field of action, so here in the development and leadership of the International. ... we must honour George Julian Harney with his association of Fraternal Democrats, and Ernest Jones with his International Committee (STEKLOFF, 2018, online).

Em 28 de setembro de 1864, escreve Rothstein no final de seu interessante panfleto: outra grande reunião foi realizada no St. Martin's Hall, na conclusão da manifestação para comemorar a revolta polonesa, os trabalhadores franceses voltaram mais uma vez com um "Plano para a Promoção de uma Compreensão Mútua entre as Nações".

Além disso, por intermédio do Comitê Internacional, a antiga internacional era uma reencarnação da Associação dos Democratas Fraternal e, na medida em que os Democratas Fraternal sonhavam em fundar um partido internacional que incluísse todas as terras em seu escopo, vemos que, de 1847 a 1864, existe uma cadeia ininterrupta de pensamentos e esforços, que continua na mesma direção e que culminou na fundação da Associação Internacional de Trabalhadores ou Primeira Internacional (...) Como em outros, que mesmo os maiores seres humanos não criam a partir do vazio. Suas atividades como os demiurgos da história são condicionadas pela maneira pela qual o existente deve ser tomado por elas como o fundamento estabelecido pela história anterior sobre o qual eles podem erigir seus novos edifícios. Como em todas as suas atividades no campo do pensamento ou no campo de ação, aqui no desenvolvimento e liderança da Internacional (...) Devemos homenagear George Julian Harney com sua associação de Democratas Fraternal e Ernest Jones com seu Comitê Internacional (STEKLOFF, 2018, online).

trabalhadoras, praticar uma política “anti-orleanista” e “anti-burguesa”, ou seja, exercendo um paternalismo – por isso comete um erro. O militante trabalhador não abandona suas convicções. Continua sua posição democrática e socialista. Restou ainda mais que essa tutela, sobre a qual, não é realmente compensada por um melhoramento sensível das condições de vida. O desenvolvimento mais marcado da economia francesa ocorreu durante o Império, não por uma alta sensível do salário real. Isso foi marcado, sobretudo, pela estagnação das condições materiais da classe dos trabalhadores. As exigências dos trabalhadores, são as solicitações mais numerosas na causa. Mas, na maior parte dos casos, não foi possível satisfazê-las. Quanto mais a riqueza crescia, mais ficava para uma minoria burguesa para poder lucrar, assim o luxo se instalava mais abertamente e as cidades prosperavam, nisso as massas trabalhadoras ficavam mais próximas da miséria (FREYMOND, 2015, p. 26-27).

A concentração de capital, por meio da nova modalidade de indústria moderna, fazia com que a burguesia tornou-se próspera, fazendo com que o salário dos trabalhadores fosse jogado no mais baixo nível que conseguissem – os trabalhadores, os famélicos da terra.

A partir desse momento, 1861-1863, já encontramos-nos no prelúdio da fundação da AIT. Nesse breve relato que fizemos, fica clara a existência de um movimento histórico de longo prazo. Movimento que possibilitou que a classe dos trabalhadores pudesse produzir sua concepção enquanto classe autônoma, seu internacionalismo enquanto estratégia inevitável para possibilidade de uma vitória contra a burguesia. Portanto, a classe trabalhadora forjou-se, historicamente, de modo que pudemos traçar como a AIT está vinculada umbilicalmente com o tempo histórico ali existente.

### **3.2 Perspectiva Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores**

Por ocasião da reunião – em paralelo a Exposição Universal – de operários franceses, ingleses e de alguns exilados de várias regiões da Europa residentes em Londres é fundada, em 1864 na Inglaterra, a AIT. Esta foi uma organização de trabalhadores, difundida por muitos países, cuja pretensão era associar sobre o mesmo espírito, aquele de incentivo à luta pelas melhorias da vida dos trabalhadores e do fomentando da solidariedade e do internacionalismo. Marcando a história da luta dos trabalhadores e das ideias críticas ao instituir a seguinte frase epistolar em seu chamado inicial: “A emancipação dos trabalhadores é tarefa dos próprios trabalhadores”.

Organizada de modo estatutário, garantindo autonomia às seções, com um Conselho Geral que servia como veículo de articulação e, suas diretrizes, votadas em Congresso. Agrupava organizações locais e profissionais, com adesões individuais, de modo que, a associação conseguiu estabelecer seções ingleses alemãs, francesas, suíças, belgas, italianas, espanholas e americanas. Realizando um

total de cinco Congressos, até a cisão em 1872, em que debateram temáticas das mais variadas. Após a cisão, ocorrem Congressos das duas alas que se formam.

O funcionamento da Internacional ficou estabelecido pela resolução de seus estatutos “provisórios” de 1865, “oficializados” posteriormente no primeiro Congresso, ocorrido em Genebra 1866. Institui-se que todos os debates teóricos e organizativos tinham que passar por debate e votação em Congresso, salvo temáticas já definidas em Estatutos Gerais<sup>102</sup>. O Congresso admitia como delegado: qualquer representante de Seção, sendo essas as entidades da organização, estas Seções tinham tamanhos variáveis e consecutivamente delegações “maiores ou menores”. Algumas representando membros da Associação de um município, outras mais específicas, representando membros da Associação de uma mesma profissão, de determinada cidade ou vilarejo. Cada Seção tinha direito a eleger delegados para o Congresso, como muitas vezes por ser uma organização das classes menos abastadas, faziam-se representar várias seções num mesmo delegado, por conta dos custos da viagem, algo bem característico da atuação e representação dos belgas.

O Congresso de Haia (1872) é, de longe, um ponto dos mais polêmicos pois é o momento da “ruptura”, que culminou na “expulsão” de James Guillaume e Mikhail Bakunin da organização. Algumas bibliografias apontam para “falsificação” de mandatos de delegados, o que possibilitou produzir uma maioria absoluta para um dos ramos políticos presentes nesse Congresso<sup>103</sup>. Analisaremos, portanto, o objeto nos seguintes aspectos:

- 1-) Desenvolvimento histórico da Associação por meio da quantidade de representantes por Congresso;
- 2-) Análise da expansão por países da Organização;
- 3-) Cronologia e número total de Associados.

### 3.3 Os Congressos

---

102 Como veremos mais a frente, houve certa discordância na interpretação dos Estatutos Gerais, enquanto uns davam, interpretativamente, mais poder ao Conselho Geral, outros davam centralidade ao Congresso Geral. Posto isso, ambos consideravam significativa importância aos Congressos, até o Congresso da Basileia (Suíça, 1869). Neste Congresso, votou-se pelo aumento dos “poderes” do Conselho Geral.

103 Vide *L'International – documents et souvenirs*, de James Guillaume, Tomo 1, Paris, Stock editor, 1909.

O primeiro Congresso da Associação aconteceu em setembro de 1866, na Suíça e contou com a participação de 60 delegados<sup>104</sup>. Vide abaixo o primeiro gráfico, referente ao primeiro Congresso, ocorrido em 1866.

### CONGRESSO DA AIT EM GENEVRA, Suíça, 1866

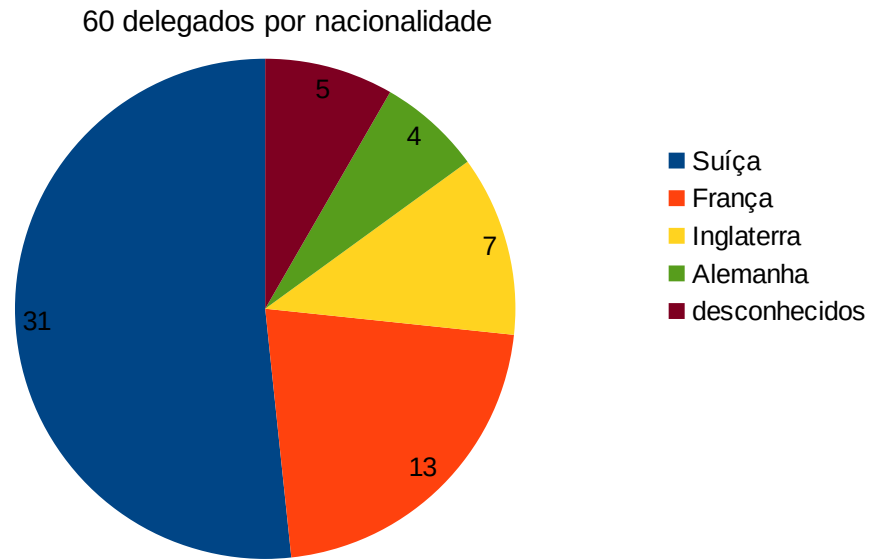


Figura 1 - Delegados do congresso de Genebra<sup>105</sup>.

Através desse gráfico podemos ver que existem diversas nacionalidades representadas na Internacional já em seu primeiro Congresso - quatro países ao todo - e que a Suíça é a representante majoritária, seguida da França. As fontes referidas afirmam a totalidade de 60 delegados, contudo, ao consultarmos as listas deparamo-nos com 55 nomes, posto isso, optou-se por discriminar esses 5 indefinidos. A disparidade dos dois mais numerosos para os dois menos numerosos é tamanha que a soma dos dois menores não atinge a soma do segundo maior.

104 James Guillaume, *L'Internationale- documents et souvenirs (1864-1878)*; Jacques Duclos, *Première Internationale*; Jacques Freymond, *La Primera Internacional*. Nós utilizamos para conseguir uma maior aproximação dos participantes. Notamos que referente ao número de delegados total, somente no Congresso de Genebra de 1866 não com o total de delegados nas listas mantivemos o enunciado dos delegados por Congresso e fizemos o cálculo da porcentagem por participação pelos nomes nas listas e suas respectivas nacionalidades.

105 As listas que possibilitaram as Figuras encontram-se respectivamente em: Figura 2 (FREYMOND, 1973, p. 75-76-77) (DUCLOS, 1964, p. 72-73-74); Figura 3 (FREYMOND, 1973, p. 187-188-189) (DUCLOS, 1964, p. 98-99-100); Figura 4 (FREYMOND, 1973, p.608-609-610-611-612 ) (DUCLOS, 1964,p. 125-126-127-128-129) ; Figura 5 (DUCLOS, 1964,p. 176-177-178-179-180-181) Figura 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11: (GUILLAUME, 1909, p. 135), (GUILLAUME, 1909, p. 109-110) (GUILLAUME, 1909, p. 210-211) (GUILLAUME, 1910, 92-93) (GUILLAUME, 1910, p. 258).



Não se pode admitir, pelo gráfico, que os países de língua francesa hegemonizem o Congresso, pois não fornece informações suficientes dos delegados suíços, isso é relevante pelo fato da Suíça ser um país de várias línguas (francês, italiano, alemão e romanche são atualmente as línguas oficiais do país). Apesar disso, nesse momento, haviam somente suíços francofônicos na Internacional. Apesar disso, a preponderância linguística dos delegados suíços, em todos os congressos, é o francês. Não permite também ver a representatividade geral, pois não tivemos acesso ao tamanho das Seções<sup>106</sup> que cada delegado representa, por exemplo, todos os representantes da Inglaterra eram membros do Conselho Geral – que também funcionava como órgão central das seções inglesas. Mas sabemos que, no mínimo, 60 Seções da AIT foram representadas.

O Congresso de Genebra de 1866 é o que inaugura o ciclo dos Congressos da Internacional, tem o papel de validação da fundação de 1864. Tudo que era Provisório passa a ser oficial, validado por um amplo Congresso, desde os Estatutos até o Conselho Geral. Fortalece-se o chamado: “trabalhadores, uni-vos”.

O segundo Congresso, ocorrido em Lausanne na Suíça, em 1867, como podemos ver na Figura 2 abaixo:

### CONGRESSO DA AIT EM LAUSANNE, Suíça, DE 1867



Figura 2- Delegados do Congresso de Lausanne.

106 Os Regulamentos da AIT expressam que: “12º Cada Seção ou grupo de Seções que conte mais de quinhentos membros tem o direito de enviar um delegado para quinhentos membros acima desse número primitivo” (GUILLAUME, 2009, p. 79).

O segundo Congresso aconteceu em 1867, novamente na Suíça. Repete-se a preponderância Suíça, novamente majoritária, seguida pela delegação francesa, que continua na mesma posição do anterior, mas mostrando um aumento de sua representação. Devemos abrir um parêntese que na delegação suíça são inclusos seis (06) delegados da Sociedade Industrial e Comercial de Lausanne, que não representam os trabalhadores organizados, mas pelo contrário, uma certa parte da burguesia local que teve a curiosidade de conhecer a organização - enquanto dois ingleses, representantes da Liga Nacional da Reforma não foram como delegados – novamente os outros vindos da Inglaterra do Conselho Geral. A Alemanha amplia sua representação superando a Inglaterra. Dois novos países, apesar de minoritários, se mostram representados no Congresso. Existe uma pequena variação crescente na composição total de delegados.

O Congresso de 1867 coincide com a escrita final d’*O Capital* de Karl Marx, decorre disso o caráter profundamente mutualista das resoluções desse Congresso. Aqui debatem-se o crédito mútuo, mutualismo e vence a posição proudhoniana sobre o papel social da mulher, a saber, ela deve ter um papel em absoluto doméstico.

Analisemos agora a Figura 3:

### CONGRESSO DA AIT EM BRUXELAS, Bélgica, 1868

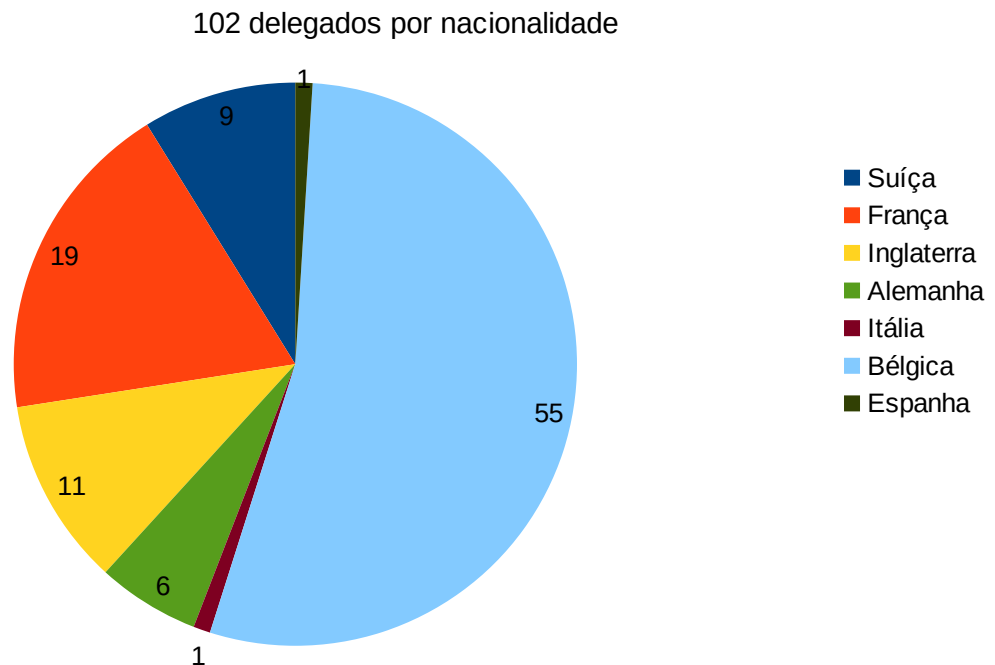


Figura 3 - Delegados do Congresso de Bruxelas.

Na Figura 3 podemos observar uma variação em todos os aspectos, com relação aos dois primeiros Congressos. Vemos que composição total quase dobra e que a Bélgica, antes com 2% da representação, agora toma a maioria do Congresso com 54% dos delegados, enquanto a Suíça diminuiu sua representação para 9%<sup>107</sup> do total. França mantém sua posição de segundo lugar, apesar de com uma porcentagem menor que nos dois primeiros Congressos, a Inglaterra retorna aproximadamente a porcentagem do primeiro Congresso, assim como a Alemanha. A Itália mantém sua representação, enquanto a Espanha aparece pela primeira vez, com 1% dos delegados.

O que domina o Congresso de Bruxelas é a divisão da organização entre aqueles que defendem que a terra e os meios de produção devem ser propriedades do povo que trabalha, assim, quebra a propriedade privada do Capital, e aqueles que defendiam o estabelecimento da pequena propriedade e a federação dos produtores. Posta em votação a questão da propriedade coletiva, os comunistas/coletivistas vencem os mutualistas, contudo, em respeito à pequena margem de vitória, decidiu-se levar esse debate para o próximo congresso.

Vamos agora para construção da Figura 4:

#### CONGRESSO DA AIT EM BASILÉIA, Suíça, de 1869

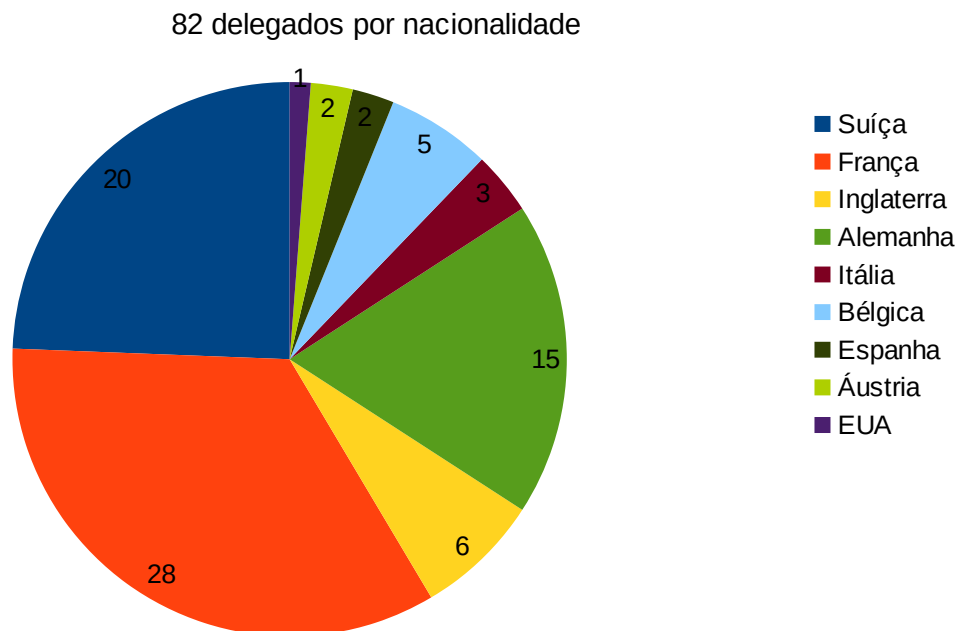


Figura 4 - Delegados do Congresso da Basiléia<sup>108</sup>.

<sup>107</sup> Deve-se pontuar que 05 delegados suíços levam a representação de 24 seções, todas elas de Genebra e de Carouge, porém, estamos levando em conta aqui a representação por delegados, não sua representatividade como havia pontuado acima.

Na Figura 4, observamos pela primeira vez uma diminuição no número total de delegados com relação ao Congresso anterior. Apesar disso, observamos o Congresso, internacionalmente falando, mais representativo de todos com nove nacionalidades representadas. Apesar de o Congresso ter acontecido na Suíça, como os dois primeiros, não observamos que a delegação desse país, assim como ocorreu naqueles, apareça como a mais representada.

Podemos ver pelo gráfico que a delegação da França se destacou com 34% de toda delegação do Congresso, seguida da delegação Suíça, o país sede, com 24%. A Alemanha supera a Inglaterra na porcentagem da delegação. Bélgica que no Congresso anterior havia se tornada majoritária com 54% de toda delegação, agora tem somente 6%. Itália aumenta sua porcentagem para, aproximadamente, 4% enquanto a Espanha elava sua representação em 2%. A Áustria-Hungria, aparecendo pela primeira vez, tem 3% da delegação. A América, ou seja, Estado Unidos, inaugura sua participação sendo o primeiro país não Europeu a compor e representando 1% da delegação total<sup>109</sup>.

Três pontos centrais são matéria dos debates do Congresso de Basileia. É votada, novamente, a questão da propriedade coletiva, que vence com larga margem, os mutualistas são derrotados e abandonam a organização devido a isso. Seguiu-se a isso, dois pontos, Bakunin surge, pela primeira vez, num Congresso da AIT com uma proposta de “Fim do Direito de Herança”, que, para surpresa de Marx o ponto aceito pelo Congresso, o que o deixa muito preocupado com a influência do militante russo (MUSTO, 2014; ENCKELL, 2012; GUILLAUME, 1905). O terceiro ponto refere-se ao aumento das atribuições e poderes do Conselho Geral, dando direito de intervir

---

108 Por questões de esclarecimento: Espanha 2,53%, Estados Unidos 1,2%, Áustria 2,53%, Inglaterra 7,59%.

109 Apesar de a porcentagem americana ser pequena, o delegado traz uma representação da National Labor Union e o Congresso dos trabalhadores da Philadelphia dando ao delegado um peso significativo.

CONGRESSO DA INTERNACIONAL EM HAIA, Holanda, de 1872:  
51 delegados por nacionalidade

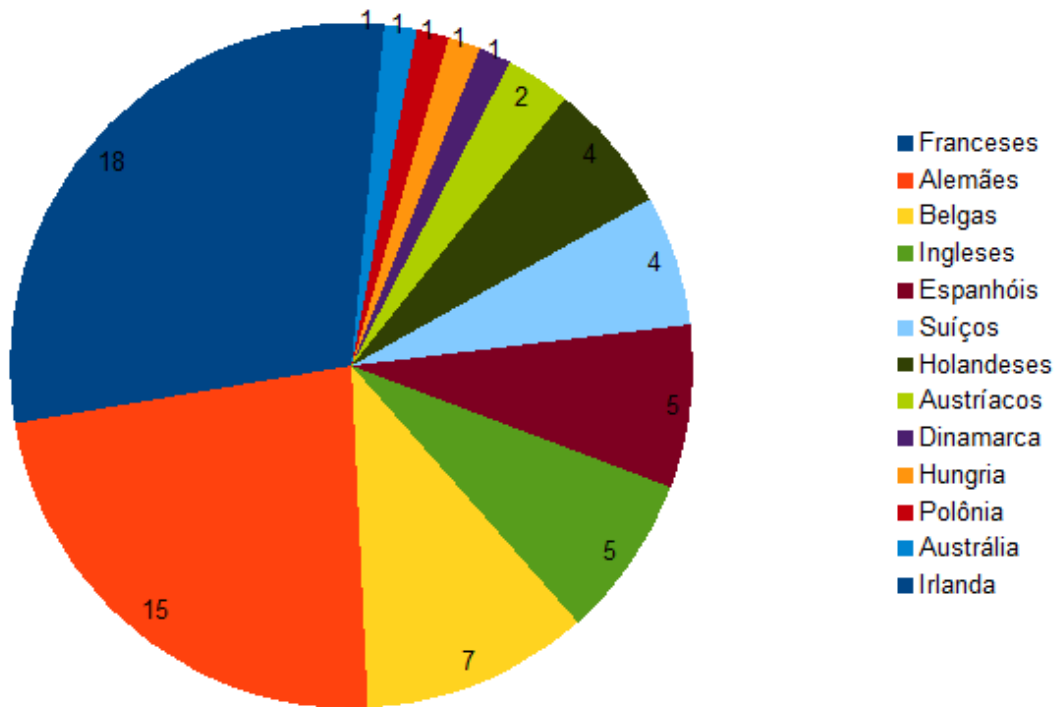


Figura 5 - Delegados do Congresso de Haia.

O Congresso de Haia, é realizado numa Europa diferente, quatro acontecimentos explosivos, trágicos e retumbantes: Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), Comuna de Paris (1871), Unificação Alemã (1872) e Unificação Italiana (1872). A Guerra Franco-Prussiana leva a queda do Império Francês e do reestabelecimento da República e à Comuna, movimento revolucionário que causa uma impressão profunda nos revolucionários, porém, também no partido da ordem. Avaliando os dados, Haia marca por um ponto negativo e por um positivo. O número de delegados é, pela primeira vez, inferior ao primeiro Congresso. Enquanto aquele marcou 60 delegados, esse reuniu 51. Porém, impressiona a quantidade de nacionalidades representadas, 13 ao todo. Contudo, é marcado que a dobradinha franco-alemã conseguiu ser majoritária.

O Congresso de Haia, essa talvez seja a maior particularidade, é a continuação de uma Conferência. Aquela, a Conferência de Londres de 1871, foi chamada em meio a repressão e a impossibilidade de realizar um Congresso amplo e aberto, “o Conselho Geral decidiu promover uma conferência em Londres” (MUSTO, 2014, p. 55). Essa ocorre de 17 a 23 de setembro com a presença de 22 delegados. Marcello Musto aponta que só participaram 19, pois três delegados não participaram além das duas primeiras sessões.

Marx, em meio a toda repressão externa que a Internacional sofria e os conflitos intestinos pela qual passava, anunciara que nas presentes circunstâncias a questão da organização era a mais importante (ENCKELL, 2012). Por conta disso, as questões teóricas foram deixadas de lado, para centrarem-se “exclusivamente em questões organizacionais e políticas” (MUSTO, 2014, p. 56).

Marx sintetiza suas preocupações numa fala no primeiro dia dos trabalhos: primeiro, para ele, deveriam ser discutidas “as medidas a serem tomadas contra os perigos que ameaçam a Associação em muitos países, e para avançar em direção a uma nova organização, que corresponda às necessidades da situação” (MUSTO, 2014, p. 56). Como segundo ponto, “elaborar uma resposta aos governos que trabalham ininterruptamente para destruir a Associação, por fim resolver de uma vez por todas o conflito suíço” (MUSTO, 2014, p. 56).

Marcello Musto sintetiza bem o grau de urgência e a necessidade dessa reunião para Marx. “Para realizar tais objetivos, Marx empenhou todas as suas energias. Foi ele, de longe, o delegado mais ativo da conferência, tomando a palavra por 102 vezes”. A Conferência de Londres prova que “ele era não apenas seu cérebro, aquele que elaborava a linha política, mas também um de seus militantes mais combativos e capazes” (MUSTO, 2014, p. 56).

Mas não foi a brilhante atuação de Marx que faria com que a Conferência fosse lembrada, mas a aprovação da Resolução IX. Essa, surgida como uma proposta do communard Vaillant, exilado em Londres, transformava a Associação num partido internacional centralizado e disciplinado, sob a liderança do Conselho Geral (DUCLOS, 1964; MUSTO, 2014). A ala dos marxistas apoiou essa proposta vinda do blanquismo, entre outros fatores, para criar uma aliança com esses contra o anarquismo político que se fortalecia no interior da organização.

A Resolução IX, aprovada em Londres, diz algo como: Em presença de uma reação impetuosa, que esmaga violentamente todo esforço de emancipação da parte dos trabalhadores e pretende manter pela força bruta a distinção entre as classes e a consequente dominação política das classes proprietárias, que essa constituição da classe trabalhadora num partido político é indispensável para assegurar o triunfo da revolução social e seu fim último – a abolição das classes. Que a combinação de forças que a classe trabalhadora já efetuou por meio de suas lutas econômicas deve ao mesmo tempo servir como alavanca para suas lutas contra o poder político dos senhores rurais e capitalistas

Se o Congresso de Genebra de 1866 havia confirmado a importância do sindicato, a Conferência de Londres de 1871 definiu o outro instrumento fundamental de luta do movimento operário: o partido político (MUSTO, 2014, p. 58).

A repercussão, entre a Conferência de Londres (1871) e a Congresso de Haia (1872), em resposta a Conferência de Londres, os militantes da Federação do Jura convocaram para 12 de

novembro seu congresso, que ocorreu em Sonvilier. Ali nasceu oficialmente a oposição no interior da Internacional.

A cisão foi terrível para a Internacional dos EUA, ocasionando o afastamento de muitos militantes e repercutindo no Conselho Geral em Londres. As relações de Marx com John Hales (1839-?) e Eccarius, respectivos correspondentes dos Estados Unidos, rapidamente se deterioraram, e também na Inglaterra começaram a surgir os primeiros conflitos internos.

Ao fim e ao cabo, após tantas tormentas, no outono de 1872, entre 2 e 7 de setembro, dele participaram 65 delegados, representando 14 países. Desses a maioria era de 18 delegados franceses e 15 delegados alemães, totalizando 33 delegados, “muitos dos quais eram membros do Conselho Geral” (MUSTO, 2014, p. 62). Fora essa dobradinha franco-alemã, participaram do Congresso “sete delegados belgas, cinco ingleses, cinco espanhóis, quatro suíços, quatro holandeses, dois austríacos e um único delegado Dinamarca, Irlanda, Hungria, Polônia e Austrália” (MUSTO, 2014, p. 62). Paul Lafargue era delegado da Federação de Lisboa e pela Federação Madri.

Marx participa pessoalmente do Congresso de 1872, o qual foi marcado por três decisões que jorraram das feridas abertas entres “autonomistas” e “centralistas”:

- 1) Aprovação da Resolução IX como artigo “7a” do Estatutos Gerais;
- 2) Expulsão de Bakunin e de James Guillaume;
- 3) Transferência do Conselho Geral de Londres para Nova York.

Estendemo-nos na explicação desse congresso dada importância capital do Congresso de Haia na história da AIT, entendendo, inclusive, a trama histórico-político a qual ele está vinculado. O emaranhado histórico à qual esse Congresso remonte, tem que ver com o pano de fundo histórico da Europa à época, ou seja, o fim da Guerra Franco-Prussiana, outra específico, referente a reorganização de forças dentro da AIT, tendo a Conferência de Londres como prelúdio do congresso.

Passamos, agora, a decorrência imediata ao Congresso de Haia, o Congresso de Saint-Imier, visto na Figura 6, abaixo.

## CONGRESSO "AUTONOMISTA" DE SAINT-IMIER, Suíça, de setembro de 1872:



Figura 6 - Delegados do Congresso de Saint-Imier.

O Congresso de Saint-Imier é chamado para ocorrer ainda no mês de setembro de 1872, ou seja, a urgência da “ala autonomista”. Lá, os delegados que participaram de Haia, convocam um Congresso no sentido de destituir o Conselho Geral, desautorizar as decisões da Conferência de Londres e do Congresso de Haia e convocar a refundação da Internacional sobre bases federalistas e que centrariam seu trabalho militante na chamada luta teórica e na luta “econômica”. Excetuado o delegado americano, o Congresso é constituído por delegados latinos, sendo que, espanhóis e italianos dominam com mais da metade dos presentes, apesar do congresso ter ocorrido na Suíça e os principais militantes da cisão estarem baseados lá. O Congresso de Saint-Imier, deve ser chamado de um congresso “autonomista”, pois ele não estabelece a fundação de uma internacional coletivista-bakuninista num sentido estrito. Afinal, em Saint-Imier, prevalece a posição de James Guillaume, da necessidade de uma organização ampla, flexível, federalista e, cuja posição sobre a atuação política não poderia ser um imperativo.

Em termos objetivos, talvez por ser chamado na eminência de sua realização, o Congresso é o menor em termos de delegados. Com relação aos anteriores, ele não chega nem à metade do número do menor deles. Contudo, apesar disso, conseguiu balancear a organização e atrair um número



importante de federações nacionais que lançam notas de adesão e solidariedade, notadamente, a Federação Belga e a Inglesa são as mais importantes.

Na Figura 7, abaixo, veremos o resultado dos esforços do Congresso de Saint-Imier.

### CONGRESSO "AUTONOMISTA" EM GENEBRA, Suíça, de 1873



Figura 7 - Delegados do Congresso “autonomista” de Genebra.

Os 28 delegados reunidos no Congresso de Genebra, realizado um ano após aquele setembro da fatídica cisão, marca o sucesso o chamado do Congresso de Saint-Imier no que diz respeito a pluralidade de nacionalidades que vieram compô-lo. Os belgas, que romperam com o Conselho Geral após o chamado dos “autonomistas”, trouxeram aproximadamente 25% dos delegados do congresso. Os ingleses, apesar de só se representarem com dois delegados, marcam uma posição a favor do racha “autonomista”, também contra o Conselho Geral. Contudo, apesar desse ponto de otimismo, o Congresso de Genebra de 1873 não emplaca sequer a metade dos delegados do Congresso de Genebra de 1866. Os suíços, no congresso “autonomistas”, não conseguem uma delegação forte para dar corpo significativo ao congresso, sendo esse o pior sinal, pois passa a mostrar uma tendência desde Saint-Imier, que a base suíça começa a se esvaír.

Entretanto, o que se debateu nesse congresso, em geral foi:

- 1) a ideia da greve geral;
- 2) como será a sociedade pós-revolucionária;
- 3) a confirmação da votação de Saint-Imier sobre a abolição do Conselho Geral.

Na semana seguinte desse congresso, no mês de setembro de 1873, ocorreu o Congresso “centralista” de Genebra de 1873, como veremos abaixo:

### CONGRESSO GERAL "CENTRALISTA" EM GENEBRA, Suíça, de 1873

38 delegados por nacionalidade, mas especificadas as seções suíças

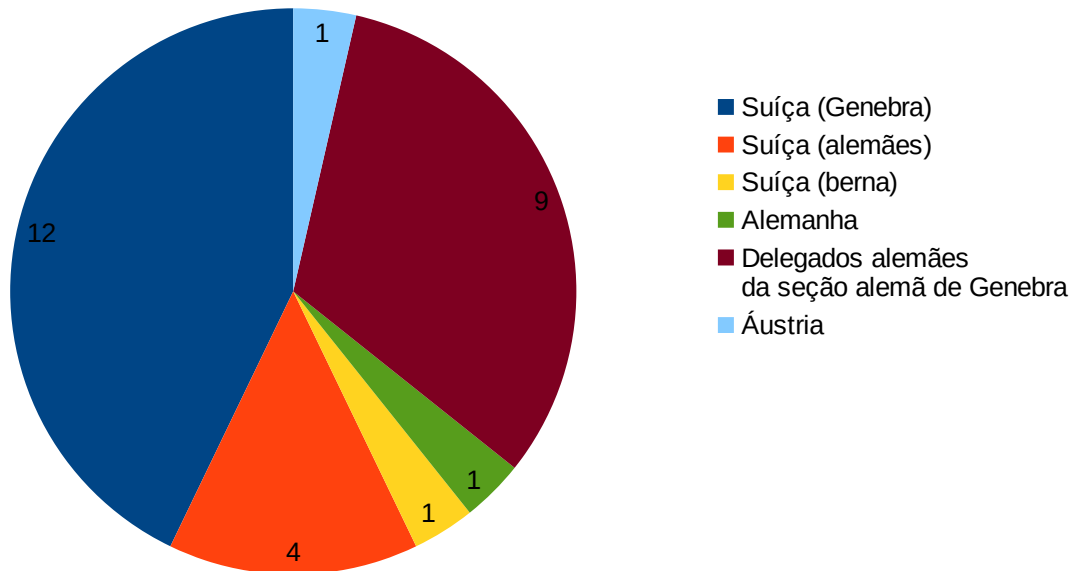


Figura 8 - Delegados do Congresso “centralista” de Genebra.

Esse é o relato que James Guillaume faz, resumidamente, dos acontecimentos do congresso “centralista” de Genebra:

O Congresso, até onde a gente pode ter notícias através das atas muito incompletas da imprensa contando uma dúzia de delegados (de língua francês) de Genebra, um delegado da Seção de Moutir, um delegado da Alemanha, quatro delegados da Suíça alemã, nove delegados alemães habitantes de Genebra e, enfim, o austríaco Oberwinder sob o nome de Schwarz. Quanto às decisões tomadas pelo Congresso, elas não foram publicadas, e nós tomamos conhecimentos por ouvir dizer. Van den Abelle, que havia ido, em nome da Federação Holandesa, colocar um ultimato aos representantes do marxismo, caso fosse mal recebida: recusaram o escutar, e ele se retira protestando. Graças à maioria que Becker havia formado por meio de “mandatos”. Schwarz e os fiéis, contrários a proposição genebrina de transferir o Conselho Geral foi rejeitada, decidiram que o Conselho permaneceria em Nova York; decidiram também [...] que o Conselho Geral não convocaria um novo Congresso antes de dois anos, em 1875, e renunciava a tentar se reunir em 1874 (GUILLAUME, 1909, p. 136).

Entretanto, os dados do Congresso nos mostram que, apesar de ter perdido amplitude internacional, pela baixa representatividade de países, ela conseguiu se manter em pé na Suíça, palco do início da cisão, já no biênio 1869-1870, do qual trataremos no capítulo 3. Nesse sentido, podemos

dizer que, com relação a disputa pelos delegados suíços a Internacional centralista conseguiu capitanear muito mais força após a cisão definitiva.

### CONGRESSO "AUTONOMISTA" EM BRUXELAS, Bélgica, DE 1874

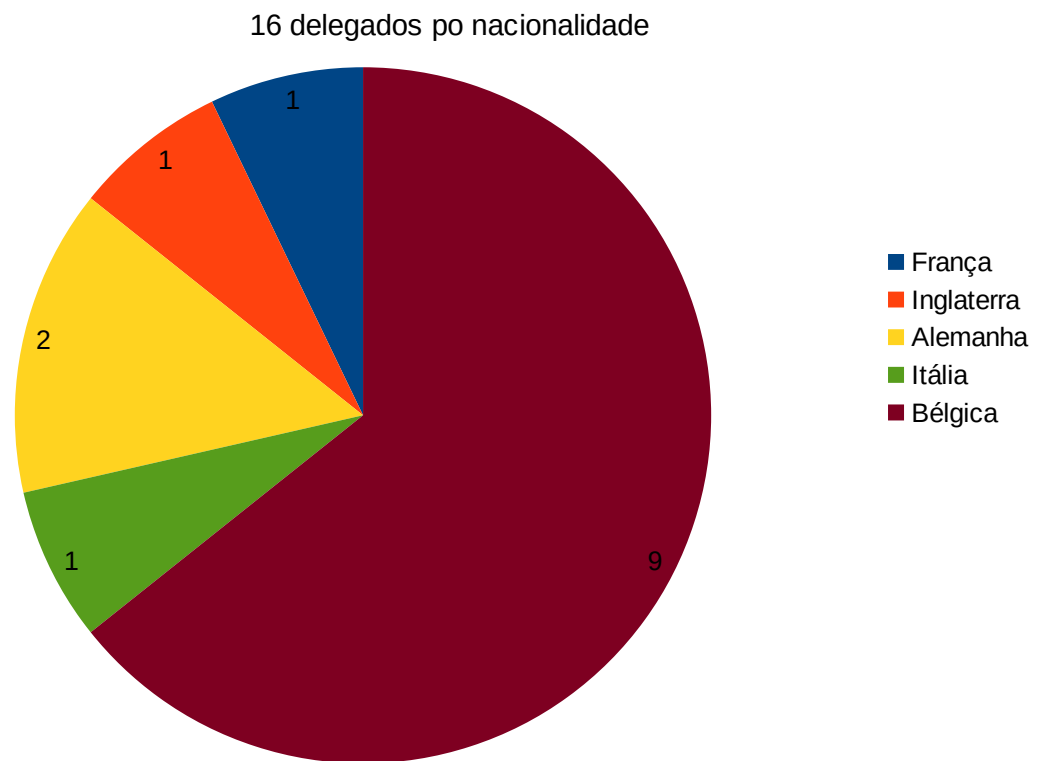


Figura 9 - Delegados do Congresso “autonomista” de Bruxelas.

Uma queda brusca no número dos delegados presentes, pela primeira vez não se verifica a presença de delegados suíços, assim como, não há delegados espanhóis e os italianos não mandam somente um representante.

A Internacional na Itália e na Espanha adotam uma posição insurrecionalista, buscando participar de aventuras revolucionárias, o que leva ao aumento da repressão e o aprisionamento de muito de seus militantes, assim como, à ilegalidade da AIT em seus países (ENCKELL, 2012; FREYMOND, 1973).

Confirma-se, entretanto, a tendência do país sede preponderar em número de delegados na AIT. Uma nota importante a se fazer é que foram convidados representantes do lassalianismo para acompanhar o congresso, ao que se deve essa pequena representação alemã (ENCKELL, 2012).

O principal debate é sobre como seriam organizados os “serviços públicos”, toma conta desse debate no congresso a disputa entre a defesa de um “Estado popular”, pela ala belga de César de

Paepe, e do federalismo-coletivista, pelos aliados de Guillaume, o qual participara do congresso sem contar com nenhum mandato. A linha vencedora é a de Guillaume, o congresso defende a noção ampla de serviços públicos organizados pelas federações e Comunas (GUILLAUME, 1910).

### CONGRESSO DA AIT "AUTONOMISTA" EM BERNA, Suíça, de 1876

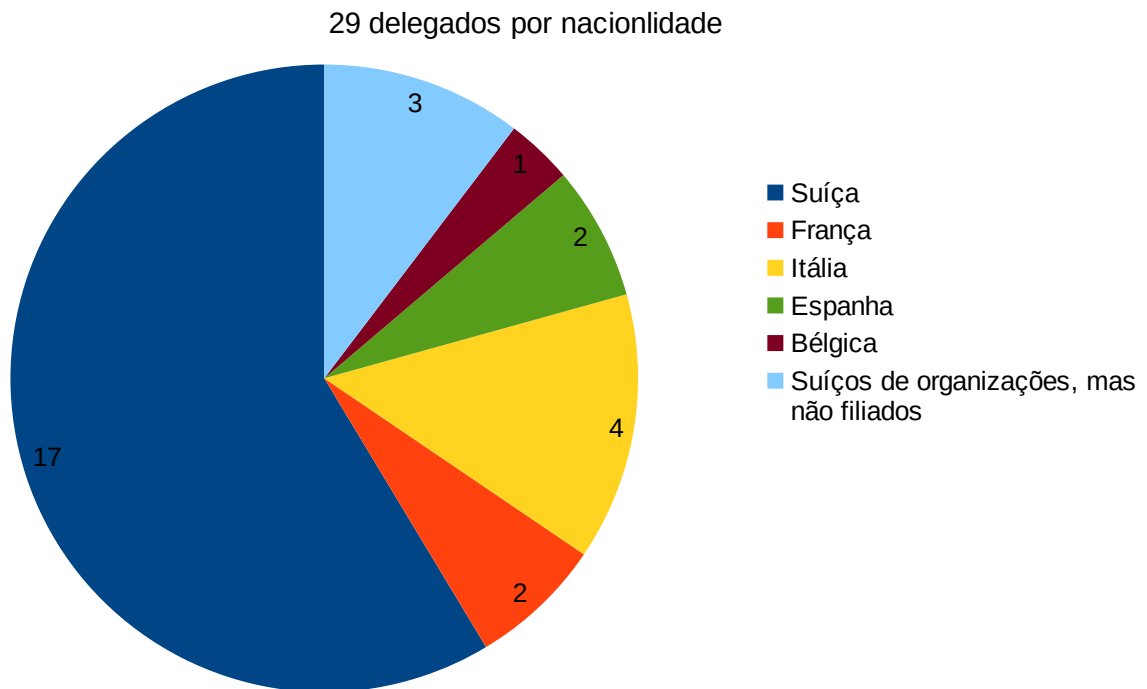


Figura 10 - Delegados do Congresso "autonomista" de Berna.

Durante o congresso ocorrido em Berna de 26 a 30 de outubro de 1876, a discussão prosseguiu na mesma linha da reunião precedente. Ele foi composto por 28 delegados, dentre os quais 19 suíços (17 da Federação do Jura), 4 italianos, 2 espanhóis e 2 franceses. De Paepe foi como representante da Bélgica e da Holanda. Infelizmente, o debate irreconciliabilidade entre as posições de De Paepe e Guillaume continuou sem avanços.

Contudo, a reunião concluiu-se acolhendo uma proposta da federação belga, que convocava para o ano seguinte um congresso socialista universal, ao qual seriam convidadas todas vertentes socialistas da Europa (ENCKELL, 2012; GUILLAUME, 1910; MUSTO, 2014).

Esse Congresso, podemos dizer, marca um sopro de vida na Internacional Suíça, que mandara sucessivamente nos congressos anteriores delegações ínfimas ou inexistentes. Enquanto os belgas, apesar de mandar somente seu dirigente principal, De Paepe, acumulavam um contingente grande de

militantes e de conquistas, sendo que, a Federação Belga passava a ter uma vida cada vez mais institucional.

## CONGRESSO "AUTONOMISTA" EM VÉRVIER, Bélgica, DE 1877

19 delegados por nacionalidade

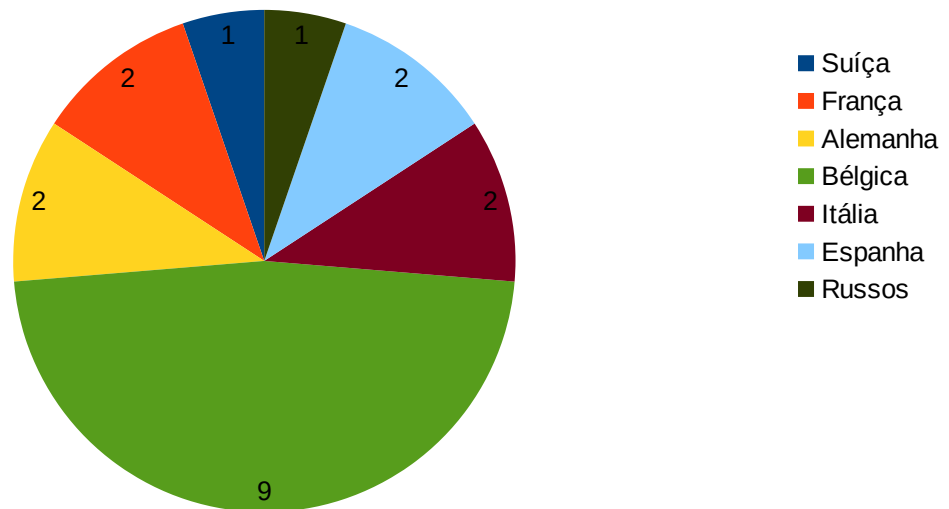


Figura 11 - Delegados do Congresso “autonomista” de Verviers.

Novamente, o número total de delegados não consegue alcançar 20 nomes, confirmando uma tendência de esvaziamento dos congressos após a cisão, como veremos nas figuras 12, 13 e 14 (abaixo). Os suíços e os belgas são as delegações que mais variam do Congresso de Berna ao de Verviers. O primeiro motivo é geográfico, o país sede praticamente domina de novo, com cerca de 48% dos delegados. O segundo motivo, o qual trataremos mais pausadamente no Capítulo 3, é a prisão de muitos internacionalistas suíços devido ao protesto que esses fizeram em Berna, em março de 1877, na ocasião do aniversário da Comuna de Paris, assim, só Guillaume participa como delegado.

Os vervionenses que organizaram o Congresso eram militantes experientes, mas a federação belga havia passado também por uma cisão – De Paepe que organiza o congresso socialista universal que ocorreria alguns dias depois não aparece no Congresso geral da AIT. As discussões do Congresso são mal conhecidas, pois não é feita uma ata oficial (ENCKELL, 2012), mas nos escreve Guillaume que tratam, entre outras coisas, da comunicação entre as federações e o bureau central, da questão da revolução deve ser um levante geral e internacional (GUILLAUME, 1910). A discussão teórica é

centrada no congresso de Gand (Congresso Socialista Universal), onde todas as tendências do movimento operário estavam convidadas a estabelecer um pacto de solidariedade (ENCKELL, 1910).

Por fim, apesar das ressalvas de Stekloff(2019), esse é considerado o último congresso da Internacional pela literatura dos estudos relativos a AIT. Ela é esvaziada pelo Congresso Universal da Bélgica, que lança a pedra fundamental da criação da Segunda Internacional e uma pá de cal na Internacional de 1864.

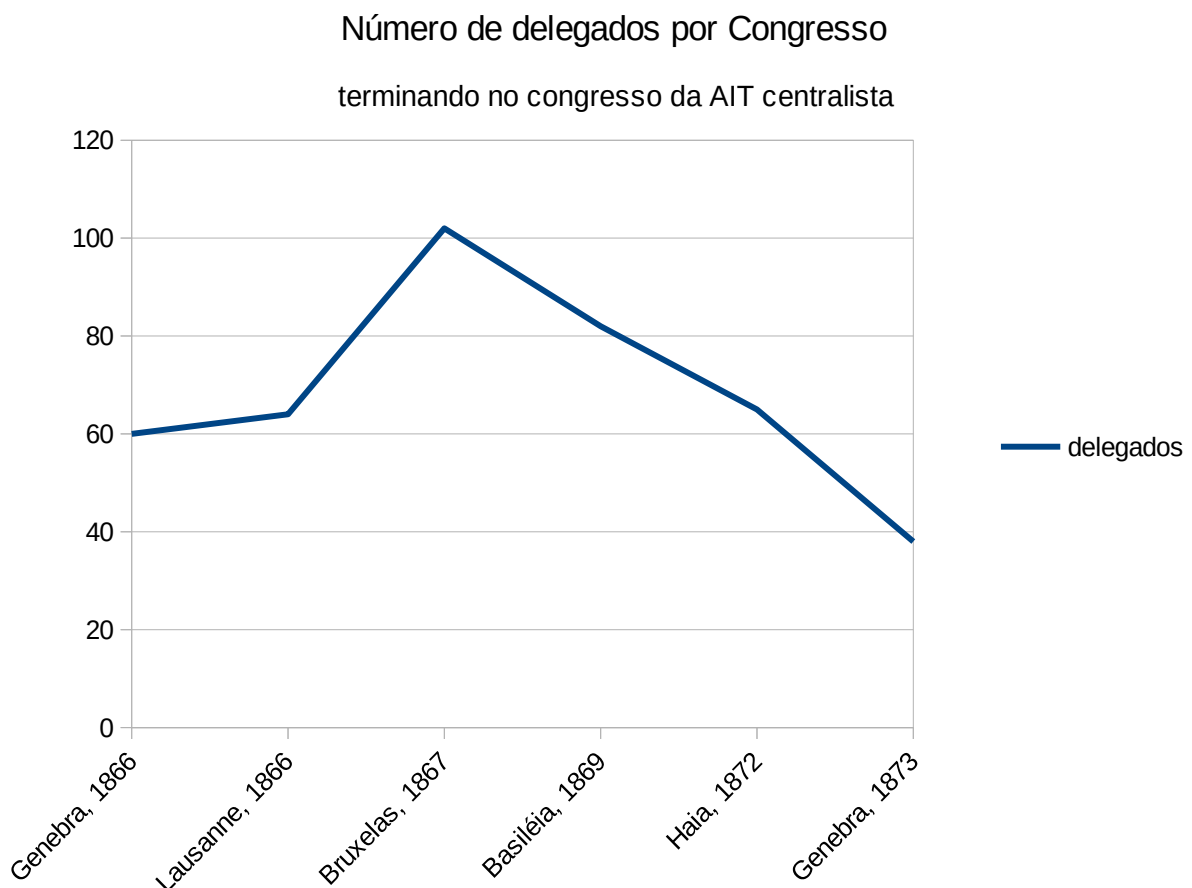


Figura 12 - Delegados por Congresso: modelo “centralista”.

O fim está no começo, já diria a tradição hegeliana (HEGEL, 2017), que aqui se repete como um dado curioso da vida da Internacional. A cidade que marca a inauguração dos Congressos Internacionalistas é onde vem a findar a organização, numa reunião esvaziada e assistida por poucos países. Por outro lado, podemos observar a preponderância da Suíça ao longo de toda Internacional, de modo que, somente dois Congressos não tiveram sede no país de Calvino e Rousseau. Apreciando só o

quadro a cima, Figura 12, deduz-se que Bruxelas marca, de certo modo, o apogeu, porém, *après Bruxelles, le déluge*.

As aventuras bélicas, as aventuras revolucionárias e as lutas intestinas marcam a AIT nos anos que se seguiram após 1869, a queda acentuada de Haia à Genebra marca o fim trágico, o canto do cisne desse braço “centralista” que tentou sobreviver a essa tempestade que dividiu a organização em duas. Nesse caso, podemos afirmar, com certa propriedade, que a cisão foi, apesar de não somente ela, fatal para os centralistas. “Segundo Marx, porém, a “primeira” Internacional havia cumprido sua missão histórica e era chegada a hora de baixar a cortina” (MUSTO, 2014, p. 81).

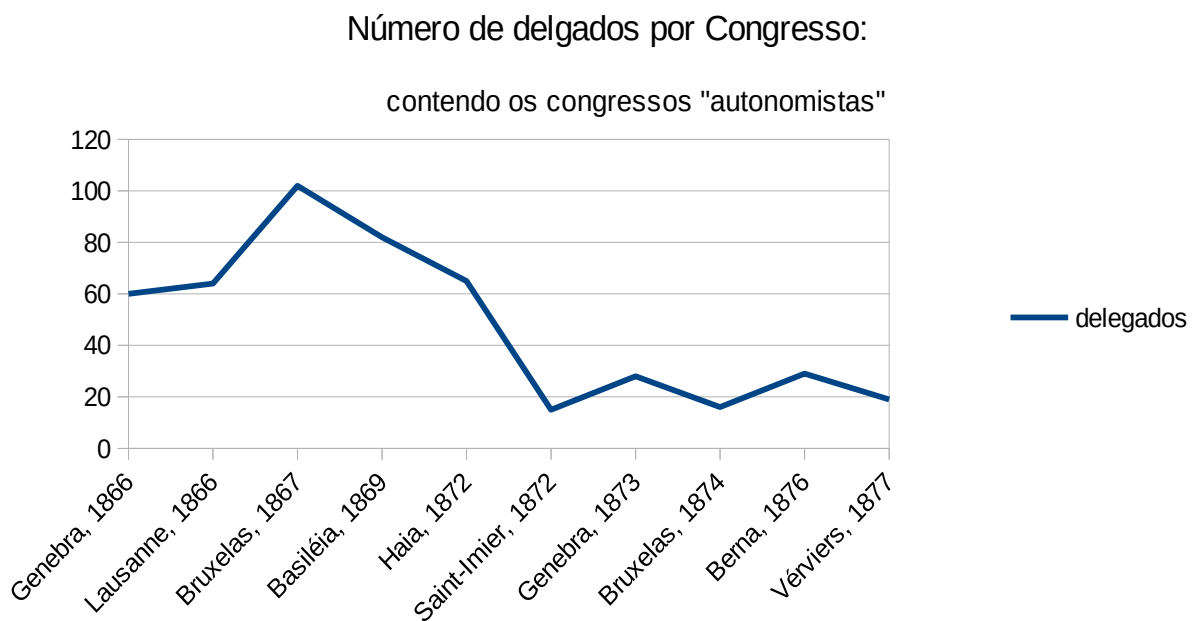


Figura 13 - Delegados por Congresso: modelo “autonomista”.

A Figura 13, na qual é representada a variação dos delegados da Internacional, seguindo a tradição autonomista no pós-Haia. Ao fim e ao cabo, o comportamento estatístico mostra que o esforço da AIT-autonomista, após o congresso, era de manter viva uma organização que perdeu em números e em capacidade aglutinativa. Nenhum congresso conseguiu, sequer, alcançar a metade do menor Congresso pré-cisão, a saber o Congresso de Genebra de 1866, que inaugurou com 60 delegados. O aspecto de sobrevivência parece se confirmar pelo comportamento ondulatório do gráfico, que termina numa última queda, de Berna (1876) à Verviers (1877).

Por outro lado, podemos entender que o momento da cisão, marca o meio do caminho entre os dois momentos da AIT: do início até Haia, prosperidade e amplitude; após Haia até o fim, decadência e sobrevivência. Nota-se, nesse sentido, que separam-se cinco congressos no primeiro momento e cinco no

segundo, uma coincidência que serve como instrumento de comparação para avaliar essa característica.

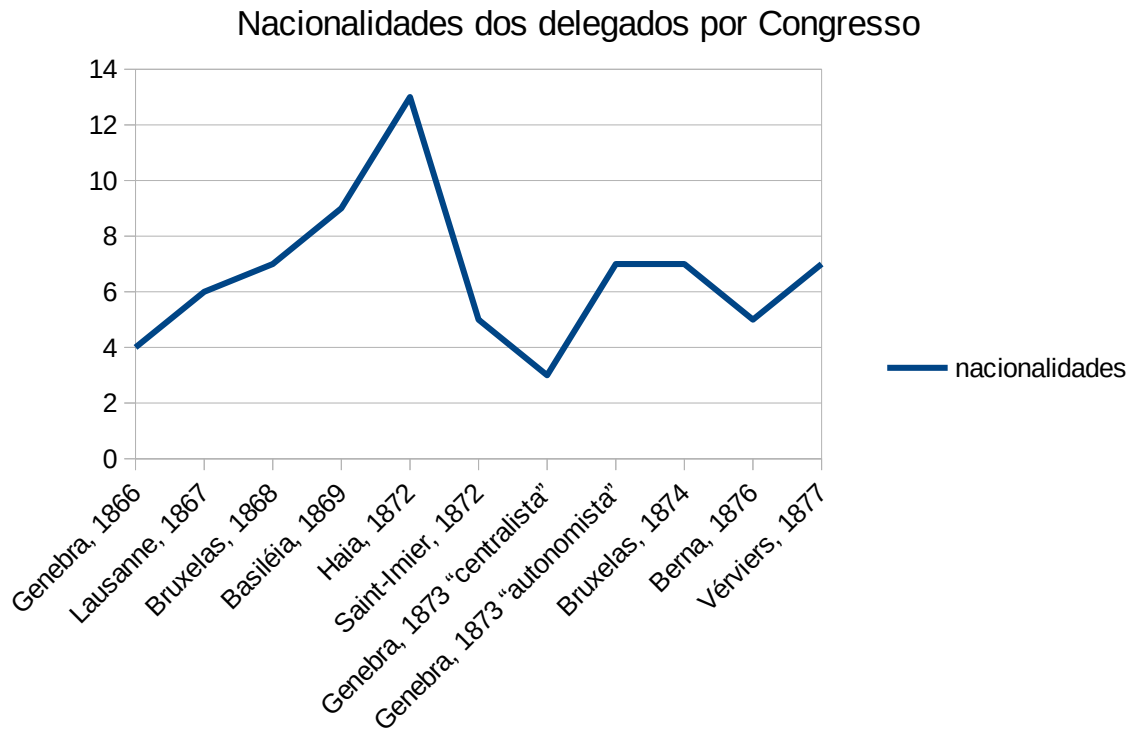


Figura 14 - Nacionalidades por Congresso.

Na Figura 14, sintetizamos o comportamento da nacionalidade dos delegados que compuseram os congressos da AIT. Vemos que o movimento de progressão e decadência acompanha o das Figuras 12 e 13, contudo, há uma diferença a se notar: o pico que nos anteriores se dá em Bruxelas, agora está no Congresso de Haia. Enquanto o fosso, que nos outros era o Congresso de Saint-Imier, nesse recai sobre o Congresso “Centralista” de Genebra. Guardadas as ressalvas, uma sobreposição das figuras traz uma coincidência da forma. Tanto no que se refere no já referido “pré-Haia” e “pós-Haia”, quanto no movimento de sobrevida da Internacional autonomista, com uma estranha inversão do desenho formado por “Bruxelas, 1874; Berna, 1876; Verviers, 1877” da Figura 13 para a 14.

Além desses dados tivemos acesso ao número total de filiados da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), através do estudo de Marcello Musto. O qual traz uma cronologia da Organização, assim como, uma tabela organizada assim:

primeira coluna da tabela lista em ordem cronológica de fundação, os países em que a Internacional foi estabelecida; ela não inclui, por exemplo, a Austrália a Nova



Zelândia ou a Índia, onde ocorreram apenas contatos esporádicos, com pequenos grupos de trabalhadores. Tampouco cobre a Rússia, uma vez que a Internacional jamais conseguiu penetrar naqueles países (embora alguns exilados tenham fundado um círculo na Suíça). A segunda coluna apresenta os anos em que a organização atingiu seu pico nos respectivos países, e a terceira oferece uma cifra aproximada para o número de seus membros para o número de seus membros (MUSTO, 2014, p.86-87).

Posto isso, podemos então mostrar a

### **Cronologia**

Conferências e Congressos (1864-1872)

Conferência de Londres: 25-29 de setembro de 1865

I Congresso: Genebra, 03 – 08 de setembro de 1866

II Congresso: Lausanne, 02-08 de setembro de 1867

III Congresso: Bruxelas, 06-13 de setembro de 1868

IV Congresso: Basileia, 06-12 de setembro de 1869

Conferência dos delegados de Londres: 17 – 23 de setembro de 1871

V Congresso: Haia, 02-07 de setembro de 1872

### **A Internacional “autonomista”**

VI Congresso: Genebra, 01-06 de setembro de 1873

VII Congresso: Bruxelas, 07-13 de setembro de 1874

VIII Congresso: Berna, 26 – 30 de outubro de 1876

IX Congresso: Verviers, 06-08 de setembro de 1877

### **A Internacional “centralista”**

VI Congresso: Genebra, 07-13 de setembro de 1873

Conferência dos delegados da Filadélfia: 15 de julho de 1876

(MUSTO, 2015, p.87).

Segue agora Tabela referente ao número de membros:

<b>País</b>	<b>Ano de pico</b>	<b>Número de membros</b>
Inglaterra	1867	50 mil
Suíça	1870	6 mil
França	1871	Mais de 30 mil
Bélgica	1871	Mais de 30 mil
Estados Unidos	1872	4 mil
Alemanha	1870	Mais de 10 mil (inclusive membros do Partido Socialdemocrata dos Trabalhadores da Alemanha)
Espanha	1873	Cerca de 30 mil
Itália	1873	Cerca de 25 mil
Holanda	1872	Menos de mil
Dinamarca	1872	Menos de 2 mil
Portugal	1872	Menos de mil
Irlanda	1872	Menos de mil
Império Áustro- Húngaro	1872	Menos de 2 mil

Tabela 1 - Número de membros máximo por país (MUSTO, 2014, p.88).

Analisando as figuras 12, 13 e 14 é possível afirmar que houve um desenvolvimento progressivo na quantidade de delegados, tendo o primeiro Congresso 60 delegados e o terceiro Congresso 102, mas o desenvolvimento não foi contínuo tendo uma diminuição no corpo de representante do terceiro para o quarto Congresso tendo uma diminuição de 20 delegados, que se seguiu com uma queda contínua até Haia, porém, nos congressos pós-Haia a marca é que não se alcança, sequer, a metade dos delegados do início da organização. Com a representação das nacionalidades, que salta de 4 países para 9, sendo que o Congresso de Bruxelas, reforçado pelo Congresso de Haia esboçando esboçar uma influência transcontinental da organização tendo 14 países entre Europa, América e Oceania.

Outro dado relevante que pode ser observado é que a variação da disposição de delegados por nacionalidade aponta uma tendência para que o país sede leve a maior delegação, com exceção do último Congresso, talvez pelo fato da cidade, Basileia, ser na fronteira da Suíça com a França, ter possibilitado uma mobilidade favorável para os franceses, pois, caso contrário, temos que levar em conta a possibilidade da França ser o país em que a AIT teve mais força. Essa hipótese é reforçada pelo fato de que ela conseguiu em todos os Congressos ter, no mínimo, a segunda maior delegação. Mas esse é só uma hipótese que se abre, possibilitando um novo campo de pesquisa sobre a organização.

Ainda mais que, tomando os dados de Musto, a representação da Suíça, um dos países com menor número de filiados, é o país que prepondera em quase todos os Congressos, enquanto a Inglaterra, país com maior número de filiados é o país em vários congressos figura nos menos representados.

Posto esse panorama geral sobre a AIT, partiremos agora para o estudo do desenvolvimento histórico da organização, através do enfoque sobre os acontecimentos mais diretamente referidos às disputas políticas, assim como a relação entre as pessoas que ela compôs, suas ações, suas posições, além de seus escritos e suas memórias.

## 4 HISTÓRIA DA INTERNACIONAL A PARTIR DA SUÍÇA ROMÂNICA

### 4.1. Do surgimento até a cisão

O capítulo que trata sobre o primeiro Congresso da AIT, no livro de Guillaume é documentalmente rico, composto de documentos de várias naturezas, tais como jornais, memoriais, Estatutos em suas variadas versões, coisa que possibilitou uma reflexão acerca da interpretação das bases estatutárias da organização em seus diversos países, divisão interpretativa ocorrida por conta da barreira lingüística<sup>110</sup>. Porém, a riqueza de documentos, reflete o fato de que fora impossível a Guillaume grandes recordações visto que, só participara de uma pequena parte do Congresso, dos dois primeiros dias para ser mais exato. Ele conseguiu uma licença de dois dias na Escola Industrial. Eis que se iniciou, em setembro de 1866, o primeiro Congresso<sup>111</sup>, presidido por Hermann Jung, um

110 Entre esses documentos se está anunciado: *Mémoire de la Fédération Jurassienne; Congrès ouvrier de l'Association Internationale des travailleurs, tenu à Genève du 3 au 8 septembre 1866*, impresso em Genebra; *Le Premier Mars*, vinculado ao partido radical; *L'Association Internationale des Travailleurs*, impresso em Paris, 1871; *L'Internationale*, Paris, 1871; *La Rive Gauche, Bruxelles 1866 e Geschichte der deutschen Sozialdemokratie*, 2ª ed. Estes são alguns dos documentos que Guillaume se baseia para explicar os fatos acontecidos, porém, existe nessa parte do livro um debate documental sobre as múltiplas interpretações dos estatutos. A exposição desses e seu trato devido faremos mais a frente.

111 Assistiram ao Congresso 60, dos quais quarenta e cinco pertencem a Internacional e quinze são de associações operárias não filiadas. Os 45 se repartiam, em:

05 delegados representando o Conselho Geral; 17 representando quatro Seções da França; 03 representando quatro Seções da Alemanha e 20 representando quinze Seções da Suíça.

Os quinze delegados das associações operárias não filiadas a AIT se repartiam assim:

02 delegados de duas sociedade operárias de Londres; 13 delegados de onze sociedades operárias de Genebra ou outra cidade suíça.

Os cinco delegados do Conselho Geral, são: Eccarius, Hermann Jung, Cremer, Odger e Eugène Dupont (Dupont representava a seção francesa de Londres).

As Seções Francesas eram das cidades de Paris, Rouen, Lyon e uma quarta que não se sabe o nome. Os delegados por cidade, são:

-Paris: Bourdon, Camélinat, Chemalé, Cultin Fribourg, Guiard, Malon, Murat, Perrachon, Tolain, Varlin;

-Rouen : Aubry ;

-Lyon : Honoé Richard, Adrien Schettel, Baudy e Secrétan.

Das seções alemãs Moll era delegado por Colônia; Solingen, Müller a de Stuttgart; Bütter a de Magdeburgo.

Dos nomes que temos da delegação e das Seções que representavam a Suíça:

-Seção francesa de Genebra: Card e Dupleix;

-Seção alemã de Genebra: Becker e Heidt;

-Seção de Lausane: Cornaz;

-Seção de Montreaux: Bocquin;

-Seção de La Chaux-de-Fonds: Pierre Coullery, Jules Vuilleumier;

-Seção do Locle : Cinco membros Constant Meuron, dois professores da Escola Industrial (James Guillaume e Placide Bise), um jovem operário regulador de relógios Paul Debrot e um jovem empregado, Fritz Huguenin. \*

\*Na medida em que se desenvolve o livro e os homens vão ganhando sua devida importância, Guillaume vai relatando as devidas explicações sobre cada um, posto isso, para não ficar deverás confuso, fizemos esse pequeno panorama pra termos em mente a disposição do Congresso. Percebe-se que nem Marx, nem Engels, nem Bakunin, nem Mazzini, nem Blanqui, entre outros “grandes nomes” não estão presentes.

relojoeiro suíço radicado em Londres. Vice-presidentes eram Duplex e Becker, tendo por secretários Coullery, Card, Bourdon e Moll. Mesmo tendo ocorrido em solo suíço românico, o Congresso não exerceu nada além de uma medíocre influência sobre as seções nativas. Isso, se deve, além da inexperiência de muitas seções, da centralidade do debate ter sido tomada pelos mutualistas parisienses. Nesse período, a AIT buscava-se a si mesma, não só pelo fato de ainda não ter votado os Estatutos definitivos e outros problemas organizativos, mas também, pelo fato de muitos dos membros não terem dimensão do alcance do que estavam por criar. O *La Voix de l'Avenir* (literalmente do francês A voz do amanhã), era uma voz perfeitamente afinada com as pretensões desses operários de 1866, em que concebiam seu alcance e sua luta nas cooperações e nas reformas legislativas.

A abertura do Congresso é marcada por uma passeata organizada pelos integrantes da AIT, a única nota que temos acesso sobre tal passeata é que os jornais radicais fizeram informaram de modo a ridicularizar tal passeata e assim o Congresso.

Uma carta publicada no jornal *Radical Premier Mars*, enviada por Guillaume, relata a experiência e suas impressões íntimas de participar do Congresso. Ele chega na hora do almoço (*dîner*). Senta-se a mesa com alguns ingleses que são membros da “Liga da Reforma”, conversas sobre a reforma eleitoral a parte, Guillaume tenta se informar sobre alguma “celebridade” presente entre os membros do Congresso, respondem que: não há.

Os delegados são em números de 60 (como já havíamos dito), no momento em que iria se iniciar os trabalhos do Congresso um grupo de estudantes e operários vindos da França por conta própria – pedem a palavra. Esse grupo, que não tinha nenhuma delegação tem o direito de tomar a palavra concedida, sem antes ocorrer um debate sobre a presença deles nas seções de discussão do Congresso. Os estudantes, que Guillaume identifica como blanquistas<sup>112</sup>, foram com o intuito de protestar contra os delegados parisienses, que segundo eles tinham vínculos com burgueses republicanos, tais como Palais-Royal e Jules-Simon. Os representantes dos delegados parisienses, Tolain e Murat gostariam que o Congresso e a AIT tivessem esses estudantes como inimigos (esses mesmos estudantes, só como parênteses, organizaram o “Congresso Estudantil de Liège” e redigiam os jornais *Rive Gauche* e *Candide*). Guillaume não coloca nesses termos, talvez pra não especular com algo que não tinha tanto domínio, mas aqui, esse pequeno embate, é reflexo de algo que era ordem do dia no movimento operário francês: o embate entre mutualistas e blanquistas. Por fim, os estudantes,

---

112 Benoît Malon, em seu livro, faz um pequena referência ao ocorrido: “Quanto a BLANQUI, desde sua fundação, ele fizera-se seu adversário determinado. É assim que, no Congresso de Genebra (1866), ele havia organizado contra ela um verdadeiro golpe de força, a pretexto de que era preciso lançá-la na via revolucionária. Essa briga dividiu por muito tempo os internacionais e aqueles que seguiram a inspiração blanquista” (MALON, 2014, p. 25).

mesmo tendo o aval de participar, contra a vontade de seus “adversários”, acabaram por serem expulsos por causarem algazarra durante as seções (GUILLAUME, 2009).

A ordem do dia do primeiro Congresso é expressa nas seguintes linhas:

1º Combinação dos esforços, por meio da Associação, para a luta do trabalho contra o capital;

2º Redução das horas de trabalho;

3º Trabalho das mulheres e das crianças;

4º Sociedades operárias (Trade Unions), seu passado, seu presente, seu futuro;

5º Trabalho Cooperativo;

6º Impostos diretos e indiretos;

7º Instituição internacional do crédito;

8º Da necessidade de aniquilar a influência russa na Europa pela aplicação do direito dos povos de dispor deles mesmos e a reconstituição de uma Polônia sobre bases democráticas e sociais;

9º Exércitos permanentes em suas relações com a produção;

10º Ideias religiosas, sua influência sobre o movimento social, político e intelectual;

11º Estabelecimento das sociedades de socorros mútuos.

O dia de terça, após todo o reboiço causado pelos estudantes parisienses, é marcado pela audição do Conselho Geral de Londres e da dissertação de várias Seções sobre os princípios debatidos no Congresso, assim como a questão da mulher, resistência, luta entre capital e trabalho, e sobre os exércitos permanentes. O jovem professor do Locle ressaltava sua curiosidade sobre o debate relativo à questão da mulher.

Havia se difundido que a AIT, segundo Guillaume, que ela pretendia a abolição da família e a emancipação da mulher. Eis que para surpresa de nosso autor, a Associação defende, na figura de um delegado de Paris (consecutivamente um mutualista): “a família é o fundamento da sociedade; o lugar da mulher é no lar (GUILLAUME, 2009, p.54)”. Defendeu que a mulher deveria assim como não participar da política, como do trabalho industrial, seguido dele a assembleia foi unânime em aprovação, por seus aplausos. Ainda na terça, 04 de setembro de 1866, o Congresso nomeou uma Comissão de 13 membros, encarregada de elaborar os novos estatutos (até aquele momento estava em vigência os Estatutos provisórios).

No dia seguinte, quarta-feira 05 de setembro, a Comissão apresentou os resultados de seu trabalho. A assembleia aprova quase por consenso as alterações. Apenas uma questão causou um debate mais vivo. Aquele ponto de determinar quem pode fazer parte da Internacional, sendo assim, de determinar o que significa, para a organização, “trabalhador”. A polêmica girava em torno se os “operários do pensamento” (advogados, escritores, professores, médicos, etc) poderiam ser considerados ou não trabalhadores e membros da Associação. A ala que defende a proposta de que eles não

deveriam se tornar membros era a dos franceses, mutualistas, que defendiam que essa abertura possibilitaria que ambiciosos homens, homens de partido, fizessem da Associação um instrumento a serviço de interesses mesquinhos, retirando-lhe o conteúdo operário e de combate. Os ingleses, seguidos dos alemães e suíços, defenderam o contrário, que além de muitos homens das letras terem mostrando grande serviço a causa do trabalho, negar a proximidade com eles e com a ciência seria o mesmo que pregar que o operário não é digno dela. Posto essas prerrogativas, a posição dos franceses declina.

Feito todas as ponderações, os estatutos são adotados na quarta feira de manhã. Os Estatutos gerais foram redigidos, em três línguas (francês, inglês e alemão), com base nos Estatutos provisórios. Os Estatutos definitivos vinham antecedidos de um preâmbulo, retirado sem nenhuma mudança dos Estatutos provisórios.

Deve-se ter em mente que os fatos ocorridos foram realizados por operários em sua grande maioria, juntamente com alguns homens de letras. Isso faz com que no percurso organizacional mesmo, alguns problemas de ordem de tradução fizeram com que os estatutos do inglês, para o francês, fossem modificados, porém a de se convir, também que já em seu momento inicial existiam algumas disparidades políticas por divisão lingüística (Conselho Geral, logo Marx, sobre a reprodução do material em inglês e alemão e os mutualistas no francês).

Assim, o Considerando (que nos Estatutos definitivos é o Preâmbulo), tem graves modificações<sup>113</sup>. Como o “considerando”, continuara o mesmo, após a votação do Congresso, não se deram conta de que eram diferentes. Coisa que foi concertada nos 11º parágrafos dos estatutos mesmo, que foram modificados durante o congresso e estão afinados entre si. De 1864, até 1870, os membros da Associação Internacional que falavam a língua francesa se pautaram num texto distinto.

Pautaremos aqui na explicação da concepção expressa nos estatutos, muito mais do que na análise de suas variantes<sup>114</sup>.

O Considerando é, segundo Guillaume, a profissão de fé oficial da AIT. Essa profissão expõe o seguinte:

---

113 “Uma “Comunicação privada” do Conselho Geral ao Comitê federal românico, de 1º de janeiro de 1870 diz que as modificações feitas em Paris deveram-se “às misérias da situação política” (...) “O Comitê de Paris, de onde surgiu essa tradução, havia introduzido mudanças importantes nos considerandos dos estatutos”. Sobre a interpelação do Conselho Geral, o Comitê os representou como mudanças necessárias, visto que o estado político da França. “Além do mais, por falta de um conhecimento suficiente do inglês, vários parágrafos dos estatutos haviam sido mal traduzidos” (GUILLAUME, 2009, p.61).

114 James Guillaume usa das seguintes fontes: extrai da revista *Rive Gauche* duas versões do texto em francês uma datada de 1864 que seria a versão provisória, com claras diferenças da inglesa, que foi aceita como definitiva no Congresso de Genebra de 1866; a versão de Longuet, publicada em 1866, mas que ficou desconhecida até 1870. A versão inglesa denominada, extraído do *The Commonwealth* de Londres, *Provisional Rules*. O texto de Fribourg citado acima, um caderno de anotações de Tolain e o “carnê parisiense”.

1º parágrafo: que os trabalhadores mesmo devem levar a cada sua tarefa de emancipar-se, sem, com isso, estabelecerem-se como novos privilegiados. Para tanto, devem conquistar para todos direitos e deveres iguais, necessariamente, aniquilando todas as classes;

2º parágrafo: a sujeição econômica do trabalho pelo capital é a primeira causa da servidão, que mantêm todas as outras;

3º parágrafo: é, portanto, a emancipação econômica o objetivo dos trabalhadores. O movimento deve estar subordinado a esse fim;

4º parágrafo: o fracasso das experiências anteriores foi causado pela falta de solidariedade entre os trabalhadores;

5º parágrafo: não sendo um problema nacional, mas social, a emancipação abrange a todos os países em que exista a vida moderna. Que, para tanto, necessita da ação teórica e prática.

6º parágrafo: que a esperança nascente aprenda com os erros dos que já perderam.

Seguido do “Considerando”, está o “Por esses motivos” que afirma, nos Estatutos Provisórios, a fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores, em 03 de setembro de 1866. Cujos membros dela terão por base: a Verdade, a Justiça e a Moral, congregando todos os homens sem distinção de cor, crença ou nacionalidade. É considerado universal os direitos do homem e do cidadão. Assim como a frase epistolar: Não mais deveres sem direitos, não mais direitos sem deveres. Posto isso se adota os estatutos.

Segue resumo dos onze artigos definitivos:

Art.1º: A associação tem como finalidade proporcionar um ponto central de comunicação e cooperação entre operários de vários países que almejam os mesmos objetivos: concurso mútuo, progresso e emancipação da classe operária.

Art.2º: Nome: Associação Internacional dos Trabalhadores.

Art.3º: O Conselho Geral será composto por operários que representam as diversas nacionalidades que compõe a AIT. Receberá a medida da necessidade os membros componentes para sua estrutura, como, presidente, secretário-geral, tesoureiro e secretários particulares. Os Congressos se reunirão todos os anos deliberando pelos membros e sede do Conselho Geral e o local da próxima reunião. Caso de impossibilidade o Conselho poderá mudar o local.

Art.4º Para cada Congresso, o Conselho fará um relatório dos trabalhos do ano. Podendo, em urgência, antecipar a data do Congresso.

Art.5º O Conselho Geral estabelecerá relações com as diferentes associações operárias, mantendo os operários de cada país informados sobre os acontecimentos de sua classe. Que uma enquete seja feita em todos os países, sobre o estado social, num mesmo espírito. Que tente difundir



para os debates de interesse geral para todas as associações. Assim como publicará um boletim com essas informações.

Art.6º O sucesso do movimento depende da força resultante da união e da associação. A utilidade do Conselho depende de suas relações com as sociedades operárias. Todas as sociedades operárias têm o direito de se corresponder diretamente com o Conselho Geral.

Art.7º Cada membro ao mudar de país terá os auxílios fraternais dos membros da AIT para se alojar.

Art.8º Quem quer que adote os princípios da AIT pode tornar-se membro, mas sob a responsabilidade da Seção que o receber.

Art.9º Cada Seção é soberana para nomear seus membros de correspondência com o Conselho Geral.

Art.10º Unidas por um laço fraternal de solidariedade e cooperação, as sociedades operárias não deixarão de existir sobre suas bases particulares.

Art.11º O que não está previsto nos estatutos será determinado pelos regulamentos (revisáveis a cada Congresso).

Reproduziremos os apontamentos críticos de Guillaume relativo as traduções: Relativo, nos Estatutos definitivos, é o Artigo 4º, já nos provisórios é o 5º:

Vê-se que essa frase do texto inglês dos Estatutos provisórios, que dava ao Conselho Geral o direito de adicionar membros, foi omitida não só no texto parisiense de 1864, mas também na versão de La Rive Gauche em 1866. O texto francês dos Estatutos definitivos votados em Genebra omite-o igualmente. Em contrapartida, o texto francês publicado em 1867 pelo Conselho Geral restabeleceu a frase suprimida, inserindo-a no Artigo 3º; o Conselho acreditou poder fazer essa adição porque uma resolução especial votada em Lausanne, em 06 de setembro de 1867, havia-o autorizado “a incorporar novos membros, se assim julgasse necessário (GUILLAUME, 2009, p.67).

Agora reproduziremos a crítica feita às disparidades presentes no Art.5º dos estatutos provisórios, que veio a se tornar o Artigo 6º:

O texto inglês diz: “*under a common direction*” (sob uma direção comum); o texto francês diz (e Longuet seguiu aqui a tradução parisiense): “num mesmo espírito”. Há aí uma nuance muito sensível e muito característica: já se vê a tendência centralista, que quer “dirigir”, e a tendência federalista, que pensa que a identidade das necessidades produzirá espontaneamente “um mesmo espírito”, opor-se uma à outra (GUILLAUME, 2009, p.68).

Sobre o Artigo 7º há um comentário, sobre os provisórios (nos definitivos seria o Art.6º), que ele foi traduzido com grosseiros erros que desapareceu no Congresso de Genebra. Posto isso, apresenta o seguinte:

O texto parisiense de 1864, que se tornou o texto definitivo francês, apresenta a correspondência das sociedades locais com o Conselho Geral como uma *obrigação*, da qual nenhuma sociedade está dispensada. O texto dos *Provisional Rules*, corretamente reproduzido desta vez pela versão de *La Rive Gauche*, apresenta, ao contrário, essa correspondência como um *direito* da qual nenhuma sociedade local pode ser privada, sob a condição, contudo, de que ela seja uma sociedade “independente (GUILLAUME,2009, p.72).

O último artigo dos estatutos anuncia a criação dos Regulamentos internos. Para tanto fora feita uma comissão de quatro membros, que apresentaram na sexta-feira de manhã os Regulamentos em três línguas. Foram discutidos, apesar de todas as dificuldades, nas três línguas e adotados na última sessão, no sábado.

No momento em que já votados os Estatutos em que possibilitava a qualquer um que compartilhasse de seus princípios na Internacional seria admitido. A disputa mais vivaz foi em relação a quem tem o direito a ser delegado nos Congressos. A delegação parisiense novamente expõe seu posicionamento de que a organização deveria ser priorizar os trabalhadores manuais, pois temiam que os homens liberais, ou capitalistas, fizessem prevalecer nos Congressos ideias contra as classes operárias. Na figura de Fribourg, expunham que em algum momento, caso fosse possível a delegação de qualquer um, o Congresso operário seria composto em sua maioria de economistas, jornalistas, advogados e patrões. Tolain acrescenta que:

Não odiamos ninguém; entretanto, nas condições presentes, devemos considerar com adversários todos os membros das classes privilegiadas, seja em nome do capital, seja em nome de um diploma (GUILLAUME, 2009, p.74).

Para Tolain e os outros da delegação parisiense é um problema duplo: o dos operários mesmo tomarem as rédeas de sua história e do problema de que deixar a prerrogativa de homens das letras e do capital serem delegados, estes hegemonomizam e deturpem a organização.

A oposição veio dos delegados ingleses e dos suíços, que colocaram a problemática de que tomada a seguinte postura, os operários seriam privados de homens devotados e esclarecidos. Tal concurso faria com que se produzisse dois níveis dentro da organização: “um de simples associado, e outro de elegível às funções de delegado” (GUILLAUME, 2009, p.74).

Por fim, essa doutrina do exclusivismo defendida pela delegação parisiense não foi aceita e os regulamentos foram adotados assim:

#### Regulamentos

1º O Conselho Central é obrigado a executar as resoluções do Congresso.

Ele reúne com esse mesmo objetivo todos os documentos que as Seções centrais dos diferentes países lhe enviarem e que ele saberá conseguir.

Ele está encarregado de organizar o Congresso e de colocar seu programa ao conhecimento de todas as Seções Pelo Intermédio das Seções centrais dos diferentes países.

2º O Comitê Central publicará, tantas vezes e tão frequente quanto seus meios o permitirem um boletim que abarcará tudo o que pode interessar à Associação Internacional, e que deve se ocupar antes de tudo da oferta e da procura de trabalho em diferentes localidades, das sociedades cooperativas e do estado das classes laboriosas em todos os países.

3º Esse boletim, redigido em várias línguas, será enviado grátis às Seções centrais, que repassarão um exemplar a cada uma de suas Seções.

4º Para facilitar ao Conselho Central a execução dos deveres que lhes são impostos pelos artigos acima, todos os membros da Associação e das sociedades aderentes pagarão, por *exceção*, para o ano 1886/7, uma cotização fixa de trinta centavos.

Essa cotização é destinada a cobrir as diferentes despesas do Comitê Central, tais como: a pensão do secretário-geral, os gastos da correspondência, das publicações, dos trabalhos preparatórios para os Congressos e etc.

5º Em todos os lugares onde as circunstâncias o permitirem, os *bureaux* centrais de um grupo de um certo número de Seções da mesma língua serão estabelecidos. Os membros desses *bureaux* centrais, eleitos e revogáveis a qualquer momento por suas Seções respectivas, devem enviar seus relatórios ao Comitê central uma vez por mês, e com maior frequência se necessário.

6º Os gastos de administração desses *bureaux* centrais serão assumidos pelas Seções que os estabeleceram.

7º Os *bureaux* centrais, não menos que o Comitê central da Associação, são obrigados a honrar o crédito que será dado aos membros da Associação por suas respectivas Seções, mas somente na medida em que seus carnês forem visados pelo secretário da Seção à qual pertence o membro que solicita o crédito.

No caso do *bureau* ao qual o membro endereça a solicitação de crédito não ter fundos disponíveis, ela tem o direito de retirar à vista da Seção que garante para o crédito.

8º Os *bureaux* centrais e as Seções são obrigados a autorizar todo membro da Associação a tomar conhecimento do boletim do Conselho central.

9º Cada Seção, numerosa ou não, tem direito de enviar um delegado ao Congresso. Se a Seção não estiver em condição de enviar um delegado, ela se unirá com as Seções vizinhas em um grupo que nomeará um delegado comum para todo o grupo.

10º Os delegados receberão a dotação da Seção ou do grupo de Seções que os nomearam.

11º Cada membro da Associação Internacional tem o direito de voto nas eleições e é elegível.

12º Cada Seção ou grupo de Seções que conte mais de quinhentos membros tem o direito de enviar um delegado para quinhentos membros acima desse número primitivo.

13º Cada delegado só tem um voto no Congresso.

14º É livre a cada Seção redigir seus estatutos particulares e seus regulamentos de acordo com as circunstâncias locais e com as leis de seu país; mas eles não devem ser em nada contrários aos Estatutos e Regulamentos gerais.

15º A revisão dos Estatutos e dos Regulamentos presentes pode se feita por cada Congresso, a pedido dos dois terços dos delegados presentes (GUILLAUME, 2009, pp. 75 – 79).

Assim como os Estatutos e o Considerando os Regulamentos não fugiram das confusões das línguas. Vários pontos, do francês para o inglês, os Regulamentos são diferentes, mas, não ocorre

nenhuma mudança profunda que distorça a concepção que expressa em ambas às línguas. Posto isso, não nos atentaremos mais para as documentações estatutárias da organização.

No sábado ocorreu a reeleição do Conselho Geral, com exceção de Lelubez acusado e culpado de calúnias<sup>115</sup>, e a permanência da sede desse Conselho em Londres. O Congresso seguinte ficou decidido para Lausanne, Suíça, em setembro de 1867. Encerra-se a atividade do Primeiro Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores em 08 de setembro de 1866, numa noite de sábado, às 20:30.

Um mês e um dia depois, dia 09 de outubro, Marx, que o nome não foi mencionado em nenhum momento durante o Congresso, escreve numa carta a seu companheiro, amigo e confidente Dr. Kugelmann que suas expectativas foram satisfeitas, que não foi ao Congresso e também não o queria, já havia escrito o programa dos delegados de Londres, além do que, os delegados de Paris, esses “Ignorantes, vaidosos, pretensiosos, tagarelas, inchados de ênfase, estiveram a ponto de estragar tudo” (GUILLAUME, 2009, p.82 – 83), por terem ido com uma delegação tão grande. Aqui Marx esboça a visão de que ele tem, através das delegações inglesas, grande influência sobre os Congressos e que ele está a combater os mutualistas franceses. Guillaume termina esse capítulo, com essa frase: “Todo o Marx já está nessa carta” (GUILLAUME, 2009, p.83).

Passando-se alguns meses, de volta às montanhas do Jura, na cidade do Locle durante o inverno a Seção da Internacional viu aumentar o número de seus membros de quatro integrantes para setenta e quatro, dos quais a esmagadora maioria era de operários. Nesses meses, por ocasião da tentativa da anexação de Luxemburgo pela França, em abril, um combate fica em vias de ocorrer entre a França e a Prússia. Frente ao armamento das burguesias e aristocracias, que por meio do sangue de homens que nada ganhariam com isso, os trabalhadores, e que além de não ganharem dariam seu sangue para fazer encher mais os fundos de “sua” nação, ou seja, os bolsos dos burgueses, aristocratas e burocratas. As Seções da Suíça latina, evocando a solidariedade para com seus irmãos e o sentimento de repulsa a esse banho de sangue que se avizinhava começaram a protestar em prol da paz. A Seção do Locle, não ficou para trás, e no dia 28 de abril de 1867, lançaram seu chamado contra a guerra, denominada “Aos Operários de toda a Europa”, que foi publicado no jornal *La Feuille d’Avis des Montagnes*, em que exorta a todos seus irmãos, trabalhadores, a unirem-se para “estigmatizar uma luta que só poderia ser fatal ao trabalho e à liberdade” (GUILLAUME, 2009, p.86). Termina por expor as pretensões da organização, que quando for forte o suficiente, fará com que não ocorra mais guerras, por força da maioria do povo.

Esse chamado à paz, contra as grandes nações da Europa, feita por simples operários da pequena cidade do Locle, virou um motivo de escárnio dentro dos círculos burgueses da região do

---

115 Não tivemos acesso a nenhuma informação sobre o indivíduo, sua conduta e a penalidade que sofreu.

Jura. Fato que foi prontamente respondido por Guillaume num artigo saído no jornal *Diógenes*<sup>116</sup>. Sobre o artigo deve-se comentar que a defesa é, sobretudo, contra o argumento dos burgueses de que nada adianta alguns poucos protestarem contra uma injustiça, posto isso, Guillaume aponta que a verdade e a justiça devem ser defendidas, mesmo que sendo uma avassaladora minoria, e os operários levando consigo a defesa da justiça cabia aos homens sérios da burguesia não os ridicularizarem, mas sim, os apoiarem.

A narrativa se debruça sobre os acontecimentos relativos ao segundo Congresso da AIT, realizado na cidade de Lausanne (Suíça Latina). A Suíça, naquele momento, contava, segundo relatório apresentado em Lausanne mesmo, com 586 membros das seções românicas mais 112 membros da Seção alemã. A seção de língua românica estava assim dividida: Locle contava com 74 membros, La Chaux-de-Fonds 182 membros e a seção românica de Genebra com 330; já a suíça alemã tinha na seção alemã de Genebra 112 membros. Tais números foram obtidos pela apuração da cotização individual mandada ao Conselho Geral relativos a 1866-1867.

Diferente do relato do primeiro Congresso, em que Guillaume não participou, e teve que se utilizar de várias fontes para tentar remontar os eventos ocorridos. Fontes essas até conflitantes entre si, como já vimos. Nesse Congresso, James Guillaume não só participou como foi um dos secretários e responsável pela redação das atas. Como de costume, em setembro de 1867, como meio de divulgar a AIT, Guillaume publicou um relato que retrata cenas familiares com ares humorísticos. Esse documento se intitula “Recordações do Congresso de Lausanne”<sup>117</sup>.

O conteúdo dessas recordações traz o relato das características íntimas desses “internacionalistas” que fizeram tremer, em alguns momentos, as classes dominantes por toda Europa. A história é feita por homens de carne e osso, por isso, reproduziremos o retrato desses militantes para tê-los não só como números, ou delegados, mas como homens<sup>118</sup>.

Tais como Alfred A. Walton, arquiteto, de Brecon (principado de Gales), presidente da Liga Nacional da Reforma. A Liga Nacional é uma associação que desempenhou um papel importante durante os eventos de 1848, compõe-se exclusivamente de cartistas (republicanos) e socialistas (GUILLAUME, 2009).

---

116 “Era um jornal satírico que circulava em *La Chaux-de-Fonds* (era impresso na tipografia de *La Voix de l’Avenir*), e redigido por meu amigo Henri Morel. Ele lutava corajosamente contra todos os preconceitos, e mostrava-se simpático às ideias socialistas” (GUILLAUME, 2009, p.86).

117 “Diogène, números de 27 de setembro a 24 de outubro de 1867” (GUILLAUME, 2009, p.90).

118 Entre as várias personalidades presentes nesse Congresso, alguns Guillaume só destaca a profissão, ou uma característica, assim sendo, reproduziremos aqui em nossa nota, suas anotações: Chemalé, jovem francês, que fala muito e muito bem. Murat mecânico e mutualista francês. Martin, impressor de tecidos. Garbe, funileiro. Pioley, mecânico. Reymond, litógrafo. Marquês Tanari, velho socialista italiano. Assistem ao Congresso quatro representantes da Sociedade industrial e comercial de Lausanne (GUILLAUME, 2009).

Georg Eccarius, um alemão, que já estava em 1867 há mais de vinte anos em Londres (estava em Londres desde 1840, quando fundou com Schapper, Heinrich Baur e Joseph Moll, o *Kommunistischer Arbeiterbildungsverein*, que numa tradução livre seria: Associação Educacional dos Trabalhadores Alemães. Eccarius fala pausadamente, com uma paciência imperturbável.

Friedrich Lessner, alemão e alfaiate, que fora condenado a 3 anos de prisão, por seus posicionamentos comunistas em Colônia na Alemanha, é, diferente de Eccarius, Lessner não se controla e em seus discursos deixa a paixão aflorar “numa torrente de palavras amargas e violentas” (GUILLAUME, 2009, p.91). Eugène Dupont, presidente do Congresso Geral de Lausanne, em 1867 era um rapaz de trinta anos, um delegado da seção francesa de Londres.

No dia dois de setembro, pela manhã é decidida a composição da mesa:

- Presidente: Dupont;
- Vice-presidentes: Eccarius e J-Ph. Becker;
- Secretários: Büchner, Bürkly, Vasseur e James Guillaume<sup>119</sup>.

Posta a mesa, o debate seguiu para a fixação da ordem do dia. Nesse momento a narrativa de Guillaume, de 1867, apresenta uma exposição sobre a figura de Coullery, dado que fosse de grande peso não só para o Congresso que ocorria da AIT, mas com a população mesmo de Lausanne. No Congresso, ao entrar, é recebido com uma salva espontânea de palmas. E passados alguns instantes, entra um cidadão, e entre uma mensagem ao médico suíço:

Somos aqui mil pessoas, homens e mulheres, e estamos reunidos para ouvir discursos; ora, ninguém abre a boca, e isso nos decepciona: queremos eloquência, por bem ou por mal: discursos ou morte! (GUILLAUME, 2009, p.95).

Recebida a mensagem, Coullery vai ao meio do povo, e sobre uma mesa, faz um discurso que gera aplausos frenéticos. Quando estava retornando, eis que lhes convocam de novo para mais oratória, e a cena toda se repete. Aqui temos a descrição de um homem que é extremamente respeitado e habilidoso, fato que será um problema quando começa a divisão dentro da Suíça contra o mutualismo defendido pela ala de Coullery.

Segue-se então para o andamento das questões relativas à ordem do dia, nove pontos, sendo formadas, consecutivamente, nove comissões para debater esses pontos e apresentar seus relatórios. Infelizmente, não possuímos as respectivas composições, nem os relatórios inteiros. Posto isso, iremos expor as resoluções tais como expressas aqui:

---

119 A composição da mesa era pensada para conseguir conciliar todas as línguas presentes, pois os delegados em sua grande maioria só tinham o domínio de sua língua natal. Era preciso um trabalho de tradução simultânea para que se entendessem

1ª QUESTÃO – Quais são os meios práticos para tornar a Associação Internacional um centro comum de ação para a classe operária na luta que ela sustenta para libertar-se do capital. (GUILLAUME, 2009,p.96).

Em relação a esse ponto, votou-se, no Congresso, resoluções relativas a administração da Associação, tais como, que o Conselho geral publique um boletim trimestral para cada seção central. Valor da cotização fixado para dez centavos e que os delegados de seções que não paguem a cotização fixada não poderão tomar parte no Congresso.

2ª QUESTÃO – Como as classes operárias podem utilizar para sua emancipação o crédito que elas dão a burgueses e aos governos? – Crédito e bancos populares – Moeda e papel moeda – Seguros mútuos – sociedades operárias. (GUILLAUME, 2009, p.97).

O relatório sobre essa questão afirma que a organização e os trabalhadores devem se pautar pelo “princípio da organização mutualista do crédito em serviço público” (GUILLAUME, 2009, p.97). Já pela própria resolução entendemos que a questão mesmo já estava posta por uma das perspectivas que disputavam a AIT, os mutualistas e que nesse momento encontravam-se como ala mais forte. Além do mutualismo como princípio, recomendava que se erguessem bancos nacionais para que os trabalhadores tivessem acesso ao crédito gratuito e a preço de custo, assim como sociedades de seguro mútuo. Eccarius ainda fez um adendo de que as sociedades de ofício investissem seu dinheiro nas cooperativas e não em bancos da burguesia.

3ª QUESTÃO – A luta pela emancipação da classe operária tende a criar (um quinto Estado) uma classe subalterna,

cuja situação seria ainda muito mais miserável? – O mutualismo ou reciprocidade considerada como base das relações sociais. Equivalência das funções. Solidariedade. Sociedades operárias (GUILLAUME, 2009, p.97).

A resolução diz que sim, existe uma tendência a se constituir um quinto Estado mais miserável que a classe operária, caso ela, mantenha e generalize os esforços para uma luta que tenha como finalidade somente a qualidade de vida dos trabalhadores. Porém, esse perigo se dispersaria na medida em que o avanço da produção industrial destrói a forma de produção em pequena escala. A produção em larga escala faz o trabalho com que o cooperativismo se torne uma necessidade, pois une os esforços individuais para a produção. Além dessa resolução há, também, uma alínea proposta por Eccarius. Para afastar o perigo da luta por emancipação criar novas misérias, o proletariado deverá assumir a ideia de que a transformação social deve ser radical e definitiva por meios recíprocos e justos.

Coullery, para mesma questão, ainda propõe uma nova alínea, cujos fundamentos para resolver as questões estariam na constituição de uma “federação das sociedades cooperativas (GUILLAUME, 2009, p.98)” para fazer com que os produtos sejam passados a preço de custo, transformando toda sociedade numa só classe, a dos produtores-consumidores. Esta alínea não foi inserida, pois era vinculada, ou contemplada, pelo debate seguinte, no terceiro parágrafo, em que se afirmava que os esforços das associações operárias devem ser encorajados, vinculados esses a ideia de mutualismo e federação. Aqui fica novamente gritante a preponderância da força mutualista dentro do Congresso.

4ª QUESTÃO – Trabalho e capital. – Desemprego – As máquinas e seus efeitos – Redução das horas de trabalho – Divisão do trabalho – Transformação e extinção do salariedade – Repartição dos produtos (GUILLAUME, 2009, p.98).

Nesse ponto o Congresso só fez reiterar a declaração votada no Congresso de Genebra, em que o do modo como está a indústria deve-se fazer valer a luta, e o socorro mútuo dos salários. Porém, o objetivo a ser alcançado, é outro, mais elevado que é o fim do regime do salariedade. Recomenda-se o estudo da economia, com base na justiça e reciprocidade.

5ª QUESTÃO – “Funções sociais – Papel do homem e da mulher na sociedade – Educação das crianças – Ensino Integral – Liberdade de ensino – Fonografia” (GUILLAUME, 2009, p. 99).

O ensino deve ser científico, profissional e produtivo. Deve-se estudar um programa de ensino integral, essa segunda parte foi por proposta de Longuet. A escola deverá ter também o caráter de escola-oficina. Relativo ao ensino generalizado, o Congresso entendeu que a expressão ensino gratuito é um contrassenso, pois é o imposto pago pelos cidadãos que cobre com os gastos e a manutenção dessa instituição, mas o ensino é indispensável e deve ser concedido ao Estado o direito de ensinar só quando a família não conseguir fazê-lo. O programa não deve conter nada do ensino religioso – a redação da resolução foi feita por Tolain. O congresso defende, também, a criação de uma língua universal e uma reforma ortográfica que seria um benefício geral para a fraternidade entre os povos.

6ª QUESTÃO – Definição e papel do Estado – Serviços públicos, transportes e circulação – Interesses coletivos e individuais – O Estado considerado como justiceiro e guardião dos contratos. Direito de punir (GUILLAUME, 2009, p.100).

Aqui está definido o papel do Estado. Para o Congresso de 1867, deveria o Estado ser o estrito executor das leis votadas e reconhecidas pelos cidadãos. O esforço das nações deveria ser para fazer com que o Estado seja proprietário dos meios de transporte e circulação, quebrando com o monopólio das grandes companhias. O julgamento criminal deveria ser feito por cidadãos eleitos por sufrágio



universal. Aqui, como podemos perceber, ainda não existe uma postura crítica ao Estado. Este aparece como um dos instrumentos em disputa, que deve ser reformulado.

7ª QUESTÃO – A privação das liberdades políticas não é um obstáculo à emancipação social dos trabalhadores e uma das principais causas das perturbações sociais? Quais são os meios de acelerar esse restabelecimento das liberdades políticas? (GUILLAUME, 2009, p.100).

Postos os questionamentos, o Congresso se posiciona assim sobre o primeiro problema: que a “a privação das liberdades políticas é um obstáculo à instrução dos povos (GUILLAUME, 2009, p. 100)”. Relativo à emancipação do proletariado declara-se que é inseparável a emancipação política da emancipação social e estabelecer as liberdades políticas é o primeiro passo necessário. Para que seja alcançado, o Congresso decide por renovar a cada ano a declaração redigida para o Congresso da Paz, em que instiga a ação enérgica para conseguir para todos os povos os direitos humanos de 1789.

Ainda relativo a essa sétima questão. Ela foi votada por uma assembleia popular dos próprios delegados de Genebra alguns dias antes da realização do Congresso, o intuito era tentar solucionar um problema que permeava a cabeça de alguns militantes. Seriam alguns delegados parisienses agentes bonapartistas? Assim, o posicionamento sobre as liberdades políticas, combatidas por Luis Bonaparte, seria o momento perfeito para ver a quem sua delegação servia. Mas, os delegados de Paris, votaram a resolução assim como ela foi proposta, sanando a suspeita.

A oitava questão é relativa a Mensagem que o Congresso da AIT direcionou ao Congresso da Paz que ocorreu alguns meses depois em Genebra. Na mensagem coletiva, os trabalhadores se posicionam contra a guerra, pois, tanto diretamente como economicamente é a classe que mais sofre. Posto isso, adere ao Congresso nomeando uma delegação para se fazer representar.

A nona questão definiu em que cidade se instalará o Conselho Geral e quais serão seus membros. Existe uma pequena discussão por outras cidades, tais como Bruxelas, Zurique e Genebra. Por fim, a proposta que se torna vitoriosa é a de manutenção da sede em Londres. Seguido desse, debate-se se o Conselho Geral deveria eleger seus próprios membros, mas por intervenção de Eccarius essa proposta é refutada. Eccarius acreditava que a eleição direta em Congresso daria mais autoridade ao Conselho eleito. Decide-se por eleger os membros mais antigos e ativos de suas seções, são eles:

Besson, Bobcynski, Bürkly, Carter, Dell, Dupont, Eccarius, Fox, Harriet Law, Howell, Hales, Jung, Lucraft, Lessner, Lassasie, Lafargue, Lawrence, Marx, Morgan, Maurice, Odge, Shaw, Steinsby, Williams, Weston, Yarrow, Zabicki... Walton, de Brecon, South Wales (GUILLAUME, 2009, p.102-103).

Nesse Congresso, vota-se que o Conselho Geral poderá adicionar membros se achar necessário – essa cláusula que foi votada para valer apenas para o Congresso de Lausanne se tornou estatutária, gerando alguns problemas, pois dentro da organização existiam estatutos diferentes.<sup>120</sup> A última resolução, relativa a ordem do dia, é a que define a cidade sede do Congresso seguinte. De Paepe propôs Bruxelas, houve também a proposta de Zurique, feita por Becker, pelo fato de mudar uma vez para uma sede com outra língua. Porém, Bürkly de Zurique, diz que não foi delegado, por seus companheiros, para propor Zurique como sede e aproveita para defender Bruxelas como cidade sede. Seguido pelos delegados parisienses. Assim: “A assembléia, por unanimidade menos dois votos, pronuncia-se a favor de Bruxelas” (GUILLAUME, 2009, p.104).

O debate na quarta-feira à noite em 04 de setembro foi uma conferência proferida pelo doutor Büchner. Nessa conferência, Büchner, se debruça sobre o sistema de Schulze-Delitzsch<sup>121</sup> e de Lassalle<sup>122</sup>, que são opostos um ao outro. Relativo a Büchner ele perde pouco tempo, pois a zona de influência dessa teoria é o meio burguês, porém, relativo a Lassalle, ele aborda os perigos de sua teoria. Lassalle, segundo ele, propunha a criação de indústrias do Estado, isso teria como resultado cindir a classe trabalhadora em duas, os trabalhadores das indústrias privadas e os trabalhadores do Estado, hostis uma para com a outra. Além do que, a criação das indústrias do Estado, não faria desaparecer o salariato. Feita a crítica, Büchner não emitiu sua visão, falou apenas da necessidade de uma reforma social.

Encerrada a conferência, Eccarius pede a palavra<sup>123</sup>. Sentado numa mesa, com seus olhos baixos sobre seus cabelos, falou com sua voz monótona e sem graça, retomando o que havia a pouco comentado por Büchner. Sobre as ruínas teóricas que ele havia deixado, Eccarius, foi sobrepondo “a grande teoria histórica de Karl Marx” (GUILLAUME, 2009, 105). Aqui é a primeira vez em que as ideias de Marx são apresentadas ao grande público da AIT. Sua voz adquiriu uma força e vestiu-se de um tom familiar. Sua fala durou umas duas horas, quando terminou, toda a Assembleia explodiu em palmas. Feita as duas palestras, o doutor e o operário se dão as mãos em meio a salva de palmas

---

120 Na edição dos Estatutos gerais foi publicado em Londres em 1867 após o Congresso de Lausanne, em inglês e em francês, e da qual fala na página 136, o Conselho Geral transformou essa resolução, que se aplicava, na opinião do Congresso apenas na eleição de 1867, numa disposição estatutária, incorporando-a ao artigo 3º, sob esta forma: “Todos os anos, o Congresso (...) designará a sede e os membros do Conselho Geral, deixando-lhe o direito de acrescentar novos membros suplementares” (GUILLAUME, 2009, p.103).

121 Hermann Schulze-Delitzsch (1808-1883) alemão, jurista e liberal, promoveu o Crédito popular.

122 Ferdinand Lassalle (1825-1864), alemão, participou da Liga dos Comunistas, onde foi afastado por querer negociar com Otto Von Bismarck sobre a questão do voto universal. Teve uma teoria sobre a lei dos salários e fundou e foi presidente da Associação Geral dos Trabalhadores Alemães (WILSON, 1986).

123 “O que ele disse, então, é a minha mais viva e mais bela lembrança do Congresso de Lausanne” (GUILLAUME, 2009, p.104).

Nas noites do Congresso os delegados interagiam entre si. Com De Paepe Guillaume debateu sobre as ideias gerais do socialismo e a ciência positivista de Auguste Comte e de Eccarius escutou uma explicação particular sobre a teoria de Karl Marx. A informalidade também era um espaço importante, portanto, de formação e difusão das teorias vigentes.

O Congresso termina com um banquete popular que reuniu os delegados da AIT assim como seus próximos juntando cerca de três mil pessoas festejaram o fim do Congresso. No domingo os delegados do Congresso da AIT preparavam-se para ir até Genebra, participar do Congresso da Liga da Paz e conhecer, entre outras pessoas famosas na época, o célebre italiano Giuseppe Garibaldi<sup>124</sup>

O relato de Guillaume sobre o Congresso da Liga da Paz e da Liberdade, ocorrido em Genebra, entre 09 e 12 de setembro de 1867, se chama “Recordações do Congresso da Paz”, publicados entre novembro e dezembro de 1867 no *Diógenes*. A título de curiosidade, a publicação é posterior à tentativa de levante e tomada de Roma levada a cabo por Garibaldi em setembro mesmo.

Chegando em Genebra se dirigiram à sede da Internacional, o “Círculo Internacional”, na rua Rhône. Todos os delegados da AIT para o Congresso, com exceção de De Paepe<sup>125</sup>, estavam ansiosos para conhecer Garibaldi, tanto é que foram se apresentar a ele, coisa que De Paepe não fez. Mas, antes do encontro derradeiro, tiveram de dividir alguns momentos com os aliados de Garibaldi, tais como Panteleão que havia o acompanhado em algumas de sua campanha na Sicília.

Antes de se dirigirem para o “Palácio Eleitoral”, onde ocorreria o Congresso, na segunda-feira a uma hora da tarde, os delegados foram até o “palácio Fazy”, lugar onde se encontrava Garibaldi. Ficou decidido que Coullery iria fazer a apresentação. Porém, os planos não saíram como o conforme, eles que estavam com uma conversa marcada com Garibaldi não a tiveram pelo adiantado da hora que fazia da abertura do Congresso muito próxima. Além de que, nesse palácio, além dos operários que vinham de Lausanne para saudá-lo, existia certa quantidade de aristocratas para lhe fazerem algumas honras. Assim, no momento derradeiro, em que aparece Garibaldi em suas calças azuis e camisa vermelha, Coullery lhe dirige as seguintes palavras:

Cidadão, vimos exprimir-lhe nossas simpatias. Somos delegados de sociedades operárias de diferentes países. Gostamos do senhor porque sabemos que o senhor sempre combateu pela liberdade, justiça e pela democracia, sem nenhuma preocupação pessoal. Admiramos sua vida de devotamento desinteressado. Assim, o senhor é para nós um irmão (GUILLAUME, 2009, p.114-115).

124Giuseppe Garibaldi (1807-1882) foi um homem que participou de inúmeros levantes na Europa e na América Latina, tais como a Revolução Farrroupilha, a Primavera dos Povos, na luta pela unificação italiana e combateu em defesa da França, na Guerra Franco-Prussiana de 1870-1871.

125 De Paepe, já se diferenciava dos outros delegados por várias características. Defendeu em Lausanne, contra a delegação parisiense, que a propriedade do solo deveria ser coletiva, mostrando-se um sujeito que não era adepto ao mutualismo.

Agradecendo as honras, Garibaldi aceita a fraternidade. Após esse encontro, os delegados correm para o Palácio Eleitoral para o início do Congresso da Paz e da Liberdade. Ao chegarem encontram o lugar lotado com cerca de seis mil pessoas ali presentes. No centro da sala um magnífico chafariz em frente a esse ficava situado uma armação de madeira em que ficaria o bureau e em cima da mesa do presidente estava escrito a palavra PAX. Em frente a essa armação instalaram os delegados da AIT. Mas Guillaume, Bürkly e Coullery se sentaram nos degraus da armação para ter uma visão mais geral do grande salão, um fato curioso é que essa parte do salão localizado à esquerda da mesa foi composta pelos sujeitos representantes das visões progressistas, vinculados, sobretudo, a jornais críticos como o *Liberté*, *Opinion Nationale*, *Courrier Français*, entre alguns intelectuais e os já citados representantes internacionalistas, assim a esquerda da mesa foi tomada pela fração a esquerda do Congresso. A chegada de Garibaldi é marcada por uma grande aclamação.

O Congresso é aberto com o discurso de um professor de Genebra Jules Barni, presidente do congresso, e do presidente do Comitê de iniciativa de Paris Emile, lendo as Mensagens de adesão. Logo em seguida são as sociedades operárias genebrinas, por meio de Charles Perron, um cartógrafo de Genebra, que sobem a tribuna com sua Mensagem, que é recebida com longos aplausos. Após essa é a AIT que faz-se representar lida por Guillaume, em francês, e por Büchner em alemão. Essa mensagem foi muito aplaudida além de despertar a irritação dos espíritos aristocratas, que se mostraram contrários aos princípios socialistas. Enquanto as duas alas começavam a acirrar os ânimos, Garibaldi pede a palavra para adicionar alguns pontos ao programa da Liga.

São doze proposições ao todo que Garibaldi lê do alto da tribuna. Ali estão expressos uma noção de fraternidade entre as nações, um sentimento contrário às guerras ditas nacionais, que o funcionamento do Congresso se faria por representação democrática de cada nação; a sexta proposição expressa a luta de Garibaldi contra o papado, que é declarado pernicioso e “destituído”; mas, da sétima proposição até a nona, ele estabelece uma visão de organização muito estranha aos olhos do Congresso, pois propõe que o Congresso deva adotar a “religião de Deus” (que segundo ele seria o culto à razão) e que todo membro seja obrigado a propagá-la, que um sacerdócio de cientistas e inteligentes deva ser formado e que ela seja propagada, primordialmente, pela educação. Aqui Garibaldi, que fora a pouco aplaudido com tanto entusiasmo viu-se frente a uma plateia atônita de espanto. Os últimos três pontos são: a defesa da república, da democracia e da justiça da revolta do escravo contra o senhor – “Só o escravo tem o direito de fazer guerra aos tiranos” (GUILLAUME, 2009, p.121). Estes últimos pontos fazem a plateia se animar, mas não esquecer essa tal religião e sacerdócio garibaldiano, tanto é que “era mais o homem do que as palavras que se aplaudia”

(GUILLAUME, 2009, p.121). Encerradas as atividades do primeiro dia, os internacionalistas continuam a debater os acontecimentos até tarde.

Duas horas da tarde, no dia seguinte (terça-feira), começa a segunda sessão do Congresso. O presidente agora era Jolissaint<sup>126</sup> e a palavra é concedida para Jousserandot<sup>127</sup>, que ataca a Mensagem da AIT ao Congresso. Atacando seus princípios socialistas e sua visão classista de mundo, fazendo com que a plateia se cindisse entre contrários e favoráveis à sua crítica. Logo em seguida a esse sujeito, Stampa, operário italiano ligado a AIT, lê como representante do “Conselho Central das associações operárias da Itália, anunciar sua adesão à Mensagem do Congresso de Lausanne” (GUILLAUME, 2009, p.123).

Eis que a mesa lê: “O cidadão Eugène Dupont, de Londres, delegado da Associação Internacional dos Trabalhadores, tem a palavra” (GUILLAUME, 2009, p.124). Dupont sobe a tribuna e fala sobre três coisas: é a classe trabalhadora a que mais sofre com as guerras e que portanto é ela a principal amante da paz; que não era a criação de uma nova religião que faria cessar a paz, obviamente contra as proposições de Garibaldi, pois “Toda religião é um despotismo que também possui seus exércitos permanentes” (GUILLAUME, 2009,p.125), que devesse acabar com todas as religiões e, por fim, que o único caminho para fazer prevalecer a paz é o da revolução social. Parte da platéia aplaude calorosamente.

Seguido desse grande orador, fala Borkheim, “um jornalista alemão, amigo de Karl Marx, e colaborador do jornal radical Die Zukunft” (GUILLAUME, 2009, p.125), ele levanta a tese de que para conseguir estabelecer paz para a Europa está deveria declarar guerra à Rússia. As cartas de Marx à Kugelmann informaram que ao pronunciar o discurso, “seguiu as instruções que o próprio Marx enviou-lhe por carta” (GUILLAUME, 2009, p. 125).

Eis que, nesse momento, uma dessas figuras importantes aparece na narrativa de James Guillaume, é Mikhail Bakunin (1814-1876) um russo, veterano da Primavera dos Povos, um ardente revolucionário, formado na tradição filosófica hegeliana e muito influenciado pelas ideias de Proudhon. Bakunin aproveita a sua intervenção para falar sobre a Rússia, não como russo, mas como um homem em prol dos povos oprimidos de todas as pátrias, como revolucionário, como humanista. Para Bakunin, na próxima guerra, qualquer progressista deve esperar que a Rússia seja derrotada, em prol da Polônia e de todos os povos eslavos, pois após a derrota “a Rússia só se reerguerá adotando os princípios do federalismo e do socialismo” (GUILLAUME, 2009, p.126). Fala, também, de seu federalismo, contra o nacionalismo.

---

126Não conseguimos encontrar outra informação sobre esse sujeito que não essa: “advogado bernês, eleito na véspera em substituição ao presidente provisório Jules Barni” (GUILLAUME, 2009, p.123).

127Sabemos somente que é um advogado saboiano.

Terminada a sessão, os internacionalistas fazem um balanço das falas do Congresso, excetuando os repúdios à “Mensagem do Congresso operário”, perceberam grande simpatia e mesmo solidariedade de boa parte do Congresso, o maior exemplo de solidariedade e similaridade das ideias foi Bakunin. Também deve-se assinalar que os operários e militantes da AIT da Suíça românica, ainda durante o Congresso em Lausanne haviam decidido, numa reunião particular, que o jornal de Coullery “*La Voix de l’Avenir*” seria órgão oficial dessas Seções, além de estabelecer o “Comitê central das Seções de Genebra” como centro de correspondência entre as várias seções românicas. Esse foi o primeiro passo para a posterior criação da “Federação Românica”, que comentaremos mais a frente.

Assim, após todo esse dia, encerra-se a sessão e Garibaldi se retira do Palácio Eleitoral e se prepara para sair de Genebra, pois tinha a permissão de permanecer na Suíça por somente três dias<sup>128</sup>. Duas semanas depois ele engajou-se numa tentativa fracassada de tentar tomar Roma.

A sessão de quarta-feira debateria as resoluções num clima de disputa aberta entre dois partidos. Das resoluções somente duas dialogavam com as ideias do Congresso operário. Um dos “considerando” em que afirmavam que a guerra atinge principalmente as classes laboriosas. Além do quinto parágrafo das resoluções propor na ordem do dia a situação da classe trabalhadora de cada país. Além dessas resoluções um discurso de De Paepe, marcou muito bem os debates, em que expunha uma composição de um mutualismo radical, assim

Federalismo político supõe, federalismo econômico sem isso, é apenas um engodo; e federalismo econômico significa: mutualismo, reciprocidade dos serviços e dos produtos, supressão de todos os saques do capital sobre o trabalho, extinção do burguesismo e do proletariado (GUILLAUME, 2009, p.133).

Na sessão de quinta, no encerramento, assistiu-se somente a tentativa de uma ala da direita tentar perturbar o Congresso, que ocasionou somente o término adiantado do debate.

No final de 1867, foi publicada a versão dos Estatutos Gerais da Internacional. Já comentamos os tamanhos das disparidades dessas várias versões. Essa além de ser uma tradução negligente dos Estatutos em inglês, fez por deturpar ainda mais com a adição no art.3º do ponto votado em Lausanne que permitia ao Conselho Geral adicionar quantos e quais membros quisesse.

Os acontecimentos na Suíça românica em maio de 1868, são marcados por alguns fatos que fazem aproximar as seções da AIT da Suíça Românica. Naquele dado momento, apesar de até agora os

---

128Sobre isso: “Quanto à revelação dos projetos de Garibaldi sobre Roma, conservamo-la religiosamente para nós mesmo pelo tempo que foi necessário; entretanto, hoje, quando a tentativa dos revolucionários italianos terminou por tão triste catástrofe”. Eles, os internacionalistas, foram convocados para uma reunião com Garibaldi que ocorreu na quarta-feira às oito horas da manhã em que ele tentou explicar suas ideias, sobretudo aquela polêmica sobre religião, por fim, concluíram: “Guerra às três tiranias: política, religiosa e social” (GUILLAUME, 2009, p.129 - 130).

princípios do socialismo terem sido defendidos, a Internacional, no que concerne a região românica, diferenciava-se muito pouco dos partidos liberais radicais que se diziam a favor das reformas sociais, apesar de que em alguns cantões a relação do partido radical com a Internacional era conflituosa e em Neuchâtel a Internacional era acusada de fazer aliança com os conservadores.

No artigo “Satisfeitos e descontentes” escrito por Guillaume em 06 de dezembro de 1867 são expostas as divergências entre os radicais e os socialistas, uns são mais moderados e os outros mais radicais, mas aponta que os socialistas suíços são a expressão radicalizada de seus antecessores, os heróis da Primavera dos Povos de 1848. Os socialistas são os filhos dos radicais de 1848.

Nesse momento, em que Guillaume afirmava esse vínculo com os radicais, um outro setor da AIT, dirigido por Coullery estava articulando uma aliança com os conservadores, ex-realistas, neuchatelenses. Essa aliança, dos operários por meio da social-democracia, com os aristocratas, no “partido liberal”, seria, para Coullery, uma forma de tirar os liberais do poder e colocar a si mesmo. Como parte de sua estratégia, minou o setor mais à esquerda da Internacional, comprando e fechando o *Diógenes*, fundando um Jornal de órgão para suas intenções políticas o *La Montagne* “órgão da social-democracia”. Porém, o fato só veio à tona para os outros membros da AIT, quando a composição da lista dos candidatos de *La Chaux-de-Fonds* apareceu – metade era de conservadores. Deu-se início da queda da hegemonia de Coullery na AIT, “os socialista do Locle se separaram dele com estrondo” (GUILLAUME, 2009, p.144), naquele momento os operários ainda o seguiram, mas boa parte “revoltou-se e recusou-se a votar na lista da coalizão ‘aristocrata-socialistas’” (GUILLAUME, 2009, p.144). Apesar da “traição”, que mesmo os militantes do Locle que haviam se separado já no momento de Coullery não conseguiam admitir, os resultados eleitorais foram catastróficos para os “coullerystas”, elegeram só alguns poucos membros do Conselho de Estado: “Aliado de fato aos conservadores realistas, esse partido conseguiu apenas fazer chegar ao poder os adversários declarados de toda a ideia de reforma e de progresso” (GUILLAUME, 2009, p.145).

Já no cantão do Locle, a eleição ocorreu de outra forma, os radicais propuseram aos “socialistas” da AIT uma aliança, que foi selada. Assim, em meio a lista dos candidatos radicais foi colocado o nome de um internacionalista. Isso gerou, em primeiro momento um tom de esperança na aproximação das duas vertentes, porém, no dia da eleição todos os candidatos foram eleitos da lista radical, excetuando aquele candidato da Associação. Pois, no momento do voto, os radicais riscaram o nome dele e substituindo por outro. Isso teve uma conseqüência importante para a concepção de movimento desses militantes do Locle, a abstenção do jogo parlamentar: “Os socialistas do Locle, assim enganados, juraram que não seriam ludibriados uma segunda vez, e resolveram abster-se doravante de toda participação em eleições políticas” (GUILLAUME, 2009, p. 146).

Os movimentos de greve dos trabalhadores suíços na primavera (hemisfério norte) de 1868 foram as primeiras experiências de embate direto entre capital e trabalho das classes trabalhadoras. A falta de uma ação coletiva, uma ação de classe ocasionava o fato destes trabalhadores não se identificassem com nenhuma classe. Tornando compreensível a impossibilidade de levar a cabo um programa revolucionário (ENCKEL, 2009). Em 1867, alguns movimentos contra a guerra, já aconteceram, como manifestações pela paz, contra a guerra França e Prússia que começava a ficar evidente. Mas é em março de 1868, que um dos movimentos mais marcantes dos operários ocorre.

A greve dos operários da construção civil de Genebra, de março a abril de 1868, além de ser o primeiro movimento que rompe o silêncio dos operários, é uma greve generalizada de um setor e sai vitoriosa. A vitória foi imposta não somente pelo esforço daqueles operários da construção civil genebrinos mesmo. Pois também contou com os esforços e a solidariedade dos operários da relojoaria suíça<sup>129</sup> (que eram de certo modo, parte da sociedade burguesa, pelo seu alto padrão de vida além destes serem considerados cidadãos) que exerceram uma solidariedade ativa com os grevistas.

Além do apoio de seus conterrâneos de Genebra, os operários da construção civil despertaram o sentimento de solidariedade dentro de outros cantões, como, por exemplo, em Neuchâtel – em que, por exemplo, a Seção do Locle enviou para o fundo de greve: 1500 francos. Não só na Suíça o movimento levantou apoiadores, pois, de Paris, também mandaram seus sentimentos de apoio e um apoio concreto em dinheiro. Interrompida a paz das montanhas suíças, os trabalhadores, pela primeira vez, lutaram contra os patrões. Aprenderam, portanto, na prática que o governo e os patrões, nesses momentos de tensão, são seus inimigos imediatos, e vendo se construir um movimento de solidariedade internacional, quem é que se propunha a apoiá-los. Apoiá-los de todos os modos possíveis, da construção de um fundo internacional de greve para os trabalhadores até na ameaça de uma greve em conluio. Nisso os operários se unem enquanto classe internacional para enfrentar a burguesia suíça, nesses momentos a luta de classes não é vista mais como um conceito, é vista, como a realidade (MAZZONI, 2015).

Enquanto a AIT saía vitoriosa na Suíça, em Paris, a situação das liberdades políticas começa a pesar sobre a Associação. A Seção parisiense, que foi beneficiada por um bom tempo com a tolerância administrativa, no final de 1867, teve que enfrentar o fato do governo imperial resolver que essa associação deveria ser fechada – percebera que poderia tornar-se perigosa. Tanto a sede da

---

129“Denominam-se em Genebra “os operários da fábrica” aqueles que se ocupam da fabricação de relógios, jóias e peças de música: não que eles trabalhem numa fábrica, mas porque, na linguagem genebrina, o conjunto da indústria relojoeira (que é a indústria “nacional”), patrões e operários, denomina-se por uma única palavra: fábrica. Esses operários são quase todos cidadãos genebreses; seus salários são mais elevados do que os dos operários da construção civil; que possuem mais instrução do que estes; exercem direito políticos – enquanto os operários da construção civil são em sua maioria estrangeiros – e são, em consequência, tratados com muita atenção pelos chefes do partido burguês” (GUILLAUME, 2009, p.147).



Internacional, como a casa de seus membros foram revistadas. Em fevereiro os membros da Comissão da Seção de Paris<sup>130</sup> foram condenados a pagar cem francos de multa cada um e a Seção de Paris foi considerada extinta. Uma nova Comissão se formou<sup>131</sup> e logo em seguida seus membros foram presos, condenados a três meses de prisão e 100 francos de multa pra cada um – novamente, em 22 de maio, a Seção de Paris foi considerada extinta.

O primeiro semestre de 1868, portanto, foi movimentado. Enquanto isso, as Seções iam se preparando para compor o Congresso que se aproximava. Esse terceiro Congresso, que ocorreu em Bruxelas em 1868, é um divisor de águas, pois é nele que os mutualistas sofrem sua primeira derrota. O fortalecimento do movimento operário e de suas organizações, assim como o aumento da força dos jornais do Locle o *Le Progrès* e o de Genebra o *La Liberté*, ambos debatendo ideias que fugiam ao mutualismo, porém permaneciam disformes – e a própria decadência da figura de Coullery devido a suas aventuras eleitorais – fizeram com que os debates teóricos fervilhassem. Tolain, o grande mutualista francês, é afastado como presidente da seção parisiense por Varlin, um jovem encadernador, que mesmo preso tinha em suas práticas e em sua visão de mundo não o mutualismo, mas algo que se diferenciava. As delegações, no congresso de Bruxelas, vencendo por meio do voto os mutualistas, conseguiram passar a proposta que defendia a propriedade coletiva das terras e dos instrumentos de trabalho, mesmo que ainda nesse momento os operários suíços se abstiveram. Por não conseguirem ter obtido a clareza a ponto de que suas Seções tivessem votado “sim ou não” para essa resolução.

A questão do debate relativo à propriedade coletiva produziu um efeito de ruptura dentro da suíça latina, pois o movimento operário era ideologicamente cindido entre os comunistas, aqueles, que a, grosso modo, propunham que deveria se abolir a propriedade privada e tomar, no processo revolucionário o Estado, enquanto os mutualistas propunham o cooperativismo, ou seja, a trabalho com base no apoio mútuo de produtores federados. Posto isso, votar o fim da propriedade significava uma perda substancial para o setor que nos primeiros Congressos era maioria. Coullery, começa uma campanha contra tal acontecimento e condena aqueles que a ela apoiaram. Mas, nesse momento, Coullery já não era o adorado médico humanista da AIT. Os operários já lhe haviam condenado. Ocorreu que aprenderam a lutar sua própria luta definindo sua própria causa. No Congresso mesmo, as seções da Suíça não haviam votado, mas trazendo de volta de Bruxelas para os cantões, uma a uma das

---

130Eram quinze, ao todo: Tolain, cinzelador; Héligon, operário em papéis pintador; Perrachon, Camélinat e Guyard, montadores em bronze; Fournaise, oculista; Murat, mecânico; Bellamy, fabricante de torneiras; Delorme, sapateiro; Mollin, dourador; Laplanche, carroceiro; Chemalé, arquiteto; Gauthier, joalheiro; Malon, jornalista; Dasthier, seleiro; Gérardin, pintor de paredes; Bastien; espartilheiro; Delaye, mecânico.

131Composta por: Bourdon, gravador; Varlin, encadernador; Malon, tintureiro; Combault, joalheiro; Mollin, dourador; Ladrin, cinzelador; Humbert, lapidador de cristais; Grajon, fabricante de escovas; Charbonneau, marceneiro.

seções foram se posicionando a favor do Congresso de Bruxelas. Coullery, tentando ganhar a todo custo, utilizou seu jornal para difamar os genebreses e outros que com ele discordavam.

O fato é que se intitulavam ao mesmo tempo, “socialistas mutualistas” e sem perceber que havia “qualquer contradição entre essas duas coisas” (GUILLAUME, 2009, p.195). Porém, chegaram a um ponto em que as duas posições contraditórias começavam a dialogar, de modo com que pudessem se unir de modo a superar as duas anteriores. Deve-se ressaltar que entre final de 68 e começo de 69, alguns fatos também importantes ocorrem: as seções suíças se aproximam política e organizacionalmente fundando a “Federação Românica” que surge no começo de 1869. Seu respectivo órgão era o jornal *Égalité*, Bakunin rompe de vez com o socialismo burguês e funda a Aliança, depois de alguns problemas essa é aceita na AIT enquanto uma seção de Genebra e, o *Le Progrès*, se torna o órgão de propaganda da Aliança.

## **4.2 Basiléia 1869: A derrota dos mutualistas e a semente da cisão.**

### **4.2.1 Situação da Internacional à época.**

O Congresso Geral da Basiléia, setembro de 1869, é o primeiro no qual Bakunin participa. Com ele vão mais seis delegados de Genebra e outros do seis do Jura, entre eles Guillaume, Adhémar Schwitzguébel. A seção da Basiléia não era uma das mais radicais, mas era bem organizada e conseguiu sediar o Congresso. Após verificação dos mandatos, o Congresso foi aberto com a leitura de uma comunicação do Conselho Geral sobre a situação do momento operário (trata sobre os contínuos enfrentamentos do capital-trabalho). Pois entre 1868-69 a organização da classe trabalhadora se estende por todos os países industriais. Relato de alguns casos. Na maior parte acusaram os patrões e governo, a AIT. Na França a perseguição era maior (ENCKELL, 2011; DUCLOS, 1964; FREYMOND, 1969; MUSTO, 2014; STEKLOFF, 2019; SCHWITZGUÉBEL, 1908).

O período entre o fim dos anos 1860 e o início dos anos 1870 foi rico em conflitos sociais. ... “Apesar de seus recursos limitados, o Conselho Geral jamais deixou de responder às instâncias que o procuraram, manifestando-se por meio da redação de apelos de solidariedade endereçados a todas as suas seções europeias e organizando coletas de fundos”. Relato de greves dos tecelões de março de 1869 (MUSTO, 2014, p. 44).

Em 1869, a Internacional obteve significativa expansão em toda a Europa.

A Inglaterra foi, no entanto, uma exceção. O congresso dos sindicatos ingleses, reunidos em agosto, enviou uma recomendação a todas as suas organizações

afiliadas para que aderissem à Internacional. Porém, o apelo não foi atendido, e o número de adesões permaneceu mais ou menos igual à aquele atingido em 1867 (MUSTO, 2014, p. 44).

Em todos os países europeus em que a Internacional obteve alguma força, seus militantes deram vida a organizações independentes daquelas já existentes. “De acordo com sua grandeza, estas assumiram a forma de seções locais e/ou de federações nacionais” (MUSTO, 2014, p. 44). Na Inglaterra a estrutura sindical nunca se modificou em prol da AIT, manteve-se igual.

Na França, as disputas internas, a luta de classes e a luta republicana se confundiam. A monarquia figurava como um grande catalisador de forças progressistas e o império reagia e reprimia para manter-se em pé:

Devido à luta repressão imperial, o ano de 1868, na França ficou caracterizado por uma fortíssima crise da Internacional, que, com a única exceção de Rouen, viu desaparecer todas as suas seções”. “O ano de 1870 foi o momento de expansão máxima da Internacional. As estimativas do número de filiados divergem muito daquelas difundidas de modo fantasiosos por alguns estudiosos e depois consolidadas no senso comum. [...] É possível conjecturar que em Paris seu número fosse de cerca de 10 mil membros, muitos dos quais aderiram à Internacional por meio de sociedades cooperativas, câmaras sindicais e sociedades de resistência. Na cidade de Lyon, onde em setembro de 1870, após uma sublevação, uma comuna havia sido proclamada e violentamente reprimida, as estimativas mais rigorosas seriam de 3 mil trabalhadores, o mesmo número de Rouen, ao passo que em Marselha eram mais de 4 mil (MUSTO, 2014, p. 45).

A AIT francesa, apesar de não ter se tornado uma organização de massas, havia certamente se expandido e despertava um interesse difuso (MUSTO, 2014; STEKLOFF, 2019; SCHWITZGUÉBEL, 1908).

A partir de 1870, mesmo alguns discípulos de Blanqui superaram suas antigas precauções diante de uma organização inspirada pela moderação proudhoniana e, testemunhando sua popularidade crescente entre os operários, começaram a aderir a ela”. “Em 1870, muita água havia passado por debaixo da ponte, e as linhas diretoras da organização na França eram a promoção do conflito social e a atividade política (MUSTO, 2014, p. 45).

A Bélgica, após 1868, viu o movimento sindical florescer por boa parte de seu território e, diferente da Inglaterra, ele estava muito próximo a atividade e pensamento da AIT (ENCKELL, 2011; DUCLOS, 1964; FREYMOND, 1969).

Distinguiu-se pela ascensão do sindicalismo, o êxito vitorioso das greves a adesão à Internacional de inúmeras sociedades operárias. O número de inscritos atingiu seu máximo no começo dos anos 1870, quando chegou a algumas dezenas de milhares, superando provavelmente também o número total obtido na França. Na Bélgica, a

Internacional atingiu seu apogeu, tanto pela proporção entre população e número de filiados como pelo peso que a organização exerceu sobre a sociedade (MUSTO, 2014, p. 45).

A Suíça, centro das tensões que abordaremos a abaixo, também se fortaleceu nesses anos, sobretudo em na Suíça francesa e em Genebra.

Em 1870, o número total de seus militantes chegou a 6 mil (com uma população total de cerca de 700 mil trabalhadores). Na cidade de Genebra, existiam 34 seções, para um total de 2 mil filiados; enquanto na região do Jura eles eram cerca de oitocentos. Porém, não tardou até que as teorias de Bakunin dividissem a organização em dois grupos de igual grandeza. Ambos se confrontaram no Congresso da Federação, realizado em abril de 1870, propriamente para deliberar sobre a decisão de acolher no interior da federação a Aliança da Democracia Socialista. A impossibilidade de conciliar a disputa entre os dois partidos determinou a realização de dois congressos paralelos, e somente após a intervenção do Conselho Geral conseguiu-se uma trégua. O grupo que se alinhava às posições de Londres, levemente minoritário no congresso, conservou o nome de Federação Romanda, enquanto aquele ligado a Bakunin assumiu o nome de Federação do Jura (MUSTO, 2014, p. 46).

Por conta da composição de imigrantes e refugiados, na Suíça foi fundada por Nikolai Utin (1845-1883) “na cidade de Genebra, e”, graças a Becker, algumas seções eslavas não-bakuninistas em 1869 (ENCKELL, 2011; STEKLOFF, 2019; SCHWITZGUÉBEL, 1908).

Em Genebra, durante as greves na primavera de 1869, os trabalhadores da “fábrica” (lembrando que o termo, naquele contexto, se referia aos trabalhadores genebrinos da relojoaria) e da construção civil, membros da AIT marcharam juntos. Mas não durou muito tempo, durante as eleições para o Conselho de Estado alguns internacionalistas ensaiaram uma aliança com o partido radical, no outono. O segundo motivo é a entrada de Bakunin na direção do L'Égalité, em lugar de Perron, o que tenciona com as seções mais conservadoras. Na direção, Bakunin, escreveu uma série de artigos abordando nos quais traça sua visão política sobre a internacional e sua visão socialista, atea e federalista. As seções genebrinas da “fábrica” ficam particularmente incomodadas com o ateísmo político do revolucionário russo” (GUILLAUME, 1906). Bakunin se encontrava protegido aos protestos feitos ao Comitê federais, pois os estatutos federais protegiam o Conselho Redator. A chama de um conflito é acesa: “Os operários-cidadãos manobravam as assembleias, excluindo a herança e propriedade coletiva dos debates para o Congresso. Isso em Genebra, só não contavam com a entrada da aliança na AIT, enquanto seção em Genebra” (GUILLAUME, 1905, p. 180).

Concomitante a isso, a carta de aceite do Conselho Geral de Londres chega para confirmar a aceitação da Aliança na AIT, aquela envia, por conta disso, a cotização referente a seus membros. Aceita na Internacional, a Seção da Aliança, sediada em Genebra, pede ingresso na Federação

Românica. Enquanto esperavam a decisão do Comitê federal das Seções da Federação Românica, Bakunin sai de Genebra, pois, precisava de um lugar mais sossegado para poder trabalhar em traduções e ganhar dinheiro, afinal, já não contava com a bolsa da princesa Obolesky. Não obstante, considerava seu papel em Genebra terminado. Chegando a passar a presidência da seção da Aliança para Heng.

O pedido de entrada na Federação cantonal genebrense da Aliança, foi recebido com hostilidade. Uma dúzia de delegados decidiu por tal recusa. Marcando uma das posições da AIT de Genebra. Enquanto isso, “Londres parecia ter se desarmado” (GUILLAUME, 1905, p. 181).

Guillaume, para retratar as animosidades, apresenta o texto de Bakunin, chamado “Relação Sobre a Aliança”. Texto o qual versa sobre a luta intestina da AIT dos trabalhadores em Genebra, entre os trabalhadores da “fábrica” e os operários da construção.

O conteúdo dessa carta é uma análise de Bakunin sobre a composição e as disputas entre as posições da Internacional em Genebra. Bakunin divide a composição como os operários da “fábrica” e os operários da construção. Tendo tido uma forte ação conjunta, até a greve de 1868. Porém, a “fábrica” começou um movimento de burocratização das assembleias e reuniões, assim como, empregando sua posição de se aproximar com o radicalismo.

A “fábrica” agia com hostilidade contra a “Aliança”, pois era contrário a entrada do grupo de estrangeiros, contra os posicionamentos revolucionários que esses propagandeavam. A ação da Aliança era contrária à prática e teoria da “fábrica”. Os problemas com a “fábrica” continua no fato deles não permitirem o debate contra o direito de herança e a favor da propriedade coletiva, temas que faziam parte da pauta do próximo Congresso. A fábrica se revoltava com o programa da Aliança, sobretudo, o fato do programa dela ser contra a aliança do socialismo revolucionário do proletariado com o radicalismo burguês. “Ela tinha tomado como princípio fundamental a abolição do Estado com todas suas consequências políticas e jurídicas” (GUILLAUME, 1905, p. 186). Isso não agradava aos burgueses radicais que, após perderem as eleições de 1868 de Genebra, passavam a ver a Internacional como um possível instrumento de luta política. “Tais haviam sido duas razões principais do ódio devotado pelos chefes da “fábrica” com a Seção da Aliança” (GUILLAUME, 1905, p. 186).

Na Assembleia das Seções de Genebra, dividem-se em duas facções devido ao posicionamento que elas deveriam tomar, para o próximo Congresso Geral da AIT, a respeito do direito de herança e da propriedade coletiva. Os representantes da “fábrica” subiram à tribuna para dizer que “era um escândalo, uma ação subversiva, uma inútil perda de tempo, propor tais questões aos operários” (GUILLAUME, 1905, p. 186). Apesar do protesto desses, a vitória foi dos coletivistas, em respostas a isso, os delegados da “fábrica” fazem uma votação particular e decidem enviar um delegado ao próximo Congresso com vias a se abster frente tais questões.

Por fim, outra assembleia geral de todas as seções se reúne na terça 17 de agosto. Decide-se que seriam enviados três delegados após votação secreta em lista de três. Foram eleitos Brosset, Heng e Grosselin, porém, as assembleias seguintes impõem como imperativo o voto nas posições “bakuninistas”, ou seja, em defesa do fim da propriedade privada e do fim do direito de herança. Grosselin, que era membro do parlamento de Genebra enquanto radical, pede e ganha o direito de ir sem o mandato imperativo.

A seção da Aliança decide se fazer representar e elegem o médico espanhol Gaspard Sentiñon. Quanto a Bakunin, ele havia recebido dois mandatos para o Congresso de Basileia: um da Associação dos trabalhadores ovalistas de Lion, que vem a aderir à Internacional após a greve e o outro da Seção dos Mecânicos de Nápoles. Enquanto Coullery desaparece momentaneamente dos embates da AIT, Chaux-de-Fonds nomeia Fritz Robert como delegado.

A história da Internacional na Espanha confunde-se com a da Aliança da Democracia Socialista, pois, Fanelli, uma bakuninista italiano e excelente militante, viaja ao país para fomentar a criação de seções da Internacional/Aliança. Não obstante, ali floresce uma enorme organização operária, com seções massivas nas principais cidades.

Na Península Ibérica, com efeito, a Internacional nasceu graças à iniciativa do anarquista napolitano Giuseppe Fanelli (1827-1877), que entre outubro de 1868 e a primavera de 1869, a convite de Bakunin, viajou a Barcelona e a Madri para fundar seções da Internacional e grupos da Aliança da Democracia Socialista, na qual o italiano militava. A viagem obteve resultados positivos, mas gerou também uma enorme confusão. Fanelli, de fato, difundiu tanto os documentos da Internacional quanto os princípios da Aliança da Democracia Socialista (e, ainda por cima, às mesmas pessoas), o que fez com que – caso exemplar da babel bakuniniana e do ecletismo teórico da época – os operários espanhóis fundassem a Internacional com os princípios da Aliança da Democracia Socialista. Apesar disso, sua propaganda mostrou-se útil, uma vez que favoreceu a formação de dirigentes importantes (MUSTO, 2014, p. 46).

A relação das organizações do movimento operário alemão com a Internacional foi dúbia. Pequena por um lado, pois, na Alemanha haviam poucos militantes aderentes a AIT e com poucas seções locais. Em contrapartida, a atuação de Marx no Conselho Geral, conseguia difundir para o movimento operário internacional os avanços teóricos das classes trabalhadoras alemãs.

Apesar de o movimento operário daquele país já contar com duas organizações políticas – a Associação Geral dos Trabalhadores Alemães, de tendência lassaliana, e o Partido Socialdemocrata dos Trabalhadores da Alemanha, de orientação marxista-, seu entusiasmo pela Internacional foi mínimo, assim como foram escassos os pedidos de adesão”. Nos primeiros três anos, por temerem as repressões do governo, a AIT teve poucas seções alemãs. “A partir de 1868, paralelamente à fama e aos sucessos que a Internacional começou a obter em outros países

européus, esse cenário se alterou, e os dois partidos alemães, em concorrência recíproca, ambicionaram representar a ala nacional. Na luta contra os lassalianos – cujo líder, Johann Baptist von Schwitzer, jamais pretendeu que sua Associação Geral aderisse à Internacional-, Liebknecht tentou usar a proximidade de sua organização com as posições de Marx, mas a adesão do Partido Socialdemocrata dos Trabalhadores da Alemanha à Internacional foi, na verdade, mais formal” “do que real. Dos cerca de 10 mil membros que estavam registrados nesse partido apenas um ano após sua fundação, aqueles que se filiaram à Internacional ... foram apenas algumas centenas”. Após o racha de Haia, o interesse do movimento operário alemão diminuiu ainda mais. “à medida que o movimento tornou-se mais preocupado com questões internas” (MUSTO, 2014, p. 47).

O ano de 1869 foi marcado, também, pela fundação de seções da Internacional na Holanda e nos Estados Unidos e o renascimento da AIT na Itália, antes dominada pelos mazzinianos, agora próximos a Bakunin. Ocorre uma

marcha desigual de seu desenvolvimento nos diversos países, Internacional se preparava para celebrar seu quinto congresso, em setembro de 1870. Embora, a princípio, estivesse previsto para ser sediado em Paris, a repressão exercida pelo governo francês fez com que o Conselho Geral cogitasse transferi-lo para a cidade de Mainz, onde Marx provavelmente vislumbrava a participação de um número maior de delegados alemães, mais próximos de sua posição, para contrastar com maior eficácia ao avanço de Bakunin. Todavia (MUSTO, 2014, p. 48).

Em junho de 1869, acontece alguns eventos terríveis em Saint-Etienne e em Ricamarie, na Bélgica, as tropas do exército atiraram sobre os operários que se mobilizavam. Na Inglaterra repressões como essa também ocorrem confrontos violentos. Contudo, “a repressão não impede que a Internacional cresça para a Áustria, Espanha, Itália e Holanda” (ENCKELL, 2011, p. 24).

#### **4.2.2 Congresso Basileia de 1869**

Os pontos principais do debate do Congresso de Basileia, foram: “a recusa do Congresso de entrar na matéria sobre a questão da legislação direta pelo povo e, por consequência, de se ocupar das reformas puramente políticas, malgrado os esforços feitos por Rittinghansen, Goegg, Liebknecht; a imponente maioria que se pronunciou contra a propriedade individual; a escolha de Paris como sede do próximo Congresso.

Dele participaram 78 delegados, provenientes não só da França, da Suíça, da Alemanha, da Inglaterra e da Bélgica, mas, numa demonstração da expansão da organização, também da Espanha, da Itália e da Áustria, além de um representante do Sindicato Nacional do Trabalho dos Estados Unidos. A presença deste último e a de Wilhelm Liebknecht, representante da segunda força política organizada da classe operária, o Partido Socialdemocrata dos Trabalhadores da Alemanha, fundado havia

poucas semanas em Eisenach, contribuiu para tornar o congresso mais solene e carregá-lo de esperanças (MUSTO, 2014, p. 42).

A questão da legislação direta pelo povo não figurava a ordem do dia do Congresso. Ela foi levada por Charles Bürkly e a Seção de Zurique. Os zuriquenses, que vieram introduzir o referendo em sua constituição, acreditam ter encontrado nisso um meio capaz de resolver as questões sociais, de modo que, queriam fazer parte da Internacional dessa bela descoberta. Guillaume cita a particularidade da seção de Zurique, que era composta também por democratas burgueses, como Goegg, “que queria a todo custo amansar o proletariado e o desviar da revolução (GUILLAUME, 1905, p. 87)”. A proposta encontrou eco em Liebknecht, dirigente do novo partido socialista alemão, que via na legislação direta uma proposta interessante na luta contra Bismarck.

Os partidários da legislação direta queriam que o Congresso considerasse sua questão como a mais importante de todas, mesmo ela estando na ordem do dia, que ele a tratasse como uma questão programática. Porém, essa pretensão era inadmissível (GUILLAUME, 1905, p. 191).

Fica decidido que, se sobrasse tempo, seria debatido a questão da legislação direta. Contudo, eles exigem uma seção extraordinária para se ocupar da legislação direta. Essa demanda foi posto em votação e uma grande maioria rejeitou.

Contudo, a consequência disso para a AIT foi que os jornais radicais franceses a taxaram de bonapartistas e agentes involuntários da reação.

Os três primeiros dias do Congresso haviam sido tomados completamente pelas questões administrativas, pelo incidente Rittinghausen, e pela leitura dos relatórios do Conselho Geral e das Seções. Para evitar mais perda de tempo precioso, o Congresso havia decidido que não seriam lidas os relatórios particulares para cada Seção, e ele havia elaborado, para facilitar o andamento regular das seções e a fixação dos detalhes da ordem do dia, um Guia prático dos Congressos”, que entrara em vigor no próximo ano (GUILLAUME, 1905, p. 191).

,Por fim, passa-se para a questão relativa a abolição da propriedade privada, que proposta pela Comissão responsável pelo estudo apresenta no Congresso de Basileia as seguintes resoluções:

- 1º O Congresso pensa que a sociedade tem o direito de tornar o solo propriedade coletiva;
- 2º O Congresso pensa que há a necessidade de transformar o solo em propriedade coletiva (GUILLAUME, 1905, p. 192).

A resistência a tal proposta vem dos delegados mutualistas parisiense “Chemalé, Tolain, Murat, mais o jornalista Langlois, um dos executores testamentários de Proudhon (GUILLAUME, 1905, p.



192)”. Mas, por fim, o voto sobre as duas resoluções acaba numa vitória muito majoritária em prol do direcionamento coletivista/comunista à organização “1ª resolução: 54 sim, 1 não, 13 abstenções e quatro não votaram. 2ª resolução: 53 sim, 8 não, 10 abstenções, 4 não votaram”. Um fato que mostra a força da opinião coletivista/comunista é que entre os opositores da proposta “havia dois, Murat e Tolain, que tinham sido delegados por corporações de opinião coletivista” (GUILLAUME, 1905, p. 192). Assim, ao votarem, expressaram somente suas individualidades. Musto diz que:

As resoluções sobre a propriedade fundiária, aprovadas em Bruxelas no ano anterior, foram confirmadas numa nova votação, aprovada por 54 delegados, com apenas 4 contrários e 13 abstenções.” [É] declarado “que a sociedade tem o direito de abolir a propriedade individual do solo e de dá-lo à comunidade”, foi acolhido também pelos delegados franceses”. “Depois de Basileia, a Internacional na França deixou de ser mutualista (MUSTO, 2014, p. 42).

Após a derrota dos mutualistas, “Marx se viu, a partir daquele momento, na necessidade de enfrentar um rival ainda mais hostil, um desafiante que formou uma nova tendência no interior da organização e que visava conquistá-la: o anarquismo coletivista” (MUSTO, 2014, p. 43).

Não tendo conseguido conquistar a direção da Liga da paz, em setembro de 1868 ele havia fundado, em Genebra, a Aliança da Democracia Socialista, uma organização que, em dezembro, apresentou um pedido de adesão à Internacional – inicialmente rejeitado pelo Conselho Geral. A AIT não poderia aceitar uma outra organização transnacional interna, o que geraria uma dualidade de poder. “além disso, um dos objetivos do programa da Aliança” era a “igualdade das classes” o que a tornava distinta de um “dos pilares centrais da Internacional: a Internacional: a abolição das classes”. A organização de Bakunin teve de modificar seu programa e sua estrutura até que fosse admitida pelo Conselho Geral. “Assim, em 28 de julho de 1869, a seção de Genebra composta por 104 membros, foi admitida na Internacional”. A Influência de Bakunin cresce “em várias seções suíças, espanholas e francesas (e, depois da Comuna de Paris, italianas), e já na Basileia, graças a sua personalidade carismática e seus dons de oratória”, conseguindo a vitória “sobre o direito de herança, primeiro caso em que os delegados rejeitaram uma proposta do Conselho Geral (MUSTO, 2014, p. 43).

A segunda questão do programa era aquela da herança. A Comissão do Congresso concluiu unânime à abolição da herança, e apresentou as resoluções nesse sentido. Infelizmente um delegado inglês, Eccarius, no nome do Conselho Geral, apresenta das resoluções análogas pelo fundo, mas motivados de uma maneira diferente. Também, quando do voto, não conseguiu-se obter a maioria completa nem para um nem para a outra das proposições. Não obstante, não houve tempo de se entender sobre uma redação que conseguisse conciliar os dois avisos.

Para os aliados de Marx e direito de herança é causado pela organização capitalista, logo é mais interessante debater as causas. Bakunin contra argumenta, primeiro reconhecendo que eles estão certo,

porém, hoje, os efeitos também são determinantes devendo também ser combatidos e abolidos. Com esse raciocínio, a ala que apoia a pauta vence, “abrindo as portas para uma cisão irreparável” (ENCKELL, 2011, p. 25).

“O voto sobre as resoluções da Comissão ficou em 32 sim, 23 não, 13 abstenções e 7 não votaram” (GUILLAUME, 1905, p. 192). Os 23 votos vieram de duas frações, a primeira, aquela dos defensores da propriedade privada, a segunda, os comunistas alinhados com o Conselho Geral. Ficou-se decidido que o ponto deveria ser debatido num próximo Congresso, contudo, como veremos isso não foi mais objeto de debate congressual na AIT.

Sobre a terceira questão, aquela relativa as caixas da resistência, o Congresso reencontra sua unanimidade. As resoluções tenderam a convocar a formação das caixas locais de resistência, sua federação pelos corpos de ofícios, sua centralização por meio do Conselho geral, foram adotados em comum acordo. Dividido sobre certas questões teóricas que a experiência futura poderá resolver definitivamente.

A quarta questão, aquela da instrução integral, e a quinta, aquela do crédito, não conseguiram ser discutidas devida a falta de tempo. O Congresso decidiu que seriam debatidas ao próximo ano.

Trecho do relatório final do Congresso de Basiléia:

3º Questão do direito de herança;

A Comissão encarregada de fazer a relação sobre a questão do direito de herança se encontra assim composta: três franceses, Dercure (Paris), Richard (Lyon), Bakunin (Lyon); três alemães, Liebknecht (Congresso de Eisenach), Hess (Berlim), Becker (Seções alemães da Suíça); dois suíços, James Guillaume (Locle), Heng (Genebra); dois Belgas, Brismée (Bruxelas), De Paepe (Seção de Charleroi); um espanhol, Rafael Farga-Pellicer (Centro Federal das sociedades operárias da Catalunha); é necessário acrescentar o presidente do Congresso, Hermann Jung, suíço habitante Londres, delegados do Conselho Geral.

A maioria da Comissão se liga às ideias sustentadas por Bakunin. O Conselho Geral havia preparado sobre a questão relatório evidentemente redigido por Marx, e que Eccarius havia sido encarregado de apresentar no Congresso. Mas eu não lembro o que havia sido conversado da relação no seio da Comissão. Ela não possuía nenhum mutualista, de modo que ela estava completamente de acordo. No Congresso, que dividiu-se em comunistas/coletivistas e mutualistas, somente De Paepe possuía um modo particular de compreender a questão, num relatório redigido por ele e apresentado ao nome da seção de Bruxelas, ele havia escrito “Numa sociedade como aquele próximo a qual nos tendemos, em que a propriedade fundiária individual é abolida ..., em que as máquinas e os instrumentos de trabalho serão de propriedade coletiva dos grupos que as fazem funcionar ... onde a acumulação de grandes riquezas por um particular serão impossíveis... não se mantêm nas mãos dos indivíduos, como passível de ser transmitidos por via da herança que as coisas usuais, os objetos de consumação pessoal ou mesmo algum dinheiro; é justo ou injusto que essa posse individual possa ser transmitido a posterioridade?”. César de Paepe acha justo que possa ser transmitido para a posterioridade essas posses individuais, além do que, a possibilidade de um trabalhador transmitir suas posses serve como um grande incentivo para o trabalho.

A resolução determina que “Considerando que o direito de herança, que é um elemento essencial da propriedade individual, tem contribuído para alienar a propriedade fundiária e a riqueza social ao benefício de alguns e no detrimento da maioria, e que, devido a isso, é um dos maiores obstáculos à entrada do solo ao benefício público.

Soma-se a isso que o direito de herança, quão restrita seja sua ação, impedindo que os indivíduos tenham absolutamente os mesmos meios de desenvolvimento moral e material, constitua um privilégio cuja importância, maior ou menor, no fundo não destrua a desigualdade no direito, e que transforme uma ameaça permanente em direito social.

A Comissão reconhece que o direito de herança deve ser completa e radicalmente abolido, e que essa abolição é uma das condições indispensáveis na libertação do trabalho (GUILLAUME, 1905, p. 201).

Portanto, a proposta bakuninista consegue ganhar na Comissão que estudara o tema para o Congresso. Porém, a posição marxista seria a principal a ser enfrentada sobre esse tema, assim, a posição vinda do Conselho Geral, que representava a opinião de Marx, foi lida por Eccarius:

A lei de herança não é a causa, mas o efeito, a consequência jurídica da organização econômica atual da sociedade; ... o que nós temos discutido, é a causa e não o efeito;... o desaparecimento do direito de herança será o resultado natural de uma mudança social que a abolir a propriedade individual nos meios de produção; mas a abolição do direito de herança não pode ser o ponto de partida de uma tal transformação social: isso seria tão absurdo quanto querer abolir a lei da oferta e da demanda, tudo continuando o estado atual das condições de troca, o que seria falso em teoria e reacionário em prática. Tratando as leis de herança, nós supomos que necessariamente a propriedade individual dos meios de produção continuará a existir. Toda medida que concerne o direito de herança não pode, consequentemente, ter relação que num estado de transição social... Essas medidas transitórias não podem ser outras que as seguintes: A. Extensão do imposto sobre o direito de herança: B. Limitação do direito testamentário (GUILLAUME, 1905, p. 202).

Bakunin em pessoa respondeu à proposição do Conselho Geral, pois, afinal, o debate migrou para o campo do que é determinante, ou seja, do que é causa e do que é efeito no capitalismo. A ala marxista insiste no fato de que, abolida a propriedade privada, não haveria o porquê debater-se o direito de herança. Bakunin, por sua vez, argumenta dois pontos: que 1º) o efeito pode virar causa, ou seja, como pode-se ver aqui:

Bakunin diz que entre aqueles que pensavam que após ter sido votada a propriedade coletiva, era inútil votar a abolição do direito de herança (se referindo a Eccarius e ao Conselho Geral), e aqueles que consideravam útil e necessário votá-la, só havia uma diferença de ponto de vista, para o militante russo: “Alguns se colocam no futuro e, tomando por ponto de partida a propriedade coletiva, afirmam que não haverá mais que se falar no direito de herança: nós, partindo do presente, nós nos encontramos sob o regime da propriedade individual triunfante e, marchando para a propriedade coletiva, nós reencontramos um obstáculo: o direito de herança, nós pensamos, então, que é preciso reverter. O relatório do Conselho Geral diz que o fato jurídico, não sendo que a consequência de um fato econômico, seria necessário

transformar esse último para destruir o primeiro. É incontestável que tudo o que se chama direito jurídico ou político não foi jamais na história nada além da expressão ou o produto de um fato consumado. Mas é incontestável, também, que após ter sido um efeito de atos ou de fatos anteriormente realizados, o direito torna-se, por sua vez, a causa dos fatos ulteriores, tornam-se, eles mesmos, um fato muito real, muito forte, e que é necessário reverter caso queira se chegar numa ordem de coisas diferentes da que existe. É assim com o direito de herança, após ter sido a consequência natural da apropriação violenta das riquezas naturais e sociais, tornou-se então a base do Estado político e da família jurídica, que garantiram e sancionam a propriedade individual. Então, é preciso votar a abolição do direito de herança (GUILLAUME, 1905, 202).

2º) num processo revolucionário, a expropriação abrupta dos camponeses os lançará na reação, portanto, é imprescindível que a coletivização seja gradual através do fim do direito de herança, como pode ver aqui:

Falamos muito de prática. Bom, é em nome da prática que quero vos convidar a votar a abolição do direito de herança. A gente diz, hoje, que a transformação da propriedade individual em propriedade coletiva encontrará graves obstáculos nos camponeses e pequenos proprietários de terra. E, de fato, si, após ter proclamado a liquidação social, tenta-se desapropriar pelo decreto esses milhões de pequenos produtores, os lançaremos, necessariamente, na reação, e, para submetê-los à revolução, seria necessário empregar contra aqueles a força, ou seja, a reação. É necessário os deixar como possuidores de fato dessas parcelas das quais são hoje proprietários. Mas se vós não abolíeis o direito de herança, o que acontecer-lhes-á? Transmitirão suas parcelas a seus filhos, com a sanção do Estado, a título de proprietário. Se, pelo contrário, ao mesmo tempo que vós fizeste a liquidação social, vós proclamais a liquidação política e jurídica do Estado, se vós abolíeis o direito de herança, que restar-lhes-ia? Nada além da posse de fato, e essa posse, privada de toda sanção legal, não seria abrigada sob a força do Estado, seria facilmente transformada sob a pressão dos eventos e das forças revolucionárias (GUILLAUME, 1905, p. 203).

Feita a votação, apesar da vitória do sim, nem a proposição da Comissão, nem aquela do Conselho Geral, obtiveram a maioria absoluta, isto é, “um número de sim superior a metade dos votantes” (GUILLAUME, 1905, p. 204). Contudo, o ponto mais determinante para a vida da Internacional é aquele da vitória do não contra a proposta do Conselho Geral “que não somente não foi adotada, mas que ela havia sido formalmente rejeitada, o número dos “não” havia sido superior à metade dos votantes (37 não sobre 62 votantes)” (GUILLAUME, 1905, p. 204). Apesar de ser uma derrota aparentemente trivial, “o fato foi particularmente sensível a Marx” (GUILLAUME, 1905, p. 204), afinal, “foi a primeira vez que tal coisa aconteceu num Congresso da Internacional – o que traduz-se, no seu interior, e, mais tarde, em seu panfleto de 5 março de 1872, *As pretensas cisões na Internacional*” (GUILLAUME, 1905, p. 204). Podemos dizer que a disputa, na Internacional, entre

Marx e Bakunin, e seus respectivos correligionários, inicia-se no ponto referente a herança e no Congresso que derrotou os mutualistas.

No mais, o Congresso segue o debate referente as caixas de resistência, a Comissão especial apresenta o seguinte parecer: “O Congresso é da opinião que todos os trabalhadores devem se ocupar ativamente de criar as caixas de resistência nas diferenças corpos de ofício” (GUILLAUME, 1905, p. 205). O Congresso de Basileia, marcado pela vitória dos coletivistas e dos comunistas, pelo aparecimento de Bakunin no radar do Conselho Geral, também das provas de sua complexidade em suas seções administrativas, feitas com via a dar a organização da Internacional uma forma mais precisa. A primeira resolução, esta apresentada por Eccarius, é relativa ao problema da presidência:

I – Considerando que não era digno de uma sociedade operária de manter em seu seio um princípio monárquico e autoritário, admitindo os presidentes, mesmo se eles não sejam investidos de nenhum poder, as distinções puramente formais são, ainda, um atentado aos princípios democráticos, o Congresso chama todas as seções e sociedades operárias filiadas à Internacional a abolir a presidência em seu seio.

A resolução II dizia respeito a necessidade de informar o Conselho Geral de possíveis ataques que a AIT estivesse sofrendo por parte de algum jornal, a resolução III dizia que “as correspondências das secretarias e do Conselho Geral serão publicadas a cada três meses nos jornais da Associação.

IV – Cada nova seção ou sociedade que se forme e queira fazer parte da Internacional deve anunciar imediatamente sua adesão ao Conselho Geral.

V – O Conselho Geral tem o direito de admitir ou de recusar a afiliação de toda nova sociedade ou agrupamento, salvo apelo ao próximo Congresso.

Todavia, onde exista grupos federais, o Conselho Geral, antes de aceitar ou de recusar a afiliação de uma nova seção onde a sociedade, deveria consultar o grupo, toda conservando seu direito de decisão provisório.

VI – O Conselho Geral tem igualmente o direito de suspender, até o próximo Congresso, uma seção da Internacional.

Todo grupo, por outro lado, poderá recusar ou excluir de seu seio uma seção ou sociedade, sem poder, todavia, a privar de seu caráter internacionalista. Mas poderá exigir a suspensão ao Conselho Geral.

VII – Quando as querelas recaírem entre as sociedades ou ramos de um grupo nacional, ou entre os grupos de diferentes nacionalidades, o Conselho Geral terá o direito de decidir sobre a disputa, salvo apelo ao Congresso próximo, que decidirá definitivamente (GUILLAUME, 1905, p. 207).

Assim, Bakunin inaugura sua participação num Congresso da AIT com a vitória de sua proposta a respeito do direito de herança, mas, concomitantemente, e com a garantia ao Conselho Geral de um poder que não lhe haviam dado nem os Estatutos Gerais, adotados em 1866 pelo Congresso geral de Genebra, nem o regulamento que acompanha seus estatutos. Foi o próprio Bakunin que durante uma seção quem propôs que o Conselho tivesse o direito de recusar novas seções, pois longe de ver no Conselho Geral um adversário, Bakunin via nele, em Basileia, um aliado contra o espírito reacionário qualquer grupo local. Veja o que eles diz nessa carta: “Foi só no Congresso, ocorrido em Basileia em 1869, que aumentou um pouco os poderes do Conselho Geral, contrários ao espírito dos estatutos

gerais. Isso foi um erro grave e devo admitir que contribui muito nele. *Mea culpa, mea maxima culpa*” (GUILLAUME, 1905, p. 208).

O Congresso de Basiléia deve ainda ser lembrado por três pontos marginais: o júri de honra Bakunin x Liebkecht, resposta do Congresso a Coullery e, por fim, Varlin se aproxima dos militantes do Jura Suíço. O júri honra era relativo ao fato de Liebkecht ter caluniado Bakunin. Na calúnia, esse seria um agente russo, apoiado pelo governo czarista e que a fundação da Aliança serviria para obstruir o trabalho da AIT. Bakunin, em carta, relata o acontecido:

“Eu acusei meu adversário de ter me caluniado, pedi para que prova-se suas acusações contra mim. Ele me respondeu que eu havia interpretado mal suas palavras: que ele não havia jamais, propriamente, me acusado e jamais havia dito que possuía provas contra mim. Talvez, disse ele, só possuísse uma”. Segundo o relato, Liebkecht diz que o silêncio de Bakunin, pelo fato dele não haver se defendido das acusações de Borkheim no Zukunft (GUILLAUME, 1905, p. 209).

Mas a única e real acusação feita pessoalmente por Liebkecht foi a de que seria um golpe contra a Internacional a fundação da Aliança. Contudo, Eccarius, representante do Conselho Geral, pede para que o ponto seja suprimido. “Quanto a questão principal”, de que Bakunin seria um agente russo, “o júri declara por unanimidade que meu adversário havia agido com uma pequena culpa, ao acusar um membro da Internacional por ter publicado artigos difamatórios publicados por um jornal burguês” (GUILLAUME, 1905, p. 211). Nenhuma medida punitiva é, efetivamente, tomada e o assunto parece resolvido.

Coullery havia ficado responsável de publicar as atas do Congresso, Lausanne – 1867, em seu jornal *La voix de l’Avenir*. Porém “por diferentes razões, cuja principal foi a extrema lentidão na impressão de *La Voix de l’Avenir* que se propôs a tal tarefa, retardaram consideravelmente o aparecimento do volume. O atraso atrapalhou as vendas” (GUILLAUME, 1905, p. 214). Coullery queria ser pago pelo serviço, acionou o Conselho Geral de Londres, coube a Federação Românica pagar essa dívida. Guillaume conta o desenrolar desse problema “Nada havia mudado após essa questão, quando, de repente, Coullery, em 1 de junho de 1869, acha certo me processar, como se eu fosse pessoalmente responsável por essa dívida” (GUILLAUME, 1905, p. 214). A questão levada ao Congresso, que vota uma desonra contra Coullery e declara o ato dele de indignidade de um membro da Internacional. O Comitê federal românico liquida entre final de 1869 e começo de 1870 a referida dívida.

A partir de fevereiro de 1869, foi constituída, no Locle, no Chaux-de-Fonds e depois no Vale de Saint-Imier, assim como em Genebra, grupos secretos que reuniam os homens mais sérios. Relata Guillaume, “nos parecia muito desejável que essa organização se entendia vantajosa, sobretudo em

Paris e nas principais vilas francesas, em via da ação revolucionária que, na França, não poderia faltar de ser imposta, se constituindo em grupos análogos aos nossos” (GUILLAUME, 1905, p. 215). Assim Guillaume, Bakunin, entre alguns outros, começaram a mapear os militantes da AIT para encontrar os mais dispostos e mais capazes. “Mas havia aqui um homem o qual as aspirações correspondentes às nossas, e que era o militante o mais ativo da Internacional parisiense: Varlin” (GUILLAUME, 1905, p. 211).

Num dos últimos dias do Congresso, nós o levamos ao quarto que ocupava Rey em não sei qual hotel, nós lhe partilhamos nosso desejo e, como ele se mostrou disposto a se associar à ação coletiva que nós lhe propomos, nós o apresentamos nosso programa, ele nos disse que essas idéias [sic] eram também dele, apertamos as mãos fraternalmente e combinamos, Varlin e eu, que nós nos corresponderíamos o mais regular possível (GUILLAUME, 1905, p. 215).

Porém, as esperanças logo dariam lugar a uma luta fratricida que tomaria o dia a dia da organização.

#### **4.2.3 Lutas intestinas na AIT da Suíça no final 1869.**

No final de 1869, a vida da seção da Aliança, Genebra, passa por um triplo movimento concomitante. Primeiro, a retirada de Bakunin para Locarno para tratar de assuntos pessoais, na bibliografia de Bakunin a relação de sua mulher com Cafiero, e da tradução do Capital para o russo. Segundo, a direção da organização passa para Robin e Perron, que “eram sistematicamente opostos a existência da seção da Aliança, devido a isso, negligenciaram a vida interior dessa seção, na qual a propaganda individual era central, não puderam exercer uma influência eficaz” (GUILLAUME, 1905, p. 226), pois davam peso as grandes assembleias. “Perron e Robin, ‘amantes platônicos do parlamentarismo’, queriam, portanto, se dirigir sempre ao grande público, tudo fazer através das grandes assembleias gerais, negligenciaram a propaganda individual” (GUILLAUME, 1905, p. 226), esse foi um de seus grandes erros. Terceiro, a ida de Outine, emigrante russo, para a Suíça e a entrada dele na Aliança.

Bakunin o descreve assim:

Ele se diz – continua Bakunin – o discípulo, o amigo de Tchernychevsky, mas eu estou certo que ele mente. Tchernychevsky era um homem muito inteligente, muito sério, muito sincero, para ter podido suportar um garoto tão falsamente exaltado, falador sem vergonha, e inflado de si mesmo. Deve ser semelhante, sua relação com Tchernychevsky, como suas pretensas relações amigáveis com Serno-Soloviévitch.

Vós ficaste sabendo do discurso que ele pronunciara à inauguração do monumento elevado sobre a tumba de Serno (GUILLAUME, 1905, p. 228).

Porém, como Bakunin era próximo a Serno, disse que “este só falava daquele com desprezo” (GUILLAUME, 1905, p. 228).

Durante a curta relação pessoal de Bakunin e Outine em 1868, eis o relato do velho militante: “houve uma incompatibilidade absoluta, não de ideias – pois, falando sério, Outine não tem nenhuma – mas de humor, de temperamento, de objetivo” (GUILLAUME, 1905, p. 228). Bakunin e Guillaume adicionam quatro novos pontos no longo catálogo de insulto da vida da Internacional: Outine, possuía o dinheiro de seu pai como arma política, a mentira e a sedução das mulheres, esse “Macabeu da Internacional” (GUILLAUME, 1905, p. 228).

Em meio ao círculo de ofensas, Bakunin descreve o círculo de apoio de Outine e, assim, dá destaque ao fato de ser composto por mulheres, as quais, corroboram com sua posição política e sua tática.

Ainda em final de 1869, ocorrem, tanto no Jura quanto em Genebra, eleições municipais. Enquanto no Jura os militantes se abstiveram de participar do jogo eleitoral, em Genebra, costura-se uma aliança entre os internacionalistas e o Partido Radical contra os conservadores, que foi derrotada. Contudo, após duas semanas do pleito, o jornal órgão das seções da Federação Românica, lança um artigo que versa sobre a impossibilidade da atuação eleitoral e das alianças eleitorais: “Não, não houve, nem poderia haver aliança entre a Internacional e os partidos políticos” (GUILLAUME, 1905, p. 239), pois, o fim da AIT é a revolução, enquanto todos os partidos querem a manutenção dos privilégios. Porém, no mesmo artigo, felicita a posição dos trabalhadores de votar em candidatos que são favoráveis a reformas. Há uma tensão imanente tentando ser conciliada, que expressa as frações que se formaram na AIT de Genebra, uma mais conciliadora e tendente a ação política, outra, sindicalista revolucionária *avant-lettre*.

Enquanto isso, nos diz Guillaume sobre seu posicionamento cosmopolita de novo tipo:

As questões locais não prendiam nossa atenção. Nós estávamos com os olhos fixos sobre o que se passava em nosso entorno, nos países vizinhos. Na França, onde uma agitação enorme parecia anunciar o fim do Império. Na Bélgica, país onde a Internacional tornou-se uma força. Na Espanha, onde nós possuíamos, então, algumas amizades pessoais, e onde os levantes carlistas e os republicanos federalistas fizeram crer à impossibilidade de reestabelecer uma nova monarquia. Na Alemanha mesmo, onde nós víamos as querelas dos lassalianos e do partido de Eisenach, sem conseguir compreender o que acontecia. Para mim, essas questões internacionais me interessavam muito mais que as querelas internas dos genebrinos (GUILLAUME, 1905, p. 239).



Talvez aqui tenhamos o testemunho do sentimento e do posicionamento que direcionou os militantes coletivistas do Jura suíço, o que viria a se constituir, como denominamos aqui de cosmopolitismo de novo tipo, uma das causas do fim da AIT “autonomista”. Tanto é que, em meio aos conflitos genebrinos, James Guillaume viajou para a França:

Após o Congresso de Basileia, um dos delegados espanhóis, Sentiñon, havia feito uma viagem para Alemanha e para Bélgica para tomar notas sobre as diversas questões técnicas, com via a uma eventual tomada de armas pelos operários catalões. Por sua vez, em novembro, ele parou na minha casa, em Neuchâtel. Era um homem de um caráter doce e afável, muito instruído, calma e tímida. Havia feito estudos de medicina à universidade de Viena, na Áustria, e falava alemão como um alemão (GUILLAUME, 1905, p. 244).

Enquanto isso, na Suíça alemã, há a tentativa da fundação de um Partido dos trabalhadores de toda Suíça

sobre a iniciativa de Karl Bürkli e de seu tenente Hermann Greulich, é fundada nesse momento um jornal que iria se fazer o órgão das doutrinas sustentadas pelo Congresso de Basileia, por Rittinghausen, Goegg, e a maioria dos delegados da língua alemã (GUILLAUME, 1905, p. 254).

No o *Progrès* nos números 28, de 25 dezembro, foi publicada um comentário sobre o programa dos socialistas de zuriquenses:

#### OS SOCIALISTAS DE ZURIQUE

Nós temos nas mãos o número de ensaio de um jornal socialista da Suíça alemã, que se intitula *Die Tagwacht*, a Diana onde mais claramente o *Réveil*. O jornal é publicado por um Comitê sediado em Zurique, e tem por objetivo provocar a *organização de um partido social democrata na Suíça*. É um resumo o programa desse novo partido político:

Legislação direta pelo povo; Unificação das leis jurídicas, centralização do exército, abolição da taxa sobre o vinho; resgate dos caminhos de ferro pela Confederação; Separação da Igreja e do Estado, da Igreja e da Escola; Instrução gratuita de todos os graus; Auxílio gratuitos aos doentes; Abolição dos impostos indiretos, introdução do imposto progressivo sobre o capital; Interdição do trabalho das crianças nas fábricas, abaixo dos 16 anos; Fixação do dia de trabalho a oito horas para os trabalhadores maiores de 16 anos; Vigilância sanitária do Estado nas oficinas; Enquete estatística sobre a situação dos operários, a taxa dos salários, o preço dos alojamentos, etc; Crédito acordado pelo Estado às associações cooperativas (GUILLAUME, 1905, p. 254).

Ou seja, os zuriquenses ensaiaram a criação de um partido nacional operário com um programa nacional, que, infelizmente, não receberá apoio das lideranças internacionalistas de Genebra e do Jura. O jornal dos socialistas do Jura, *Progrès*, afirma que os zuriquenses têm o direito de buscar táticas

diferentes, porém, apesar de terem acordo nos princípios, eles discordam de construir um partido político.

O início de 1870 é marcado por três acontecimentos concomitantes que têm peso na história da Internacional. A retirada de Bakunin para Locarno, com vias a traduzir o Capital e a proximidade de sua mulher com Carlos Cafiero, a perda da direção do *L'Égalité* decorrente de uma ação tática equivocada, o movimento das Circulares Confidenciais do Conselho Geral (início do movimento ativo de Marx contra a influência de Bakunin).

Não obstante, as animosidades entre as duas grandes alas da organização é retomada nesse ano pela resposta do Conselho Geral enviada ao Comitê Federal da Suíça Românica, datada de primeiro de janeiro. O problema é que o editor-chefe do *L'Égalité*, Paul Robin, havia publicado em dezembro alguns artigos em que divergiam com o Conselho Geral e lhe cobrava algumas explicações. A polêmica origina-se pela cobrança pública, através do jornal *L'Égalité*, do que esse entendia como obrigações do Conselho Geral. O ponto levantado pelo jornal genebrino é que o Conselho Geral não havia realizado sua obrigação de realizar os ditames do Congresso de Lausanne, a saber, os referentes as estatísticas do mundo do trabalho, o jornal aproveita o ensejo para cobrar explicações relativas a relação do Conselho Geral com as seções da Internacional da Inglaterra, além de algumas outras questões marginais. Numa longa carta, o Conselho Geral responde ponto por ponto, polemizando e se afirmando como órgão diretor da organização, se valendo dos estatutos para explicar o porquê de não precisar responder as questões levantadas pelo jornal e solicitando discricção aos assuntos internos da AIT.

Mas o jogo de forças interno a AIT suíça românica, que parecia estar dominada pelo círculo bakuninista, tem uma reviravolta: o grupo próximo a Bakunin, baseado no comitê editorial do *L'Égalité*, pede demissão. Lê-se no *L'Égalité* de 8 de janeiro de 1870 que sete membros do comitê pediram demissão. O que aconteceu? “Quase nada: um incidente ridículo” (GUILLAUME, 1905, p. 270). Foi o comportamento desastroso de Robin que levou a essa confusão. “A maioria do Conselho de redação, sete dos nove membros, no lugar de continuar” (GUILLAUME, 1905, p. 244) a publicação rotineira. Porém, devido um problema relativo a biblioteca das seções, que estoura uma disputa interna a Comissão. Robin e outros seis pedem a demissão de Waehry, que recusa, assim, aqueles sete pedem demissão deixando a Comissão na mão de seu rival. Eis a nota:

Senhor Waehry em Genebra,  
 Senhor. Em presença de sua recusa de deixar de assistir às sessões da comissão da redação, nós lhe damos nossa demissão de membros dessa comissão.  
 Genebra, 3 de janeiro 1870.  
 Charles Perron, Paul Robin, Guilmeaux, Jules Dutoit, A. Lindegger, J-Ph. Becker, Pinier (GUILLAUME, 1905, p. 270).

Wahry, que até então era minoria no Comitê, passa a se tornar ele próprio o Comitê editorial do jornal *L'Égalité*, então:

Wahry, encantado, aceita a demissão de seus colegas: iria enfim poder imprimir no jornal sua prosa que, até então, era recusada pelo Conselho de redação, o qual havia sempre recusado publicá-la! Por sua vez, o Comitê federal românico, ao qual o artigo 30 dos estatutos federais atribuíam a “vigilância moral” do jornal, “toma medidas necessárias”, isto é, acrescenta a Wahry e a F. Paillard, (os dois membros restantes do Conselho) Outine, que se encontra por essa sorte inesperada de mudança na composição (GUILLAUME, 1905, p. 271).

Essa mudança brusca joga o órgão das seções da Federação Românica na ala mais moderada e crítica a Bakunin, o que serviu para reorganizar o equilíbrio de forças e empurrar os coletivistas para o Jura. Essa querela é um dos pontos que desencadeia o racha na Federação, que seria consumado no próximo Congresso da Federação Românica.

Diz-se que os líderes genebrinos haviam procurado a aliança com o partido coullerysta da Chaux-de-Fonds, por seu lado, os coullerystas haviam ficado encantados ao constatar que eles poderiam encontrar um ponto de apoio em Genebra para retomar a luta contra os coletivistas, e que o *L'Égalité* que, a partir do inverno de 1869, havia sido uma arma da pena de Bakunin, transformara-se num órgão de um “cooperativismo” que não assustava ninguém. A entente foi concluída e, por um ato público, o Comitê federal românico acena aos coullerystas do Círculo Operário, alguns dias antes da abertura do Congresso da Federação. Os coletivistas de Chaux-de-Fonds, eu o disse, haviam constituído, em dezembro de 1869, um grupo que se nomeava Seção de propaganda: esse grupo trabalhava para organizar em Chaux-de-Fonds uma federação operária local. Ele se dirige ao Comitê Federal Românico para ser admitido como Seção na Federação Românica (GUILLAUME, 1905, p. 289).

Assim o tabuleiro de forças para o próximo Congresso federal estava selado, os coletivistas de Genebra e do Jura, de um lado, contra os “homens da fábrica” de Genebra e os coullerystas. Frente a recusa motivada de Perron, a Seção da Propaganda designa dois de seus membros, Fritz Heng e Henri Chevalley, para o representar no Congresso românico, “e protestar contra a decisão do Comitê federal, e reiterar a demanda da admissão na Federação Românica” (GUILLAUME, 1905, p. 290).

No sábado de 2 abril, Bakunin me escreve em Genebra a seguinte carta, que foi entregue em Chaux-de-Fonds no dia seguinte por Joukovsky:

Meu caro amigo, ontem à tarde, o comitê da Seção da Aliança, sobre minha proposição, tendo decidido que será proposta na Seção: 1º De enviar um delegado no congresso da Suíça românica para protestar contra o Comitê federal que tendo repousado, e para exigir o reconhecimento no Congresso, assim como seu delegado; 2º Expressar sua simpatia e de exigir a amizade da Seção de propaganda de Chaux-de-Fonds;

Joukovsky vos dirá em detalhe que entre as razões que serviu ao Comitê federal no pretexto para recusar a Seção de propaganda era aquela: “se aceitarmos a Seção de propaganda da Chaux-de-Fonds, nos deveremos aceitar a da Aliança; e repousando nessa última, nós devemos repor outro”. Era completamente lógico. Somente para ser mais lógicos ainda, deverão igualmente abolir a Seção central de Genebra.

Conclusão: a causa da Seção da Aliança e inseparável daquela da Seção de Propaganda. A Aliança adicionará sua protestação a daquela Seção, devendo sustentar e triunfar juntos.

Eu conto para isso com tu e teus amigos.

A questão da aceitação dos delegados da Seção da Aliança e aquela da propaganda deve ser a primeira, para que elas possam discutir e votar (GUILLAUME, 1905, p. 291).

Os conflitos internos à Associação Internacional dos Trabalhadores têm um episódio marcante. O Conselho Geral entra em contato com Outine, para que esse busque documentos que provem que a Aliança bakunista ainda existia como organização a parte, o qual aceita a tarefa. A partir da atuação de Outine, que em contato com Londres, dá os pilares e os fundamentos das Circulares Confidenciais do Conselho Geral.

COMUNICAÇÃO CONFIDENCIAL<sup>132</sup>  
ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES, Conselho Geral,  
Londres

O russo Bakunin (apesar de conhecê-lo desde 1843, eu deixarei isso de lado para tratar só o absolutamente necessário) teve pouco após a fundação da Internacional uma entrevista com Marx em Londres. Esse último o admite, nesse momento, na Associação, pois Bakunin prometeu dar o seu melhor. Bakunin foi a Itália, onde recebeu, enviados por Marx, os Estatutos Provisórios e o a Mensagem às classes trabalhadoras, o qual respondeu com bastante entusiasmo, mas não fez nada. Após muitos anos, durante os quais não se ouviu falar dele, ele reapareceu na Suíça. Lá ele se uniu não à Internacional, mas à Liga da Paz e da Liberdade. Após o Congresso dessa Liga (Genebra, 1867), Bakunin entra no Comitê executivo dela, mas ele encontra adversários que não somente não lhe permitem nenhuma influência “ditatorial”, que, além disso, desconfiam dele por ser russo. Pouco após o Congresso de Bruxelas (setembro de 1868) da Internacional, a Liga da Paz tem seu Congresso em Lausanne. Dessa vez Bakunin se porta como um firebrand (agitador) – dizendo *en passant* -denuncia a burguesia ocidental no tom daqueles otimistas moscovitas que costumam atacar a civilização ocidental para mascarar sua própria barbárie. Propõe uma série de resoluções que, ridículas por si só, são calculadas para inspirar medo aos cretinos burgueses e para permitir ao senhor Bakunin de sair de cabeça erguida da Liga para entrar na Internacional. Basta dizer que seu programa proposto no Congresso de Lausanne continha absurdos como a “igualdade das classes, abolição da herança como início da revolução social, etc: as bravatas vazias de sentido, um rosário de frases cruzadas, que pretendem-se como terríveis, não passam de uma insípida improvisação. Planejadas para produzir um certo efeito momentâneo. Os amigos de Bakunin em Paris (onde se encontra um Russo co-editor da *Revue positiviste*) e em Londres anunciam ao mundo a saída de Bakunin da Liga da Paz como um evento, e apresentam seu grotesco programa, essa *olla podrida* de lugares comuns úteis, como alguma coisa de extraordinário, inacreditável e original.

---

132Por conta da importância do documento na vida da Internacional, optou-se por traduzi-lo e publicá-lo aqui *in-extenso*.

Bakunin sobre aqueles fatos entra no Ramo românico da Internacional (Genebra). Foram necessários anos para que Bakunin toma-se esse passo, mas não demorou um dia para que ele decidisse modificar a Internacional e a transformá-la em seu instrumento.

Pelas costas do Conselho Geral – que foi informado somente após tudo estar pronto – ele funda a Aliança dos democratas socialistas. O programa dessa Sociedade não era outro que aquele de Bakunin, o qual ele já havia apresentado no Congresso da Paz de Lausanne. A Sociedade anunciou assim, desde o início, como uma sociedade destinada a fazer a propaganda especial da ciência oculta bakuniniana, e Bakunin mesmo, um dos homens mais ignorantes no terreno da teoria social, figura aqui como a cabeça fundadora da seita. Mas o programa teórico dessa Aliança não era, na verdade, nada além que uma piada. O lado sério, era sua organização prática. Essa Sociedade deveria, de fato, ser internacional, com seu comitê central em Genebra, por assim dizer, sob a direção pessoal de Bakunin. Mas, ao mesmo tempo, ela deveria formar um partido integrante da Associação Internacional dos Trabalhadores. Essas filiais deveriam ter representação no próximo congresso da AIT e, ao mesmo tempo, ter seu próprio congresso.

O grupo de que dispõe Bakunin, a princípio, era a maioria do Comitê federal românico da Internacional, em Genebra. J.-Ph. Becker, cujo zelo propagandista fez com que alguns perdessem a cabeça, foi colocado na direção. Na Itália e na Espanha Bakunin havia alguns aliados.

O Conselho Geral de Londres sabia perfeitamente o que acontecia. Ele deixou, no entanto, Bakunin ir tranquilamente em frente até o momento onde aquele foi contrariado, por J.-Ph. Becker, de enviar no Conselho Geral, para ser sancionados, os estatutos e o programa da Aliança das democracias socialistas. Seguiu uma decisão motivado e desenvolvido – de um fato “judicial” e “objetivo” em seu teor, mas cujo os considerandos eram plenos de ironia – que concluía, assim: 1º O Conselho Geral não admite a Aliança como ramo da Internacional; 2º todos os artigos do regulamento da Aliança referentes sobre suas relações com a Internacional são declaradas nulas e nulas de efeito. Os considerandos demonstrando da maneira clara que a Aliança não era que uma máquina destinada a desorganizar a Internacional.

Esse golpe era inesperado. Bakunin já havia transformado *L'Églité*, o órgão central dos membros da língua francesa da Internacional na Suíça, no seu órgão pessoal, e havia fundado e outro no Locle um pequeno monitor privado, o *Progrès*. O *Progrès* continua ainda a jogar esse papel sob a redação de um partidário fanático de Bakunin, um certo Guillaume.

Após muitas semanas de reflexão, o Comitê central da Aliança envia, enfim, uma resposta ao Conselho Geral, sob a assinatura de Perron, um genebrino. A Aliança, no seu zelo pela boa causa, estava pronto a se sacrificar sua organização particular, mas à condição, contudo, que o Conselho Geral declarava reconhecer seus princípios “radicais”. O Conselho Geral respondeu que estava fora de suas funções se pronunciar como juiz sobre os programas teóricos as diferentes Seções: ele havia somente velado para que não contivessem nada diretamente contrário aos estatutos e a seu espírito. O Conselho Geral insistia para que a frase ridícula do programa da Aliança sobre a *igualdade* entre as classes fosse eliminada e substituída por *abolição* das classes (o que foi feito). Para que, enfim, a Aliança possa ser admitida após a dissolução de sua organização internacional particular e, após isso, ela deveria enviar ao Conselho Geral (o que nunca foi feito) uma lista de todos seus aliados.

O incidente termina assim. A Aliança pronuncia sua dissolução nominal, mas ela continua a existir de fato sob a direção de Bakunin, que governava, ao mesmo tempo, o Comitê federal românico. Soma-se se a esses, o órgãos dos quais dispõe Bakunin, a *Confederación*, em Barcelona, e, após o Congresso de Basiléia, o *Equalité*, de Nápoles.

Bakunin procura alcançar seu objetivo – transformar a Internacional em seu órgão pessoal – de um outro modo. Propôs ao Conselho Geral, por meio do Comitê românico de Genebra, de colocar a questão da *herança* no programa do Congresso de Basileia. O Conselho Geral consente, afim de poder dar um golpe definitivo em Bakunin. O plano de Bakunin era esse: O Congresso de Basileia deveria adotar os princípios (!) proclamados por Bakunin em Lausanne. Ele mostraria, desse jeito, que não foi Bakunin que foi à Internacional, mas que a Internacional foi a Bakunin. Consequência simples disso: o Conselho Geral de Londres (em oposição a essa exumação das velharias saint-simonistas vindas de Bakunin) deveria ceder espaço, e o Congresso de Basileia deveria transferir o Conselho Geral a Genebra, isto é, a Internacional cairia sob a ditadura de Bakunin.

Bakunin maquina uma verdadeira conspiração para garantir a maioria no Congresso de Basileia. Lançando mão de mandatos falsos, como aquele de Guillaume pelo Locle. Bakunin mesmo portava mandatos de Nápoles e de Lyon. As calúnias de todos os tipos foram lançadas contra o Conselho Geral. Alguns o tratavam como *elemento burguês* e dominante, outros, que era o ninho do comunismo autoritário. O resultado do Congresso de Basileia é conhecido. As proposições de Bakunin não foram adotadas e o Conselho Geral permanece em Londres.

A decepção que lhe causou a derrota desse plano – que Bakunin deve tentar justificar a todo tipo de especulação – se mostra por meio dos artigos irritados do *L'Égalité* e do *Progrès*. Esses jornais transformam-se, aos poucos, em seus oráculos oficiais. As vezes uma, as vezes outra das Seções suíças da Internacional era banida porque, contrário a essas prescrições, expressas de Bakunin, elas haviam participado do movimento política, etc. Enfim o furor, por tempos disfarçados, contra o Conselho Geral eclodiu abertamente. O *Progrès* e o *L'Égalité* reclamavam, atacavam, declaravam que o Conselho Geral não cumpriu seus deveres, por exemplo na questão do boletim trimestral: o Conselho Geral deveria se desvincular do controle direto sobre a Inglaterra, e fazer instituir ao lado dele um Comitê central inglês, que se ocupa-se dos negócios ingleses: as resoluções Conselho Geral no sujeito dos prisioneiros fenianos eram uma transgressão de suas funções, esperando que ele não deveria se misturar as questões da política local. O *Progrès* e *L'Égalité* tomam parte por Schweitzer, e cobram categoricamente o Conselho Geral de se pronunciar oficialmente e *publicamente* sobre a questão Liebknecht-Schweitzer. O jornal *Travail* (de Paris), onde os amigos parisienses de Schweitzer publicavam artigos em seu favor, recebia por conta disso elogios do *Progrès* e do *L'Égalité*, nesse último convida a fazer causa comum contra o Conselho Geral.

O momento chegou, por consequência, em que era necessário intervir. Segue em anexo a cópia textual do texto do Conselho Geral do Comitê central românica em Genebra. O documento era muito longo para traduzir para o alemão (GUILLAUME, 1905, p. 292, 293, 294, 295, 296, 297).

Marianne Enckell (2011) defende que o ocorreu na Internacional foi um desentendimento mútuo, pois, afinal esse documento nos mostra como a preocupação da ala marxista era que eles estavam convictos que Bakunin pretendia dar um golpe na AIT. Guillaume, no entanto, em sua análise a posteriori, defende que esse movimento do Conselho Geral e, sobretudo, de Marx era devido o pangermanismo desse, isto é, um projeto nacionalista germânico que visava o fortalecimento do alemão sobre os outros, sobre isso, trataremos o subcapítulo 5.7.

## 5. AIT das tensões suíça ao declínio final

### 5.1.1 O 2º Congresso Românico

Congresso da Federação Românica (Federação das Seções suíças francesas da AIT), 3 de abril de 1870. Nesse Congresso inicia-se o processo de cisão que culminou no Congresso de Haia, destaca-se que o pivô de ambas é Bakunin e sua Aliança da Democracia Socialista.

A ordem do dia prevista para o Congresso da Federação Românica era:

- 1º Verificação dos mandatos;
- 2º Eleição da secretária;
- 3º Relação do Comitê federal e nomeação da comissão de verificação;
- 4º Revisão parcial dos estatutos da Federação e do regulamento do jornal;
- 5º Discensão das três questões do programa: a) da federação das caixas de resistência; b) as sociedades cooperativas; C) da atitude da Internacional frente aos governos;
- 6º Determinar o endereço e nomeação do Comitê federal para o ano 1870-1871;
- 7º Determinar a sede do jornal e nomeação do Conselho editorial;
- 8º Determinar o lugar do próximo Congresso de 1871 (GUILLAUME, 1910, p. 3).

No 2º Congresso da Federação Românica (La Chaux-de-Fonds, 04/04/1870), em que se consuma a cisão. Uns ainda não eram propriamente “anarquistas” os outros ainda não eram um partido “marxista”. Eram taxados de bakuninistas uns e marxistas os outros. O Conselho Geral estava preparando terreno em Genebra com auxílio de Outine. Lançou duas circulares privadas para criticar os aliancistas (comunicação confidencial, no qual Marx critica de modo muito veemente Bakunin).

Marx é duro com Bakunin, porém de modo inexato para Enckell. Mas, de outra parte, os militantes do Jura também, com os ânimos exaltados, retribuem de modo duro. Encurtando a vida da AIT unitária. Bakunin vai a Locarno, onde se ocupa das tarefas russas.

Em 4 de abril 1870, o Congresso dos delegados das seções internacionais que compõe a Federação Românica abre suas atividades em Chaux-de-Fonds, na sede do Círculo internacional, da Seção Central da cidade. A verificação dos mandatos foi feita pelo Comitê da Seção Central de Chaux-de-Fonds. Trinta e sete delegados presentes foram admitidos sem contestação. Três sociedades haviam solicitado, antes do Congresso, para serem admitidas na Federação Românica, e enviaram seus delegados a ele.

A atmosfera do Congresso românico não era de conciliação. A direção da Federação Românica e do L'Égalité, que agora estava nas mãos dos homens da “fábrica”: 19

seções, 13 compareceram ao Congresso. A seção da Aliança não era parte da Federação. 3 seções coullerysta do Jura, 12 seções suíças alinhadas a Guillaume e Schwitzguébel, Spichiger (ENCKELL, 2011, p. 45).

Caso ele aceitasse as seções como parte da Federação, admitindo seus delegados para sentar com os outros. “As três sociedades eram: a Sociedade dos gravadores e cortadores do distrito de Courtelary, a Seção da Aliança da Democracia Socialista, de Genebra, e a Seção da Propaganda Socialista, de Chaux-de-Fonds” (GUILLAUME, 1910, p. 3).

A Seção dos gravadores e cortadores do distrito de Courtelary havia solicitado sua adesão no Comitê federal, o qual não teve como tomar qualquer decisão, pois a solicitação havia sido feito muito próximo ao Congresso Românico. A Seção da Aliança da Democracia Socialista havia sido reconhecida em julho de 1869 como Seção Internacional pelo Conselho Geral de Londres. Após a resolução do Conselho Geral, ela exigia do Comitê Federal a entrada na Federação Românica. O Comitê Federal respondera que, sem recusar essa entrada, ele deveria adiá-la indefinitivamente. Enfim, a Seção de Propaganda de Chaux-de-Fonds havia sido recolocada pelo Comitê Federal, que se fundia, para fazer, sobre dois artigos do regulamento dessa Seção. “Alguns membros do Congresso exigiram que essa questão fosse posta em primeiro lugar, diziam que era justa que, no caso onde três sociedades seriam admitidas, seus delegados pudessem participar no Congresso desde o começo” (GUILLAUME, 1910, p. 3).

Uma discussão se inicia sobre esse tema imediatamente após a formação da mesa. O Congresso se ocupa de início dos gravadores e cortadores do distrito de Courtelary, Seus dois delegados foram admitidos a apresentar as explicações, em seguida aos quais o Congresso se pronunciou unanimamente pela entrada dessa Seção na Federação Românica e a admissão dos delegados como membros do Congresso. Em seguida era a vez do debate sobre a Aliança da Democracia Socialista de Genebra. Então, as dissidências vieram à tona. O delegado Outine, de Genebra, propôs adiar a deliberação desse ponto. O delegado Schwitzguébel, de Sonvillier, exigiu, pelo contrário, que uma resolução fosse tomada imediatamente.

A discussão sobre essas proposições foi muito intensa, o que anunciava a tempestade que arrebataria algumas horas mais tarde. Quando o momento da votação se deu, dezenove delegados se pronunciam pela proposição de Outine (adiamento da decisão) e dezenove pela proposição de Schwitzguébel (decisão imediata). O presidente Dupleix, de Genebra, usando sua posição, vota pelo adiamento da questão para depois da leitura do relatório da gestão do Comitê Federal (GUILLAUME, 1910, p. 4).

Às duas horas da tarde, o Congresso entrou em seção. É feita a leitura do relatório da gestão do Comitê Federal, que foi lida por Henri Perret, de Genebra, secretário do Comitê. Após o qual, tomada



a decisão da manhã, a ordem do dia chamava o Congresso de se pronunciar sobre a admitir ou rejeitar a Aliança da Democracia Socialista de Genebra.

A discussão começada na manhã de modo amistoso, rapidamente descambou para deplorável. Outine, de Genebra, redator do jornal russo *A causa do povo*, pronunciou uma requisição contra o socialista russo Bakunin, do qual se declarou inimigo irreconciliável. Bakunin representava os homens que se separaram do Congresso da Paz e da Liberdade em 1868 para criar a Aliança da Democracia Socialista com vias a se unir a Internacional. Outine os acusa, agora, de serem os maiores inimigos do povo, acrescenta que se um dia tomasse o poder os guilhotinaria. O presidente Dupleix abandona sua posição para acusar a Seção da Aliança de professar o ateísmo e de não acreditar nem em Deus, nem na moral. Ainda pela manhã, Weyermann, de Genebra, havia declarado que, se a Aliança fosse admitida na Federação Românica, seus colegas e ele deixariam o Congresso. A ata estará disponível no *Solidarité* que publicara em extenso todos os detalhes dessa discussão (GUILLAUME, 1910, p. 4).

Após um longo debate, fez-se necessário uma resolução definitiva. O presidente fez votar, por voto nominal, sobre a questão assim posta: A Seção da Aliança da Democracia. “É feita a seguinte votação: Socialista será aceita na Federação Românica? Vinte e um delegados disseram sim, dezoito não” (GUILLAUME, 1910, p. 4).

Assim que o resultado foi conhecido, aqueles delegados que haviam votado pelo *não* se levantaram e se retiraram do Congresso, dentre eles o presidente Dupleix. No meio do grande tumulto, Ulysses Dubois, presidente do Círculo – que não possuía o direito de fala durante a sessão do Congresso pois não era delegado – sobe à tribuna e declara que, visto o posicionamento da maioria, ele não pode tolerar a permanência do Congresso no Círculo e, assim, convida os delegados coletivistas a deixar a sala imediatamente. Em meio as vociferações dos indivíduos pertencentes a maioria da Seção Central de Chaux-de-Fonds, o Congresso se retira e encontra outro local. “Ninguém [dos dois lados] se deu por vencido. As duas alas continuaram a reunião em salas separadas (os coletivistas, representando 600 membros, no Café Von Kaenel; genebrenses, representando 1400 membros, Círculo Operário)” (ENCKELL, 2011, p. 45). “Diremos somente que essa minoria era formada de todos os delegados de Genebra, salvo um representante dos trabalhadores da construção civil e os delegados de três seções de Chaux-de-Fonds” (GUILLAUME, 1910, p. 5).

O Congresso retoma suas sessões numa sala do Café *Vonkaenel*, que foi posto a sua disposição. Elege-se um novo presidente para substituir Dupleix, Treyvaud, de Neuchâtel: admite na Federação Românica a Seção da Propaganda de Chaux-de-Fonds, aceitando sua delegação, Fritz Heng e Chevalley. Assim como o delegado da Aliança, Joukovsky. O número de delegados presentes era de vinte quatro.

Enquanto isso, a minoria demissionária, permanecendo no Círculo, se reconstituía, formava uma mesa e se colocou a si própria como de sua própria autoridade a única e verdadeira Congresso Românico. A ela se somam, rapidamente, três delegados de Chaux-de-Fonds, dentre eles o senhor Coullery, delegado da Seção central de Chaux-de-Fonds.

Como o Congresso Românico foi brutalmente expulso do Círculo e a minoria, longe de escutar o processo contra esse ato, ela se aliou as injúrias que seus amigos afligiram contra o Congresso. Porém, os delegados da maioria, animados pelo verdadeiro espírito internacional, procurando imediatamente estabelecer uma conciliação.

### 5.1.2 Após o racha, os Congressos dão continuidade à ordem do dia.

Partilhando a mesma ordem do dia, os dois Congressos debatem as mesmas pautas. Veremos, abaixo, como cada ala passou a se posicionar, ponto a ponto. Organizamos de modo a primeiro mostrar um resumo da resolução da ala jurassiana seguido de um resumo da resolução dos genebrinos.

#### I. - Revisão do regulamento federal.

O Congresso decide manter, por esse ano, o regulamento federal em sua integridade, com vias a marcar que não há no espírito da maioria nenhum desejo de inovar e destruir, como podem vir a acusá-la, as bases sobre as quais repousa a Federação Românica. Somente foi feita uma só modificação que não toca o espírito do regulamento: no artigo 28, que dizia: “O Comitê Federal é composto por sete membros, eleitos por um ano pelo Congresso das Seções românicas, e escolhidos numa federal local”, o Congresso suprimiu as palavras “*escolhidos numa federação local*”, afim de poder tomar uma parte dos membros do Comitê na Seção de Chaux-de-Fonds e uma parte na Seção do Locle (GUILLAUME, 1910, p. 14).

#### I. - Revisão do Regulamento federal.

“O Comitê Federal estabelece que as Seções que queiram se estabelecer exclusivamente pela propaganda, fora das Seções centrais de cada federação local e das Seções de ofício, não serão admitidas no seio da Federação Românica (art. 44)”. O Conselho de redação do jornal não deveria ser eleito pelo Congresso: esse “encarrega de sua nomeação alguma federação local que devesse escolher (art. 52)”, - em especial, Genebra (GUILLAUME, 1910, p. 16).

Enquanto o Congresso coletivista havia mantido o regulamento tal qual, salvo um detalhe, o outro Congresso faz várias mudanças: quinze artigos foram modificados, dois foram suprimidos, dois artigos novos foram introduzidos. Mas, basicamente, a modificação é calcada na necessidade

decorrendo conflito que acabara de ocorrer. Visto que, versa contra Seções de Propaganda e de militantes, como a Aliança e a Seção de Propaganda, e referentes ao Comitê Editorial.

## II. - Revisão do regulamento do jornal.

No lugar de compor a Comissão administrativa do jornal de um delegado de cada uma das Seções da Federação, o regulamento revisado dispôs que essa Comissão seria composta por cinco membros nomeados numa Seção designada pelo Congresso Românico: os cinco membros devem ser eleitos pela Seção Designada, sob reserva de ratificação do Comitê federal, mas cada Seção deve ter o direito de enviar ao seio da Comissão um delegado com voz consultiva.

Por outro lado, o regulamento substitui o Conselho de Redação, “cuja responsabilidade era ilusória”, diz Schwitzguébel em seu relatório, por um relator único, “cuja responsabilidade será real”. Para evitar de dar por um aqui o jornal personalidade, o Congresso acrescenta ao redator seis colaboradores e cada Seção foi convidada a designar os correspondentes. Uma compensação deve ser garantida ao redator, assim como ao contador (GUILLAUME, 1910, p. 14).

## II. – Jornal:

Conforme à modificação feita ao artigo 52 do regulamento federal, as Seções de Federação local genebrina receberam o mandato de eleger o Conselho de redação da *Égalité*. Numa assembleia geral das Seções de Genebra, ocorrida no final de Abril, o Conselho foi composto por Grosselin, Henri Perret, Outine, Waehry, Weyermann, Becker, Dupleix, Baumgartner e Longehamp. Grosselin, tendo declinado, foi substituído por Machado, que havia recebido mais votos depois daquele (*Égalité*, 7 de março de 1870)(GUILLAUME, 1910, p. 16).

Ambos tratam de modificar os estatutos dos jornais num mesmo sentido, ou seja, aquele de modificar a eleição do Comitê Editorial, tornando-as mais localistas. A questão geográfica coincide com as divergências políticas. Então, os jornais seriam eleitos para expressar a visão das localidades: o *L'Égalité*, em Genebra; o *Solidarité*, no Jura.

## III. – Propaganda

O Congresso, considerando que para tornar a propaganda ativa e eficaz, uma direção central é necessária, decidiu dar ao Comitê Federal os plenos poderes necessários para esse objeto, os companheiros devem ser cobertos de algumas contribuições voluntárias (GUILLAUME, 1910, p. 14).

## III. - Propaganda.

O *Égalité* não contém a resolução especial tomada pelo Congresso relativamente à propaganda, mas o novo artigo, já citado (art. 44), introduz no regulamento federal indicam suficientemente as tendências restritivas nas quais se inspiram no Temple-Unique e entre os amigos de Coullery (GUILLAUME, 1910, p. 16).

Só o Congresso jurassiano delibera algo específico sobre Propaganda, isso é reflexo da perspectiva política teórica dos coletivistas do Jura, em boa parte, pela perspectiva insurrecional de Bakunin, para quem a revolução deveria ser fabricada.

#### IV. - Caixas de resistência

O Congresso, conforme às resoluções tomadas no Congresso Internacional de Basileia sobre esse tema, recomenda a todas as sociedades de ofício criar nas suas sedes caixas de resistência e constituir o mais rápido possível as federações corporativas regionais.(GUILLAUME, 1910, p. 14).

#### IV. - Caixas de resistência.

as Seções que fazem parte da Federação Românica deveriam ter uma caixa de resistência, alimentada por uma cotização de 25 centimes por membro e por mês. Cada Seção deveria gerar sua caixa; - para que uma greve obtenha o apoio das caixas de todas as Seções Românicas, ela deveria ser sancionada pelo Comitê Federal – no primeiro chamado de fundos, cada caixa não se engajam que pelo terço do que ela deve possuir e sempre a título de empréstimo. No segundo chamado será feito o mesmo. Num caso terceiro chamado tido reconhecido necessário, uma assembleia da Seção, ou as Seções que compõem a federação local, devera ser tomada uma decisão (GUILLAUME, 1910, p. 17).

Guillaume relata que essa resolução estava em sintonia com a criação do “Regulamento Federativo das Caixas de Resistência (GUILLAUME, 1910, p. 14)”, que tentava dinamizar, para os momentos de greve, um mecanismo de auxílio entre as várias seções. Ambos os Congressos, num espírito de solidariedade e luta, deliberam a favor da criação de um fundo de greve geral, em que cada seção arrecadaria, mas que seria partilhado com camaradas em luta.

#### V.- Cooperação

O Congresso Românico,  
Considerando que a cooperação de produção não pode se generalizar na sociedade atual, porque se, de um lado, alguns trabalhadores podem, por seus próprios meios ou com a apoio de vários outros trabalhadores, ter a posse de seus instrumentos de trabalho, é impossível, de um lado, garantir os instrumentos de trabalho à totalidade dos trabalhadores, exceto pela expropriação dos detentores de capital;  
O que essa impossibilidade é muito evidente quando se trata dos grandes instrumentos de trabalho, a fábrica, as minas, a terra. Tanto é que os trabalhadores que mais sofrem são aqueles que não conseguem se constituir em cooperação.  
Tanto é que, enquanto a maior parte dos trabalhadores permanecem miseráveis, uma minoria, enriquecida pela cooperação, iria aumentar os quadros da burguesia;  
Considerando, por outro lado, que a cooperação de consumo, mesmo se for fundada sobre bases realmente socialistas, sem nenhuma vantagem reservada ao

capital, pode ter uma utilidade relativa para combater a miséria de alguns trabalhadores, para os agrupar e os organizar;

Mas, caso a cooperação de consumo, caso ela se generalizar no estado atual da sociedade, de maneira a abarcar à totalidade dos trabalhadores com vai melhorar o mercado, teria por resultado um rebaixamento geral dos salários, os salários não sendo nada além da porção estritamente necessária para sobreviver deixada pelo capital ao trabalho;

Declara:

Que a cooperação é a forma social que o trabalho adotará, após a emancipação dos trabalhadores. Mas, não podemos pensar que a cooperação seja o meio de libertar completamente o proletariado, pois, só pode ser liberto por meio da revolução social internacional (GUILLAUME, 1910, p. 14-15).

## V. - Cooperação.

O Congresso entende sobre essa questão a leitura de um relatório apresentado pela comissão de Genebra e adota. *Égalité* começa, em seus números de 22 e 28 maio, a publicação desse documento intitulado “*O sistema cooperativo frente a reforma social*” e evidentemente redigido por Outine. Mas essa publicação permaneceu inacabada, uma greve que estourou em Genebra no fim do mês. A princípio, o jornal *Égalité* possuía espaço amplo, porém, a partir de 18 de junho, foi obrigado de reduzir seu formato. Só coube a publicação do preâmbulo, assim, ainda não conhecemos a conclusão: mas pode-se os adiantar ao lermos essa declaração do relatório. É necessário “tentar unir os grandes fatores do movimento internacional – aquele da propaganda e aquele da organização – na realização prática do sistema cooperativo” (GUILLAUME, 1910, p. 16-17).

O mais característico no debate das duas frações foi o relativo à cooperação e à ação política. Sobre a cooperação, ela é criticada por ambos lados, para eles não levará a emancipação do proletariado. Produz o risco de tornarem-se novos burgueses – só a expropriação dará os instrumentos de trabalho para a classe trabalhadora. Só serve para combater temporariamente a miséria, caso se generalize, pode causar a queda dos salários.

Genebrinos: nenhuma instituição que queremos fomentar, apontar ou criar novas fortunas, nem poderá colaborar com a lógica do capital. Jurassianos e aliados: a forma que o trabalho adotará após a revolução, mas não é o meio que o trabalhador conseguirá construir a revolução social. Momentaneamente serve para organizar os trabalhadores, muitas cooperativas ligadas a AIT surgiram no período.

## VI. - Atitude da Internacional frente aos governos.

Considerando que a emancipação definitiva do trabalho não pode ter lugar que através da transformação da sociedade política, fundada sobre o privilégio e a autoridade, na sociedade econômica fundada sobre a igualdade e a liberdade;  
Que todo governo ou Estado político não é outra coisa que a organização de exploração burguesa, exploração na qual a fórmula se chama o direito jurídico;

Que toda participação da classe operária à política burguesa governamental não pode ter outro resultado que a consolidação da ordem de coisas existe, o que paralisaria a ação revolucionária socialista do proletariado;

O Congresso Românico recomenda a todas as Seções da Associação Internacional dos Trabalhadores de renunciar a toda ação tendo por fim realizar a transformação social por meio das reformas políticas nacionais, e levar toda sua atividade sobre a constituição federativa dos corpos de ofício, só o meio de assegurar o sucesso da revolução social. Essa federação é a verdadeira Representação do Trabalho, que deve ter lugar absolutamente fora dos governos políticos (GUILLAUME, 1910, p. 14-15).

## VI. Atitude da Internacional frente aos governos.

1. Nós combatemos a abstenção política como sendo funesta por suas consequências para nossa causa comum.
2. Quando nós professamos a intervenção política e as candidaturas operárias, fique bem entendido que nós não cremos que possamos chegar a nossa emancipação pela via da representação operária nos Conselhos Legislativos e Executivos. Nós sabemos muito em que os regimes atuais devem necessariamente ser suprimidos; nós queremos somente nos servir dessa representação como de um meio de agitação que não deve ser negligenciado pela tática que nós devemos seguir nessa luta.
3. A intervenção na política é entendida por nós como uma agitação, é evidente que nosso grande fim tende à transformação integral nas relações sociais, que, para nós, toda agitação política sem relações diretas com questões sociais seria nula e estéril. Que, por consequência, toda agitação política é subordinada ao movimento socialista e a ele serve como meio..
4. Admitido isso, fique bem entendido que a Internacional deve seguir energicamente sua organização, sendo ela a forma preparatória do amanhã... É, nesse sentido, que nós aderimos plenamente à ideia [sic] da Representação do trabalho...
5. Nós não cremos, visto a situação da Internacional, que ela deve intervir como corporação na política atual... Mas cremos que individualmente cada membro deve intervir, o quanto possa, na política se subordinado aos princípios que expomos (GUILLAUME, 1910, p. 16-17).

Coletivista: O Estado, para eles, é a organização da exploração burguesa, por meio do direito jurídico. A participação da classe trabalhadora na política burguesa é o caminho para consolidação da ordem vigente, paralisa a ação revolucionária. A ação deve priorizar a constituição da federação dos corpos de trabalho, pelo sucesso da revolução social.

Genebrenses: Combatem a “abstenção política” por ter consequências funestas para os trabalhadores. Querem suprimir o capitalismo, mas querem se valer desse campo para lutar e tocar as propagandas. Admitimos plenamente a ideia das Representações do trabalho. (ENCKELL, 2011).

### 5.1.3 A centralidade da cisão, o cosmopolitismo de novo tipo.

A unidade entre os militantes do Jura suíço e a organização bakuninista Aliança, excetuadas os princípios gerais da AIT, era assentado no ateísmo político, abstenção política (denominada por Guillaume como política dos trabalhadores), organização secreta conspiratória, anti-estatismo. O ateísmo político era contrário aos Estatutos da Internacional, mesmo Bakunin defendendo que a opção da AIT em não se posicionar religiosamente. Contudo, o ateísmo, para Bakunin, estava vinculada com a destruição do Estado, assim, suas organizações e escritos tinham essas duas questões como norte para libertação dos povos. Também devemos ressaltar que, como trataremos mais à frente no 4.9., o abstencionismo político, para Bakunin, decorre de sua filosofia. Em resumo, essa era particularidade dos militantes do Jura e da Aliança.

Os militantes genebrinos, salvo esses quatro pontos, possuíam um acordo absoluto com os jurassianos, assim, pode-se afirmar, que o bakuninismo é o objeto central desse racha na Federação Românica. Fato reafirmado quando apreciamos as resoluções dos dois Congressos da Federação Românica de 1870. Visto que, das seis resoluções, a única com uma divergência profunda é a relativa a questão política, a outra, é aquela sobre as seções de propaganda. Essas duas, claramente vinculadas ao problema da Aliança e do bakuninismo.

#### **5.1.4 Guerra Franco-Prussiana: tempestade nacionalista nubla o Sol internacionalista**

A guerra franco-prussiana de 1870 foi um conflito que opôs, de julho de 1870 a 28 de janeiro de 1871, a França imperial de Luís Bonaparte contra uma coalizão de Estados alemães dirigidos pela Prússia de Bismarck. Uma das causas da guerra foi a disputa pelo trono espanhol, que havia ficado vago em 1868. A Prússia, liderada por Bismarck, defende a candidatura de Leopold de Hohenzollern-Sigmaringen, um primo católico do rei Guillaume da Prússia. A possibilidade de um aliado Prússia reinar na Espanha, espanta o império francês, o que passa a excitar os ânimos bélicos.

O *Solidarité* de 16 de julho anuncia que no fervilhar da guerra, a burguesia pensava no esfriamento da luta de classes. Sendo isso que ocorreu. As seções vegetaram, do momento da guerra, até a Comuna e além. Por três razões:

- 1º mobilização de numerosos e baixa produção;
- 2º dificuldade econômica e baixa produção;
- 3º Ruptura das comunicações com outros países.

A guerra, em si, foi desastrosa política e militarmente para o Império Francês. O conflito iniciado em julho de 1870, pela derrota do exército e captura do Imperador francês em 4 de setembro

de 1870: após dois meses de guerra, boa parte do exército é capturado, o Império cai e é proclamada a Terceira República.

O desfecho não poderia tardar. Guillaume relata que naquele momento, como os militantes jurassianos e próximos, acreditavam que a revolução em França não tardaria e que ela deveria virar uma guerra total:

Nós tínhamos que pensar rapidamente o que fazer, nesse momento, enquanto Seções da Internacional da Suíça. Essa atitude deveria ser um apoio efetivo acordado com os revolucionários franceses, seja contrariando a República Suíça, pela pressão de opinião, ao fazer causa comum com os republicanos franceses contra Bismarck e a reação, seja em organizando os corpos de voluntários que iriam, tal como os de Garibaldi, combater sob a bandeira da revolução, não para defender a França como Estado, mas para fazer triunfar a causa do proletariado armado contra se coalizarem contra ela (GUILLAUME, 1910, p. 82).

Em setembro de 1870 o *Solidarité* dá o direcionamento dos coletivistas para a crise revolucionária que se anuncia:

Manifesto às Seções da Internacional.

O império francês acabou de colapsar em vergonha e sangue. A república foi proclamada, o povo francês se tornou mestre de seu destino.

O rei da Prússia ainda continua a guerra contra a França. Já não quer mais o imperador, agora quer a independência do povo francês.

Em circunstâncias tais, o dever de todos os socialistas, de todos os homens de fibra, está traçado.

A França republicana representa a liberdade da Europa, a Alemanha monárquica representa o despotismo e a reação. É preciso que de todas as partes os republicanos se levantem e marchem à defesa da República francesa.

Internacionais, nós devemos dar o sinal desse movimento. Em todos os países, agrupemo-nos, armemo-nos, e marchemos, voluntários da liberdade e da igualdade, para combater desse lado de nossos irmãos da França. A causa da República francesa, é aquela da Revolução europeia, e o momento veio dar nosso sangue para a liberdade dos trabalhadores e da humanidade inteira (GUILLAUME, 1910, p. 83).

O texto continua com um chamado específico aos internacionalistas alemães, um aos internacionalistas suíços. Contudo, o governo cantonal de Neuchâtel os reprime, recolhendo o exemplar na gráfica, impedindo que o texto circulasse na suíça e fosse enviado para Alemanha, porém, as remessas enviadas à Paris chegaram e de lá o manifesto foi reproduzido em jornais socialistas, blanquistas e republicanos. Internamente, a Federação Românica de Genebra e o jornal *L'Égalité* criticam a posição dos jurassianos. O jornal *Montagne*, de Coullery, “alerta os franceses” que Guillaume e Bakunin “não podem pegar em armas para defender um *governo*, qualquer que seja, pois eles não querem *nem governo, nem religião, nem família*” (GUILLAUME, 1910, p. 86). Pois, continua o jornal coullerysta, “todas as vezes que eles pegaram em armas, foi para revirar essas instituições”



(GUILLAUME, 1910, p. 86). Outine chama o manifesto de “Manifesto de mistificadores”. A seguir o posicionamento de Henri Perret, membro do Comitê Central da Federação Jurassiana:

Em resposta a alguns jornais que atribuem ao Comitê Central da Associação um manifesto de Neuchâtel e qual nossos leitores encontraram a crítica no presente número [do *Égalité*], o Comitê Federal da Federação Românica envia ao *Bund*, um protesto assinado pelo secretário-geral (Henri Perret) e negando toda solidariedade com essa manifesto, que pertence a alguns indivíduos que não possuem noções claras sobre o objetivo e os princípios de nossa Associação (GUILLAUME, 1910, p. 88).

Crentes no levante, Guillaume e o lionês Albert Richard, publicam um manifesto incendiário, em Neuchâtel, fazendo com que a Federação Românica de Genebra romper com eles. Queimavam “as etapas”. Conclamavam aos internacionais alemães a se juntar, com eles no combate “revolucionário”.

Chegamos a aurora do novo dia, do dia da justiça que se eleva sobre a humanidade! Tentam desesperadamente agregar forças em prol da Solidariedade para os companheiros franceses, porém, só surte efeito nos mais radicais do Jura, por pouco tempo, o único além de Guillaume que leva a cabo a solidariedade e Bakunin. Nesse momento a polícia vai à gráfica de James Guillaume, toma o restante do número e fecha o jornal *Solidarité*. Bakunin animado com a revolução começa a se movimentar para agitar as coisas em Lyon, através de Albert Richard, chamando a “Comuna de Lyon (ENCKELL, 2011, p. 42).

As comunicações foram cortadas entre a AIT e Paris durante todo inverno. Nessa época de crise organizacional é que a Federação do Jura começa ter uma existência autônoma. A primeira vila francesa a chamar atenção é Lyon. Bakunin chega a Lyon, em 14 de setembro, formam um Comitê de Salvação da França e, em 28 de setembro, proclama a Comuna, no Hotel de Ville. Durante o tempo de sua proclamação, sem impostos, sem regalias aos dirigentes e a proclamação do fim do Estado. A Comuna de Lyon dura muito pouco, pois, as revoluções não se fazem com palavras. Mas a tentativa prova que a repressão não cessa a consciência do povo. E que a ideia estava no ar. A Comuna é o lugar da vida e da morte, a célula original o lugar mais propício à realização do projeto humano. Em resumo, a Comuna é a negação do Estado, da exploração e do poder dos possuidores (ENCKELL, 2011). A tentativa de Lyon, teve o poder símbolo, que auxiliou a desencadear uma série de movimentos revolucionários comunalista (Marselha, Brest, Rouen, Le Creusot) até que em março de 1871 explode a Comuna de Paris, ou seja, Lyon como disparador do processo (ENCKELL, 2011). Apesar disso, a derrota avassaladora da Comuna de Lyon produz um efeito terrível sobre Bakunin, como podemos ver nessa carta e Bakunin de 23 outubro de 1870 a Sentiñon:

Meu caro. Após ter esperado em vão tua carta, eu decidi partir. Verei nosso amigo Farga antes de ti, pois, quando tu terás recebido essa carta, terei partido e estarei perto de Barcelona, e talvez até em Barcelona. Eu te esperarei. Eu devo deixar esse lugar, porque eu não encontro absolutamente nada a fazer e de duvido que tu encontraras alguma coisa bom fazer em Lyon. Meu caro, eu não tenho mais nenhuma fé na revolução da França. Esse país não é mais revolucionário. Até o povo tornou-se doutrinário, calculista e burguês como os burgueses. A revolução social poderia tê-lo salvado, e só ela será capaz de saber. Mas sendo incapaz de fazê-lo, corre muito risco de ser definitivamente conquistado pelos prussianos. Qual pode ser nossa situação e nossa ação entre os burgueses que nós consideramos bestas ou malvados como os prussianos, e que nos persegue como tais e os prussianos que aprovam e que, mais perspicazes que os burgueses da França, nós perseguem como os socialistas revolucionários? Essa situação é inadmissível e eu te declaro que para mim estou cansado disso. O melhor conselho que eu posso te dar, é que escrevas a princípio a nossos amigos de Madri para não vir na França, pois isso seria uma dispensa de dinheiro inútil; após isso, tu venhas a me encontrar em Barcelona. Somente, antes de partir, recomendo a nossos amigos lionenses os dois amigos próximos. Os burgueses são odiosos. São tão burgueses ferozes quanto estúpidos. Como a natureza policial que correm em suas veias! Eu deixo esse país com um profundo desespero no coração. Me esforcei e tentei me persuadir do contrário, mas acredito que a França está perdida, lançados aos prussianos pela incapacidade, a covardia e a culpa dos burgueses. O militarismo e o burocratismo, a arrogância da nobreza e o jesuitismo protestante dos prussianos, aliados ternamente ao chicote de meu querido soberano e mestre o imperador de todas as Rússias, vão triunfar sobre o continente da Europa, Deus sabe por quantas décadas. Adeus a todos nossos sonhos de uma emancipação a curto prazo (GUILLAUME, 1910, p. 112).

Até fevereiro de 1871, quando Guillaume recebe uma carta de Varlin. A tensão é grande, começam a borbulhar processo de revolução (Marselha, julho, Paris agosto) até que em 4 de setembro a República é proclamada. Guillaume recebe uma longa carta de Varlin, explicando a situação e os caminhos da revolução em Paris. Após março, Varlin manda outra carta esclarecendo os fatos:

é um evento local, limitado, mas profundamente inspirado no seu federalismo na sua nova forma de governo nas referências e nos meios empregados, do espírito da Internacional e dos princípios caros aos jurassianos. Os primeiros números do *Solidarité* aparecem em Genebra. Após nove meses de guerra, o clima revolucionário traz uma nova esperança (ENCKELL, 2011, p 45).

Optamos em não nos aprofundarmos nos acontecimentos da Comuna de Paris, dada a profundidade, complexidade e bibliografia extensa que versa sobre o assunto<sup>133</sup>. Trataremos do assunto de modo bem sucinto, expondo as impressões pessoais dos militantes ao tomarem conhecimentos dos acontecimentos da semana sangrenta:

O que direi de nossa impressão, de nossa raiva, de nossa dor, durante a Semana sangrenta? Na medida que chegavam novidades trágicas, cada dia éramos mais

---

133 A os interessados em conhecer a “Comuna de Paris de 1871” recomendamos o livro clássico sobre o assunto: Karl Marx - Guerra Civil na França.

atacados em nossos sentimentos. Ficamos sem chão, com a cabeça fora do lugar e com o coração abalado. Em minha solidão, a tristeza, a angústia, me apertaram em dor. Até que, enfim, com a chegada dos telegramas ferozes dos versalhenses anunciando o massacre, dando os nomes de meus amigos como fuzilados, não aguentei, sucumbi ao desespero: soluços incontroláveis me sacudiram em convulsão, demorei um longo período para me tornar mestre de mim (GUILLAUME, 1910, p. 154).

No entanto, em meio a dor e sangue, Bakunin mantém-se de pé, pois, como um socialista experiente:

não mostrou fraqueza. Ele esperava a derrota; ele não esperava nada além de uma coisa, que, na catástrofe final, os *communards* não viessem a faltar com audácia e energia. Mas, quando soube que eles se defenderam como leões, e que Paris estava em chamas, Bakunin gritou triunfante: “Bravo! São homens de fato” (GUILLAUME, 1910, p. 154).

Por fim, a guerra termina com a anúncio de um novo tempo, batizado com sangue. O ano é 1871, a Internacional se torna objeto de atenção de todos os governos da Europa, e dentro da AIT as forças se reorganizam com a destruição dos franceses e, internamente, ela passou por uma tormenta que veio a destruí-la.

## **5.2 Antessala da Conferência de Londres: os aliados se preparam para um duelo.**

Somente a Inglaterra e a Suíça mantiveram a legalidade da Internacional, nos outros países a repressão foi generalizada.

Não obstante os dramáticos eventos de Paris e o furor da repressão brutal posta em ação por todos os governos europeus, a força da Internacional aumentou após os acontecimentos da Comuna de Paris. Apesar de frequentemente cercada pelas mentiras escritas contra ela por seus adversários, a expressão “A Internacional” tornou-se, nesse período, conhecida de todos. Para os capitalistas e a classe burguesa, foi sinônimo de ameaça da ordem constituída, mas para os operários significou a esperança num mundo sem exploração e injustiças (...) Por fim, e isso foi o mais importante, a Internacional prosseguiu com sua expansão em nível local. Continuou a aumentar na Bélgica e na Espanha, onde já antes da Comuna havia alcançado um nível de participação considerável, e teve sua fundação propriamente dita também na Itália (MUSTO, 2014, p. 54-55).

Os conflitos e as divisões se agravaram e o verão de 1871 deu início ao declínio da AIT. Após julho de 1870, começa guerra e as comunicações entre as seções é cortada. Após o fim da Comuna e o Conselho Geral, houve a necessidade de rever os princípios da AIT. O conflito na suíça românica continuou. Falou-se muito dos problemas pessoais de Marx e Bakunin para a cisão de 1872, mas só esse elemento não dá conta.

A Internacional em sua fundação era uma organização heterogênea vagamente caracterizada como “socialista”. Os Estatutos foram aceitos pelos fundadores e aprovado em Genebra de 1866. Mas não representavam para todas as seções um programa político obrigatório. Marx mantém sua posição de fraco na forma, forte no conteúdo. Bakunin se lança para a AIT, quando seu programa socialista é recusada na Liga da Paz e da Liberdade no Congresso da Liga de 1868. Para Marianne Enckell, uma parte da tragédia interna da AIT foi a incompreensão mútua entre Marx e Bakunin.

Falamos que Robin virou membro do Conselho Geral em outubro de 1870. A carta que ele me escreveu, e sobre a qual fala de Joukovsky, se trata de incidente dos quais ainda não tratei, a fim de não interromper o relato que concernia as insurreições comunistas (GUILLAUME, 1910, p. 156-157).

Durante o inverno de 1870-1871, no meio de um dos eventos mais importantes da história do século dezenove, e durante o qual se desenrolou as fases palpitantes dessa revolução de 18 de março que moviam, tão profundamente, de um canto a outro do mundo as massas proletárias.

Enquanto isso, os líderes do Conselho Geral estavam essencialmente preocupados em aproveitar a ocasião que as circunstâncias lhe ofereciam para estabelecer solidamente na Internacional sua autoridade, suprimindo os Congressos gerais, para quebrar definitivamente os opositores que despertaram sua ira (GUILLAUME, 1910, p. 157).

Não podemos deixar de explicitar que aqui estamos expondo a narrativa dos fatos a partir de uma perspectiva, a qual, era oposta ao Conselho Geral. O balanço dos fatos será feito na seção **4.9**.

Sim, quando cada um dos membros das Seções de nossas Montanhas não vivia que da vida e morte dos heroicos parisienses, quando os homens de ação da Internacional concentravam toda a atividade e toda a força de sua inteligência com um objetivo: ajudar a Comuna de Paris. Enquanto isso, Marx e suas criaturas não pensavam outra coisa que se servir das peripécias desse gigantesco drama à realização de seus pequenos planos, dispendo de princípio, com uma correspondência infernal, suas teias de aranha, contam com as Federações fiéis e fazer da Internacional uma armadilha de sua vaidade e de seu espírito de intriga (GUILLAUME, 1910, p. 157).

Guillaume opõe as duas alas da Internacional na Suíça, na visão dele, enquanto os jurassianos se ocupavam da Comuna de Paris, os genebrinos se preocupavam em conspirar contra aqueles.

É uma coisa difícil de crer, mas é perfeitamente verdadeiro: de março de 1871, os acólitos de Marx na Suíça, Outine, H. Perret e consortes, não tinham que uma preocupação absolutamente estranha à revolução social e aos eventos de Paris. Aquela preocupação vinha do objetivo de se livrar da Seção da Aliança, e para isso,

inventaram um verdadeiro teatro. Ousaram declarar, na assembleia geral das Seções de Genebra, que *jamais a Seção da Aliança havia sido admitida pelo Conselho Geral*. Essa estranha asserção foi reportada à Aliança, e o secretário dessa Seção (Joukovsky), em resposta às mentiras de Outine, produzindo publicamente as origens das duas cartas à Aliança para Eccarius e para Jung, na data de 28 de julho e de 25 de agosto para 1869. A primeira dessas cartas anunciava que o Conselho Geral havia admitido as cotizações dessa Seção. A réplica foi destruidora, aparentemente? De jeito nenhum: Outine e seus amigos retrucaram com audácia e afirmaram, cinicamente, que as duas cartas deveriam ser *falsas*, e que uma pessoa vinda de Londres os havia dito (GUILLAUME, 1910, p. 157).

Mal os conflitos revolucionários de Paris esfriaram, os conflitos intestinos começavam a pegar fogo. Os genebrinos, em atrito constante com os bakuninistas da Seção da Aliança, lançam uma nova ofensiva interna contra ela, põem em dúvida a Seção da Aliança no que concerne sua participação oficial da AIT. O problema reverbera em Londres, o Conselho Geral passa a se reunir e Engels diz a Robin que vamos “votar uma Conferência, que a questão suíça seria tratada lá e que eu deveria colocar minha interpelação (GUILLAUME, 1910, p. 175)”. Robin, participando das reuniões como membro do Conselho Geral, interpela e durante essas reuniões de preparação para a Conferência, Robin apresenta o seguinte extrato de cartas:

« 236, High Holborn, Londres W C, le 28 juillet 1869.  
A la Section de l'Alliance de la démocratie socialiste à Genève.  
Citoyens,  
J'ai l'honneur de vous annoncer que vos lettres ou déclarations, aussi bien que le Programme et Règlement, ont été reçus et que le Conseil général a accepté votre adhésion comme Section à l'unanimité.  
Au nom du Conseil général :  
Le secrétaire général, J. G. ECCARIUS. »

« Au citoyen Heng, secrétaire de la Section de l'Alliance de la démocratie socialiste,  
à Genève.  
Citoyen,  
J'ai bien reçu votre lettre avec la somme de 10 fr. 40 c., représentant la cotisation de 104 membres, pour l'année 68-69. . . Dans l'espoir que vous pratiquerez activement les principes de notre Association, recevez, cher citoyen Heng, de même que tous les amis, mes salutations fraternelles.  
H. JUNG,  
secrétaire pour la Suisse auprès du Conseil général.  
25 août 1869. »

Figura 15 - Reprodução de Guillaume das cartas do Conselho Geral para a Aliança da Democracia Socialista<sup>134</sup>.

134 “Londres, 28 de julho 1869.

À Seção da Aliança da Democracia Socialista em Genebra, cidadãos, Eu tenho a honra de vos anunciar que vossas cartas ou declarações, tanto quanto seu Programa e seu Regulamento foram recebidos e que o Conselho Geral aceitou sua adesão como Seção por unanimidade. Em nome do Conselho Geral: O secretário Geral, J. G. Eccarius.

Ao cidadão Heng, secretário da Seção da Aliança da Democracia Socialista, Genebra, Cidadão, recebi vossa carta com a soma de 10 fr. 40 c, representando a cotização de 104 membros, para o ano 68-69. Na esperança que vós pratiqueis ativamente os princípios de nossa Associação, recebeis, cara cidadão Heng, o mesmo que todos amigos, minhas saudações fraternais.

H. Jung, secretário para a Suíça do Conselho Geral (GUILLAUME, 1910, p. 176).

Apresentadas as provas de que a Seção da Aliança havia sido formalmente aceita na Associação Internacional dos Trabalhadores em 1869, Paul Robin é confrontado, em uma das reuniões do Conselho Geral com as seguintes questões:

1º Essas cartas são autênticas?

2º Houve após 25 de agosto de 1869, data da última carta, uma decisão do Conselho Geral suspendendo, conforme Resolução VI do Congresso de Basiléia, a Seção da Aliança da Democracia Socialista?

Jung, que presidia a sessão, fez um discurso difuso no qual contou demoradamente a história de uma carta que ele escrevera a Guillaume após o racha suíço, carta deixada sem resposta. Eu já havia lhe explicado calmamente a causa desse mal-entendido. Então, com pressa para questões, ele acaba por admitir que escreveu a segunda carta (o que prova, ao mesmo tempo, a autenticidade da primeira). Engels balbucia algumas palavras, mas após quinze minutos pesados de divagações, era impossível negar as duas cartas.

Assim, portanto, em resposta a primeira questão, eu escrevi: *Sim*.

Frente a segunda, Engels protesta: “Vós prejudicais a questão, é preciso esperar até a Conferência, etc. - De jeito nenhum, eu disse, a questão é simples: a Aliança está suspensa, sim ou não? - Mas, diz Marx que se irritou ao ser pego, ele não está regular com o Conselho [por não ter pago suas cotizações]. - Eu vou escrever em resposta a segunda questão: *Não, mas ela está de fato, por não estar regular com o Conselho Geral* (Na qual sabemos que a cada vinte seções, dezenove estão na mesma situação) – Não concordo, disse Marx. - O que deve colocar, então? - Coloque: *Não*; mas tudo se resolverá na Conferência (GUILLAUME, 1910, p. 177).

Desse modo, são enviadas duas cartas para Suíça, uma para Aliança a informando de sua suspensão e da convocação de uma Conferência para debater o tema e um para o Comitê Federal genebrino. Guillaume envia uma carta de Robin a Bakunin, a qual relata acima descrito, que por sua vez escreve aos membros da Aliança a seguinte carta:

6 de agosto de 1871, Locarno.

Aos amigos da Seção da Aliança de Genebra,

Nosso amigo James me escreveu que ele vos enviou uma carta de Robin (carta que eu vos rogo de me enviar o mais rápido, como ele vos recomendou, penso eu), que anuncia uma tempestade que se aproxima [a Conferência], longamente preparada por nossos amigos de Genebra, mancomunados com os *autoritários* comunistas alemães, tempestade que ameaça cair não somente sobre a Aliança, mas ainda sobre toda a Federação das Montanhas, e que provavelmente venha a expulsar toda essa Federação, a única que representa o verdadeiro espírito da Internacional na Suíça, da comunhão internacional dos trabalhadores.

Inquieto por essa novidade, o amigo James, que vos enviou ao mesmo tempo a ata do Conselho Geral que reconhece a legitimidade de nossa Seção, ele vos deu o conselho de aproveitar essa nova declaração do Conselho Geral para fazer o que ele chama de golpe de mestre e que não será, para mim, que um erro desajeitado. Ele vos aconselha de declarar voluntariamente vossa dissolução e de exigir como consequência desse suicídio generoso vossa reentrada na Seção Central.

Ele imagina, sem dúvida, que o que vos separa de nossos adversários de Genebra não passa de uma questão de organização, enquanto que todos os princípios e todas as organizações não passam para eles que pretextos que lhe servem mascarar suas

raivas ferozes, suas ambições, seus interesses e suas vaidades pessoais. Vosso ato de dissolução notificada por vosso Comitê Federal de Genebra seria aceita por aqueles, sem dúvida, com alegria como uma confissão pública de sua suposta culpa e como um repúdio de nosso princípio, e vossa exigência de reentrada teria como consequência infalível, eu vos juro sobre minha cabeça, a resposta seguinte: Nós consentimos generosamente em receber a reentrada de nossos irmãos perdidos e representantes da Aliança, menos Perron, Jouk, Bakunin e Sutherland que foram expulsos da Seção central para diferentes delitos, por um julgamento justo. Seria necessário, o que eu não acho, eles poderiam consentir em nos acordar uma anistia, - ele não nos acordaram, estou certo, seus ódios estão muito vivos e eles não nos concedem, eu vos declaro, para mim, que eu, ao menos, não aceitarei. Suas intrigas e suas calúnias contra nós, o julgamento odioso, ridículo e a expulsão pronunciada contra nós, foram tantas infâmias, e eu não posso consentirei jamais me colocar na posição de receber um perdão, quando sou eu que deveria perdoar (GUILLAUME, 1910, p. 178 – 179).

Bakunin e Guillaume defendem posições diferentes. Guillaume defendia que seria necessária abrir mão da Seção da Aliança para a manutenção da paz interna e do estabelecimento de uma harmonia. Bakunin, ao contrário, dizia:

Não diga que eu tenho que fazer um sacrifício pela paz, pelo bem da Internacional. Jamais um bem poderá ser obtido pela baixaza. Nós não temos o direito de nos curvar frente aqueles, pois ao nos curvamos nós rebaixaremos nossa causa e nosso princípio, para salvar a aparência, a mentira da Internacional, nós sacrificaremos a verdade e a realidade (GUILLAUME, 1910, p. 179).

Bakunin não admite a dissolução da Seção da Aliança pois não, para ele, seria se rebaixar pelo bem geral da organização, o que ele não aceitou.

Eu penso, em geral, que não é por meio de uma política de covardia e concessões, por meio de um cristianismo humilde, mas somente pela firme e franca manutenção do nosso direito, que nós poderemos triunfar sobre nossos inimigos, pelo bem da Internacional. Nosso direito não está claro? Não sofremos por mais de um ano todos os ataques, todas as calúnias, todas as intrigas, sem nos defender e sem mesmo responder? Nosso silêncio foi um grande erro, nossa dissolução seria um suicídio vergonhoso (GUILLAUME, 1910, p. 179).

Aqui Bakunin refere-se aos ataques sofridos por eles dentro da Federação Românica, que há um ano havia sofrido um racha durante o Congresso de Chaux-de-Fonds. Novamente, a defesa de Bakunin caminha por meio do apelo a princípios e de orgulho, contra o que ele caracteriza como uma política cristã de humildade.

Eis o plano que eu vos proponho em oposição aquele de Guillaume:  
1º Enviemos uma *Memória justificativa* no Comitê Federal de Saint-Imier, o único que nós possamos reconhecer, - eu já enviei a primeira parte de um projeto de memória a James, eu lhe enviarei nesses dias o fim. É bem longa, mas contém todos

os elementos de nossa defesa. Será fácil para Jouk, ou para Perron, ou James, fazer uma memória curta. - e, após ter estabelecer os fatos justo de nossa causa, nosso direito, declarem, se vós achardes de bom grado e se o decidirdes, [...] declarai que para o bem da Internacional (o que seria sempre uma confissão implícita que vos tendes sido mal) vós quereis mesmo vos dissolver, mas não antes que seja publicamente reconhecido, seja num Congresso, seja nessa Conferência de Londres, vosso direito, a injustiça dos ataques que levantaram contra vós e a generosa grandeza de vossa dissolução voluntária (GUILLAUME, 1910, p. 179).

Bakunin entedia que era necessário atacar os detratores da Seção da Aliança, por meio de um documento que se trata dos ocorridos no conflito da Internacional da Suíça do ponto de vista dela. Era imprescindível para Bakunin que fosse reconhecido por alguma autoridade que eles estavam em seu justo direito.

2º A Federação das Montanhas pode e deve fazer o mesmo sacrifício? Deve ela também se dissolver para se submeter à despótica direção do Comitê federal de Genebra, baixando as armas frente Outine, Perret, Becker e companhia? Me parece que colocar essa questão, é a resolver. É como se se pedisse: Faça, sobre o pretexto de fazer uma unidade aparente na Internacional da Suíça Românica, sacrificar seu espírito, e matar o único corpo que está constituído segundo esse espírito?

Eu vos repito o que eu escrevi a Guillaume. Um tal sacrifício seria uma covardia gratuita e uma inutilidade obrigatória.

Enfim, meus caros amigos, creís-vós realmente que a Internacional chegou ao ponto na Europa, que não se possa mais viver, respirar, agir em seu interior sem que por uma série de atos humilhantes, porém, diplomáticos, que pela covardia, que pela intriga? Se é assim, a Internacional não vale mais nada, é preciso a dissolver como uma instituição burguesa ou depravada pelo espírito burguês. Mas não lhe façamos essa injúria. Não foi ela que se corrompeu, fomos nós que nos tornamos fracos. Nós nos guardando no sentimento de nosso direito, nós nos fomos abatidos como mártires, enquanto devíamos atacar nossos caluniadores à luz do dia (GUILLAUME, 1910, p. 179-180).

Porém, no meio do que Bakunin anuncia como uma tempestade, a direção da Aliança se encontrava nas mãos de Joukovsky, que era muito inepto para sua posição. Guillaume escreve a ele 5 cartas, após receber a carta de Bakunin, pois Joukovsky havia declarado a dissolução imediata da seção da Aliança, sem qualquer articulação, o que deixou Guillaume e Bakunin perplexos. Guillaume escreveu nesses termos:

Neuchâtel, 20 de agosto de 1871.

Meu caro Jouk,

Algumas questões as quais tu irás querer responder *imediatamente*:

1º Tu haveis visto o *protesto de Michel contra a dissolução da Aliança*? Caso não, solicite-a a Pinner, eu creio que foi endereçado a ele. Acho que Michel tem razão de se queixar de vossas ações.. Pois se quer o avisou, nem consultou, sequer enviou a carta de Robin que eu exige para que lhe comunica-se.

Ah! Meu caro, vós fazeis as coisas como artista. Vós não sóis burguês, nem positivo, nem homem de negócio, vós não haveis regularidade, nem pontualidade, enfim



todas essas qualidades “ridículas”, como queira, mas essenciais e toda organização. Vós sóis preguiçoso, volátil, aturdido, caprichoso como os artistas (GUILLAUME, 1910, p. 184-185).

Com a Seção da Aliança dissolvida e desorganizada por Joukovsky, os autonomistas passam a se centralizar pela Federação das Seções da AIT das Montanhas jurassianas. Nas vésperas da Conferência de Londres, no dia 17 de setembro, o Comitê Federal de Saint-Imier enviou o documento abaixo, como instrumento de abertura de diálogo:

Aos membros da Associação Internacional dos Trabalhadores, reunidos na Conferência de Londres.

Companheiros,

É de coração leve que, em meio aos eventos repletos de terríveis consequências que se desenvolvem na Europa, nós vemos aqueles que têm a missão de trabalhar no desenvolvimento de nossa Associação, aqueles que têm essa missão conservam um silêncio a toda uma Federação da Internacional um silêncio injusto e comprometedor.

No dia 6 de agosto último, anunciado no Conselho Geral por intermédio do cidadão Hermann Jung, secretário pela Suíça, a renovação de nosso Comitê Federal, nós o convidamos, após um ano de silêncio, se por em relações contínuas conosco, como também ser constantemente nosso vínculo de informações com o Conselho Geral. Não obtemos nenhuma resposta.

Fomos informados agora, indiretamente, que uma Conferência extraordinária foi convocada para Londres, no dia 17 de setembro [1871]. Era dever do Conselho Geral avisar todos os grupos regionais: nós ignoramos porque ele guardou silêncio para nós. Malgrado isso, nós teríamos enviado a Londres um delegado, se nossos meios financeiros permitissem. Mas os numerosos sacrifícios que nós devemos nos impor para tal tarefa de um dever sagrado [ajudar os *communards*] acabaram com nossos recursos.

Na impossibilidade de ser representada por uma delegação, cremos que seria útil que nós enviássemos à Conferência uma memória sobre a cisão que se produziu na Federação Românica, após o Congresso de Chaux-de-Fonds. Nós fomos avisados muito tarde da Conferência para que possamos elaborar esse trabalho. Nós devemos então renunciar a todos os meios de justificar nossa Federação dos ataques que, sem dúvida, serão dirigidos contra nós.

Posto isso, como não nos é permitido duvidar do espírito de igualdade que deve animar toda reunião da Internacional, nós não queremos deixar passar essa circunstância solene sem fazer um chamado à justiça.

Após dezoito meses nós somos como párias no seio da Internacional, pelo simples fato de que num Congresso regional as Seções que nós representamos professam uma opinião diferente daquelas professas por um outro grupo de Seções. O Conselho Geral tendo pesado a situação, como resultado, uma facção da Suíça Românica privou toda comunicação com o Conselho Geral. Nós cremos que a Conferência será chamada a resolver esse conflito; nós nos permitimos chamar atenção para o seguinte:

1º Será contrário a equidade mais elementar se pronunciar contra uma Federação a qual não tem meios de se defender;

2º Uma decisão anulando os direitos de nossa Federação terá os mais funestos resultados para a existência da Internacional em nosso país;

3º Um Congresso Geral, convocado regularmente, pode ser a única solução para julgar uma questão assim grave que aquela da cisão na Federação Românica.

Nós demos provas de nosso devotamento sincero e ativo a nossa Associação, pois queremos continuar a lhes consagrar todas nossas forças que nós levantamos nossa voz, para que seus mandatários não cometam nenhuma injustiça seja feita.

Nós pedimos que a Conferência decida simplesmente encarregar o Conselho Geral de abrir uma pesquisa séria sobre o conflito na Federação Românica. Essa enquete, feita com imparcialidade, permitira ao próximo Congresso Geral julgar, com conhecimento de causa, uma questão que, se ele julgar atualmente sem que uma das partes fosse escutada, poderá levar a um resultado triste.

É um ato de equidade que nós pedimos da Conferência: nós temos a firme convicção que ela não nos recusara. Nós clamamos ardentemente que as deliberações presem pelo progresso da Internacional.

Aceitem, companheiros, nossa saudação fraternal.

Assim adotado na sessão e 4 de setembro de 1871.

No nome do Comitê Federal Românico (sediado federal: Vale de Saint-Imier),

O Secretário correspondente:

Adhémar Schwitzguébel

gravador, Sonvillier (Jura, Suíça) (GUILLAUME, 1910, p. 188-189).

O longo documento acima é uma confissão de que não conseguiram enviar um representante para a Conferência, uma confissão de que não conseguiram elaborar e enviar um documento justificativo da perspectiva deles dos problemas na Federação Românica. Posto isso, eles apelam para a fidelidade e confiança que depositavam no Conselho Geral e, seguros nessa devoção, apelam para que seja realizado um exame sério do conflito na Federação Românica.

### **5.3 CONFERÊNCIA DE LONDRES: o tremor suíço repercute em Londres.**

A Conferência de Londres ocorreu de 17 a 23 setembro de 1871. Era formada de vinte três membros, o que se compunha assim: seis delegados belgas, sendo que um era mesmo tempo membro do Conselho Geral, dois delegados suíços, um delegado espanhol, treze membros do Conselho Geral nomeados por ele e um desconhecido sem mandato. Os dois delegados suíços eram Outine e Perret. O primeiro, membro dessa Seção russa de Genebra que parecia forte na confiança de Marx, havia recebido plenos poderes, da Seção alemã de Genebra. O segundo, Perret, não era delegado pelas Seções genebrenses: havia, contudo, um mandato assinado pelo Comitê federal de Genebra. A assembleia geral das Seções de Genebra havia nomeado como delegado para Londres Grosselin, 150 votos, aproximadamente, contra 28 votos para Perret, ao mesmo tempo, uma soma de trezentos francos para a viagem de Grosselin. Na véspera da partida, Grosselin declarou que essa verba era insuficiente e que seria preciso quatrocentos francos, não podendo obter esse aumento, recusa o mandato.

Foi então que ele passou, não se sabe como, o direito de representar a Federação Genebrenses a Perret, que iria mesmo com a verba de trezentos francos. Pode-se jogar de qual tipo de aspirações do proletariado suíça se encontram representados por esses dois senhores, que iriam ser chamadas a dar à Conferência o relato sobre o conflito da Federação românica (GUILLAUME, 1910, p. 193).

Quanto aos treze delegados membros do Conselho Geral e nomeados por ele, entre esses sete portando o título de secretários correspondentes de diferentes países não representados à Conferência: Engels pela Itália, Marx pela Alemanha, Eccarius pela América, Hales pela Inglaterra, Rochat pela Holanda, Cohn pela Dinamarca e Zabicki pela Polônia. Fora esses sete, o Conselho Geral havia designado seis outros desses membros por representar. Entre esses seis, três eram supostos representantes da França: eram Serrailier, Vaillant, Bastelica, Mottershead, Fränkel e Jung “Esses treze membros do Conselho Geral, que não tinham nenhum mandato, formando esses treze a maioria da Conferência, composto de vinte três membros” (GUILLAUME, 1910, p. 194).

O desconhecido sem mandato era um cidadão de Bordeaux, presente em só uma sessão. Ele levava uma carta muito particular, na qual fazia menção aos progressos da Internacional em Bordeaux. O grupo de Marx contava com ele, foi admitido para participar. Soube-se depois que ele estava muito confuso do papel que queriam que ele fizesse e, falta de uma melhor ação, deixou de assistir as sessões (GUILLAUME, 1910, p. 194).

Relato de Paul Robin em sua Memória justificativa trata de sua participação na Conferência de Londres:

Eu não tenho o que falar da preparação da Conferência. Por razões de distância e de família me impediram, então, de assistir assiduamente nas sessões do Conselho Geral [...] Eu assisti somente à última, na qual Marx teve o talento de nos assustar com a acusação de espiões franceses (já havia suspeitas sobre Gustave Durand [seria desmascarado como espião francês]), nos fez votar à unanimidade de admitir nenhum delegado dos refugiados franceses em Londres... Nós veremos como nós a suplantamos (GUILLAUME, 1910, p. 194).

Todos estavam presentes. Marx, muito atarefado, corria de um lado ao outro de seus generais<sup>135</sup> e, então, sumiu da sala. Nesse momento que, traduzindo a impaciência geral, Paul Robin nos relata em que

ousei propor Jung como presidente para começarmos. Surpreendendo de tanta audácia, alguém acrescentou “provisoriamente” a minha proposta e, salvo Eccarius, cuja religião era inabalável e votou contra, para todos a impaciência pesou e Jung foi eleito. Porém, ele não permitiu-se sentar na cadeira da presidência. O barulho da sala fez com que Marx e Engels voltassem, esse propõe renomear um presidente, mas, eu fiz ver que já havia sido votado, repropõe Jung, e o vota novamente. Eccarius entendeu, Jung toma seu lugar e a sessão começa (GUILLAUME, 1910, p. 194-195).

---

135Engels e seus aliados, Lafargue, Longuet, Lessner, Kugelmann, Dupont.

As primeiras sessões da Conferência não conseguem encaminhar nada “Não se resolve nada: nomeia-se as comissões as quais Marx e seus generais são os líderes, o resto era composto de personagens mudos que dificilmente apareceram” (GUILLAUME, 1910, p. 195). Marx e Engels propõem um projeto contra a Aliança e seu líder Bakunin. Para garantir sua posição, todas as resoluções votadas serão deixadas

aos cuidados do Conselho Geral a tarefa da *redação ulterior*. Graças a esse truque hábil, esses senhores terão o direito de publicar todo o que ele queriam sob o nome de *Resoluções da Conferência*. É simplesmente uma falsidade com pontos graves (GUILLAUME, 1910, p. 195).

Robin relata que foi o agente Outine quem expôs a questão suíça, que se tratou de nomear a comissão para estudá-la, propondo Marx como membro: “Chamei atenção para que a Comissão deveria ser composta por homens imparciais. Outine ficou indignado” (GUILLAUME, 1910, p. 195). O conflito é apaziguado por De Paepe, a Comissão se reuniu na casa de Marx

Convocando esse, como testemunha. Às oito horas da tarde, eu fiquei com a maior repugnância. [...] Pelo fato de que demorava duas horas até minha casa, declarei que deveria partir antes das dez horas. [...] Um presidente foi nomeado, o compadre Engels é quem fez a ata, apesar de não ser membro da comissão. Nosso anfitrião, julga imparcial, expõe a questão fazendo uma requisição na qual teve a idéia [sic] ao começar a ler as *Pretensas cisões*. Em resumo, de acordo com a testemunha-acusador-juiz Marx, a questão suíça tem como causa primeira os ataques publicados pelos afiliados da Aliança, nos jornais o *Progrès* e *Égalité* contra o Conselho Geral, o repúdio aos artigos desse último jornal pelos internacionalistas de Genebra e a *revogação* do Comitê de Redação pelo Comitê Federal Românico (GUILLAUME, 1910, p. 196).

Robin pede a palavra para expor algumas explicações locais poderiam levar um apaziguamento. Contou o verdadeiro motivo pelo qual o Comitê da Redação ter se retirado. Ele mostrou um protesto das Seções de Montanhas contra todo julgamento, achou prudente defender que fossem reconhecidas “as duas Federações, exortando-as a abster-se doravante de toda a hostilidade pública; mas que a Conferência não tinha o direito de decidir entre as partes, uma das quais não tinha sido convocada” (GUILLAUME, 1910, p. 196).

Outine se levantou dizendo que colocaria Paul Robin como um dos suspeitos, o que esse o respondeu foi se retirar da casa de Marx devolvendo a acusação contra Outine. Robin envia uma carta ao Conselho Geral:

Chamado como testemunha a propósito da questão suíça na comissão encarregada de a examinar, eu fui lá com a esperança de contribuir um apaziguamento. *Posto diretamente em causa*, eu declaro formalmente que eu não aceito o papel de acusado, e eu me abstenho de assistir nas sessões da Conferência onde será discutida a questão suíça; 19 de setembro, Paul Robin (GUILLAUME, 1910, p. 197).

O Conselho Geral respondeu assim:

Londres, 26 setembro de 1871,  
Cidadão, sua carta foi considerada pela Conferência como injuriosa, a Conferência decidiu por voto especial, em 22 de setembro, que você está sendo convidado a retirar essa carta, e que no caso da recusa de sua parte o Conselho Geral é chamado a estabelecer.

O presidente da seção: A. Serrailier.

Por atestação, o secretário: Ch. Rochat (GUILLAUME, 1910, p. 197).

Robin respondeu a carta acima dizendo que a única coisa que faria seria acrescentar, após *posto em causa*, por uma testemunha na comissão. O que Robin faz, em seguida, é dirigir-se diretamente a Marx, por carta. Ele diz sentir muito por ter de romper com homem para quem tinha tanto respeito, porém, “estou convencido que, devido a desentendimentos pessoais, vós fizeste ou apoiaste acusações injustas contra membros da Internacional, objetos dessa ira, ou cujo crime foi não os publicizar. Saudações. P. Robin” (GUILLAUME, 1910, p. 197).

Alguns dias depois dessa carta de 3 de outubro de 1871, Paul Robin é informado que fora demitido de suas funções no Conselho Geral. Vai à sede da organização onde um incidente entre ele e Engels por pouco não levou as vias de fato.

As Resoluções dos Delegados da Conferência da Associação Internacional dos Trabalhadores reunida em Londres de 17 a 23 setembro de 1871, resoluções redigidas não por seus delegados mesmos, mais por uma comissão do Conselho Geral, que as redigira uma vez tendo a Conferência terminada, publicadas numa brochura de 8 páginas que possui a assinatura de todos os membros desse Conselho e a data de 17 de setembro de 1871 (GUILLAUME, 1910, p. 201).

Segue abaixo as principais resoluções da Conferência de Londres de 1871

II – Denominações dos Conselhos nacionais ou regionais, filiais, seções, grupos locais e seus respectivos comitês respectivos. “3. - Agora será proibido que filiais, seções e grupos que queriam se designar por nomes de seita, como, por exemplo, os nomes das filiais positivistas, mutualistas, coletivistas, comunistas, etc ou de formar os grupos separatistas, sob o nome de “seções de propaganda”, etc... se dando missões especiais por fora do fim comum perseguido por todos os grupos da Internacional (GUILLAUME, 1910, p. 202).

Isso visava a Seção de Propaganda de Chaux-de-Fonds e a Seção de Propaganda e da ação revolucionária socialista de Genebra.

IX. - A ação política da classe operária.

Vê-se nas considerações dos estatutos originais onde se lê: “A emancipação econômica dos trabalhadores é o grande fim ao qual todo movimento política deve ser subordinado *como meio*.”

Vê-se na *Mensagem Inaugural* da Associação Internacional dos Trabalhadores (1864), que diz: “Os senhores da terra e os senhores do capital se servirão sempre de

seus privilégios políticos para se defender e perpetuar seus privilégios econômicos. Longe de fortalecer a emancipação do trabalho, eles continuarão a se opor o máximo de obstáculos possível. A conquista do poder político é então tornada o primeiro dever da classe operária (GUILLAUME, 1910, p. 202).

A Conferência seria lembrada pela aprovação dessa Resolução IX. Essa, surgida como uma proposta do *communard* Vaillant, exilado em Londres, transformava a Associação num partido internacional centralizado e disciplinado, sob a liderança do Conselho Geral. A ala dos marxistas apoiou essa proposta vinda do blanquismo, entre outros fatores, para criar uma aliança com esses contra “o anarquismo político que se fortalecia no interior da organização” (MUSTO, 2014, p. 56).

A Resolução IX, aprovada em Londres, dizia: Em presença de uma reação impetuosa, que esmaga violentamente todo esforço de emancipação da parte dos trabalhadores e pretende manter pela força bruta a distinção entre as classes e a conseqüente dominação política das classes proprietárias. Que essa constituição da classe trabalhadora num partido político é indispensável para assegurar o triunfo da revolução social e seu fim último – a abolição das classes. Que a combinação de forças que a classe trabalhadora já efetuou por meio de suas lutas econômicas deve ao mesmo tempo servir como alavanca para suas lutas contra o poder político dos senhores rurais e capitalistas. Assim podemos ler:

Que contra esse poder coletivo das possuidoras o proletariado não pode agir como classe sem se constituir ela também em partido político distinto, oposto a todos os antigos partidos formados pelas classes possuidoras. Que essa constituição do proletariado no partido político é indispensável para se assegurar o triunfo da revolução social e de seu objetivo supremo: *a abolição das classes* (GUILLAUME, 1910, p. 203).

Nos países onde a organização regular da Associação Internacional dos Trabalhadores é momentaneamente tornou-se impraticável, após a intervenção governamental, a Associação e seus grupos locais poderiam se constituir sob diversas dominações, mas toda constituição de Seção internacional sob forma de sociedade secreta é formalmente proibida

XII. - Resolução relativa à Inglaterra. A Conferência convida o Conselho Geral a avisar suas filiais ingleses de Londres de formar um Comitê Federal para Londres, o qual após ser posto em relação com as filiais provincial e as sociedades de resistentes filiadas e após ter recebido sua adesão, será reconhecido pelo Conselho Geral como Conselho federal ingleses.

XIII. - Votos particulares da Conferência. 1. - A Conferência aprova a adjunção dos refugiados da Comuna de Paris que o Conselho Geral admite em seu seio.

2. - A Conferência declara que os trabalhadores alemães cumpriram seu dever durante a guerra franco-alemã.

3. - A Conferência agradece fraternalmente os membros da Federação espanhola para seus trabalhos sobre a organização da Internacional, que aprova uma vez mais seu devotamento ao trabalho comum.

4. - O Conselho Geral fará imediatamente a declaração formal que a Associação Internacional é absolutamente estrangeiro a dita conspiração Nechaiev, o qual fraudou e usurpou e explorou o nome da Internacional.

XV. - Convocação para o próximo Congresso. A Conferência deixa à apreciação do Conselho Geral a tarefa de fixar, segundo os eventos, a data e a sede do próximo Congresso ou da Conferência que o poderá o substituir (GUILLAUME, 1910, p. 209).

Aos olhos de Guillaume, essa foi a resolução mais perigosa para sua ala da Internacional, pois garantir plenos poderes ao Conselho Geral de suprimir um futuro Congresso de contrapor as resoluções dessa Conferência por meio da convocação de uma próxima Conferência a portas fechadas.

XVI. - Aliança da Democracia Socialista.

Considerando:

Que a Aliança da Democracia Socialista se declarou dissolvida (em carta ao Conselho Geral datada de Genebra, 10 de agosto de 1871, assinado pelo cidadão Joukovsky, secretário da Aliança);

Que em sua sessão de 18 de setembro a Conferência decidiu que todas as organizações existentes da Associação Internacional dos Trabalhadores serão, conforme a carta e o espírito dos Estatutos Gerais, agora obrigados a se denominar e a se constituir simples e exclusivamente como filiais, seções, etc... da Associação Internacional dos Trabalhadores com os nomes de suas localidades respectivas ligadas. Que ele será então defendido pelos nomes de seita, isto é, como grupo mutualista, ou positivista, ou coletivista, ou comunista, etc (GUILLAUME, 1910, p. 209).

Não era mais permitido a nenhuma filial ou sociedade já admitida ser um grupo separatista sob a designação de “Seção de propaganda”, “Aliança da Democracia Socialista”, assim como, por exemplo, positivista, comunista, anarquista, se dando as missões especiais fora do objetivo comum seguido pela massa do proletariado militante reunido na Associação Internacional dos Trabalhadores.

No futuro o Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores deverá interpretar e aplicar em suas resoluções administrativas do Congresso de Basileia nº V: “O Conselho Geral tem o direito de admitir ou de recusar a afiliação de toda nova sociedade ou grupo, salvo o chamado ao próximo Congresso” (GUILLAUME, 1910, p. 209).

Em resposta a Conferência de Londres, “os militantes da Federação do Jura convocaram para 12 de novembro seu congresso”, que ocorreu em Sonvilier. Ali nasceu oficialmente a oposição no interior da Internacional. “Na *Circular a Todas As Federações da Associação Internacional dos Trabalhadores*, redigida ao final dos trabalhos, Guillaume e os outros participantes do congresso acusaram o Conselho Geral de ter introduzido na organização “o princípio de autoridade” (MUSTO, 2014, p. 58).

Os suíços se declararam “contra toda autoridade diretora, ainda que tal autoridade fosse eleita e aprovada pelos trabalhadores”, e destacaram que na Internacional deveria ser conservado o “princípio da autonomia das seções”, também através do redimensionamento do Conselho Geral num “simples escritório de correspondência e de estatística” (MUSTO, 2014, p. 58). Exigiam a convocação de um

congresso para o mais rapidamente possível. Essa atitude da Federação do Jura já era previsível, mas o elemento que surpreendeu o Conselho Geral foi a rebelião de muitas federações.

As seções belgas, holandesas, ibéricas e italianas passaram a ter um posicionamento crítico a Conferência de Londres, sendo que se verifica que nos países meridionais os posicionamentos tenderam a ser favoráveis a Bakunin.

Os conflitos também refletiram nas seções do outro lado do atlântico. Produz-se uma divisão em dois grupos, ambos sediados em Nova York.:

O primeiro grupo, inicialmente mais numeroso e conhecido pelo nome de Spring Street Council, propunha uma aliança com os setores mais liberais da sociedade, contava com apoio de Eccarius, secretário correspondente junto ao Conselho Geral, e tinha na Seção 12 sua parte mais ativa. O segundo, cujo quartel-general era sediado no Tenth Ward Hotel, defendia o caráter operário da Associação e tinha como expoente mais significativo Friedrich Adolph Sorge (1828-1906). Em março de 1872, o Conselho Geral tentou uma reconciliação entre as partes e sugeriu a realização de um congresso unitário para o mês de julho. Mas a tentativa de pacificação fracassou e, em maio, a cisão foi oficial (MUSTO, 2014, p. 60).

A cisão foi terrível para a Internacional dos EUA, ocasionando o afastamento de muitos militantes e repercutindo no Conselho Geral em Londres. As relações de Marx com John Hales (1839-?) e Eccarius, respectivos correspondentes dos Estados Unidos, “rapidamente se deterioraram, e também na Inglaterra começaram a surgir os primeiros conflitos internos” (MUSTO, 2014, p. 60).

Ao fim e ao cabo, o Conselho Geral poderia contar com os ingleses, “a maioria dos suíços, dos franceses (naquele momento sobretudo blanquistas) e as fracas tropas alemães, além das seções recém-criadas na Dinamarca, na Irlanda e em Portugal” (MUSTO, 2014, p. 61). Um agrupamento muito menor do que Marx esperava.

Os motivos que levaram as seções à oposição ao Conselho Geral eram dos mais variados. Entre eles podemos ressaltar o fascínio pelas teorias de Bakunin, em alguns países, a capacidade de Guillaume em congregar os vários opositores, mas, para Musto, “o principal adversário da virada ocorrida com a resolução sobre a “ação política da classe operária” foi um ambiente ainda imaturo para receber o salto de qualidade proposto por Marx” (MUSTO, 2014, p. 61), isto é, a organização ainda não havia alcançado um grau de maturidade necessária para fazer-se um partido nos moldes propostos. Assim, como disse Musto, “o erro de avaliação cometido por Marx” (MUSTO, 2014, p. 61), foi não entender que era essa ainda necessária autonomia que mantinha unida a internacional.

#### **5.4 Congresso de Sonvillier: repercussão da Conferência de Londres**



A ala “autonomista” da Internacional na Suíça organiza um Congresso regional, ocorrido em Sonvillier no dia 12 de novembro de 1871, com vias a debater as posições da Conferência de Londres de 1871. O primeiro objeto que figurava na ordem do dia era o relatório do Comitê federal das Seções da Montanhas. Esse relatório, apresentado por Schwitzguébel, constata com franqueza, o estado de desorganização em que se encontrava a Internacional na Suíça. O relatório atribui isso a Guerra Franco-Prussiana e, por outro lado, às intrigas dos genebrinos e seus aliados londrinos.

O relatório constatou que as Seções de Bienne, de Saint-Blaise, de Val de Ruz, de Cortebert, de Corgémont haviam deixado de existir. Com relação aos corpos de ofícios aderentes de nossa Federação: gravadores e cortadores do Locle. Carpinteiros, gravadores e cortadores de Neuchâtel, montadores de caixas de Vignoble” entre outras “continuavam a ter uma atividade satisfatória pelo menos do ponto de vista corporativo, mas eles deixaram de se interessar com a Internacional e não haviam respondido às circulares do Comitê federal. Só a Seção dos gravadores e cortadores do distrito de Courtelary permaneceram intrepidamente firme e constituída, não mais como sociedade de apoio mútuo, mas, após março de 1870, como sociedade de resistência, havia enviado um delegado (GUILLAUME, 1910, p. 233).

O Congresso de Sonvillier, aceita as deliberações da Conferência de Londres referentes a questão referente da cisão na Federação Românica.

O Congresso,  
Considerando que a Federação Românica, *cujo presente Congresso é o único representante legítimo*, perdeu seu caráter primitivo pela retirada de uma parte das Seções que a constituíam.  
Crê que há de dissolver essa Federação e, por isso, a declara dissolvida.  
Considerando, por outro lado, que um Congresso de Seções Românicas, reunido em Saint-Imier em outubro de 1870, discutida a proposição de constituir uma Federação, que levaria o nome da *Federação Jurassiana*, proposição que havia sido descartada como prematura, mas que é apresentada de novo, hoje, por muitas Seções.  
O Congresso decide constituir, entre as Seções representadas no Congresso e aquelas que a ela aderirem, uma Federação nova que leva o nome de *Federação Jurassiana* (GUILLLAUME, 1910, p. 235).

Devida a resolução a cima, é formalmente fundada a Federação Jurassiana, vide abaixo os Estatutos Federais da Federação Jurassiana

Artigo primeiro. - É formada entre as Seções da Internacional de aderentes ao presente estatuto federal uma Federação que toma o nome de *Federação Jurassiana*.  
Art. 2. - A Federação reconhece os Estatutos Federais da Associação Internacional dos Trabalhadores.  
Art. 3 – O vínculo federal tem por representante um Comitê federal, composto de cinco membros, no qual é colocada a gestão dos interesses federais, sob o controle das Seções.  
O Comitê federal não é investido de nenhuma autoridade. Ele tem, simplesmente, o papel de secretário de correspondência, informação estatística.

Art. 4. - As Seções, ao entrar na Federação, conservam sua autonomia absoluta e não tomam outras obrigações que aquelas observadas nas cláusulas dos presentes estatutos federais.

Art. 5. - Toda margem é deixada às Seções que quiseram formar entre elas as federações locais ou especiais.

Art. 6. - Toda Seção da Internacional pode ser admitida na Federação à condição de aderir aos presentes estatutos e de não admitir seu regulamento particular que lhe seja contrário.

O Comitê Federal é encarregado de receber a adesão de novas Seções e de avisar a Federação no período de quinze dias. Nos casos duvidosos, ele deve reportar à Federação no mesmo período e cada Seção é então chamada a votar sobre a admissão ou não da Seção aderente.

Art. 7. - A cotização federal é fixada a vinte centimes por ano e por membro. Ela é pagável no mês de janeiro de cada ano, entre as mãos do caixa do Comitê Federal.

As Seções que não tiverem pago suas cotizações no dia 31 de março serão, por isso, consideradas como havendo renunciado à Federação. Elas poderão, todavia, reentrar quitando suas obrigações.

Art. 8. - O Congresso da Federação se reuni cada ano no mês de abril, na localidade escolhida pela maioria das Seções.

Cada Seção tem o direito de enviar dois delegados no Congresso.

O Congresso se ocupa dos interesses gerais das Seções Federais, assim que de todas as questões que poderem interessar a causa do proletariado. Ele não interfere de nenhum modo na administração interior nas Seções.

Ele recebe o relatório da gestão do Comitê Federal e lhe repassa.

Cada Seção tem o direito de propor as questões por ordem do dia do Congresso. A ordem do dia está fixada definitivamente na sessão de abertura.

Art. 9. - O presente estatuto é revisável ao mesmo tempo, à demanda de uma Seção, por um Congresso da Federação.

Assim adota a unanimidade dos delegados.

No nome do Congresso de Sonvillier:

O presidente Auguste Spichiger; secretários, Charles Chopard, Jules Guesde (GUILLAUME, 1910, p. 236-237).

Posto esse novo estatuto, um estatuto federalista ao extremo, como que marcando posição contra as deliberações da Conferência. Terminada a votação dos estatutos, o Congresso debate a Conferência de Londres de 1871. Como resposta, o Congresso de Sonvillier lança uma Circular para todas as Federações da Internacional:

Circular a todas as Federações da Associação Internacional dos Trabalhadores.

Os delegados abaixo-assinados, representam um grupo de Seções da Internacional que vem se constituir sob o nome de *Federação Jurassiana*, se dirigem, pela presente circular, a todas as Federações da Associação Internacional dos Trabalhadores e lhes pedem a se unir a elas para provocar a convocação, o quanto antes, de um Congresso Geral.

Nós vamos expor, em poucas palavras, quais as razões que nos fez reclamar essa medida, absolutamente necessária para impedir que nossa grande Associação de cair, sem seu conhecimento, num declive funesto, ao fim do qual ela encontraria sua dissolução.

Quando da criação da Associação Internacional dos Trabalhadores, foi instituído um Conselho Geral que devia, nos termos dos estatutos, servir de secretaria-geral de correspondência entre as Seções, mas ao qual não foi delegado nenhuma autoridade, o que era contrária a essência mesmo da Internacional, que não é outra coisa que um imenso protesto contra a autoridade.

As atribuições do Conselho Geral estão claramente definidas pelos seguintes artigos dos Estatutos Gerais e o Regulamento Geral:

Estatutos Gerais. - Art. 3. - É estabelecido um Conselho Geral composto de trabalhadores representando as diferentes nações fazem parte da Associação Internacional. Ele toma em seu seio, segundo a necessidade da Associação, os membros da secretaria, com presidente, secretário-geral, tesoureiro e secretários particulares para os diferentes países (GUILLAUME, 1910, p. 237).

Todos os anos, o Congresso reunido indicara a sede do Conselho Geral, nomeará seus membros, lhe deixando o direito de adicionar aos membros suplementares, e escolherá o lugar do próximo necessário. À época fixada pelo Congresso, sem que seja necessária uma convocação especial, os delegados se reunirão com plenos direitos no lugar e dia designados. Em caso de força maior, o Conselho Geral poderá mudar o lugar do Congresso, sem mudar, todavia, a data.

Art. 4. - A cada Congresso anual, o Conselho Geral publicará um relatório dos trabalhos do ano. Em caso de urgência, ele poderá convocar o Congresso antes do término fixado (GUILLAUME, 1910, p. 237).

Nos Congressos subsequentes da Internacional, em Lausanne (1867) e em Bruxelas (1868), o Conselho Geral foi confirmado em Londres. Quanto a sua composição, todos aqueles que assistiram aos Congressos Gerais sabem como a coisa se passava: votou-se a confiança às listas que estavam apresentados no Congresso e que levariam a maioria dos nomes absolutamente desconhecidos aos delegados. A confiança foi tão longe, que a faculdade era mesmo deixado no Conselho Geral de se adicionar quão bom lhe parecia e, por essa disposição dos estatutos, a nomeação do Conselho Geral pelo Congresso tornou-se ilusório. De fato, o Conselho podia, posteriormente, se acrescentar todo um grupo que seria modificado completamente a maioria e as tendências.

No Congresso de Basiléia, a confiança cega espera até um tipo de abdicação voluntária entre as mãos do Conselho Geral. No meio de *resoluções administrativas*, nós chegamos, sem muito se perceber, no espírito e na carta dos Estatutos Gerais, onde a autonomia de cada Seção, de cada grupo de Seções era tão claramente proclamada. Que julgamos:

*Resoluções administrativas de Basiléia* – Resolução VI. - O Conselho Geral tem o direito de suspender, até o próximo Congresso, uma Seção Internacional (GUILLAUME, 1910, p. 238).

O Congresso de Sonvillier atribuiu a um determinismo o ocorrido com o Conselho Geral, como vemos na Resolução VII, abaixo, eles concluem que foi devido a manutenção dos mesmos homens, por muito tempo nas mesmas funções, o que levou a eles introjetarem o poder e a vontade de mando. Uma “lei fatal”, como diziam, que ninguém pode escapar.

*Resolução VII.* - Quando conflitos se elevarem entre as sociedades ou filiais de um grupo nacional, ou entre os grupos de diferentes nacionalidades, o Conselho Geral

terá o direito de decidir sobre o diferente, salvo chamado pelo próximo Congresso próximo, que decidirá definitivamente”.

Era colocar entre as mãos do Conselho Geral um poder perigoso, e foi errado não prever o resultado.

Se é um fato incontestável, mil vezes atestado pela experiência, é o efeito corruptor que produz a autoridade sobre aquele entre as mãos das quais ela é depositada. É absolutamente impossível que um homem que tem poder sobre seus semelhantes transforma um homem moral.

O Conselho Geral não pode escapar dessa lei fatal. Composto durante cinco anos seguidos os mesmos homens, sempre reeleitos e revestido pelas resoluções de Basiléia de um poder muito grande sobre as Seções, acabou por se olhar como legítimo da Internacional. O mandato do membro do Conselho Geral tornou, entre as mãos de quais individualidades, como uma propriedade pessoal, e Londres lhe pareceu a capital imóvel de nossa Associação. Pouco a pouco, os homens, que não são que nossos mandatários regulares, não tendo sido eleitos por um Congresso, - os homens, dizem-nos, habituados a marchar em nossa cabeça e a falar em nosso nome, têm sido condizidos, pela corrente natural das coisas e pela força mesma dessa situação, a querer fazer predominar na Internacional seu programa especial, sua doutrina especial. Tendo se tornado a seus próprios olhos, um tipo de governo, era natural que suas ideias particulares lhes parecem como a teoria oficial, como a única a ser citada legitimamente na Associação. Enquanto às ideias [sic] divergentes emitidas por outros grupos lhe pareciam, não mais a legítima manifestação de uma opinião igualmente no direito quanto a sua, mas uma verdadeira heresia. Assim foi constituído, pouco a pouco, uma ortodoxia da qual a sede estava em Londres, cujos representantes eram os membros do Conselho Geral. Rapidamente, os correspondentes do Conselho para cada país se dão por missão, não mais servir como intermediários neutros e desinteressados entre as diversas Federações, mas de se fazer de apóstolos da doutrina ortodoxa, de lhe servir de propagadores e servir aos interesses de seita no detrimento dos interesses gerais da Associação (GUILLAUME, 1910, p. 240).

Frente a essa lei natural e fatal, que nenhum homem conseguiria escapar, o que o Conselho de Sonvillier propôs? Vemos, nessa resolução, a volta da lógica proudhoniana, pois o problema recai no princípio eterno da autoridade. Contra esse princípio de autoridade, pedem a manutenção do princípio de autonomia.

Por conta disso, o que nós faremos?

Nós não incriminamos as intenções do Conselho Geral. As pessoas que o compõem são vítimas de uma necessidade fatal. Eles quiseram, de boa fé e pelo triunfo de sua doutrina particular, introduzir na Internacional o princípio de autoridade. As circunstâncias parecem favorecer essa tendência, e ele nos parece completamente natural que essa escola, cujo ideal é a *conquista do poder político pela classe operária*, tendo creram que a Internacional primitiva e se transformar numa organização hierárquica, dirigida e governada por um Comitê.

Mas se nós nos explicamos essas tendências e esses fatos, nós não nos sentimos menos obrigados de os combater, em nome dessa Revolução Social que nós perseguimos e, cujo programa é: “Emancipação dos trabalhadores por eles mesmos”, por fora de toda autoridade diretriz, essa autoridade foi eleita e consentida pelos trabalhadores.

Nós pedimos a manutenção, na Internacional, desse princípio da autonomia às Seções, que foi até o momento a base de nossa Associação. Nós pedimos que o Conselho Geral, cujas atribuições foi desnaturalizada pelas *resoluções*

*administrativas* do Congresso de Basiléia, reentrar em seu papel, que é aquele de uma simples secretaria de correspondência e de estatística. Essa unidade queria estabelecer pela centralização e a ditadura, nós queremos realizar pela federação livre de grupos autônomos.

A sociedade futura não deve ser outra coisa que a universalização da organização que a Internacional será dada. Nós devemos então ter cuidado ao aproximar o mais possível dessa organização de nosso ideal. Como podemos querer que uma sociedade igualitária e livre saída de uma organização autoritária? É impossível. A Internacional, embrião da futura sociedade humana, é obrigado a ser, desde o presente, a imagem fiel de nossos princípios da liberdade e da federação e de retirar de seu seio todo princípio tendente à autoridade, à ditadura.

Nós concluímos à convocação, num período curto, de um Congresso Geral da Associação.

Viva a Associação Internacional dos Trabalhadores!

Sonvillier, 12 de novembro de 1871.

Delegados no Congresso da Federação jurassiana (GUILLAUME, 1910, p. 241).

A força desse Congresso repousava, sobretudo, no apoio conseguido nas filiais da Internacional de países como Bélgica e Espanha, às quais pediam revisão dos Estatutos e a convocação de um Congresso para o mais rápido possível.

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES  
FEDERAÇÃO JURASSIANA  
ao Conselho Geral belga.

Companheiros, as Seções da Federação jurassiana, após ter tomado conhecimento das resoluções adotadas pelo Congresso operário belga, ocorrido nos dias 24 e 25 de dezembro [1871], nos encarrega de vos declarar que elas dão sua adesão plena e inteira às ditas resoluções.

O Congresso de Sonvillier, convidando todas as Federações da Internacional a *convocação, o mais rápido possível, de um Congresso Geral*, tinha por finalidade estabelecer a princípio, que o Congresso Geral não poderá ser suprimido e substituído no futuro por simples Conferências. A atitude recente da maioria dos internacionalistas esperar manter intactas essas grandes internacionais do trabalho que levaram o nome de Congressos Operários Gerais.

Nessas circunstâncias, a Federação jurassiana não pensa que será oportuno acelerar a convocação do Congresso. Ela se limita a insistir para que o Conselho Geral, *sobre nenhum pretexto*, não possa suprimir o Congresso regular que deve ter lugar em 1872, como ele o fez em 1871. Ela crê que todas as Federações regionais farão bem em aderir as resoluções do Congresso belga, e de se preparar para o próximo Congresso Geral regular, numa revisão séria de nossos Estatutos Gerais, tendo em conta as experiências feitas após a fundação da Associação.

O Conselho Regional belga prestara um serviço à Associação se ele enviar a cada Federação o projeto de Estatutos Gerais que ele é chamado a elaborar. O desenvolvimento da organização da Internacional na Bélgica o torna mais que outro Conselho Regional de apresentar um projeto que posso servir de base de discussão a todas as Federações.

Nós vos seremos gratos de dar ao presente texto toda publicidade possível, a fim de cortar às falsas interpretações que foram feitas da circular de Sonvillier.

Em nome da Federação Jurassiana,

Os membros da Federação Jurassiana,

Membros do Comitê federal. Sonvillier (Jura berniense, Suíça), 7 de fevereiro (GUILLLAUME, 1910, p. 258-259).

Passada a Conferência de Londres e o Congresso de Sonvillier, com toda a repercussão que ambas produziram, o clima de cisão pairou sobre a AIT, as alas já pareciam desenhadas. O Conselho Geral, contando com os genebrinos, os alemães e os blanquistas, enquanto os jurassianos, sendo apoiadas pela Bélgica, Espanha, Itália e parte dos ingleses.

### **5.5 CONGRESSO DE HAIA: um duelo, dois feridos de morte.**

No outono de 1872, entre 2 e 7 de setembro, dele participaram 65 delegados, representando 14 países. Desses a maioria era de 18 delegados franceses e 15 delegados alemães, totalizando 33 delegados, “muitos dos quais eram membros do Conselho Geral” (MUSTO, 2014, p. 62). Fora essa dobradinha franco-alemã, participaram do Congresso “sete delegados belgas, cinco ingleses, cinco espanhóis, quatro suíços, quatro holandeses, dois austríacos e um único delegado Dinamarca, Irlanda, Hungria, Polônia e Austrália (MUSTO, 2014, p. 62)”. Paul Lafargue era delegado da Federação de Lisboa e pela Federação Madri.

Marx vendo a necessidade da defesa de sua linha, tomou parte pessoalmente neste Congresso, sendo que, foi o único em que o fundador da Filosofia da Práxis participara pessoalmente e acompanhado de seu inestimável Engels. Contudo, tanto César de Paepe, principal militante belga, quanto Bakunin, líder da ala autonomista, não estiveram presentes. O componente “autonomista”, isto é, a posição de todos aqueles que se opunham às escolhas do Conselho Geral, foi representado por 25 delegados (todos os provenientes da Bélgica, da Espanha e da Holanda, a metade dos suíços e alguns da Inglaterra, da França e dos Estados Unidos).

No *Concordia Hall*, a discórdia tomou conta. O antagonismo fez com que dois campos irreduzíveis se formassem, até mesmo o credenciamento foi objeto de três dias de trabalho e polêmicas. “Na Alemanha, por exemplo, não existiam propriamente seções da Internacional, enquanto na França elas eram clandestinas, o que tornava muito discutível a verificação dos mandatos de seus delegados” (MUSTO, 2014, p. 62). Além de alguns membros do Conselho Geral que não representavam seção nenhuma.

Para Musto, foi feita uma frente “espúria”, mas que representava “a parte mais consistente da Internacional”, parte que conseguiu aprovar suas resoluções no Congresso de Haia” (MUSTO, 2014, p.63). Dentre essas, a mais importante foi a supracitada Resolução IX, aprovada como artigo 7a. O novo artigo definia como imprescindível a luta política à emancipação das classes trabalhadoras.

Porque os senhores da terra e do capital se servem de seus privilégios políticos para proteger e perpetuar seus monopólios econômicos, assim como para escravizar o trabalho, “a conquista do poder político converte-se numa grande obrigação do proletariado” (GUILLAUME, 1905, p. 334).

A Internacional em 1872 passava por uma modificação profunda, consolidando uma tendência que vinha se constituindo com a saída dos democratas-radicais e mutualistas devido a radicalização e maturação teórica e prática da organização. Se internamente ocorreu uma modificação significativa na Associação, externamente a Europa passou por uma guerra, pela Comuna de Paris e a Unificação de dois Estados Nacionais Itália e Alemanha. Para Musto: “O novo contexto tornava pouco plausível a continuidade de um organismo supranacional ao qual as organizações dos vários países, ainda que munidas de autonomia, deviam ceder uma parte consistente da direção política e uma cota das contribuições dos próprios filiados” (MUSTO, 2014, p. 64).

Outros fatores tencionavam a organização, como a legalização dos sindicatos ingleses, a estruturação e ramificação da Federação Belga da Internacional, a vida dos dois partidos operários na Alemanha, “mudanças análogas se haviam produzido em outros países” (MUSTO, 2014, p.64). Assim, até fatores positivos, modificaram a dinâmica das seções com relação ao Conselho Geral. Mas foi, com a ruptura realizada pela Comuna, que o fim imediato a organização se confundiu colidiu com seu fim último, a Revolução Social. Não mais a questão da reforma da sociedade existente, mas da construção de uma nova.

“Os três primeiros dias do Congresso, segunda, terça e quarta foram inteiramente empregados à verificação dos mandatos” (GUILLAUME, 1910, p. 321). Sobre esses sessenta e sete delegados, dois não foram admitidos (Joukovsky e West). Dos outros sessenta e cinco, quarenta formavam a maioria, vinte e cinco a minoria. A Comissão de verificação dos mandatos foi composto por sete membros: Marx, Ranvier, Fränkel, Mac Donnell, Dercure, membros da maioria e dois representantes da minoria, Gerhard e Roach. A maioria do Congresso havia decidido que, vista a situação excepcional feita à Internacional pela lei francesa, os mandatos vindos das Seções da França, mandatos de cinco membros do Conselho Geral sendo portadores, assim como seis outros delegados, não poderiam ser nada além de membros da Comissão de verificação e que o Congresso ignorava até o nome das cidades onde se encontravam as Seções. Era preciso então aceitar de olhos fechados todos os delegados que se diziam enviados por uma Seção da França. Toda investigação sobre isso foi impedida, e nós devíamos reportar cegamente às ações de uma comissão composta por uma maioria de nossos adversários declarados.

Segundo relato de Guillaume, na Alemanha não havia seções da Internacional, somente inscrições individuais. Revelante a questão votada na Basileia, em que delegados de países sem Seções não teriam direito a voto e voz sobre questões administrativas. Para fugir a essa regra, os

internacionalistas alemães alegaram a existência de Seções alemães da Internacional para poderem votar.

A fraude à delegação francesa era fácil

Serrailier, secretário do Conselho Geral para a França, foi a Haia com “os bolsos cheios de mandatos franceses” que era impossível controlar. As Seções das quais Serrailier pretendia ter todos esses mandatos existiam realmente? Ninguém além de Serrailier e seus amigos sabia. Cinco membros do Conselho Geral não possuíam outra delegação que essa francesa tão suspeita (GUILLAUME, 1910, p. 326).

Desses,

só um, Dumont, havia indicado a cidade de onde vinha sua delegação, Rouen, a qual, após o Congresso de Haia, a Federação das Seções Internacionais de Rouen inflige uma negativa a seu mandato por conta dos abusos que ele realizou ao votar com os *autoritários*, quando suas instruções eram para votar com os *federalistas* (GUILLAUME, 1910, p. 326).

Os mandatos franceses com os quais Serrailier havia enchido os bolsos deveriam servir para forçar Marx na questão de transferir o Conselho Geral e vide como:

Um partido se formou, no seio do Conselho Geral, que queria que a sede do Conselho deixasse de ser em Londres e fosse mudado para o continente na Bélgica ou na Suíça. Era da opinião de muitos antigos membros do Conselho, Jung, Eccarius, Johannard, Serrailier mesmo, após um grupo blanquista nele entrou e estabeleceu influência, essa opinião era também partilhada pelos membros ingleses, Hales, Mottershead, radnick, Mayo, Roach, etc, Marx e Engels, pelo contrário, estavam ansiosos para manter o Conselho em Londres, para ter nas mãos e os blanquistas admitidos recentemente no Conselho, Arnaud, Vailant, Courmet, Ranvier, Constant Martin, os apoiam, se fazendo tropas e instrumentos de dominação (...) Quando a questão estava a ser posta no Congresso, Serrailier, vendo que Marx defenderia em sua opinião, o avisa, para o desencorajar, lhe diz que iria distribuir a um certo número de proscritos franceses vindos à Haia em espectadores – Lissagaray e outros – os mandatos os quais ele dispunha. Iria constituir, assim, por sua própria autoridade, um grupo blanquista capaz de dar o xeque e ganhar o voto, malgrado Marx, sobre a questão do Conselho. Frente essa ameaça, Marx capitula, lhe importa conservar aos olhos do público, ao menos nas aparências da autoridade, e ele não arriscaria virar minoria, mesmo que fosse uma só vez. Ele consentiu, então, a renunciar a manutenção do Conselho em Londres: mas, afinado com Engels, imagina um meio de assegurar sua influência sobre o futuro Conselho Geral. Propõe que ele fosse mudado não para Europa, onde provavelmente escaparia de sua influência, mas no outro lado do Atlântico, em Nova York: proposição que foi votado, como veremos, graças a adição de nove votos da minoria (GUILLAUME, 1910, p. 327).

Os blanquistas, para quem Marx havia feito, antes do Congresso, promessas formais que iria votar os crescimentos dos poderes do Conselho Geral, pois ele contava que o Conselho permaneceria em suas mãos, por fim, os blanquistas viram-se usados. A seu despeito, eles deixaram o Congresso e



saíram, em seguida, da Internacional. Mas esses homens, no final das contas, foram derrotados por um grupo mais rápido que o deles.

É necessário tratar o como os blanquistas – Cournet, Vaillant Arnaud e Ranvier – haviam obtido os mandatos? Cournet era nomeado delegado pelo Comitê Central de Conpehague! Ele poderia seriamente falar em nome do proletariado da Dinamarca? O programa revolucionário que ele apresenta ao Congresso de Haia, com seus amigos respondia minimamente às aspirações dos trabalhadores dinamarqueses? Vaillant, usou um mandato da Seção de Chaux-de-Fonds. Arnaud, seção de Carouge. Ranvier, Seção de Paris.

Uma coisa que havia contrariado os marxistas, foi a atitude tomada pelas Seções de Genebra, sobre as quais estavam provavelmente contando para enviar ao Congresso muitos delegados disciplinados. Essas Seções começavam a se cansar do papel que ele os faziam jogar. Outine havia perdido muito de sua influência e havia deixado Genebra, em pouco tempo. Havia escolhido Zurique como seu domicílio momentâneo, esperando emigrar para Londres, depois retornando a Rússia agraciado pela clemência imperial. Quando chegou a circular do Conselho Geral anunciava que a sede do Congresso seria em Haia, as Seções genebrinas haviam reclamado contra essa escolha Nós a vimos querer serem independentes como os jurassianos. O Conselho Geral, respondeu aos genebrenses, assim como para nós, que ele não poderia mudar sua decisão. Então, as Seções de Genebra, descontentes, resolveram não enviar os delegados ao Congresso (GUILLAUME, 1910, p. 329).

O Comitê federal românico, para não faltar com seus aliados nesse momento crítico, envia um delegado como seu representante para o Congresso de Haia: Duval. A objeção feita aos espanhóis era que sua Federação não havia pagado suas cotizações a Londres. O Conselho Geral cria ter encontrado um argumento sem réplica, infelizmente, para ele, os espanhóis haviam trazido a cotização com eles (GUILLAUME, 1910). Porém, mesmo com as contas pagas, ainda seriam postos outros empecilhos.

Mas o senhor Marx é um homem de recursos. Ele encontra imediatamente um novo pretexto. Os delegados espanhóis, diz-se ao Congresso, são implicados nas questões da Aliança e de que convêm suspender sua admissão até depois dessa discussão (GUILLAUME, 1910, p. 331).

Frente a essa provocação, o delegado de Sevilha discursou perguntando se a maioria ousaria expulsar a Federação espanhola. “A maioria não ousa responder, e os espanhóis foram admitidos” (GUILLAUME, 1910, p. 331). A maioria era composta por: Dezesseis membros do Conselho Geral: um dos quais Dupont, só possuía um mandato como membro do Conselho; quatro, Le Moussu, Lessner, Mac Donnell e Wroblewsky, representante das Seções francesas, alemães, irlandeses e poloneses constituídas em Londres. Dois deles, Arnaud e Cournet, tinham mandatos fictícios de Carouge e de Copenhague. Três, Engels, Maltamn Barry e Marx, tinham três mandatos americanos enviados por Sorge. Engels e Marx tinham também um mandato alemão de Seções que não existiam

mais. Por fim, seis, Fränkel, Johannard, Longuet, Ranvier, Serrailier e Vaillant, estavam munidos de mandatos franceses invisíveis. Seis delegados – dos quais cinco estavam sob pseudônimo - se dizendo vindos de Seções da França, sem que nenhum controle fosse possível. Nove delegados vindos da Alemanha, que pelas deliberações do Congresso de Basileia não teriam o direito de votar. Três delegados com mandatos suíços: J-Ph. Becker, Duval e Friedländer. Dois delegados vindos dos Estados- Unidos: Dereure e Sorge. um Boêmio, Heim. um dinamarquês, Phil. um húngaro, Frakas e Paul Lafargue (GUILLAUME, 1910).

Total de quarenta homens pela maioria. Esse resultado era magro e não refletia os esforços feitos por Marx e Engels para conseguir votos. Quarenta homens, dos quais 16 eram do Conselho Geral. Tirando os mandatos dos Conselho Geral e todos os outros suspeitos e fictícios, sobram os três suíços (dos quais dois eram alemães e o terceiro, Duval, francês), os dois americanos (dos quais um era alemão e o outro parisiense), o boêmio, o dinamarquês, o húngaro e Lafargue, ao todo nove.

Compunham a minoria: Quatro delegados nomeados ao escrutínio por todas as Seções da Federação espanhola e portadores de um mandato imperativo: Alerini, Farga-Pellicer, Marselau e Morago. Dois jurassianos nomeados pelo Congresso da Federação jurassiana e portadores também de um mandato imperativo: James Guillaume e Adhémar Schwitzguébel. Sete belgas, representando as diversas Seções e federações: Brismée, Coenen, Eberhardt Fluse, Herman, Splingard, Van den Abeele. Quatro holandeses representando o Conselho federal holandês e diversas Seções: Dave, Gerhard, Gilkens, Van der Hourt. Cinco delegados de Seções inglesas: Eccarius, John Bales, Harcourt, Mottershead, Roach. Um francês, representando a Seção francesa de Bruxelas: Cyrille. Um americano, Sauva, representando as Seções 29 e 42 dos Estados- Unidos. A esses vinte quatro delegados é preciso acrescentar Sexton, membro do Conselho Geral, que vota com a minoria, mas que não tinha como Dupont, outro mandato que aquele de membro desse Conselho (GUILLAUME, 1910,).

Uma vez terminada a verificação dos mandatos, que tinha consumado três dias inteiros, o Congresso, na quarta a tarde, se ocupa da constituição de sua secretaria. Durante os três primeiros dias, a presidência provisória havia sido confiado ao delegado belga Van den Abeele: foi substituído de suas funções por Ranvier. Para a vice-presidência, Dupont e Gerhard obtiveram cada um 27 votos, Sorge 25; Dupont recusa de modo que os dois vice-presidentes foram Gerhard e Sorge. Os secretários foram Le Moussu, Hepner, mac Donnel, Fränkel, Wilmot, Eccarius, Marselau, Dave e Van den Abeele. Não havíamos designados os secretários por mera formalidade. Pois, durante toda duração do Congresso não foi lido nenhuma ata, malgrado as reclamações da minoria, a qual era sempre respondida que o tempo não permitia. Por fim, na última sessão, a maioria decide que a redação das atas seria confiada a uma comissão composta de Dupont, Engels, Fränkel, Le Moussu, Marx e Serrailier e que o novo Conselho Geral estaria encarregado da publicação (GUILLAUME, 1910, p. 334).

Desde a abertura do Congresso, os espanhóis haviam depositado uma moção de ordem propondo mudar o modo de votação. O uso adotado nos Congressos precedentes era atribuir um voto a cada delegado. Os espanhóis, conforme seu mandato, solicitaram que o voto de cada delegado fosse contado proporcionalmente no número de membros da internacional que representava. Os belgas e os jurassianos, por seu lado, propuseram que o voto fosse, não por cabeça, mas por federação. Essas proposições foram repostas pela maioria, que perderia caso isso fosse admitido. Por conta disso, os espanhóis e os jurassianos declararam que eles não tomariam parte em nenhuma votação e que eles considerariam o Congresso como uma comédia. Mas eles anunciaram, ao mesmo tempo, que estavam dispostos a assistir até o fim, para protestar contra as atitudes da maioria (GUILLAUME, 1910).

A ordem do dia do Congresso foi assim fixada: 1º Discussão sobre os poderes do Conselho Geral; 2º Discussão sobre a proposição de adicionar aos Estatutos Gerais a resolução IX da Conferência de Londres relativa à ação política do proletariado; 3º diversas medidas administrativas, como a eleição do Conselho Geral, a escolha do próximo lugar Congresso, a verificação das contas do Conselho Geral, os relatórios de diversas comissões (GUILLAUME, 1910).

Sobre a proposição do Conselho Geral, uma Comissão de cinco membros foi nomeado, na terça-feira à noite, para se ocupar de uma pesquisa sobre a sociedade Aliança, e apresentar um relatório ao Congresso. Esses cinco membros foram: Um alemão, três franceses e um belga. Essa mesma comissão recebeu o mandato de fazer uma pesquisa sobre as artimanhas do Conselho Geral e suas violações dos estatutos, que tinham sido denunciados pelas federações espanholas e jurassianas. Foi Cuno [alemão] que presidiu a Comissão (GUILLAUME, 1910). Esse Cuno havia composto a internacional em Milão.

Terminadas as preliminares, o Congresso pôde então ter uma sessão pública, na quinta a tarde, 5 de setembro. “Até então tudo havia passado em sessões privadas, nas quais os delegados eram admitidos apenas convidados” (GUILLAUME, 1910, p. 335). “A leitura do relatório terminado, os delegados da Federação jurassiana propuseram a adoção da seguinte resolução, que eu havia redigido”: (GUILLAUME, 1910, p. 335).

O Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, reunido à Haia, exprime, no nome de todo proletariado, sua admiração aos heroicos campeões da causa da emancipação do trabalho, que tomaram vítima de seu devotamente, e envia sua saudação fraternal e simpática a todos aqueles que perseguidos agora pela reação burguesa, na França, na Alemanha, na Dinamarca e no mundo inteiro (GUILLAUME, 1910, p. 335-336).

A proposta foi adotada por aclamação. Na quinta à noite, ocorreu uma segunda sessão pública, na qual o debate ocorre sobre a primeira questão da ordem do dia: os poderes do Conselho Geral. “Reproduzo um pedaço da ata de nosso *Bulletin*” (GUILLAUME, 1910, p. 336). *Herman*, delegado

das Seções de Liège e membro do Conselho Geral, abriu a discussão. Hermann pertencia à oposição. As Seções que ele representa são da opinião, assim como as Seções belgas em geral, que o Conselho Geral não deveria ser um centro político que impunha uma doutrina e nem que pretenda dirigir a Associação.

Deve ser formado de um modo diferente do que é hoje, cada país podendo nomear representantes, sem que ele possa adicionar nenhum membro estranho. O objetivo perseguido pela Internacional, isto é, a organização das forças proletárias na luta contra o capital, com esse objetivo supremo, a abolição do salariado e do proletariado. Cada país deve ser livre para procurar os meios de ação que lhe convêm melhor nessa luta. Quanto a ele, seu mandato é formal: exige que o Congresso estabeleça as condições tais que o Conselho Geral não possa impor nenhuma direção à Associação (GUILLAUME, 1910, p. 336).

Lafargue, aliado de Marx, responde a Herman:

As atribuições do Conselho Geral devem ser mantidas, é por conta dele que a Internacional existe, caso o suprima, a Internacional perecerá. Ele diz do Conselho Geral o que Voltaire diz de Deus: caso ele não existisse, seria preciso inventá-lo (GUILLAUME, 1910, p. 336).

James Guillaume é incumbido da tréplica:

Há atualmente na Associação Internacional, diz ele, duas grandes correntes de ideias [sic]. Uns a consideram como a produto permanente de um grupo de homens possuidor de uma certa doutrina social, cuja aplicação deve emancipar o trabalho, esses homens propagam para toda sua doutrina e procurando toda propaganda contrária. Pensa-se que é graças a esse grupo, que mantém um tipo de ortodoxia e a causa dela, que a Internacional existe. De outro lado, pelo contrário, há os que creem que a Internacional resulta da ação de um grupo qualquer de homens, mas as condições econômicas de cada país. A situação análoga dos trabalhadores, nos diversos países, produz uma identidade de sentimentos, de aspirações e de interesses que, espontaneamente, deu origem à Internacional. Não é uma concepção saída de um cérebro qualquer, mas a resultante necessária dos fatos econômicos (GUILLAUME, 1910, p. 338).

Foi em sessão privada, na sexta a tarde, que se designa a sede do novo Conselho Geral. Por 26 votos a favor, contra 23, tendo 9 abstenções, ele foi de início decidido que a sede do Conselho Geral seria mudada. Marx, que havia prometido aos blanquistas votar para a manutenção de Conselho em Londres, os trai e defende mudança, assim como Engels e seus aliados, Lafargue, Longuet, Lessner, Kugelmann, Dupont, Le Moussu, Maltman Barry. Quatro membros da minoria, belgas e holandeses, Herman, Splingard, Gerhard, Van der Hout, votaram, com os cinco blanquistas, Arnaud, Courmet, Dereure, Ranvier e Vaillant, pela manutenção do Conselho em Londres, assim como quatorze membros da maioria. Eccarius e uma parte dos ingleses, obrigados a voltar a Londres, já haviam deixado o Congresso (GUILLAUME, 1910).

Em seguida, Engels propõe Nova York como sede do Conselho Geral. Como Marx, antes, havia insistido para conservar o Conselho em Londres, pois temia que ele fosse transferido para Bélgica ou para Suíça, a ideia de o mudar para América deveria parecer um golpe de mestre. Se não foi ele o inventor, a adotou com entusiasmo. Em Nova York, pensava ele, o Conselho Geral estaria sobre a guarda de seu amigo Sorge, o qual estava sob sua influência.

Mas Marx, malgrado sua fineza, não havia pensado numa coisa, que, ao enrolar os blanquistas e crendo dar um golpe de mestre destinado a eternizar seu poder sobre o Conselho, ele fazia, sobretudo, o serviço da minoria, que pensava assim: “Uma vez o Conselho Geral colocado no outro lado do Atlântico, será para nós, de fato, como se não existisse mais, o que vai nos oferecer uma bela ocasião de provar, de um modo prático, que podemos passar sem Conselho Geral” (GUILLAUME, 1910, p. 339).

Na verdade, foram os nove votos dos membros da minoria, ingleses, belgas e holandeses que, juntando seus votos com os de Marx e seus aliados, deram a maioria para a escolha de Nova York: foram 30 votos a favor de Nova York, 14 votos contra e 12 abstenções. Se os nove membros da minoria que votaram por Nova York dessem seu voto contra, Nova York, obteria 21 votos, contra 23 negativos. “Enquanto Marx se alegrando do sucesso de sua trapaça e da vitória que viria de importar sobre os blanquistas, a minoria, de sua parte, se felicita do erro cometido por Marx e seus aliados” (GUILLAUME, 1910, p. 339).

Na sexta a noite ocorreu a terceira sessão pública. Discutiu-se uma proposição vinda de um certo número de membros da maioria e que consistia em introduzir nos Estatutos Gerais a resolução IX da Conferência de Londres, com uma nova redação assim concebida:

Em sua luta contra o poder coletivo das classes possuidoras, o proletariado não pode agir como classe sem que se constitua num partido político distinto, oposto a todos os antigos partidos formados pelas classes possuidoras.  
Essa constituição do proletariado em partido político é indispensável para assegurar o triunfo da revolução social e de seu objetivo supremo, a abolição das classes.  
A coalizão das forças operárias, já obtida pelas lutas econômicas, deve também servir de alavanca para essa classe na luta contra o poder político de seus exploradores.  
Os senhores da terra e do capital se servem sempre de seus privilégios políticos para defender e perpetuar seus monopólios econômicos e submeter o trabalho, a conquista do poder político se torna o grande dever do proletariado (GUILLAUME, 1910, p. 340).

Os delegados debateram efusivamente a questão do poder político. Os marxistas e blanquistas defendiam a necessidade da tomada do poder pela classe trabalhadora, os blanquistas insistindo na ditadura revolucionária. Guillaume, criticando o abstencionismo e a posição da tomada do poder, disse:

declara que esse termo [abstencionismo], introduzido por Proudhon no vocabulário socialista, que leva ao equívoco, o que a minoria do Congresso quer era, não a indiferença política, mas uma política especial, negação da política burguesa e que nós chamamos a política do trabalho. A distinção entre a política positiva da maioria e a política negativa da minoria é, por fim, marcada claramente pela definição do objetivo que cada uma delas se propõe: a maioria quer a *conquista do poder político*, a minoria quer a *destruição do poder político* (GUILLAUME, 1910, p. 342).

Após a votação do “artigo 7a”, debate-se e vota-se a conquista do poder político como imprescindível, ponto que é acrescentado aos Estatutos, junto a isso “o apontamento de que o partido operário era essencial para efetivá-la” (MUSTO, 2014, p. 66). Entra em pauta a votação de dar maiores poderes ao Conselho Geral:

A partir daquele momento, o Conselho tinha a tarefa de garantir em cada país a “rígida observação dos princípios estatutos e regras gerais da Internacional”, e a ele se atribuía “o direito de suspender ramos, seções, conselhos ou comitês federais e federações da Internacional até o próximo congresso (MUSTO, 2014, p. 66).

Após o voto que havia transferido o Conselho Geral a Nova York e estabeleceu a divisão no campo da maioria, a minoria, encontrava o terreno dos aliados de Marx abalado, pode chegar a um consenso que procurava desde o início do Congresso. As reuniões privadas da minoria tinham ocorrido em vários locais das Seções de Haia. Todos os membros da oposição, os ingleses e o americano Sauva, haviam assistido. Havia trocado as ideias e constatado que tinha de início numa declaração para ler no Congresso. Essa declaração havia aparecido, a princípio, deveria ser difícil a elaborar, vendo certas divergências de detalhes entre os delegados de tal ou tal Federação. Mas, após o voto transportando o Conselho Geral a Nova York, a coisa andou sozinha. No sábado de manhã, chegou-se a uma redação definitiva, que foi apresentado à assinatura de todos os delegados da oposição.

Todos a assinaram, com exceção dos ingleses que já haviam deixado Haia, mas que tinham, nas reuniões precedentes da minoria, aprovada os princípios. As assinaturas de dois delegados holandeses, Gilkens e Van der Hout, faltou sob esse documento, eles já haviam retornado para Amsterdam. Falta também, eu não sei porque, as assinaturas de dois delegados belgas, Heman e Splingard (GUILLAUME, 1910, p. 343)<sup>136</sup>.

No sábado de manhã, os blanquistas (Arnaud, Cournet, Ranvier e Vaillant), furiosos, deixaram o Congresso (Dereure havia permanecido). Ranvier, abandonando a presidência, o qual foi substituído por Sorge.

---

136 Vide documenta Declaração da Minoria abaixo.

A minoria, mais compacta e resoluto, tinha consciência que ela era a verdadeira representação da Internacional, dizia o contrário: a Internacional está salva, ela vai tomar posse dela mesma, a autoridade do Conselho Geral, votado em início pela maioria, foi abolido de fato pela escolha de Nova York (GUILLAUME, 1910, p. 343).

O novo Conselho Geral é eleito e a presidência recai sobre Sorge, aliado de Marx.

Os marxistas decidiram que o Congresso só nomearia dois membros do Conselho Geral e que o novo Conselho teria, não a faculdade, mas o dever de acrescentar ulteriormente três membros [...]. Os doze membros, eleitos pela maioria obtiveram de 29 a 22 dois sufrágios, a minoria se abstêm (GUILLAUME, 1910, p. 343).

Foi decidido que o próximo Congresso Geral ocorreria na Suíça.

Uma quarta e última sessão pública no lugar de sábado a tarde: foi consagrada, não tem um deste entre os delegados, mas uma expôs os princípios da Internacional, endereço num numeroso auditório por muitos oradores, entre outros por Víctor Dave, que se exprimia corretamente em holandês, por Van der Hout e Brsimée. Constantemente as calorosas aplaudem dados a esses delegados, que desenvolvem às ideias da minoria, pelo público néerlandeis. Lafargue sempre engenhoso, declara que esse fato prova que o Conselho ao escolher Haia pensava escolher um lugar favorável (GUILLAUME, 1910, p. 343).

A questão da Aliança:

A Comissão de enquete sobre a Aliança, nomeada na quarta a noite, tem sua reunião, a portas fechadas, no local da Seção de Haia e fez comparecer frente ela testemunhas e aqueles que ela chamava de acusadas. Ela pretendia fazer sua enquete sobre a existência de uma sociedade secreta, que ela seria chamada Aliança da Democracia Socialista, e que existiria ao lado da associação pública fundada em setembro de 1868 sob esse nome. As duas sociedades teriam o mesmo programa e, a segunda, a Aliança pública, teria sido somente de fachada, disfarce destinada a dissimular a existência e a ação da primeira. Essa sociedade secreta teria estatutos e um programas opostos a aqueles da Internacional, da qual ela seria rival e inimiga (GUILLAUME, 1910, p. 344).

A Comissão de enquete sobre a Aliança empregou muitas sessões secretas para examinar os documentos que lhes foram reunidos por Engels, e para ouvir muitos testemunhos. Essa Comissão manifestou a princípio a estranha pretensão de se colocar como juiz de instrução: o interrogatório das testemunhas deveria ser secreto e deveria, em seguida, proceder a confrontações e procurar tomar os testemunhos faltantes.

Uma parte daqueles que foram chamados recusaram responder, outros, os acusadores, falaram durante horas [...]. Não podemos dizer o que houve nessas sessões, não conhecemos os depoimentos que foram feitos, nós não vimos as peças que foram produzidas. Mas bastará, para edificar nossos leitores, de lhes dar conhecimento das opiniões de dois membros da Comissão (GUILLAUME, 1910, p. 344).

Por fim, são expulsos a Seção 12 de Nova York, pois, segundo a resolução: “A Associação Internacional dos Trabalhadores baseia-se no princípio da abolição das casses e não pode admitir nenhuma seção burguesa” (MUSTO, 2014, p. 66). Seguida dessa houve a expulsão de Guillaume e Bakunin, ambos receberam 25 votados pela expulsão, somente Adhémar Schwitzguébel (1844-1895), sob as mesmas acusações, teve sua expulsão rejeitada.

Relatório da Comissão de enquete sobre a Sociedade da Aliança. Faltando tempo à Comissão para apresentar um relatório completo, “ela não pode fornecer nada além de uma apreciação, motivada sobre os documentos que lhe foram comunicados e as deposições que ela recebeu” (GUILLAUME, 1910, p. 344).

Após ter escutado os cidadãos Engels, Karl Marx, Wroblewski, Dupont, Serrailier e Swarm pela Associação. E os cidadãos Guillaume, Schwitzguébel, Joukovsky, Alerini, Morago, Marselau, Farga-Pellicer, acusados parte da sociedade secreta Aliança.

Os abaixo-assinados declaram:

1º Que a Aliança secreta, fundada com os estatutos completamente opostos aqueles da Associação Internacional dos Trabalhadores, existiu, mas não há como provar que ela ainda existe.

2º Que provou por um projeto dos Estatutos e cartas assinadas “Bakunin” que esse cidadão tentou e talvez conseguiu fundar, na Europa, uma sociedade chamada Aliança, tendo os estatutos completamente diferentes do ponto de vista social e do ponto de vista político daqueles da Associação Internacional dos Trabalhadores.

3º Que o cidadão Bakunin se serviu de artimanhas fraudulentas, esperando se apropriar de uma fortuna dos outros, o que constituiu uma fraude. Além do que, para não cumprir com seus deveres, ele ou seus agentes usaram de intimidação:

Por esses motivos, os cidadãos membros da Comissão, pedem ao Congresso:

1º Excluir o cidadão Bakunin da Associação Internacional dos Trabalhadores;

2º Excluir igualmente os cidadãos Guillaume e Schwitzguébel, convencidos que eles ainda fazem parte da sociedade dita Aliança;

3º Que na pesquisa foi provou que os cidadãos Malon, Bousquet – último comissário da política em Béziers (França) -, Louis Marchand, tendo permanecido em Bourdeaux, todos convencidos a agir com objetivo a desorganização da Sociedade Internacional dos Trabalhadores, a Comissão pede igualmente suas expulsões da Sociedade.

4º Com relação aos cidadãos Morago, Farga-Pellicer, Marselau, Alerini e Joukovsky, a Comissão, se reportando a suas declarações formais de não mais fazer parte da dita sociedade Aliança, pede ao Congresso que os declare inocentes.

Para garantir sua responsabilidade, os membros da Comissão pedem que os documentos que lhe foram comunicados, assim como os depoimentos feitos, sejam publicados pelos órgãos oficiais da Associação.

Haia, 7 de setembro de 1872.

Presidente: Ph.-P. Cuno, delegado de Stuttgart e de Düsseldorf.

Secretário: Lucain, delegado da França (GUILLAUME, 1910, p. 345-347).

No último dia do Congresso de Haia, a oposição pediu a fala e leu em conjunto a pedra basilar do que viria a ser o início do movimento pela Internacional de Saint-Imier:



Declaração da minoria.

Nós, abaixo-assinados, membros da minoria do Congresso de Haia, partidários da autonomia e da federação dos grupos de trabalhadores, frente ao todo de decisões que nos parecem ir contra os princípios admitidos pelos países que nós representamos, mas desejando evitar toda espécie de cisão no seio da Associação Internacional dos Trabalhadores, fazemos as seguintes declarações, que nós submetemos à aprovação das Seções que nos delegaram:

1º Nós continuaremos com o Conselho Geral nossas relações administrativas, incluindo o pagamento das cotizações, a correspondência e a estatística do trabalho.

2º As federações representadas por nós estabeleceremos entre elas e todas as filiais da Internacional regularmente constituídas as relações diretas e contínuas.

3º Nos casos onde o Conselho Geral queira interferir nos afazeres internos de uma Federação, as Federações representadas pelos abaixo-assinados se engajarão solidariamente a manter sua autonomia, não entrando em contradição aos Estatutos Gerais da Internacional aprovadas no Congresso de Genebra.

4º Nós engajaremos todas as Federações e Seções a se preparar aqui no próximo Congresso Geral, no triunfo, no seio da Internacional, como base da organização do trabalho, os princípios da autonomia federativa.

5º Nós repudiamos profundamente toda relação com o dito Conselho federalista universal de Londres, ou toda outra organização estrangeira a Internacional.

Alerini, Farga-Pellicer, Morago, Marselau, delegados da Federação espanhola.

Brismée, Coenen, fluse, Van den Abeele, Eberhardt, delegados belgas.

Schwitzguèbel, Guillaume, jurassianos.

Sauva, delegado da América (GUILLAUME, 1910, p. 349).

Para Marcello Musto, “essa declaração foi um hábil expediente da oposição para não assumir a responsabilidade por uma cisão que já se previa como inevitável” (MUSTO, 2014, p. 67). Se o Congresso de Haia é marcado por uma conflituosidade, desentendimento e tensão, o *Grand Finale* não poderia ser menos dramático. No dia 6 de setembro de 1872, Engels sobe à tribuna e lança a proposição que surpreende a platéia: “que a sede do Conselho Geral fosse transferida para Nova York para o ano de 1872-1873 e que ele fosse formado por membros do Conselho Federal Americano” (MUSTO, 2014, p. 68).

Mas, afinal, por que o Conselho Geral viu a necessidade de medida tão ousada? Engels foi incumbido de defendê-la, dizendo que “em Londres os conflitos entre os grupos haviam atingido um tal nível que [o Conselho Geral] tinha de ser transferido para outro lugar e que Nova York era a melhor escolha em tempos de repressão” (MUSTO, 2014, p. 68).

Todos os participantes do Congresso ficaram surpresos, sobretudo os blanquistas, que se posicionaram em Haia ao lado do Conselho Geral até então. “Vaillant e outros seguidores de Blanqui presentes em Haia sentiram-se traídos quando viram a ‘cabeça’ da organização ser transferida para o outro lado do Atlântico” (MUSTO, 2014, p. 68). Os blanquistas queriam que o Conselho Geral fosse o órgão que se dirigiu às lutas políticas, tal qual, coordenara as lutas econômicas. “Percebendo que não seria mais possível exercer o controle sobre o Conselho Geral, eles abandonaram o congresso e, pouco tempo depois, a Internacional” (MUSTO, 2014, p. 68).

Por ser tão polêmica questão, a votação não poderia deixar de refleti-la: “A decisão aprovada por apenas três votos (26 a favor, 23 contra), acabou dependendo de nove abstenções e do fato de que alguns membros da minoria agradava ver o Conselho Geral” (MUSTO, 2014, p. 69) ir para além-mar. Marcello Musto afirma que, para Marx, era melhor que a Internacional acabasse do que vira-se uma organização sectária. “A morte da Internacional, que certamente se seguiria à transferência do Conselho Geral para Nova York, era infinitamente preferível do que uma longa e inútil sucessão de lutas fratricidas” (MUSTO, 2014, p. 69).

Por que a AIT acabou na visão de Musto?

Porém, não parece convincente argumentar – como muitos o fizeram – que a principal razão para o declínio da Internacional era o conflito entre seus dois concorrentes, ou mesmo entre dois indivíduos, Marx e Bakunin, por maior que sejam suas estaturas. Na verdade, foram as mudanças ocorridas no mundo ao redor da Internacional que a tornaram obsoleta. O crescimento e a transformação das organizações do movimento operário, o fortalecimento dos Estados-nação, causado pela unificação nacional da Itália e da Alemanha, a expansão da Internacional em países como a Espanha e a Itália, com condições econômicas e sociais profundamente diferentes daquelas da Inglaterra e da França, onde a Associação havia nascido, a definitiva virada moderada do sindicalismo inglês e a repressão que se seguiu à queda da Comuna de Paris agiram, de modo concomitante, para tornar a configuração originária da Internacional inapropriada para as condições históricas modificadas (MUSTOS, 2014, p. 69).

Um complexo de complexos, eis o que para Musto explica o fim da AIT, o qual podemos resumir: as modificações internas e externas a Internacional. Esses trovões foram transformados em dilúvio pela arca que seria redentora. A Conferência de Londres, que para Marx seria tão necessária para salvar a AIT, agravou significativamente a crise da organização, entre outras coisas, por ser “conduzida de modo rígido, sem avaliar adequadamente os humores existentes em seu interior e sem as precauções necessárias para evitar o fortalecimento do grupo dirigido por Bakunin” (MUSTO, 2014, p. 69).

## **5.6 A Internacional de Saint-Imier: a sobrevida autonomista da Internacional.**

### **5.6.1 Juntando os cacos.**

Não se dando por vencida, a minoria do Congresso de Haia, convoca um Congresso antiautoritário, exigido pelos italianos. Que vem a ocorrer em 15 de setembro de 1872. Para garantir um quórum significativo, Bakunin e os seus mobilizam forças próximas (ENCKELL, 2011). Após o trauma e a cisão, os militantes da Federação Jurassiana convocam um Congresso para setembro

daquele mesmo ano. O conteúdo da visão do que seria uma política proletária para esse setor, pode ser verificado nas resoluções do Congresso Internacional de Saint-Imier, em que se afirma:

toda organização política não pode ser outra coisa senão a organização e dominação para o benefício de uma classe em detrimento das massas, e que se o proletariado escolhesse exercer o poder, ele se converteria si mesmo numa classe dominante e exploradora (MUSTO, 2014, p. 72).

Para Bakunin, “toda organização de um poder político, por mais que possa proclamar-se provisória e revolucionária para efetuar essa destruição, não pode ser senão um engano ulterior, e para o proletariado seria tão perigosa quanto todos os governos hoje existentes” (MUSTO, 2014, p. 73).

No entanto, nos poucos momentos em que o antagonismo deixou espaço para a razão, Bakunin e Guillaume reconheceram que os dois lados compartilhavam das mesmas aspirações. “Em *The Fictitious Splits in the International*, que redigiu juntamente com Engels entre o fim de janeiro e o início de março de 1872, Marx esclarecia que uma das precondições da sociedade socialista era a supressão do poder do Estado” (MUSTO, 2014, p. 73).

Guillaume acreditava na possibilidade de uma vasta organização do movimento dos trabalhadores, um programa muito revolucionário, uma ruptura muito radical com a antiga Internacional mudaria o caráter da Associação e lhe alienariam, pensava ele, um grande número de trabalhadores. O necessário era distanciar a ala marxista e não os tinham os princípios federalistas e autonomistas, só capazes de fazer reviver a Internacional (ENCKELL, 2011).

É nesse espírito que ele reuniu um Congresso Jurassiano, que se reuniu em a Saint-Imier algumas horas antes o congresso internacional. O mandato que delegado Guillaume e Schwitzguébel nesse último Congresso não comportaria os dois pontos: o primeiro, rejeita as resoluções de Haia e os poderes autoritários do Conselho Geral, e afirmava quer trabalhar no estabelecimento de um pacto de federativo e livre entre todos as Federações que gostariam e contribuir. O segundo reconhece, em particular, os companheiros Bakunin e Guillaume sua qualidade de membros da Internacional e de aderentes à Federação jurassiana (ENCKELL, 2011).

Inicia, nessa reunião em Saint-Imier, o que se veio a ser chamado pela história de “Internacional de Saint-Imier”. Onde o Congresso tinha sido o prelúdio de uma longa agonia da “internacional marxista”, uma outra organização, mais modesta, mas restrita, que durou tanto quanto a precedente. Em Saint- Imier se reúnem delegados espanhóis, italianos, franceses, jurassianos. O *communard* Lefrançais recebe um mandato das delegações americanas. O jogo havia sido jogado antes, seja por aqueles que constituíram a minoria de Haia, seja pela reunião secreta de Zurique. Em Haia, Guillaume já admitia a ideia da livre escolha e da autonomia sem que se fala-se em anarquismo. Bakunin e ele estavam de acordo, ambos consideravam impossível a criação de uma “internacional anarquista”. Os

espanhóis não podiam, sem mandato, tomar decisões. Os ingleses e os belgas se abstiveram de participar e não estavam de acordo com o Congresso. Só os italianos, talvez os jovens russos de Zurique, defendiam uma tática diferente (ENCKELL, 2011).

Queriam uma organização propriamente anarquista, mas aceitaram a ideia de uma organização ampla e com autonomia para as seções. O Congresso de Saint-Imier se coloca a favor da minoria que havia sido expulsa de Haia. As quatro resoluções votadas no dia 15 de setembro, que durante muito tempo foram referências constantes para os anarquistas e certos sindicalistas revolucionários são: (ENCKELL, 2011).

A primeira resolução versa sobre anular as decisões do Congresso de Haia. Já a quarta afirma uma vez mais a necessidade da estatística do trabalho e da organização universal da resistência. Propõe nomear uma comissão de estudos desses problemas; a segunda resolução pode deixar as bases de um pacto de solidariedade entre os presentes: 1. As federações e seções terão entre elas comunicações e uma correspondência regular, direta e independentes de um controle governamental. 2. Quando alguma dessas Federações ou seções se encontrem atacadas em sua liberdade, seja pela maioria de um Congresso Geral, seja pelo governo ou Conselho Gral criado por essa maioria, todas outras Federações e seções se proclamem absolutamente solidárias com ela. [Os delegados] proclamam que a conclusão desse pacto tem por finalidade saldo dessa grande unidade da Internacional, que a ambição do partido autoritário ameaçou (ENCKELL, 2011).

A terceira resolução traçou algumas linhas sobre os princípios fundamentais sobre os quais estão assentados os conflitos na Internacional: a natureza da ação política do proletariado.

Considerando:

Querer impor ao proletariado uma linha de conduta ou programa político uniforme, como a via única que pode o conduzir a sua emancipação social, é uma pretensão também absurdo que reacionário.

Nenhum direito de privar as seções e federações autônomas do direito incontestável de determinar por elas mesmas e seguir a linha política que elas creiam a melhor e que toda tentativa conjunta nos conduzirá fatalmente ao mais revoltante dogmatismo.

Que as aspirações do proletariado não podem ter de outro objeto que o estabelecimento de uma organização e de uma federação econômica fundada sobre o trabalho e a igualdade de todos e absolutamente independentes de todo governo político, e que essa organização e essa federação não podem ser que o resultado da ação espontânea do proletariado mesmo, dos corpos de ofício e das comunas autônomas.

Considerando que toda organização política não pode nada ser que a organização da dominação ao lucro de uma classe e ao detrimento das massas, e que o proletariado, se ele vier a tomar o poder, se tornará uma classe dominante exploradora;

O Congresso reunido a Saint-Imier declara:

1. Que a destruição de todo o poder político é o primeiro dever do proletariado;

2. Que toda organização de um poder político dito provisório e revolucionário para levar essa destruição não pode ser que uma enganação a mais e será tão perigoso ao proletariado todos os governos existentes hoje;
3. Repousando todo compromisso para chegar a revolução social, os proletários de todos os países devem estabelecer, por fora de toda política burguesa, a solidariedade da ação revolucionária (ENCKELL, 2011 p. 73).

As últimas frases são as que mais traçam uma visão anarquista. Contudo, apesar da resolução, não torna essa questão como obrigatória. O que prevalece, afinal, é a ideia de Guillaume de um pacto de solidariedade e relações autônomas entre as Federações. Assim, as seções podem ter atitudes diferentes frentes ao poder político. Por exemplo, o Conselho federal inglês, escreve que os internacionalistas da Inglaterra criam na utilidade da ação política e que para ela obtiveram ótimos resultados, acrescentando que os companheiros jurassianos chegariam às mesmas opiniões se eles vivessem num meio semelhante ao inglês. O Comitê Federal do Jura responde, em novembro de 1871, que a ideia não viria jamais acabar com aqueles que seguem uma tática diferente, exigida pelas condições do meio:

Se vós viveste nas repúblicas suíças, sob nossas instituições democráticas na forma, instituições graças às quais o povo, que se crê livre, não percebe sua servidão econômica, e se deixa docilmente embriagar pelos charlatões políticos que têm necessidade dele para escalar o poder; - se vós viveste nesse meio, vós aprovareis sem dúvida como nós a necessidade de protestar contra a imoral comédia do sufrágio universal, e de repetir aos trabalhadores de nosso país que a primeira coisa a fazer, para trabalhar pela sua emancipação, se livrar das intrigas políticas que venham a escamotear as questões sociais e que, para se livrar deles, o meio mais simples é de lhes recusar votos (ENCKELL, 2011, p. 74).

O federalismo suíço, segundo Enckell lendo Guillaume, existiria como uma caricatura federalista, só há uma ilusão de democracia direta. O único meio de emancipação, é a organização e a educação do proletariado, fora de todo quadro institucional da sociedade burguesa, até a revolução. A democracia burguesa não é a emancipação dos trabalhadores (ENCKELL, 2011).

As Resoluções do Congresso de Saint-Imier e a constituição de vínculo entre as Federações da Internacional – e os grupos novos que vieram a se juntar a elas – marcam a ruptura de vez com o Conselho Geral, o qual passa a ter uma existência fantasmagórica em Nova York e abandonada por Marx e Engels, essa ala da bifurcação cessa de existir, oficialmente, em 1876, mas começa a ter uma vida moribunda após 1872 (ENCKELL, 2011).

No congresso de *Saint-Imier*, no qual tomaram parte não apenas os suíços, mas também os italianos, espanhóis e franceses, foi estabelecido que “ninguém tem o direito de privar as federações e seções autônomas do incontestável direito de determinar a si mesmas e seguir a linha de conduta política que elas creem ser a melhor”. [...] propuseram um “pacto de amizade, solidariedade e defesa mútua” entre todas as federações que defendiam a autonomia federalista no seio da Internacional. A tomada de posição foi obra de Guillaume. Diferentemente de

Bakunin, que teria preferido um documento mais intransigente, o jovem – porém mais prudente – militante suíço fixara como meta estender o consenso para além do Jura, da Espanha e da Itália, conquistando todas as outras federações que se opunham à linha de Londres. Sua tática foi bem-sucedida. O nascimento de uma nova Internacional foi cuidadosamente preparado (MUSTO, 2014, p. 79).

A Espanha teve um papel de principal força de massas. “As perseguições à Internacional [na Espanha] não impediram seu desenvolvimento” (MUSTO, 2014, p. 80). Tanto é que o Congresso federal das seções espanholas, ocorrido entre dezembro de 1872 e janeiro de 1873, congregava “mais de cinquenta federações, compostas de mais de trezentas seções, que reuniam um total de mais de 25 mil membros” (MUSTO, 2014, p. 80).

A partir do fim de 1872, os autonomistas expandiram seu apoio em novos países. Em dezembro, a federação belga, reunida em Bruxelas, depois de haver declarado nulas as resoluções adotadas em Haia, recusou-se a reconhecer o Conselho Geral de Nova York e subscreveu o pacto de Saint-Imier. Em janeiro de 1873, aderiram à organização os rebeldes ingleses, liderados por Hales e Eccarius, seguidos no mês seguinte, da federação holandesa (MUSTO, 2014, p. 80).

Os conflitos permanecem, na Suíça mesmo, entre a Federação jurassiana de uma parte, os zuriquenses e o *Schwiezerischer Arbeiterbund*, como nós o veremos, de outra. Eles discordam sobre questões de fundo, sobre a estratégia da ação operária. As relações internacionais dos jurassianos, pelo contrário, são menos conflitantes, os contatos se amalgamam e mais intensas com as federações de outros países. De fato, os delegados italianos e espanhóis em Saint-Imier, em retorno a suas terras ratificam em suas federações as resoluções do Congresso Internacional. Os Belgas, após receberem o texto das resoluções, o aprovam formalmente. [muitas seções francesas se filiam diretamente com a Federação Jurassiana]. Os Holandeses lhe enviam seu apoio fraternal ao anunciar a suspensão pelo Conselho Geral, enfim, os Ingleses, se diferenciando por conta da questão política, adere também ao pacto de solidariedade.

Durante cinco anos essas federações vão constituir uma força real, mesmo tão diversa. Os italianos e os Espanhóis se dizendo abertamente anarquistas, suscitam e sustentam as insurreições populares espontâneas que se produzem nos seus respectivos países, após 1873.

Na Bélgica e na Holanda, onde são as federações de ofícios que desenvolvem e, em pouco tempo, os partidos operários ou socialistas ganham mais importância que a Internacional. Na Inglaterra, as seções da AIT murcham após 1873, menos por conta das divergências com os centralistas e federalistas do que por conta da natureza mesmo do movimento operário inglês.

Para evitar os desentendimentos e a ruptura seca dos italianos com o Conselho Geral em 1872, adotou-se uma rotatividade de membros maiores no Conselho da Internacional de Saint-Imier e a possibilidade de mudança de endereços dele. A Federação Jurassiana leva uma reputação e uma

audiência que lhe darão na Internacional um lugar mais importante que aquele que ela deveria ocupar pelo seu número de membros: é uma das menores federações, com 250 a 300 membros enquanto os espanhóis tinham quase 500000 (ENCKELL, 2011).

O Congresso anual da Federação Jurassiana acontece em Neuchâtel, em 27 de abril de 1873, o primeiro Congresso depois de Haia e de Saint-Imier. Apesar de sua importância interna à Associação ela não ficou mais forte, nem mais perigosa para a ordem estabelecida na Suíça (ENCKELL, 2011).

Sua propaganda foi feita através da palavra: jornais, conferências e círculos de estudos, somados a ela estavam as caixas de resistência desses revolucionários. Se alguma agitação se produz, é sobre as questões políticas gerais, ou contra as eleições, contudo, à época o movimento de greve diminui significativamente (ENCKELL, 2011).

Apesar disso, o *Journal de Genève* os pintam como anarquistas sem moderação, nem piedade. Comentário sobre a noção inocente e pacifista do que seria o processo revolucionário (ENCKELL, 2011). A importância da Federação jurassiana tinha mais impacto na crítica social e política, à atenção prestada a todo o que concerna o movimento operário, que a luta aberta contra o capital (ENCKELL, 2011).

O projeto de Guillaume no Congresso Jurassiano versa sobre essa questão característica da estatística do trabalho. Em fevereiro de 1867, a seção do Sonvillier havia publica os primeiros resultados de uma “enquete operária”, que detalhava os salários dos trabalhadores relojoeiros e a do custo de vida, insistindo sobre a necessidade da organização dos fabricantes, patrões e trabalhadores afim de estabelecer barreira contra a crise e para evitar a baixa dos salários pelo fluxo de mão-de-obra (ENCKELL, 2011).

Mas a ambição desmedida dessa enquete, a falta de meios para fazer o censo, a reticência de certos grupos e, talvez, a simples falta das seções em responder. Guillaume e Bakunin são marcadas pelo espírito positivista da época e da ciência social nascente: uma estatística justa e completa, irrefutável seria a resposta dos problemas do mercado de trabalho, da determinação do alor de troca (ENCKELL, 2011). Guillaume, no seu trabalho, diz que a estatística se tornara a base da ciência social: serão seus números inexoráveis, e não tal ou tal teoria elaborada pelos pensadores de gabinete, que recolocaram no amanhã as cartas políticas e os catecismos religiosos? “É ele que, enfim, será o filho de Ariane, no meio do qual o homem poderá marchar de um passo seguro no gigantesco movimento da organização do trabalho de emancipação” (ENCKELL, 2011, p. 75).

Uma vez que cada trabalhador estiver posse do saber, o poder será de todos, a exploração não será mais obrigatória. O texto de Guillaume é aplaudido: o tema da enquete estatística será recolocada no outono de 1873 nos dois congressos de Genebra, aquele dos anti-autoritários e aquela dos centralistas. Do primeiro não se conhece. O novo Conselho Geral de Nova York, que não dispõe de

nenhum meio para o realizar, falta de precisão e de detalhes com os projetos anteriores. Alguma enquete não conhecerá nenhum início da realização. A esperança de Guillaume não foram postas a prova da realidade: a gente não conhece nenhuma resposta às enquetes propostas, ainda menos de síntese. Falta de dados e meios.

Vimos, por outro lado, que uma grande parte da vida da Federação Jurassiana pode se resumir as discussões, de projetos não bem-sucedidos, as utopias: a gente não pode equipará-los a atos vazios. Para Enckell, esse conjunto de reflexões e estudos, serviu para afinar a crítica e verificar os julgamentos anteriores.

As seções de Berna se criam assim, por quarteirões e por línguas mais que por corpos de ofício, elas são dirigidas para a propaganda e agitação mais do que para a resistência e ação sindical: Berna não é uma cidade de grande indústria, e o Arbeiterbund ali formam após 1873 uma grande parte dos trabalhadores moderados.

A cisão passou a ser inevitável, como deplorável. É isso que foi demonstrado no Congresso de Olten de 1º de junho de 1873, Congresso Convocado por um Comitê de maioria de língua alemão, do qual podemos citar Johann Philp Becker (Genebra) e Herman Greulich (Zurique) entre os atores principais. O Comitê tinha por projeto reunir todas as sociedades operárias da Suíça numa organização central, que foi criada em Olten sob o nome de Schweizerischer Arbeiterbund (Union ouvrière suisse).

Quase todos os delegados em Olten são de língua alemã e representam os elementos da ala centralista da AIT. O debate gira em torno da neutralidade política e, com os Jurassianos, em torno das noções de centralismo e de federalismo. A Federação jurassiana envia cinco delegados em Olten. Mas os canais de diálogos estavam bloqueados, cada parte mantém-se na defesa de suas posições. À decepção dos delegados jurassianos, a noção de federalismo não foi adotada.

Para os alemânicos (suíços alemães), uma organização descentralizada, sem autoridade, não é uma organização, é o caos. Além do que, a maioria dos delegados gostaria somente de melhorar a condição dos trabalhadores sem rupturas revolucionárias. O modelo jurassiano, que da federação de comunas e de ofícios passe para abolição do Estado, não os interessava, sequer compreendia. A neutralidade política que eles colocavam a princípio significava, de fato, a confiança nos órgãos da Confederação. Foi a primeira vez que um encontro desse tipo ocorre, se excetuando pelos congressos das federações de ofícios, que reúnem também os adversários. Carta dos Jurassianos de retirada do Congresso: “Nós não podemos aceitar a ideia de uma Associação Operária Suíça dirigida por um Comitê Central (ENCKELL, 2011, p. 85)”. Na carta ainda se reafirma, apesar das diferenças.

A solidariedade, o seguro das greves não implicam então a adesão total: vimos, por exemplo, que o “apoio dos montanhesees enviados em 1870 a uma greve dos “*plâtriers-peintres*” de Genebra é seguido por uma crítica de sua tática e suas reivindicações” (ENCKELL, 2011, p. 85).



A união operária fundada no Congresso de Olten se desenvolve de início entre os operários de língua alemânica: ela não avança sobre o terreno das Federações Jurassiana. Os delegados dessa assistiram frequentemente o congresso da União, e a discussão não deveria cessar desaparece nas duas organizações (ENCKELL, 2011, p. 85).

A Federação Jurassiana convoca a todas as federações da Internacional de reunir o Congresso Geral em segunda 1º de setembro de 1873 numa cidade da Suíça, o dobrando um congresso anti-autoritário que deveria renovar o pacto de solidariedade assinalado no ano precedente e assegurar o triunfo do princípio federativo no Congresso Geral. As federações aliadas concordam e incumbem aos jurassianos organizar a reunião. Acontece do Conselho Geral de Nova York, da Internacional centralista, convoca um Congresso para Genebra: a participação é esvaziada, a maior parte das Federações regionais foram suspensas por não terem aceitado as decisões dos últimos congressos outras não tinham recursos para enviar delegados.

O Comitê federal jurassiano decidiu, então, reunir um Congresso antes os “centralistas”, mas na mesma cidade. E o 1º setembro de 1873 se encontra reunidos em Genebra de 24 delegados de sete federações: ingleses, belgas, espanhóis, holandeses, italianos, jurassianos, assim como uma adesão. À ordem do dia figuram três pontos: renovamento do pacto da solidariedade e revisão dos estatutos gerais: greve geral, organização da resistência e estatística (ENCKELL, 2011, p. 85).

Após a Comuna de Paris, a repressão é encarnada sobre a Internacional em toda a Europa: a fraqueza das seções não tem somente aos conflitos aos internos da Associação.

A organização cresce na Espanha, onde ela se desenvolve. Em outros países, a organização subsiste, mas sem atividades notáveis. Alguns estavam num momento de transição, como na Inglaterra, na Bélgica e na Holanda, onde as seções se opõe à linha autoritária mas não estão ainda determinadas para um outro tipo de organização. Os Ingleses são partidários da ação política tradicional, o delegado holandês tem por mandato de assistir nos dois congressos de Genebra num espírito de conciliador. Os belgas enfim, após ter sido próximos de Bakunin, estão em momento de evoluir para um conceito do Estado Operário, próximo daquela da social-democracia. “Na Itália, onde a AIT foi fundada após a Comuna de Paris e a unidade nacional, os líderes eram anarquistas revolucionários, que rejeitam o trabalho pouco glorioso da organização dos ofícios, do reagrupamento dos trabalhadores. Segundo aqueles, os trabalhadores se mantêm com pouca teoria, o que eles querem, é a luta (ENCKELL, 2011, p. 86).

Malgrado suas diferenças, os delegados renovam o pacto sob a bandeira da Internacional frente seus adversários. Os conflitos de opinião parecem irredutível e, portanto, a unidade subsiste, os votos se fazem a uma larga maioria.

Guillaume passa de uma postura de moderado, numa luta contra o Conselho Geral, procurando os pontos fracos de seus adversários. Após o conflito, Guillaume tornou-se mais exigente, mais duro

com os seus, fazer aparecer seu gosto para um certo formalismo na redação dos estatutos, no respeito da ordem do dia. As sessões italianas delegam a seus delegados defender a anarquia e o coletivismo, mas que foi oposta pelas delegações Belgas. “Quanto à greve geral, a discussão termina de modo ambíguo. A greve geral, é a revolução, é a paralisação do trabalho e a colocação nas mãos dos produtores do aparelho de produção” (ENCKELL, 2011, p. 87). Mas ela só seria possível com uma organização forte e coesa.

Os participantes do Congresso de Genebra representam, incontestavelmente, uma força operária organizada, de importância variável segundo o país. A Federação Jurassiana é de longe a menor em efetivos, mas foi ela que se revoltou, é ele quem inventou a reunião dos anti-autoritários. Seu prestígio histórico, por isso, é significativo. Contudo, ela tenta não se colocar como um líder: a secretaria federal nos anos seguintes e a organização do congresso de 1874 serão confiadas à federação belga. O prestígio teórico da Federação Jurassiana não é menor, mais para evitar que o congresso seja uma discussão entre cabeças pensantes, que ele seja acusado de dar a preeminência aos intelectuais frente aos trabalhadores manuais, que a unidade tornou-se impossível, havia decidido de não votar sobre as questões de princípio (ENCKELL, 2011, p. 88).

Foi fora desse congresso que a discussão sobre a anarquia é iniciada. Contudo, apesar de muitos dos entusiastas, recusam a terminologia. “É o caso de Guillaume, é o caso do delegado de Hollande Van den Abeele, que participou, em seguida, do congresso “centralista”, segundo seu mandato que lhe almeja manter a unidade da Internacional” (ENCKELL, 2011, p. 88).

Diferente do Congresso Geral da AIT de 1866 de Genebra, o Congresso Geral dos aliados do Conselho Geral de 1873, ocorrido na mesma cidade, foi esvaziado: “reunindo alguns delegados suíços e alemães, sem nenhum delegado do Conselho Geral” (ENCKELL, 2011, p. 88). O debate que domina esse Congresso dos aliados do Conselho Geral: “trata dos desenvolvimentos dos partidos nacionais nos países de língua alemã e a necessidade dessa implantação” (ENCKELL, 2011, p. 88). No Congresso é reafirmado os poderes do Conselho Geral e a exclusão dos “anti-autoritários”. Uma fagulha de conflito interno acende nessa reunião:

muitos genebrenses, antigos militantes como Perret e Duval, se distanciam de Becker e vão até exigir a supressão do Conselho Geral, que segundo eles, não fazia nada além de agravar as cisões introduzidas pelos intelectuais nas fileiras da Associação (ENCKELL, 2011, p. 88).

Esses antigos militantes genebrenses se manifestam timidamente por um texto pouco difundido. Mas, a partir daí, temos o fim da “federação românica”. O Congresso da ala federalismo recomenda aos internacionalistas a organização dos “corpos de ofícios”. Existia já na Suíça Românica muitas organizações operárias desse tipo, constituídas desde 1869. As federações desse tipo permitiam unir os trabalhadores numa organização que atrai uma base maior de trabalhadores do que as seções da AIT.

Contudo, ocorre um fenômeno de aumentar a quantidade de membros e diminuir sua radicalidade, “confinadas a uma ação corporativista”, o que pode-se denominar como economicista, em que “a greve é utilizada em finalidades puramente reivindicativas (aumento de salários, diminuição das horas de trabalho)” (ENCKELL, 2011, p. 89), enquanto o horizonte revolucionário, nessas federações, passa a aparecer mais esporadicamente. Os internacionalistas federalistas apostam nessa dinâmica pois criam que difundir, somados a essas federações, a ideia revolucionária através de círculos de estudos operários ou seções de propagandas.

A vida da Internacional de Saint-Imier, durante esse período, mostra um movimento de lutas e de greves. Durante os anos 1873 e 1874: a seção de Bourdry lança uma greve para obter a jornada de 10 horas, sem atender a aprovação de 10 horas, sem esperar uma comunicação das outras seções. Saint-Imier exigem um aumento dos salários. Acompanhado por uma greve dos gravadores de Genebra pela diminuição a 9 horas de trabalho.

No fim no 1873 será essencialmente consagrada, no Jura, a organização das federações de sociedades dos trabalhadores em cada localidade. O modelo federalista pode ser aplicado de duas maneiras: num mesmo ofício, para religar os grupos de diferentes cidades, ou numa mesma localidade, para religar as diferentes sociedades de ofícios. Também trata-se de conseguir a adesão das sociedades operárias locais à Internacional (ENCKELL, 2011, p. 91).

Uma crise econômica explode nos Estados Unidos, essa que é provocada pelo boom da construção ferroviária. No período da crise da produção baixa, os operários relojoeiros não trabalham geral mais que alguns dias pela semana. Dois fenômenos se produzem no movimento operário, a Federação Jurassiana incentivando uma resistência organizada e pela união dos trabalhadores e, o segundo, é o desânimo e a desmobilização.

“As adesões de crise”, isto é, aqueles que em meio a um momento de necessidade correm para a organização, são efêmeras e

as sociedades de ofício criadas no inverno 1873 onde que entram à Federação jurassiana não existem por muito tempo (ENCKELL, 2011, p. 92)”. Somente entre os “trabalhadores mais qualificados e os melhores condições (gravadores, cortadores e montadores de botas) cujas adesões são mais numerosas (ENCKELL, 2011, p. 92).

Entre 1873 e 1875 se desenvolve no Jura um tipo de ação que se pode qualificar como sindical: greves, reuniões e constituições de sociedades de resistência? Para Guillaume, o que se via era a constituição, em cada pequeno ato de revolta, de um longo processo de tomada de consciência da oposição entre patrões e trabalhadores. Mesmo que minoritária a parte consciente, ela pode servir como detonadora de um processo geral (ENCKELL, 2011).

O Bulletin da Federação Jurassiana, órgão da Federação Jurassiana, debate os problemas do mundo operário e a polêmica com os “autoritários”, toma um grande lugar, só que, porém, mas tolerante com a posição parlamentarista dos belgas, ingleses e alemães. Sempre que o ponto do Estado e das legislações operárias entram em cena, os jurassianos defendem que são possíveis através da luta dos operários (ENCKELL, 2011).

Após a cisão, na Espanha a Internacional amplia suas fileiras de homens chegando a ter dezenas de milhares adeptos. “A interdição da Internacional reforçou a solidariedade, suscita redes paralelas de resistência e de informação, os congressos ocorrem sem problemas” (ENCKELL, 2011, p. 92).

Na Itália, a AIT se esvazia, com a repressão que cresce, os jovens italianos, Cafiero, Costa, Malatesta e Pezza tomam uma postura insurrecionista, mas o povo não os acompanha em seus levantes. Um jornal Suíça operário voltado ao público internacional, o jornal perde seu arquivo administrativo, com isso, não sabemos sua quantidade de tiragem e o público exato (ENCKELL, 2011). Para Enckell, o elo frágil da unidade da AIT cessaria sem a Federação Jurassiana.

Contudo, é na própria Suíça que a disputa dos “centralistas” e os “anti-autoritários” continua. Entre a Federação Jurassiana e a Arbeiterbund. Estes investiam na participação democrática, para trabalhar o regulamentar o trabalho nas fábricas. Já aos internacionais, os membros da Arbeiterbund estavam comprometidos com os burgueses, para os sindicalistas, a federação levava a uma falta rota na utopia (ENCKELL, 2011).

Contradição entre a teoria de uma organização revolucionária destinada somente a destruir o Estado e a estabelecer os grandes princípios do coletivismo e do federalismo, e aquele, de outro lado, uma organização formando aos presentes o quadro o motor da sociedade futura, esse equívoco não seria jamais resolvido (ENCKELL, 2011, p. 96).

Para eles, a Associação, seria o germe da sociedade futura. Enckell critica essa ideia. “Ver na organização da AIT”, diz ela,

o esquema da sociedade futura, é esquecer de início que ela nasceu como um órgão de luta, de auto-defesa, como instrumento da classe operária num momento de sua evolução, que nunca pretendeu ter uma vocação universal e permanente (ENCKELL, 2011, p. 96).

Por volta de 1876 emerge um novo conceito, aquele do comunismo anarquista: rejeitam o coletivismo (ao produtor o produto integral de seu trabalho), muito impreciso e materialmente inaplicáveis, os anarco-comunistas declaram a necessidade da comunalizar o produto do trabalho como o produto dos instrumentos de produção, isto é, *a cada um segundo suas necessidades*, o que será tomado da produção geral. Aqueles que permanecem fiéis ao coletivismo lhes reprovam de estabelecer uma precisão supérflua e prematura: seria necessário, para eles, uma longa educação, uma

longa experiência da coletividade para coletivizar os produtos do trabalho, para que ela não faça ressurgir o gosto pelo lucro e acumulação.

A idéia [sic] da coletividade é a mais simples possível, a decisão será dos trabalhadores depois da revolução como organizar, os coletivistas só estabelecem a repartição: *Uma vez o trabalhador em posse do instrumento de trabalho, todo o resto tonar-se-á de uma importância secundária. Os meios práticos para chegar a uma repartição equivalente são deixados a encargo de cada grupo* (ENCKELL, 2011, p. 96).

Anarco-comunismo levará a ação mais drásticas, “conduz a ação individuais de expropriação, e até o terrorismo” (ENCKELL, 2011, p. 97). Não foi no Jura suíço que essas tendências divergentes surgiram, foi na Itália, onde “as tentativas de insurreição, os incêndios dos arquivos dos vilarejos permitiram a repartição dos bens *hic et nunc*, são inspirados nos princípios do comunismo anarquista” (ENCKELL, 2011, p. 97). Na Espanha, a duas tendências do anarquismo subsistem, mas “elas serão a causa do declínio da Internacional” (ENCKELL, 2011, p. 97).

Essa dupla tentação – construção a priori da sociedade futura, e a recusa de prever o futuro da revolução – será expressa no congresso internacional de Bruxelas, em setembro de 1874, cuja discussão da primeira questão de ordem do dia: *Por quem e como serão feitos os serviços públicos na nova organização social?* O delegado belga César De Paepe, que foi próximo a Bakunin, mas que já no Congresso de Basileia dizia, junto com os “marxistas” que a propriedade coletiva deveria ir ao Estado, apresenta um longo estudo circunstancial no qual, após enumerar os diferentes serviços públicos atuais, expõe quais órgãos devem permanecer: Comuna ou Estado, exalta as vantagens da centralização, admitem a necessidade de um período transitório de ditadura dos corpos de ofício a se organizar e a se federar. Mas, se a propriedade individual é abolida, os salários permanecem individual no sistema proposto por De Paepe (ENCKELL, 2011, p. 97).

Para De Paepe, o Estado permanece com sua característica de autoridade última. Os coletivistas discordam, por conta da questão da defesa do Estado porque creem que ele colocara de modo equívoco o problema dos serviços públicos.

Enckell questiona sobre essa polêmica sobre o Estado, afinal, não seria uma disputa de vocábulos? “O que De Paepe atribui ao Estado, os jurassianos atribuem de bom grado à federação das comunas” (ENCKELL, 2011, p. 97).

O problema é que o termo Estado cobre tudo o que os anarquistas odeiam, a autoridade, a dominação de uma classe, a exploração das massas, a organização política.

A objeção fundamental de alguns anarquistas a De Paepe reside na recusa da própria questão. Como determinar ou prever o que será e o que não será serviço público e como serão eles organizados? [...].

Após as tentativas revolucionárias de 1873, a repressão se agrava na Espanha contra os internacionalistas. Assim como na Itália, após as insurreições derrotadas na

Bolonha e em Pouilles, em agosto de 1874. A tal ponto que as federações dos dois países solicitam que a AIT não realize o Congresso de 1875 (ENCKELL, 2011, p. 98),

Outras federações concordam com a demanda, pois também não se encontravam numa situação favorável. “Já no Congresso de Bruxelas, em setembro de 1874, havia reunido dezesseis delegados, dos quais dez eram belgas, malgrado o desejo intenso, que subsiste após o Congresso de 1873, de salvaguardar a unidade de uma importância” (ENCKELL, 2011, p. 98).

A França nunca pôde receber um Congresso e, raras exceções, estavam sediadas na Suíça. Na Bélgica, o movimento operário toma tendências divergentes. “César De Paepe se reaproxima do socialismo alemão, com um Estado providencial dirigindo os trabalhadores organizados” (ENCKELL, 2011, p. 99).

Na Alemanha os dois partidos socialistas, lassalianos e eisenachianos, se unem no Congresso de Gotha, em 1875. O programa de Bebel e de Liebknecht e sua política de, assim que os eleitos, no Reichstag em 1874, propõem criticar o parlamentarismo e a legalidade da burguesia, são aplaudidos pelos jurassianos.

O Congresso Geral de 1875, projetado para Barcelona, do qual os espanhóis deveriam renunciar, é então adiado para um ano e a secretaria federal internacional permanece no Jura até a consulta das federações afiliadas. Os jurassianos têm outras preocupações no verão de 1875. Após 25 anos, a rede de caminhos de ferro na Suíça foi implantada e é ampliada, mas era necessário passar as montanhas e o túnel de Gothard vai ser o primeiro dos grandes túneis da Suíça.

A maior parte dos trabalhadores era italiana, o que na época era um fato raro: os trabalhadores estrangeiros na Suíça eram 150.000, número já elevado, mas a maioria são alemães, austríacos, franceses, os italianos só passam a vir em massa, para trabalhar na construção civil e dos trabalhos públicos, a partir de 1888 (ENCKELL, 2011, p. 100).

A construção dos túneis no Gothard foi feita sob a exploração desses trabalhadores imigrantes que se submetiam a uma condição de trabalho terrível. Os salários eram decentes para a época e o tempo de trabalho – 8 horas – menor que em outros lugares. Mas as condições são duras, a ventilação do túnel era insuficiente e as medidas de precaução raramente observadas. Por conta disso, os trabalhadores entram em greve no dia 27 de julho daquele ano, “exigindo que as equipes trabalhem seis horas” (ENCKELL, 2011, p. 101). No meio da mobilização, a empresa encarregada manda que o Cantão de Uri manda as tropas reprimir o movimento. Elas acabam por atirar nos trabalhadores na entrada do túnel. No final, a mobilização é interrompida, quatro trabalhadores morrem, dez ficam feridos e treze presos.

“Triste saldo: foi a primeira vez, na Suíça, que o exército atira sobre os grevistas. As tropas já haviam sido chamadas para intervir antes, mas sem que o incidente produzisse mortos ou feridos”

(ENCKELL, 2011, p. 101). O que cria uma cicatriz na Internacional suíça, pois as sociedades operárias cultivavam um respeito pelas milícias dos cantões. A Internacional tenta organizar uma recusa de se engajar nas tropas. Uma luta antimilitarista, escreve um manifesto dos cortadores e gravadores:

Se a República não é outra coisa que uma palavra, o povo se organizara para se opor à transformação de nossas milícias em mercenários do Capital.  
Companheiros de diferentes organizações operárias! Nós vos propomos uma entente formal sobre a atitude geral a tomar em caso de intervenção militar nos casos de greve (Bulletin, 31 de outubro de 1875) (ENCKELL, 2011, p. 101).

### 5.6.2. A morte de Bakunin e os últimos anos da AIT

Bakunin, no ano de 1872, participa em Saint-Imier de seu último Congresso Geral da AIT. A princípio Bakunin, junto das seções da Itália, via a possibilidade da constituição de uma nova Internacional, essa verdadeiramente anarquista. Contudo, ele cede à posição de Guillaume

que soube ganhar seu ponto de vista: era necessário confirmar a união entre as federações opostas aos poderes e aos abusos do Conselho Geral, quão disparates fossem, elas reencontrariam o espírito que havia presidido a fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores (ENCKELL, 2011, p. 102).

A Federação Jurassiana esperava um movimento revolucionário e, para tanto, defendiam os princípios do coletivismo e denunciavam os desvios políticos ou centralistas do movimento operário. Bakunin, tentando ficar num ponto aonde pudesse estar em contato com todos os movimentos, muda-se em 22 de outubro de 1872 para Locarno onde passa o resto de seus anos.

À época, Netchaiev é preso em Zurique e extraditado para a Rússia. A extradição política dessa figura tão contraditória pela Suíça, ao mesmo tempo que mostra que a Suíça começa a corroborar com a Rússia. As seções eslavas se mobilizam pelo fato, apesar de não serem homogêneas no apoio a Netchaiev.

Bakunin publica, graças ao auxílio dos exilados russos,

*Estatismo e Anarquia*, publicado em Genebra e em Zurique em 1873, em russo. Livro no qual ele examina a história recente da Alemanha e da Rússia, critica as políticas dos diversos países europeus e as tentativas de organização ou de insurreições operárias, traça, enfim, as grandes linhas do que deveria ser a Rússia e a ação dos eslavos no porvir (ENCKELL, 2011, p. 103).

Bakunin passa o ano empenhado nos assuntos russos. Cafiero tem uma importância significativa no financiamento das cooperativas internacionalistas e na subsistência de Bakunin, fato que delapida sua herança rapidamente.

Em janeiro de 1874, o Comitê italiano para a revolução social, começa um preparativo para uma nova insurreição. Para tanto, começa publicar uma série de manifestos para preparar psicologicamente os proletários e os militantes. Os preparativos, os armamentos e explosivos, exigem uma soma de dinheiro que é garantida por Cafiero. Bakunin, que vivia numa casa que custava muito a Cafiero, só pensava no fim, “para ser um belo fim, ele decide com seus amigos a se juntar a insurreição previstas para o início de julho para Bolonha, onde espera morrer como herói” (ENCKELL, 2011, p. 107).

Contudo, a insurreição foi um fracasso retumbante. Ela é derrotada tão rapidamente que Bakunin nem teve tempo de sair do hotel onde estava. Ele é preso mais uma vez, escreve a seus amigos de Locarno para poderem solucionar seu problema. Só em setembro ele consegue rever Cafiero, em Sierre, com o qual ele rompe definitivamente. Cafiero comunica Guillaume, Spichiger e Schwitzguébel. Os internacionalistas convocam uma reunião em Neuchâtel, para debater a questão Bakunin: definiu que ele não tem mais nada a ver com a Internacional, contudo, não podem deixar o velho militante à miséria total. Decidem por lhe garantir uma pensão. Com o resto do dinheiro que Cafiero lhe enviara compra uma casa, “os últimos meses de sua vida são assombrados pela doença”. “No verão de 1875 ainda, ele recebe numerosas visitas” (ENCKELL, 2011, p. 107). Durante o inverno de 1875-1876, tem muitos auditores operários que vêm dos quatro cantos para o escutar com admiração. Bakunin, pretendendo ir para Nápoles, viaja antes para ter uma consulta com Adolph Vogt em Berna, onde morre, em 1º de julho de 1876, quando seus amigos mal sabiam de sua viagem.

O funeral de Bakunin ocorre sem grande pompa, mas elas reúnem em Berna um pequeno grupo de socialistas representam suas tendências muito diversas. Amigos próximos e alguns militantes mais afastados do velho militante russo fazem discursos fúnebres. Após a breve cerimônia, de que poderiam falar, senão da Internacional? Foi a ocasião de um raro encontro pacífico. Sobre a tumba do velho militante, a reunião vota em prol de pôr fim às cisões.

Os trabalhadores reunidos em Berna na ocasião da morte de Michel Bakunin e pertencendo a cinco nações diferentes, uns partidários do Estado operário, os outros partidários da livre federação dos grupos de produtores, pensam que uma reconciliação é não somente muito útil, muito desejável, mas ainda muito fácil, sobre o terreno dos princípios da Internacional (ENCKELL, 2011, p. 109).

“O desejo de unidade é permanente entre a maioria dos socialistas, em particular após os dois Congressos de Genebra de 1873” (ENCKELL, 2011, p. 109). O Congresso jurassiano de agosto de 1876 envia uma mensagem fraternal aos socialistas alemães reunidos em Gotha, recebem em troca



uma resposta cordial de Liebknecht. Os jornais das duas tendências trocam correspondências. Aplaudem a proposição da fração flamenca da Federação belga de convocar um congresso geral de todos os socialistas para 1877, vemos, em seguida, que os anarquistas não teriam lugar nesse congresso. “Os representantes de diversas associações operários assistem, enfim, ao Congresso da Internacional em 1876” (ENCKELL, 2011, p. 110).

Durante o ano 1875-1876 são criadas seções de ofício na Federação Jurassiana, em detrimento a seções centrais, “um hiato começa a se criar entre a ação sindical e o trabalho de crítica política e teórica, que representa sempre uma boa parte do Bulletin” (ENCKELL, 2011, p. 110).

Após o voto da Constituição federal revisada, tem lugar, em outubro de 1875, as eleições do Conselho Nacional. O Arbeiterbund legalista sustenta os candidatos favoráveis à legislação do trabalho e conta sobre as novas cadeiras para elaborar uma “boa” lei para as fábricas”. Guillaume explica a posição de sua abstenção, em que, sucintamente, defende que só através da organização dos trabalhadores e da luta é que pode-se garantir a melhora na condição de vida. Schwitzguébel escreve um texto chamado “*De l’agitation socialista dans la région jurassienne pendant l’année 1875-1876*”, no qual “o período de reação que nos subsistimos, o momento das seções (é) já em-si um progresso”. Trata-se de preservar nas reuniões, a difusão das brochuras e do jornal. O militante suíço trata da necessidade de se enviar homens para fundar as seções nas novas localidades, um ou outro companheiro iria encontrar o trabalho e constitui um primeiro núcleo. Convoca-se a solidariedade internacional, a “propaganda dos princípios devem ser apoiados pelos fatos (ENCKELL, 2011, p. 111).

Um fato se produz, nesse ínterim. Para os novos internacionalistas

os meios pacíficos e exemplares utilizadas até então nas Montanhas não gozam de um grande favor, a agitação tem um novo significado. Os jurassianos têm sempre certos olhares a seus adversários, pelo contrário, diz-se em 1876 é necessário interromper as assembleias, balançar a bandeira vermelha, dar livro curso a seus impulsos. As greves deveriam ser decididas, democraticamente pelos trabalhadores, mas, diz-se, podemos enviar os agitadores de fora (ENCKELL, 2011, p. 111).

Mas, toda a propaganda da Internacional suíça, é até esse momento feita dentro da legalidade. Contudo há uma modificação na maneira de agir e iniciam-se as agitações.

A propaganda é conforme os ideais da sociedade futura, ela informa, coloca a crítica, propõe esquemas de ação – de curto e longo prazo”. A agitação é fundamentalmente denunciadora, ela procura desvelar – por atos leais ou não – as injustiças e os crimes da sociedade atual. É um tipo de ação rápida, gritante, provocativa, ela exige que aqueles a quem ela é endereçada sejam sensibilizados, além do que, que respondam ampliando e retomando a ação. A propaganda, ocorre por meio dos jornais, conferências e nas cooperativas. A agitação, ocorre nas manifestações, os “flyers” e interrupção das reuniões dos adversários (ENCKELL, 2011, p. 112).

Inicia-se nesse momento, algo que será muito recorrente na história do anarquismo, a chamada: “propaganda pelo fato”. Antes,

os contatos com a polícia haviam sido raros: no dia 5 de setembro de 1870, La Solidarité havia sido fechado, pois chamava o apoio a insurreição na França”. Alguns Communards haviam sido ameaçados de serem expulsos, mas sem chegar a um desfecho. Mas nenhuma internacional não havia, na Suíça, conhecido a prisão. Contudo, passam a seguir uma ideia mais radical: “Se nós não queremos mais leis, precisamos as ignorar e transpassá-las. Se nós as desprezarmos e as violarmos, sofreremos sua dura realidade (ENCKELL, 2011, p. 113).

O ponto é que: “A atitude muda nos últimos anos da AIT”. No mesmo período, o movimento operário se dirige, segundo forças históricas profundas, para tipos de organizações que excluem os anarquistas: “sindicatos legalistas, partidos sociais-democratas. A organização unitária e ampla que havia tentado à AIT, fracassou, é preciso dizê-lo” (ENCKELL, 2011, p. 113). A posição de entrar nos parlamentos aparece até dentro da Internacional anti-autoritária.

Em 1876, ocorre um Congresso Geral em outubro em Berna. São representadas as federações belgas e holandesas (por César De Paepe), francesa (por Brousse, Gross e Pindy), jurassiano (por uma quinzena dos delegados) e os grupos de Genebra decididos ao isolamento. Para a primeira vez o congresso se abre aos delegados não membros da AIT: um socialista de Genebra, Gutschmann, um deputado no Reichstag alemão, Vahlteich, dois membros de Arbeiterbund, Franz e Greulich.

Com estas querelas, quando ele (De Paepe) sobe a tribuna e anuncia que a Internacional estava morta”. Mas o espírito de unidade entre os socialistas deixa aberta a possibilidade de uma entente. “Os belgas propõem a convocação, o ano seguinte, um congresso socialista universal que exprimia a solidariedade das diferentes organizações. É necessário criar uma organização nova? Por conta dos ingleses e dos alemães é estabelecido um pacto de solidariedade. Só os italianos e os espanhóis, finalmente, recusaram de religar nesse projeto (ENCKELL, 2011, p. 114).

Essas duas federações, espanhola e italiana, declaram que não é mais tempo de congressos, querem a ação. No dia 8 de março de 1876, aqueles anarquistas que queriam comemorar o aniversário da Comuna de Paris são atrapalhados pelas autoridades públicas que agiram para impedir a realização das festividades. Porém, no ano seguinte, a Federação Jurassiana convoca seus membros para ir a Berna comemorar a Comuna, nisso entram em confronto de rua com a polícia, pois essa queria impedir a manifestação.

O último Congresso da Internacional ocorre em setembro de 1877. Nenhum dos delegados pensava que seria o último, principalmente os jurassianos. Havia tido seu congresso anual em agosto, em Saint-Imier, e havia sido minimamente exitoso: 21 seções representadas das 39 das Federações, a música municipal para animar cortejos.

Contudo, é notável a diferença das novas seções em Courtelary e em Neuchâtel. Ocorre uma evolução que se produz em quase todas as federações da Internacional anti-autoritária, de uma parte, o retorno a formas sindicalistas, indo até o compromisso do eleitoralismo e da legislação operária. De outra parte, uma direção puramente anarquista, intransigente, recorrendo até a ação violenta.

Essa evolução estava em germe já após o Congresso de Haia. Contudo, os que permaneceram como direção da AIT quiseram ignorar esse fenômeno e conservar à grande Associação sua característica universal, sua qualidade de organização da classe operária no seu conjunto, se as querelas que fazem as situações e os modos de luta. Assim, a leitura das lembranças de Guillaume, explicam mal o brusco declínio: ele atribui a crise da relojoaria e as prisões do outono de 1877, ao cansaço dos militantes mais devotados, sua partida na primavera de 1878. A Unidade internacional se dissolve com o desaparecimento da Federação Jurassiana. (ENCKELL, 2011, 123).

Em Verviers muitos países se fizeram representar, mas era necessário questionar quais são militantes e quais são membros de primeira hora? Os vervionenses que organizaram o Congresso são velhos militantes, mas a federação belga havia passado também por uma cisão – De Paepe que organiza o congresso socialista universal que ocorreria alguns dias depois não aparece no Congresso geral da AIT. As discussões do Congresso são mal conhecidas, pois não é feita uma ata oficial.

A discussão teórica é centrada no congresso de Gand (Congresso Socialista Universal), onde todas as tendências do movimento operário estavam convidadas a estabelecer um pacto de solidariedade. O Congresso da Internacional toma a sério esse convite, eles se decepcionam ao encontrar em Gand somente numerosos flamencos, alguns alemães, franceses e ingleses, que são, em maioria, representante de organizações operárias. O Congresso se encontra imediatamente dividido em dois campos: uma linha coletivista anarquista, outra social-democrata marxista.

Mas a ação comum não foi possível, e o pacto de solidariedade prevista não foi assinado que entre os delegados que não são da Internacional. É um pacto de princípio que funcionou como a antecâmara da “Segunda Internacional”. Enquanto os homens que haviam mantido a Internacional anti-autoritária, mas sem encontrar uma via específica, Marx e Engels, entenderam que era o tempo de desenvolver partidos nacionais, a fim de constituir um fundamento sólido a uma nova organização internacional.

A situação era tal que da delegação Suíça, somente Guillaume e um outro retornam, e aquele velho militante metucioso redige um número especial do Boletim sobre os dois congressos. Seus trabalhos têm pouco eco, pois a maior parte dos membros ativos da Federação jurassiana entram na prisão durante algumas semanas, no início de outono de 1877. O desemprego persiste, Internacional estagna, e as condenações serão o golpe de misericórdia. Os recursos acabam, como a coragem dos militantes. Até Guillaume vai à Paris, onde acredita que terá mais utilidade.

## 5.7 A Conclusão de Guillaume frente a reflexão crítica de Rosa Luxemburgo: apontamentos a uma hipótese.

### 5.7.1 Guillaume e sua tese de um Karl Marx Pangermanista

James Guillaume passa o resto do século XIX na França e no começo do século XX retoma sua atividade militante, cujo um dos frutos é o livro estudado nessa dissertação *Internationale: documents et souvenirs* em quatro tomos, publicados entre 1905 e 1910. Um livro grande e confuso, como disse Stekloff (2019), sem um objetivo claro, uma mistura de memórias e acervo documental. Na abertura do quarto tomo da obra, Guillaume relata que estava sendo cobrado por amigos para dar uma conclusão a sua obra, como ele mesmo disse: “se tentaria resumir a filosofia do que contei?” (GUILLAUME, 1910, p. V)”. Guillaume, respondendo aqueles amigos, diz que: “Não. O caráter de uma publicação como essa é justamente de não ter nada de sistemático, cabendo ao leitor formar ele mesmo uma opinião” (GUILLAUME, 1910, p. V). Por outro lado, continua Guillaume: “o termo conclusão, me parece exprimir uma ideia falsa. Nada se conclui, nada acaba, tudo continua, recomeça se transformando. A evolução não para a vida é imortal” (GUILLAUME, 1910, p. V).

Apesar dessa posição abrangente e “neutra”, ele passa a atacar as tentativas anti-internacionalistas realizadas pelos marxistas em quase todos os países: “A artimanha tentado a princípio na Bélgica e na Suíça: a constituição, em 1877, de um Partido Socialista Belga pelos flamencos e de um *Sozialdemokratische Partei* pelos suíços alemânicos” (GUILLAUME, 1910, p. V). Por fim, ele se questiona, não seria a Confederação Geral do Trabalho, a CGT francesa, a continuação da Internacional?

Saindo dessa posição neutra, defendida por Guillaume em 1910, ele escreve um texto abertamente polêmico em 1915, com uma posição clara e polêmica, o livro *Karl Marx Pangermaniste* (Karl Marx Pangermanista). A tese defendida ao longo do livro é que Marx organizou todas suas forças e aliados em prol de um projeto nacionalista alemão. Como prova de sua visão ele cita alguma das cartas trocadas entre Marx, Engels e outros aliados, por exemplo, a famosa carta a Engels de 20 de julho de 1870, a qual ele diz:

Os franceses precisam de uma surra. Se os prussianos forem vitoriosos, a centralização do poder do Estado será útil à centralização da classe operária alemã. A preponderância alemã, além disso, transportará o centro gravidade do movimento

operário europeu da França para a Alemanha; e basta comparar o movimento nos dois países, desde 1866 até agora, para ver que a classe operária alemã é superior à francesa, tanto do ponto de vista da teoria como daquele da organização. A preponderância, no teatro do mundo, do proletariado alemão sobre o proletariado francês seria ao mesmo tempo a preponderância de nossa teoria sobre aquela de Proudhon<sup>137</sup> (MARX, 2019, on-line)

Porém, o próprio Guillaume é forçado a expor a posição pública de Marx, aquela expressa no Manifesto escrito por Marx, em nome do Conselho Geral, em 23 de julho de 1870 sobre a Franco-Prussiano, em que se lê:

Do lado alemão, essa guerra é uma guerra defensiva; mas se a classe operária alemã tolerar que a guerra atual perca seu caráter defensivo e degenerere em uma guerra contra o povo francês, a vitória ou a derrota será para ela igualmente desastrosa<sup>138</sup> (MARX, 2019, on-line).

Guillaume insiste, nesse livro, citando outras cartas, dentre as quais a de Engels a Marx de 15 de agosto de 1870, onde se lê: “Seria absurdo fazer do antibismarckismo nosso único princípio diretor. Bismarck, neste momento [...] trabalha para nós, à sua maneira; é sem o desejar que o faz, mas o faz de todo modo” (ENGELS, 2019, on-line)<sup>139</sup>. E a resposta de Marx a essa carta, datada de 17 de agosto de 1870, onde se lê:

A guerra tornou-se nacional: não é mais o momento em que um apelo aos princípios era um ato de coragem, como no momento da declaração de Libknecht e de Bebel ao Reichstag [...] Kugelmann não vê que operações militares defensivas devem ser vistas como fazendo parte da guerra defensiva. Segundo ele, quando um indivíduo ataca-me na rua, eu só teria o direito de deter seus golpes; desferir-lhe um golpe que o derrube seria, segundo Kugelmann, transformar-me em agressor. Vemos que toda essa gente não entende nada de dialética (MARX, 2019, on-line)<sup>140</sup>.

---

137 But the paper (*Le Réveil*, a democratic French newspaper) is also interesting on account of the leading article by old Delescluze. Despite his opposition to the government, the most complete expression of chauvinism--because France alone is the home of ideas--(of the ideas it has got about itself). The only thing that annoys these republican chauvinists is that the real expression of their idol--L. Bonaparte the long-nosed Stock Exchange shark--does not correspond to their fancy picture. The French need a thrashing. If the Prussians win, the centralisation of the state power will be useful for the centralisation of the German working class. German predominance would also transfer the centre of gravity of the workers' movement in Western Europe from France to Germany, and one has only to compare the movement in the two countries from 1866 till now to see that the German working class is superior to the French both theoretically and organisationally. Their predominance over the French on the world stage would also mean the predominance of our theory over Proudhon's, etc (MARX, 2019, on-line).

138 If the German working class allow the present war to lose its strictly defensive character and to degenerate into a war against the French people, victory or defeat will prove alike disastrous. (MARX, 2019, on-line).

139 It is certainly very unpleasant but cannot be altered. But to magnify anti-Bismarckism into the sole guiding principle on this account would be absurd. In the first place, Bismarck, as in 1866, is at present doing a bit of our work for us, in his own way and without meaning to, but all the same he is doing it. (ENGELS, 2019, on-line).

Guillaume adiciona mais algumas cartas em que o diálogo entre Marx e Engels sobre o assunto caminha nesse sentido. Porém, a partir de 14 de setembro de 1870, o tom dos fundadores do materialismo histórico e dialético muda. Marx, em carta do de 14 de setembro, em que esse passa a criticar a política prussiana que Bismarck passa a empregar dentro e fora da Alemanha. Contudo, o próprio autor de Karl Marx Pangermanista é obrigado a admitir que: “Marx, mais tarde, deveria sofrer novas influências [, pois] a heroica resistência dos trabalhadores franceses (GUILLAUME, 2018, p. 123)” o tocou. Tanto é que, acrescenta Guillaume, ele escreve a Kulgemann em 14 de fevereiro de 1871, após o armistício:

Que a França resista! Que ela utilize o armistício para reorganizar seu exército, e dê, enfim, à guerra, um caráter verdadeiramente revolucionário, - e o novo império prussiano-germânico bem que podia receber um batismo bem inesperado (MARX, 2019, on-line)<sup>141</sup>.

Após essa virada, Guillaume questiona: “Mas essa palinódia pode apagar as palavras de 1870?” (GUILLAUME, 2018, p. 123). Salta dessa reflexão dois pontos consecutivos: Marx era um pangermanista? Dessa pergunta segue-se a ideia que permeia o livro de Guillaume tratado aqui: esse pangermanismo se constituiu em partido que arruinou a AIT?

Dialogando com a perspectiva defendida por Guillaume, João Bernardo, marxista português, numa série de artigos, publicados no Jornal Passa Palavra, intitulado: Marxismo e nacionalismo (2009) em quatro partes. Nos interessa aqui somente a primeira parte: O antieslavismo de Marx e Engels. Nesse texto, João Bernardo trata de uma seleção de textos e cartas de Marx e Engels para demonstrar que os pais fundadores do materialismo histórico e dialético, em muitos momentos, deixavam em suspenso sua teoria da luta de classes, para dar lugar a uma luta entre nações revolucionárias contra nações contra-revolucionárias. João Bernardo trata, em específico, das posições de Marx e Engels contra os mexicanos e, principalmente, contra os eslavos. Segundo João Bernardo:

Marx e Engels quiseram orientar a Associação Internacional dos Trabalhadores, a Primeira Internacional, para a defesa da independência da Polónia e para o ataque ao eslavismo. Numa série de artigos publicada em 1866, Engels afirmou, com a total

---

140 From the circumstance that I approved the declaration made by Bebel and himself in the Reichstag. That was a "moment" when *Prinzipienreiterei* [stickler for principle] was an act of courage, but from this it by no means follows that the moment is still continuing, much less that the attitude of the German proletariat to a war which has become national is expressed in Wilhelm's antipathy to Prussia. It would be just as if we, because at a suitable moment we had raised our voices against the "Bonapartist" liberation of Italy, were to wish to redress the relative independence which Italy received as a result of that war. [...] Kugelmann confuses a defensive war with defensive military operations. So if a fellow falls upon me in the street I may only parry his blow, but not knock him down, because then I should turn into an *aggressor!* The want of dialectic comes out in every word these people utter... (MARX, 2019, on-line).

141 If France holds out, uses the armistice to reorganise her army and finally gives the war a really revolutionary character – and the artful Bismarck is doing his best to this end – the new German, Borussian Empire may still get a quite unexpected thrashing as its baptism (MARX, 2019, on-line).

concordância do seu amigo, que relativamente às grandes nações europeias que não estavam ainda unificadas ou não gozavam de autonomia política, como sucedia com a Polónia, a Associação Internacional dos Trabalhadores deveria mobilizar os operários dos vários países numa guerra contra a Rússia, a principal opressora dos polacos (BERNARDO, 2009, on-line).

Somada a postura supostamente antieslavista, João Bernardo dá guarida à ideia levantada por Guillaume de que Marx e Engels davam prevalência a um projeto revolucionário alemão, em que seria necessário esmagar nações contra-revolucionárias:

«De todas as nações e naçõeszinhas da Áustria, só três foram portadoras de progresso e tiveram uma intervenção activa na história, mantendo a sua vitalidade: os alemães, os polacos e os magiares. Por isso são agora revolucionárias. Todas as outras tribos e todos os outros povos, grandes e pequenos, têm de imediato a missão de perecer na tempestade revolucionária mundial. Por isso são agora contra-revolucionários», escreveu Engels na *Neue Rheinische Zeitung* em 1849 (BERNARDO, 2009, on-line).

Na contramão dessa leitura, Domenico Losurdo em seu livro a Luta de Classes. Nesse livro ele redimensiona a teoria da luta de classes de Marx e Engels enquanto uma Teoria Geral do Conflito de modo a posicionar dialeticamente a questão nacional dentro da filosofia da práxis marxista.

### **5.7.2 A perspectiva de Domenico Losurdo e Rosa Luxemburgo sobre o problema político e nacional.**

Domenico Losurdo (2015) questiona: a teoria de luta de classes de Marx e Engels se resume ao conflito de classes internas a um país, com sua extensão na luta internacional entre proletariado e burguesia, ou também entende a luta das nações oprimidas contra as nações opressoras? Losurdo defende que “A luta pela emancipação das nações oprimidas não é menos importante do que a luta pela emancipação do proletariado. As duas foram acompanhadas e promovidas pela mesma paixão” (LOSURDO, 2015, p. 20). Mas, de início, isso leva um questionamento sobre a questão do sujeito da ação emancipatória e do sujeito da libertação nacional, pois

Se o proletariado é o protagonista do processo de libertação/emancipação que arrebenta os grilhões do domínio capitalista, o campo chamado a quebrar os grilhões da opressão nacional é mais amplo (LOSURDO, 2015, p. 21)

Losurdo (2015) após analisar a posição de Marx e Engels sobre a luta dos irlandeses, poloneses e hindus, conclui:

Pressupõem-se aqui dois cenários revolucionários diferentes: o primeiro (na Inglaterra) tem o “proletariado industrial” como protagonista da revolução anticapitalista, no segundo (na colônia subjugada) [os povos] são os protagonistas. Toda vez que está em jogo a “emancipação nacional”, o sujeito é constituído pela nação oprimida como tal – os poloneses, os irlandeses, os hindus (LOSURDO, 2015, p. 23).

A partir dos textos deles, Losurdo ataca diretamente os intérpretes, como Guillaume e João Bernardo, que classificam Marx e Engels como nacionalistas alemães antieslavistas. Pois, diferente da hipótese de Bernardo, na qual, haveria dois Marx, um pai da teoria da luta de classes e um outro, nacionalista alemão, Losurdo aponta no texto na unidade entre luta de classes e luta das nações oprimidas contra as nações opressoras. Afinal:

Observemos em que termos Marx condena a sociedade burguesa. Damos a palavra, para iniciar, a Miséria da Filosofia: “os povos modernos não souberam senão mascarar a escravidão em seu próprio país e impuseram-na sem máscara ao Novo mundo”. Alguns anos depois, considerando em particular o domínio colonial imposto pela Grã-Bretanha à Índia, Marx reafirma: “A profunda hipocrisia e a intrínseca barbárie da civilização burguesa se oferecem aos nossos olhos sem disfarces, quando das grandes metrópoles, onde elas adquirem formas respeitáveis, voltamos os olhos para as colônias onde elas circulam em toda sua nudez”. A luta de classes é somente a que põe em discussão a escravidão mascarada e a barbárie disfarçada e adornada? (LOSURDO, 2015, p. 27).

Portanto, conclui Losurdo, após estudar os textos, que dizer sim para essa pergunta seria um absurdo “e’ deixar de fazer valer a categoria de luta de classes justo onde exploração e opressão são mais abertas e mais brutais” (LOSURDO, 2015, p. 27).

Tratando diretamente da ala da Internacional a qual Guillaume liderava, a célebre intelectual marxista Rosa Luxemburgo levanta uma hipótese que se refere tanto a Social Democracia de sua época, quanto a um balanço crítico da Internacional “autonomista”. Primeiramente, ela trata do texto de Engels, Bakuninistas em Ação (1873), que era o que determinava o entendimento do socialismo internacional sobre a greve de massas e era o pilar central dos marxistas contra os anarquistas, por “sua crítica à fabricação de revoluções por Bakunin, na Espanha” (ENGELS, in LUXEMBURGO, 2011, p. 263). Engels comentava, a seu modo, o programa bakuninista da greve geral. Expõe o fato da ideia ser anterior. Mas o ataque central reside, em:

Por um lado, os governos, em especial quando são engordados pela abstenção política, jamais deixarão a organização e o caixa dos trabalhadores chegar a esse ponto” (seria necessário uma organização completa da classe trabalhadora e um caixa cheio) “, há, por outro lado, os acontecimentos políticos e a ofensivas das classes dominantes irão provocar a libertação dos trabalhadores muitos antes que o proletariado esteja próximo de conseguir essa organização ideal e esses fundos de reserva colossais (ENGELS, in LUXEMBURGO, 2011, p. 264).



A simplicidade da argumentação, segundo Rosa, era tão incontestável, que prestou excelentes serviços ao movimento operário moderno “como arma lógica contra as quimeras anarquistas e como recurso para levar a ideia de luta política aos círculos mais amplos do operariado” (LUXEMBURGO, 2011, p. 265). O movimento político do final do século XIX é o exemplo “mais brilhante da tática de luta política defendida por Marx e Engels em oposição a Bakunin” (LUXEMBURGO, 2011, p. 265). A potência da social-democracia alemã, sua posição de vanguarda a de todo o movimento operário internacional, “nada mais são o que o resultado direto do emprego enfático e consequente desta tática” (LUXEMBURGO, 2011, 265).

Para Rosa Luxemburgo a Revolução Russa de 1905 significou uma liquidação histórica do anarquismo. Essa tendência intelectual foi “condenada pelo poderoso desenvolvimento da social-democracia na Alemanha durante as últimas décadas” (LUXEMBURGO, 2011, p. 266), explicada, para ela, pela dominação exclusiva e pela longa duração do período parlamentar. O anarquismo, para a intelectual marxista, é uma orientação revolucionária no sentido mais tosco do termo, centrada na “ação direta”, ela esmoreceria na tranquilidade do cotidiano parlamentar, “para somente com um retorno do período de lutas diretas e abertas, com uma revolução de rua, reviver e desdobrar a sua força interna” (LUXEMBURGO, 2011, p. 266).

A Rússia, segundo Luxemburgo, parecia propícia ao campo anarquista. Motivos que decorrem da especificidade Russa. Afinal, a Russa “era o local do nascimento histórico do anarquismo. Contudo, a pátria de Bakunin deveria tornar-se o túmulo de sua teoria” (LUXEMBURGO, 2011, p. 266). Quem dirigiu a Revolução Russa (1905) foram os social-democratas. Rosa Luxemburgo radicaliza seu discurso dizendo que, “a Revolução Russa o anarquismo não se tornou a teoria da luta do proletariado em luta, mas o rótulo ideológico do lumpemproletariado contrarrevolucionária” (LUXEMBURGO, 2011, p. 267).

Rosa Luxemburgo radicaliza no sentido marxista do tema também, ou seja, indo a raiz do problema do pensamento anarquista.

Para o modo de pensar anarquista, mesmo a especulação sobre a “grande balbúrdia”, sobre a revolução social, é tão somente uma característica externa e secundária. Essencial é a observação abstrata, anistórica da greve de massas, assim como de todas as concepções em geral da luta proletária. Para o anarquista existem apenas dois pressupostos materiais para suas especulações “revolucionárias”: primeiramente o espaço etéreo e, em seguida, a boa vontade e a coragem de salvar a humanidade do atual vale de lágrimas. Naquele céu azul, há já sessenta anos, o raciocínio implicou que a greve de massas seria o meio mais direto, seguro e simples, para realizar o salto para um além social melhor [...] Para o anarquismo sempre foi fatal que utopias, que justamente por não contarem com a triste desprezada realidade, acabavam frequentemente, passando de especulações

revolucionárias a auxiliares práticos da reação (LUXEMBURGO, 2011, p. 269)<sup>142</sup>.

Rosa Luxemburgo identifica no anarquismo um tipo de reificação de tipo específica, pois o caráter abstrato e anistórico retira da realidade concreta a luta de classes e, com isso, existem apenas dois pressupostos materiais para sua estratégia revolucionária, para Rosa Luxemburgo, primeiro é o espaço etéreo, isto é, sem a reflexão crítica das condições concretas, sendo essas, o estudo histórico e econômico de toda a vida nacional. O segundo

no mesmo terreno da observação abstrata e anistórica, encontram-se hoje aqueles que agora querem marcar a greve de massas na Alemanha num dia determinado no calendário, por uma decisão do partido (...) Para a concepção anarquista, “a greve de massas é um simples meio de luta técnico” (LUXEMBURGO, 2011, p. 269).

O prognóstico de Rosa Luxemburgo é que no espaço etéreo, na abstração feita pelos anarquistas, tudo pode provar, de modo a não conseguir se provar nada, ou seja, pode-se com a mesma firmeza afirmar a vitória e como a derrota, pois lhes falta o terreno concreto da política

é impossível “propagar” a greve de massas como meio abstrato de luta assim como é impossível propagar a “revolução”. (Esses) “são conceitos que enquanto tais significam apenas a forma exterior da luta de classes que só têm sentido e conteúdo em situações políticas bem determinadas” (LUXEMBURGO, 2011, p. 271).

Rosa Luxemburgo abre um novo flanco na crítica aos anarquistas, pois ao estabelecer a necessidade da ação política concreta e apontando que esse foi o motivo da sobrevivência e fortalecimento da Social-Democracia internacionalmente, ela aponta que a falta disso foi o motivo da derrota e fraqueza dos anarquistas. Portanto, ambas as táticas, assentadas nas teorias de cada uma das tendências, levou a um caminho: o crescimento e fortalecimento da Social Democracia e o enfraquecimento e pulverização do anarquismo. Como a Alemanha é prova de força e da tática correta dos marxistas, a Suíça não seria a prova da profunda derrota que os anarquistas sofreram? Pois mesmo lá tendo sediado o centro diretor da Internacional de Saint-Imier, algumas décadas depois, Guillaume amargou ver que não havia sequer vestígio daquela organização (GUILLAUME, 2009), sendo esse a motivação para redação de sua obra, como vimos no segundo capítulo.

Guillaume dá provas, ao longo de seu livro, que ele começara a desenvolver um tipo de cosmopolitismo de novo tipo, isto é, um tipo de internacionalismo abstrato, apegado as temáticas gerais do movimento operário, só que sem conteúdo político concreto. Como podemos ver no seguinte trecho:

---

142 Os grifos são nossos.

As questões locais não prendiam nossa atenção. Nós estávamos com os olhos fixos sobre o que se passava em nosso entorno, nos países vizinhos. Na França, onde uma agitação enorme parecia anunciar o fim do Império. Na Bélgica, país onde a Internacional tornou-se uma força. Na Espanha, onde nós possuíamos, então, algumas amizades pessoais, e onde os levantes carlistas e os republicanos federalistas fizeram crer à impossibilidade de reestabelecer uma nova monarquia. Na Alemanha mesmo, onde nós víamos as querelas dos lassalianos e do partido de Eisenach, sem conseguir compreender o que acontecia. Para mim, essas questões internacionais me interessavam muito mais que as querelas internas dos genebrinos (GUILLAUME, 1905, p. 239).

Portanto, o que os importava mais eram os acontecimentos gerais, não havia uma real dedicação aos problemas políticos de seu país. Como se os países existissem só como uma ficção burguesa, que não deveria ser levada em conta. Isso foi percebido pelo próprio Marx, à época, e pelo estudioso da AIT, Marcello Musto. Do primeiro, sua crítica a esse cosmopolitismo está numa carta a Engels, datada de 20 de junho de 1868:

Os franceses, muito numerosos, deram livre curso à sua cordial antipatia em relação aos italianos. Os representantes (não operários) da Jovem França declararam que todas as nacionalidades e as próprias nações são “preconceitos ultrapassados”. Eles professam um stirnerianismo proudhoniano. Tudo dissolver em “pequenos grupos” ou “comunas”, que se uniriam de novo para formar uma “sociedade”, mas não um Estado. Enquanto se espera a realização dessa “individualização” da humanidade, e do “mutualismo” que a acompanhará, o curso da história deve ser suspenso em todos os outros países, e o mundo inteiro deve esperar que os franceses estejam maduros para uma revolução social. Eles então farão a experiência ante nossos olhos, e o resto do mundo, subjugado pela força de seu exemplo, fará como eles, seguindo seus passos. Completamente o que Fourier esperava de seu falanstério modelo. Todos aqueles que atravancam a “questão social” com “superstições” do antigo mundo são declarados “reacionários” (MARX, 2019, on-line).

Por fim, Marx zomba dessa concepção, de modo que:

Os ingleses riram muito quando, ao tomar a palavra, comecei dizendo que nosso amigo Lafargue, que suprimiu as nacionalidades, falou-nos em francês, isto é, em uma língua que os nove décimos do auditório não compreendem. Mostrei, em seguida, que para ele, sem que ele perceba isso, a negação das nacionalidades é simplesmente sua absorção pela nação modelo, a França<sup>143</sup> (MARX, 2019, on-line).

---

143 Yesterday there was a discussion in the International Council on the present war. (Prussian-Austrian war of 1866) It had been announced beforehand and our room was very full. The Italian gentlemen had also sent us representatives once more. The discussion wound up, as was to be expected, with "the question of nationality" in general and the attitude we should take towards it. This subject was adjourned till next Tuesday.

The French, very numerous, represented, gave vent to their cordial dislike for the Italians. Moreover the representatives of "young France" (non-workers) came out with the announcement that all nationalities and even nations were "antiquated prejudices." Proudhonised Stirnerism. Everything to be dissolved into little "groups" or "communes" which will in their turn form an "association" but no state. And indeed this "individualisation" of mankind and the corresponding "mutualism" are to proceed while history comes to a stop in all other countries and the whole world waits until the French are ripe for a social

O fundador da teoria da luta de classes, Marx, zomba dessa abstração de que as nações poderiam ser extinta por meio de uma fraseologia abstrata, indo além, ele mostra a contradição interna desse discurso, na medida em que, ao adotarem o francês e centrarem suas paixões e atividades na luta social francesa, “a negação das nacionalidades é simplesmente sua absorção pela nação modelo, a França” (MARX, 2019, on-line). Musto, seguindo a linha de Rosa Luxemburgo e Marx, identifica um elemento de abstração oca na conformação da ala “autonomista”, de modo que, nos Congressos da Internacional “autonomista”:

Essa Internacional, porém tornara-se, em grande medida, um lugar de debate abstrato, onde um número cada vez menor sobre as condições materiais dos trabalhadores e as ações necessárias para modificá-las (MUSTO, 2014, p. 82).

Marx defendeu-se, também, da alcunha de pangermanista lançada por seus opositores e sustentada por Guillaume em sua obra, o socialista alemão disse, em carta a Bolte de 23 de novembro de 1871:

---

revolution. They will then perform the experiment before our eyes, and the rest of the world, overcome by the force of their example, will do the same. Just what Fourier expected of his model phalanstery. Moreover, everyone who encumbers the "social" question with the "superstitions" of the old world is "reactionary."

The English laughed very much when I began my speech by saying that our friend Lafargue, etc., who had done away with nationalities, had spoken "French" to us, i.e., a language which nine-tenths of the audience did not understand. I also suggested that by the negation of nationalities he appeared, quite unconsciously, to understand their absorption into the model French nation.

For the rest, the line is difficult now because one has equally to oppose the silliness of English pro-Italianism on the one hand and the false polemic of the French on the other, and must specially prevent any demonstration which would involve our Association in a one-sided direction (MARX, 2019, on-line).

Ontem houve uma discussão no Conselho Internacional sobre a guerra atual (guerra prussiano-austriaca de 1866). Foi anunciado com antecedência e nosso quarto estava muito cheio. Os senhores italianos também nos enviaram representantes mais uma vez. A discussão terminou, como era de se esperar, com "a questão da nacionalidade" em geral e a atitude que devemos tomar em relação a ela. Este assunto foi adiado até a próxima terça-feira.

Os franceses, representados numericamente, deram vazão à sua cordial antipatia pelos italianos.

Além disso, os representantes da "jovem França" (não trabalhadores) saíram com o anúncio de que todas as nacionalidades e até nações eram "preconceitos antiquados". Stirnerism Proudhonised. Tudo a ser dissolvido em pequenos "grupos" ou "comunas" que, por sua vez, formarão uma "associação", mas nenhum estado. E, de fato, essa "individualização" da humanidade e o correspondente "mutualismo" devem prosseguir enquanto a história para em todos os outros países e o mundo inteiro espera até que os franceses estejam maduros para uma revolução social. Eles realizarão o experimento diante de nossos olhos e o resto do mundo, superado pela força de seu exemplo, fará o mesmo. Exatamente o que Fourier esperava de seu falanstério modelo. Além disso, todos os que sobrecarregam a questão "social" com as "superstições" do mundo antigo são "reacionários". Os ingleses riram muito quando comecei meu discurso dizendo que nosso amigo Lafargue etc., que havia eliminado as nacionalidades, havia falado "francês" para nós, ou seja, um idioma que nove décimos da platéia não entendia. Sugeri também que, pela negação das nacionalidades, ele parecia, inconscientemente, entender sua absorção pela nação modelo francesa. De resto, a linha é difícil agora, porque é preciso opor-se igualmente à bobagem do pró-italianismo inglês, por um lado e à falsa polêmica dos franceses, por outro e impedir especialmente qualquer manifestação que envolva nossa Associação em um país unilateral (MARX, 2019, on-line).

Sustenta-se que no Conselho Geral reina o pangermanismo e o bismarckismo. O fato é que tenho a imperdoável culpa de ser um alemão, e exercer sobre o Conselho Geral uma influência intelectual decisiva. Observai que, no Conselho, o elemento alemão é numericamente três vezes mais fraco que o elemento inglês e do que o elemento francês. Nosso crime consiste, portanto, no seguinte: os elementos ingleses e franceses são, em matéria de teoria, dominados pelo elemento alemão; com essa dominação, que é aquela da ciência alemã, eles estão muito bem e veem-na, inclusive, como indispensável<sup>144</sup> (MARX, 2019, on-line).

Posto isso, podemos levantar duas conclusões: 1º o pensamento abstrato anistórico dos militantes do Jura fez com que eles negligenciassem a questão nacional e repudiassem a luta política; 2º ao negligenciarem a questão nacional, atribuíram a ala marxista um nacionalismo alemão feroz, o qual sabotou as lutas internacionalistas dos operários. Salta aos olhos uma pergunta, qual a origem dessa abstração anistórica, como diz Rosa Luxemburgo?

Em nossa pesquisa surgiu uma hipótese, a qual não teremos como sanar nessa dissertação, mas que cabe o apontamento de que o caráter abstrato e anistórico do pensamento dos militantes da Internacional “autonomista”, tem origem no pensamento de Mikhail Bakunin, mais precisamente, na reforma realizada por ele na dialética hegeliana. Como diz o biógrafo do revolucionário russo, Mark Leier, “Bakunin introduz uma nova ideia na dialética hegeliana da mudança histórica” (LEIER, 2009, 113). Bakunin, segundo Leier (2009), propõe um modelo dialético binário, ou seja, de duas partes, no qual o negativo destrói o positivo, sem realizar nenhuma síntese, mas criar um positivo que não possua nada do velho” (LEIER, 2009, p. 114). O bakunista francês, Berthier (2014), concorda com isso, dizendo que:

Na dialética hegeliana “clássica”, a oposição se resolve na fusão de dois termos que constituem em seguida uma outra realidade. Para Bakunin, a contradição dialética se resolve na destruição do positivo pelo negativo, e somente assim se cria uma nova realidade (BERTHIER, 2014, p. 9).

Vemos então que é patente a reforma de Bakunin e que ela estabelece uma nova base filosófica, talvez o fundamento daquilo que analisamos aqui. Por fim, terminamos o trabalho com algumas questões postas e muita pesquisa a ser realizada para sanar a totalidade do objeto que nos propomos resolver. Caberá a novos trabalhos detalhar a influência dessa reforma bakuninista na dialética na constituição do cosmopolitismo de novo tipo que dominou a Internacional de Saint-Imier.

---

144 The slogan given out is that the Geneva Council is dominated by Pan-Germanism (especially Bismarckism). This refers to the unpardonable fact that I am by birth a German and do actually exercise a decisive intellectual influence on the German Council. (N.B. The German element on the Council is two-thirds weaker numerically than either the English or the French. The crime therefore consists in the fact that the English and French elements are dominated by the German element where theory is concerned (!) and find this domination, i.e., German science, very useful and indeed indispensable.) (MARX, 2019, on-line).

## 6 CONCLUSÃO

Ao estudarmos a narrativa das seções internacionalistas da Suíça francesa sobre a Associação Internacional dos Trabalhadores, AIT, desvelamos um conjunto complexo de relações e conflitos dos operários Suíços, além de podermos ver de um lugar privilegiado a fundação e enraizamento do anarquismo.

Referente ao que concerne o entendimento da Associação Internacional dos Trabalhadores, toda uma página mais esquecida da vida dela foi acompanhada pari-passu, num grau íntimo de detalhes e relatos. Outra conclusão que chegamos é que o recorte realizado foi muito amplo, pois ao abarcar um período extenso, não pode se deter em vários acontecimentos importantíssimos para a história da AIT e das classes subalternas, como, por exemplo, a Comuna de Paris.

Mais especificamente, a narrativa das seções da Suíça francesa da internacional, nos ensinou muito sobre a posição e reflexão da ala “autonomista” da Internacional. Por exemplo, que o conflito que se rachou a Internacional em 1872, é fruto de dois acontecimentos: o primeiro é a disputa iniciada em 1869, no Congresso de Basileia, devido a vitória do voto favorável ao fim do direito de herança, defendido pelos aliados de Bakunin contra os aliados de Marx; o segundo, que funde-se ao outro enquanto processo de conflito interno, é o racha dentro do 2º Congresso da Federação Românica, em abril de 1870. Nesse, a ala bakuninista, baseados nas montanhas do Jura, e os genebrinos se desentendem quando da aceitação da Aliança da Democracia Socialista pediu aceite na Federação Românica. Os genebrinos atacavam o ateísmo político e abstencionismo dos bakuninistas, enquanto aqueles das montanhas se aliaram ao Bakunin e a Aliança.

Além do que, a narrativa das seções da Suíça francesa nos diz muito sobre a concepção militante deles e da visão que eles construíram de seus adversários. A concepção predominante, no momento da fundação da AIT na Suíça, é de uma disforme visão economicista mesclada com um mutualismo centralizado em Coullery, médico suíço contra-revolucionário. Com o desenrolar dos acontecimentos, o proletariado suíço lutando e participando da vida da classe operária internacional, há uma radicalização teórica e prática, com o rompimento da Internacional com Coullery e a fundação do coletivismo, posteriormente identificado como anarquismo. Contra seus adversários, numa análise a posteriori, Guillaume tenta taxá-los como pangermanista, fato questionado pela análise dos textos de Marx e Engels, assim como, os documentos da Internacional.

Por fim, identificamos que o coletivismo do Jura Suíço se conformou como um cosmopolitismo de novo tipo, isto é, uma preocupação generalista com a luta das classes subalternas só que sem o conteúdo concreto da política e de uma preocupação séria para com a vida nacional. Tanto é que, parece haver uma ruptura entre o primeiro capítulo, sobre uma reflexão histórica e política da Suíça, e

os seguintes, como se as seções do Jura suíço não compusessem de modo orgânico a vida nacional da Suíça, como se nada tivessem a ver com os séculos de lutas sociais precedentes.

## 7 REFERÊNCIAS

- BAKUNIN, Mikhail. *De Baixo para cima e da periferia para o centro: textos políticos, filosóficos e de teoria sociológica* Org. Andrey Cordeiro Ferreira e Tadeu Bernardes de Souza Toniatti. Rio de Janeiro, Ed. Alternativa, 2014.
- BERNARDO, João. *Marxismo e nacionalismo: o antieslavismo de Marx e Engels*. Lisboa, Jornal Passa Palavra, 2009. Disponível: <http://passapalavra.info/2009/05/4140/>  
Acessado em: 01/08/2019.
- BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido se desmancha no ar*. Cia. das Letras, São Paulo, 2010.
- BERTHIER, René. *Teoria política e método de análise no pensamento de Bakunin*. São Paulo, ITHA, 2014, disponível em: <https://ithanarquista.wordpress.com/2014/11/27/rene-berthier-teoria-politica-e-metodo-de-analise-no-pensamento-de-bakunin-entrevista/>  
Acesso em 26/07/2015 às 19:00.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*, Ática, São Paulo, 2010.
- CORDENAÇÃO ANARQUISTA BRASILEIRA. *CAB*. Disponível em: [https://anarquismo.noblogs.org/?page\\_id=6](https://anarquismo.noblogs.org/?page_id=6) Acesso em 27/07/2015 às 17:00
- CORRÊA, Felipe. *Bandeira Negra : Rediscutindo o Anarquismo*. São Paulo, Editora Prismas, 2015.
- DEL ROIO, Marcos. *O império universal e seus antípodas: A ocidentalização do mundo*. São Paulo, Ícone.1998.
- DECCA, Edgar de. *1930 o silêncio dos vencidos*. Rio de Janeiro, Ed. Brasiliense 1988.
- DECCA, Edgar de. *O nascimento das fábricas*. Rio de Janeiro, Ed. Brasiliense, 1995.
- DERATHÉ, Robert. *Rousseau e a Ciência Política de seu tempo*. Ed. Bacarolla/Discurso editorial, São Paulo, 2009.
- DICTIONNAIRE HISTORIQUE DE LA SUISSE. *Bailliages*, Genebra, 2015, disponível em :<http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F26415.php> Acesso em 26/07/2016 às 17:30
- DICTIONNAIRE HISTORIQUE DE LA SUISSE. *Canton*, Genebra, 2015, disponível em :<http://www.hls-dh-dss.ch/textes/f/F26414.php>  
Acesso em 26/07/2016 às 17:30
- DICTIONNAIRE HISTORIQUE DE LA SUISSE. *Cantons à régime patricien*, Genebra, 2015, disponível em :<http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F26422.php>  
Acesso em 26/07/2016 às 17:30
- DICTIONNAIRE HISTORIQUE DE LA SUISSE. *Club helvétique*, Genebra, 2015, disponível em : <http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F17214.php> Acesso em 26/07/2016 às 17:30



DICTIONNAIRE HISTORIQUE DE LA SUISSE. *Diète Fédérale*, Genebra, 2015, disponível em : <http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F10076.php> Acesso em 26/07/2016 às 17:30

DICTIONNAIRE HISTORIQUE DE LA SUISSE. *Grand Conseil (Ancien Régime)*, Genebra, 2015, disponível em : <http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F10237.php> Acesso em 26/07/2016 às 17:30

DICTIONNAIRE HISTORIQUE DE LA SUISSE. *GUILLAUME TELL*, Genebra, 2015, disponível em : <http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F17475.php> Acesso em 26/07/2016 às 17:30

DICTIONNAIRE HISTORIQUE DE LA SUISSE. *James Guillaume*, Genebra, 2015, disponível em : <http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F13180.php> Acesso em 26/07/2016 às 17:30

DICTIONNAIRE HISTORIQUE DE LA SUISSE. *La Harpe*, Genebra, 2015, disponível em : <http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F15222.php> Acesso em 26/07/2016 às 17:30

DICTIONNAIRE HISTORIQUE DE LA SUISSE. *Petit Conseil (Ancien Régime)*, Genebra, 2015, disponível em : <http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F10236.php> Acesso em 26/07/2016 às 17:30

DICTIONNAIRE HISTORIQUE DE LA SUISSE. *Radicalisme*, Genebra, 2015, disponível em : <http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F27156.php> Acesso em 26/07/2016 às 17:30

DICTIONNAIRE HISTORIQUE DE LA SUISSE. Ulrich Zwingli, Genebra, 2015, disponível em : <http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F10447.php> Acesso em 26/07/2016 às 17:30

DICTIONNAIRE HISTORIQUE DE LA SUISSE. *Zähringen*, Genebra, 2015, disponível em : <http://www.hls-dhs-dss.ch/textes/f/F19504.php> Acesso em 26/07/2016 às 17:30

DUCLOS, Jacques. *La Première Internationale*. Paris, Éditions sociales, 1964.

ENGELS, Friederich. *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*, PSTU, disponível em:

[http://www.pstu.org.br/sites/default/files/biblioteca/engels\\_socialismo\\_utopico.pdf](http://www.pstu.org.br/sites/default/files/biblioteca/engels_socialismo_utopico.pdf)

Acesso em: 09/06/2015 às 06:09.

ENGELS, Friedrich. *Engels to Marx in Manchester: August, 15, 1870*. Londres, Marxist.org, 2019. Disponível em:

[https://www.marxists.org/archive/marx/works/1870/letters/70\\_08\\_15.htm](https://www.marxists.org/archive/marx/works/1870/letters/70_08_15.htm)

Acessado em: 01/08/2019.

ENCKELL, Marianne. *La Fédération Jurassienne: les origines de l'anarchisme en Suisse.Saint-Imier*: Entremonde, 2011.

FRANCILLON, Roger. *Histoire de la littérature en Suisse romande*. Lausanne, Éditions Payot, 1997.

FREYMOND, Jacques. Etude sur las formation de la Première Internationale, artigo disponível em:<http://dx.doi.org/10.5169/seals-77320> Acesso em 26/07/2015 às 17:00

- FREYMOND, Jacques. *La Primera Internacional: Colección de documento, t.1*. Madrid, Editora Zero, 1973.
- GILLIARD, Charles. *Histoire de la Suisse*. Paris, Press Universtaire de France, 1949.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadenos do Cárcere*, v. 2. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2011.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*, v.3. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2007.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro, ed Civilização Brasileira, 1968.
- GUILLAUME, James. *A Internacional: documentos e recordações, v.1*. São Paulo, Editora Imaginário, 2009.
- GUILLAUME, James. *Karl Marx Pangermanista*. São Paulo, Intermezzo, 2018.
- GUILLAUME, James. *L'internationale: documents et souvenirs. Tome I*. Paris. Stock, éditeur, 1905.
- GUILLAUME, James. *L'internationale: documents et souvenirs. Tome II*. Paris. Stock, éditeur, 1909.
- GUILLAUME, James. *L'internationale: documents et souvenirs. Tome III*. Paris. Stock, éditeur, 1910.
- GUILLAUME, James. *L'internationale: documents et souvenirs. Tome IV*. Paris. Stock, éditeur, 1910.
- HALÉVY, Élie. *Histoire du socialisme européen*. Paris, Gallimard, 1974.
- HEGEL, G.W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis, Editora Vozes; Bragança Paulista, Editora Universitária São Francisco. 2017.
- HOBSBAWM, Eric. *A era das revoluções: 1789 – 1848*. São Paulo, Paz e Terra, 2007.
- LAUNAY, Michel. *Jean-Jacques Rousseau Écrivain Politique*. Paris, C.E.L. A.C.E.R., 1974.
- LEIER, Mark. *BAKUNIN: The Creative Passion – a biography*. Nova York, Seven Press Stories, 2009.
- LOSURDO, Domenico. *A Luta de Classes: uma história política e filosófica*. São Paulo, Boitempo Editorial. 2015.
- LOWY, Michael. *Ideologias e Ciência Social*. São Paulo, Cortez, 1989.
- LUXEMBURGO, Rosa. *Textos Escolhidos. Volume 2 (1899 – 1914)*. São Paulo, Editora Unesp. 2011.
- KARMIS, Dimitrios. *Pourquoi lire Proudhon aujourd'hui? Le fédéralisme et le défi de la solidarité dans les sociétés divisées*. Politique et Sociétés, vol. 21, nº 1, 2002.
- MALON, Benoît. *A INTERNACIONAL sua história e seus princípios*. São Paulo, Editora Imaginário, 2014.

MARX, Karl. *Letter from Marx to Engels in Manchester: London, 20 June, 1866*. Londres, Marxist.org, 2019). Disponível em: [https://www.marxists.org/archive/marx/works/1866/letters/66\\_06\\_20-abs.htm](https://www.marxists.org/archive/marx/works/1866/letters/66_06_20-abs.htm)

Acessado em: 01/08;2019.

MARX & ENGELS. *Manifesto do Partido Comunista*. Lisboa, Avante, 1997.

MARX, Karl. *Marx to Engels; 1870/07/20*. London, Marxist.org, 2019. disponível em [https://www.marxists.org/archive/marx/works/1870/letters/70\\_07\\_20.htm](https://www.marxists.org/archive/marx/works/1870/letters/70_07_20.htm)

Acessado em: 01/08;2019.

MARX, Karl. *Marx to Engels in Manchester: 17 August 1870*. Londres, Marxist.org, 2019. Disponível em: [https://www.marxists.org/archive/marx/works/1870/letters/70\\_08\\_17.htm](https://www.marxists.org/archive/marx/works/1870/letters/70_08_17.htm)

Acessado em: 01/08;2019.

MARX, Karl. *Marx to Friedrich Bolte in New York: November 23, 1871*. Londres, Marxist.org, 2019. Disponível em: [https://www.marxists.org/archive/marx/works/1871/letters/71\\_11\\_23.htm](https://www.marxists.org/archive/marx/works/1871/letters/71_11_23.htm)

Acessado em: 01/08;2019.

MARX, Karl. *Marx to Kugelmann in Hanover, 4 February 1871*. Londres, Marxist.org, 2019. Disponível em: [https://www.marxists.org/archive/marx/works/1871/letters/71\\_02\\_04.htm](https://www.marxists.org/archive/marx/works/1871/letters/71_02_04.htm)

Acessado em: 01/08;2019.

MARX, Karl. *O Capital*. Rio de Janeiro, Ed. Brasiliense, 1970.

MARX, Karl. *The General Council of the International Men's Association: On the War*. Londres, Marxist.org, 2019. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/marx/iwma/documents/1870/commune-jul23.htm>

Acessado em: 01/08;2019.

MAZZONI, Marcelo. *Alguns passos rumo ao anarquismo: as origens do anarquismo*. São Paulo, Colóquio Bakunin, disponível em: <https://coloquiobakuninait.wordpress.com/memorias/>

Acesso em 03/03/2015 às 07:00

MICHEL, Louise. *La Commune*, Paris, Editions Stock, 1978. Disponível em : [http://classiques.uqac.ca/classiques/michel\\_louise/la\\_commune/michel\\_la\\_commune.pdf](http://classiques.uqac.ca/classiques/michel_louise/la_commune/michel_la_commune.pdf)

Acesso em 26/07/2015 as 12:00

MOLNÁR, M. *Le Déclin de la Première Internationale*. Genebra, Droz, 1963

MUSTO, Marcello. *Trabalhadores, uni-vos!* São Paulo, Boitempo editorial, 2014.

PAINE, Thomas. *Senso Comum, PENSADORES*. São Paulo, Ed. Abril, 1973.

PÍSSARRA, Maria Constança Peres. *A República Genebrina, in: ROUSSEAU, Jean-Jacques. Cartas Escritas das Montanhas*. São Paulo. EDUC, Editora Unesp, 2006.

PROUDHON, Pierre-Jouseph. *Do Princípio Federativo*. São Paulo, Ed. Imaginário, 2001.

PROUDHON, Pierre-Joseph. *De la capacité politique des classes ouvrières*. Paris, Rivière, 1959.

PROUDHON, Pierre-Joseph. *Du Principe fédératif*, (1863), Paris, Tops-Trinquier, 1997.

RENTSCH, Hans. *Historia de Suiza*. Madrid, Oficina Grafica Madrileña, 1953.

ROBESPIERRE, Maximilliam. *Virtude e Terror*. Zahar, São Paulo, 2007.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Cartas escritas da montanha*. São Paulo, EDUC, Editora Unesp, 2006.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurs sur les sciences et les arts*, in *Du Contrat social*. Paris, Garnier Frères, 1962.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Du Contrat Social: ou principes du droit politique*. Paris, Garnier Frères, 1962.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Lettre à M. D'Alembert*, in: *Du Contrat Social*. Paris, Garnier Frères, 1962.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *REPONSE AU ROI DE POLOGNE DUC DE LORRAINE*, in *Collection complète des oeuvres Genève, 1780-1789, vol. 7*, in-4. édition en ligne [www.rousseauonline.ch](http://www.rousseauonline.ch), version du 7 octobre 2012

SCHILLER, Friedrich. *Guilherme Tell*. Serviço Nacional de Teatro, Rio de Janeiro, 1974.

SCHWITZGUÉBEL, Adhemar. *Quelques Écrits*. P-V. Stock, Paris, 1908. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2070056>

Acesso em 26/07/2015 às 16:00.

STEKLOFF, G. M. *History of the First International*. Marxist.org. Available from <<https://www.marxists.org/archive/steklov/history-first-international/>>. Acess on 11 Mar. 2019.

TEIXEIRA, Aloísio. *Utópicos, heréticos e malditos*. São Paulo, Record, 2002.

THOMPSON, E.P. *A Formação da Classe Operária Inglesa. Tomo 1*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1987.

TRAGTENBERG, Maurício. *Reflexões Sobre o Socialismo*. São Paulo, Ed. Unesp, 2010.

UNIÃO POPULAR ANARQUISTA. *Sobre Unipa*. Disponível em: <https://uniaoanarquista.wordpress.com/>

Acesso 27/07/2015 às 17:00

VOVELLE, Michel. *A Revolução Francesa e seu eco*. **Estud. av.**, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 25-45, Aug. 1989. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-)

40141989000200003&lng=en&nrm=iso>. access on 11 Mar. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141989000200003>.

ZIZEK, Slavoj. *Vivendo no fim dos tempos*. Boitempo, São Paulo, 2015.

ZIZEK, Slavoj. *Zizek apresenta Robespierre: Virtude e Terror*. Verso, Ciudad del Mexico 2007.